

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



TESE

**PERMANÊNCIAS E RUPTURAS: PATRIMÔNIO, RELIGIOSIDADE E
MEMÓRIA EM MORRO REDONDO E NOVA PETRÓPOLIS**

Márcio Dillmann de Carvalho

Pelotas, 2021

Márcio Dillmann de Carvalho

**PERMANÊNCIAS E RUPTURAS: PATRIMÔNIO, RELIGIOSIDADE E MEMÓRIA
EM MORRO REDONDO E NOVA PETRÓPOLIS**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, como requisito para obtenção do título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira.

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C331p Carvalho, Márcio Dillmann de

Permanências e rupturas : patrimônio, religiosidade e memória em Morro Redondo e Nova Petrópolis / Márcio Dillmann de Carvalho ; Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, orientadora. — Pelotas, 2021.

283 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Religião. 2. Etnicidade. 3. Memória. 4. Patrimônio. 5. Museu. I. Ferreira, Maria Letícia Mazzucchi, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Márcio Dillmann de Carvalho

PERMANÊNCIAS E RUPTURAS: PATRIMÔNIO, RELIGIOSIDADE E MEMÓRIA EM MORRO REDONDO E NOVA PETRÓPOLIS

Tese de doutorado aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 26 de agosto de 2021.

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira – PPGMP/UFPel (orientadora)
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero – PPGM/UFPel
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack -
Prof. Dr. Em Historia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Prof^a. Dr^a. Patrícia Weiduschadt -
Prof^a. Dr^a. Em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

.....
Prof^a. Dr^a. Olivia Silva Nery
Prof^a.Dr^a. Em Historia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Ao chegar ao ano de 2021, com o término do trabalho de doutorado, duas situações merecem uma reflexão: a primeira causada pela pandemia do COVID-19, que, apesar de mostrar o quão frágeis somos e nos depararmos com inúmeras perdas, possibilitou o sentimento de valorização para com a vida e nossos objetivos; a outra reflexão que faço diz respeito a questões relacionadas com nossos processos e vivências na academia. Em 2007, adentrava no curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, com 34 anos, e, apesar de considerar uma idade avançada para um universitário, desde então, permaneci estudando, e, depois da graduação, ainda fiz duas especializações, um mestrado e agora o doutorado. Dessa forma, não poderia deixar de citar meu orgulho e o meu primeiro agradecimento à Universidade Federal de Pelotas e ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP) e seus professores, por tudo que fizeram por este eterno aluno, e pelo ciclo que se encerra.

Agradeço à professora orientadora Dr^a. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira pela generosidade e apoio naqueles momentos mais difíceis da pesquisa, além de todo compartilhamento de conhecimento, e também a confiança.

Nas pesquisas em Morro Redondo, agradeço à Paróquia Evangélica Luterana do Advento, e seu pastor, Volmar Saueressig; ao professor Diego Lemos, por ter me dado a oportunidade de ter feito parte, “mesmo que por pouco tempo”, da equipe do Museu Municipal de Morro Redondo; à colega museóloga Andrea Messias; aos Srs. Hugo Blanck e Osmar Franchini e à professora Rutilde Kruger Feldens.

Em Gramado e Nova Petrópolis, agradeço aos amigos Paulo Roberto Ponte de Vargas e Magdalena Hillebrand; Sr. Lauri Altreider; Ricardo Bertolucci Reginato, Secretário Municipal de Cultura de Gramado; Cândida Maldaner, Diretora do Departamento Municipal de Cultura de Nova Petrópolis, e Cristiane Schneider Weber, Diretora do Arquivo Histórico Municipal Lino Grings.

Agradeço o apoio fundamental dos colegas Francisco Alcides Cougo Junior, “Chico”, e Gisele Dutra Quevedo, do PPGMP, e do amigo Rodrigo Candia.

Agradeço à minha família, principalmente meu filho Lucas Anderson de Carvalho, que, mesmo agora um pouco distante, sempre esteve próximo auxiliando de diversas formas.

Agradeço em especial à minha esposa Fernanda Chaves, pelo amor incondicional e apoio irrestrito em meus momentos de dificuldade, pela tolerância e compreensão para com as ausências e, principalmente, pelo incentivo sempre constante.

A Deus, pela graça da vida e por conceder todos os dias a força necessária para a conclusão desta pesquisa.

Obrigado a todos!

RESUMO

CARVALHO, Márcio Dillmann de. **Permanências e rupturas: Patrimônio, religiosidade e memória em Morro Redondo e Nova Petrópolis**. 2021. 284f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Esta tese foi efetivada com base em pesquisas de fontes documentais, bibliográficas e depoimentos, trazendo a descrição dos aspectos históricos de dois municípios do Estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Morro Redondo, na região sul, e a cidade Serrana de Nova Petrópolis, municípios repletos de características únicas e também similaridades, relacionadas com diversos fatores e influências, como, por exemplo, a religiosidade, principalmente a protestante luterana e sua etnicidade focada na “germanidade” do imigrante alemão. Através deste estudo de caso, foi possível analisar inúmeros momentos relevantes nas suas historicidades, que acabaram revelando fatores e variantes responsáveis por suas características. Destes momentos históricos, podemos observar repressão, violência e medo, motivados principalmente pela política do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. Este estudo propõe uma contextualização dos fatos mencionados, assim como sugere a reflexão sobre prováveis rupturas nos processos de valorização da cultura e das tradições em função do “medo”. Por fim, esta pesquisa adentra nos aspectos da memória coletiva, como construção social com foco no aspecto inerente e forte em ambas as cidades, a religião. Também referencia os métodos utilizados pelas comunidades, em diferentes momentos de sua existência, que permitiram a “ativação patrimonial”, processos de patrimonialização adotando sua evolução em direção ao desenvolvimento econômico através do turismo cultural.

Palavras-chave: religião; etnicidade; memória; patrimônio; museu, turismo.

ABSTRACT

CARVALHO, Márcio Dillmann de. **Permanences and ruptures: Heritage, religiosity and memory in Morro Redondo and Nova Petrópolis**. 2021. 284f. Thesis (Ph.D in Social Memory and Cultural Heritage) –Program of post-graduation in Social Memory and Cultural Patrimony, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This thesis was carried out based in a research of documental and bibliographical sources and, statements, describing historical aspects of two cities in the state of Rio Grande do Sul, Morro Redondo city in the southern region and the highland city of Nova Petrópolis. Cities full of unique features and similarities related to many factors and influences, for instance, the religiosity, mainly Protestant Lutheran and its ethnicity, focused on German immigrant “germanity”. Through this case study it has been possible to analyze countless relevant moments in its historicity, turning out factors and variants, responsible for its characteristics. On the basis of these historical moments, it has been possible to see suppression, violence and fear, motivated, mainly by the Estado Novo policy and the Second World War. This study proposes a contextualization of the aforementioned facts, as well as a reflection on probable ruptures in the processes of valuing culture and traditions due to “fear”. In conclusion, this research enters into the collective memory aspects, as social construction, focused on the strong and inherent issue of both cities, the religion. It also refers the methods used by the communities in different moments of its existence that allowed the “patrimonial activation”, processes of patrimonialising, which granted its evolution towards the economic development through the cultural tourism.

Keywords: Religion; Ethnicity; Patrimony; Memory; Museum; Tourism

Lista de figuras

Figura 1: Pastor Friedrich Oswald Sauerbronn.....	34
Figura 2: Casa do Imigrante.....	36
Figura 3: Sínodo Rio-Grandense.....	43
Figura 4: Pastor Wilhelm Rotermund.....	50
Figura 5: Logos das igrejas Luteranas.....	52
Figura 6: Transporte de gado pelas ruas de Morro Redondo.....	58
Figura 7: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul –Morro Redondo.....	60
Figura 8: Mapa Pomerânia Redondo -1824.....	62
Figura 9: Trabalho nas lavouras – Morro Redondo	63
Figura 10: Morro Redondo elevado a distrito.....	64
Figura 11: Lista de presença de relação de candidatos – 1988.....	69
Figura 12: Mapa – Morro Redondo.....	71
Figura 13: Mapa – Afonso Pena, São Domingos e Colônia São Pedro.....	74
Figura 14: Igreja Evangélica de Confissão Luterana – Advento.....	77
Figura 15-16: Igreja da comunidade de São Domingos –Advento - 1933- 2017.....	78
Figura 17: Medalha oferecida aos benfeitores da construção da igreja do Advento.....	79
Figura 18-19: Casamentos na comunidade luterana de Morro Redondo.....	80
Figura 20: Igreja Evangélica Independente de São Marcos.....	81
Figura 21: Paróquia de Nossa Senhora do Bom Fim	82
Figura 22: Pastor Broders.....	84
Figura 23: Pastor Brutschin e Maria Catarina Sperb.....	85
Figura 24: Sr. Gowert.....	89
Figura 25-26: :Comunidade de São João em Morro Redondo.....	90
Figura 27: Altar e parte interna- Igreja da Comunidade de São João em Morro Redondo	91
Figura 28: Pastor Mahler.....	92
Figura 29: Igreja da Comunidade de São Pedro –Morro Redondo.....	101
Figura 30: Igreja de São João de São Pedro – Morro Redondo.....	102
Figura 31:Túmulo do Pastor Neubert -1933.....	104

Figura 32-33: Primeira escola em o Redondo – 1933.....	106
Figura 34: Escola da comunidade 1933.....	110
Figura 35: Sala de aula em 1933.....	111
Figura 36: Alunos em sala de aula -1934.....	112
Figura 37:Recepção das crianças São Domingos. Pastor Gustav Engelbrecht- 1931.....	113
Figura 38: Treinamento militar em Morro Redondo.....	114
Figura 39: Clube do Tiro em Morro Redondo.....	115
Figura 40: Clube do Tiro em Morro Redondo.....	116
Figura 41: Antigas instalações da Sociedade Lírica Orfeônica de Morro Redondo.....	119
Figura 42: Branda Farroupilha – Morro Redondo.....	119
Figura 43: Grêmio Esportivo Índio – Morro Redondo.....	120
Figura 44: CTG Cancela Grande – Morro Redondo.....	122
Figura 45: Litografia Der Stadtplatz Von Neupetropolis	123
Figura 46: Detalhe mapa Colônia de Nova Petrópolis.....	125
Figura 47: Linha Imperial em 1910 – Nova Petrópolis.....	127
Figura 48-49: Carroção e tropa de gado –São Sebastião do Cai- Nova Petrópolis.....	132
Figura 50 -51: Casa Wazlawick – Linha Brasil	133
Figura 52: Padre Theodor Amstad.....	134
Figura 53: Pedra fundamental da Caixa Rural – Linha Imperial.....	135
Figura 54: Monumento ao padre Amstad.....	136
Figura 55: Membros do Partido Integralista de Nova Petrópolis.....	139
Figura 56: Sr. Lino Grings – Primeiro Prefeito de Nova Petrópolis.....	143
Figura 57: Ofício do presidente do PRP- Plínio Salgado – 1950.....	144
Figura 58: Mapa das localidades de Nova Petrópolis.....	146
Figura 59: Pastor Borchard.....	148
Figura 60: Pastor Weber e sua esposa Margarethe Ubel.....	150
Figura 61: Pastor Heinrich Hunsche.....	151
Figura 62: Igreja Evangélica Luterana – Nova Petrópolis.....	152
Figura 63: Igreja em 9 Colônias – Sínodo de Missouri – Nova Petrópolis....	153
Figura 64: Igreja Matriz – Linha Imperial.....	154
Figura 65: Altar da Igreja católica – Linha Araripe – Nova Petrópolis.....	155

Figura 66: Igreja católica do Pinhal Alto.....	156
Figura 67: Ofício de abaixo assinado – Linha Araripe – 1939.....	159
Figura 68-69: Escola Linha Temerária (1937) e Escola linha Imperial (1937).....	167
Figura 70-71: Escola Comunitária Wedgl (1934) Aula prof. Wrelruth (1929).....	167
Figura 72-73: Escola Linha Olinda- Prof. Jacob e Julieta Haas.....	168
Figura 74: Escola do Pinhal Alto.....	171
Figura 75: Estatuto da Escola comunitária – Linha Brasil -1914.....	172
Figura 76-77: Grupo Escolar Padre Werner.....	174
Figura 78: Festa cívica em 1942.....	175
Figura 79: O Prefeito de Sebastião do Caí visitando a Sociedade Recreativa Tiro ao Alvo- 1941.....	178
Figura 80: Em 1973 começou a construção da nova sede da Sociedade Recreativa Tiro ao Alvo.....	179
Figura 81: Atiradores da Linha Araripe.....	180
Figura 82-83: Membros da Banda Real e Conjunto Tupy da Linha Imperial.....	181
Figura 84: Coral masculino: Sociedade Concórdia – Linha Imperial.....	182
Figura 85-86: Sociedade de cantores – Linha Araripe – 1946-1950.....	183
Figura 87: Inauguração da bandeira da Sociedade Recreativa Tiro ao Alvo – 1960.....	184
Figura 88: Theatergruppe Von São Lourenço – 1934.....	184
Figura 89: Esporte Clube Nova Petrópolis – 1948.....	185
Figura 90: Igreja Queimada- Cerrito.....	200
Figura 91-92: Coral Cantores da Alegria – Centenário - 9 Colônias – Nova Petrópolis.....	208
Figura 93: Parque Aldeia do Imigrante – Nova Petrópolis.....	211
Figura 94: Festa da Primavera 1991.....	212
Figura 95: Srs. Antônio, Osmar e Ervino – Morro Redondo.....	213
Figura 96-97: Museu Municipal de Morro Redondo.....	214
Figura 98: Café com memórias – Natal de 2016.....	215
Figura 99: Parque Aldeia do Imigrante.....	218
Figura 100-101: Igreja Luterana – Altar católico.....	219

Figura 102: Prédio do Museu Histórico Municipal de Nova Petrópolis.....	220
Figura 103-104: Exposição do Museu Histórico Municipal de Nova Petrópolis.....	221
Figura 105-106: Cemitério – “ <i>Friedhof</i> ”.....	222
Figura 107: Salão de baile.....	222
Figura 108: Réplica da Cooperativa Rural	223
Figura 109-110: A escola da comunidade.....	224
Figura 111-112: A casa do professor.....	224
Figura 113-114: A ferraria.....	225
Figura 115: A Tradição do <i>Osterstiepen</i>	229
Figura 116: Cartaz da III Festa do Doce de Morro Redondo.....	232

Lista de abreviaturas e siglas

IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IELI	Igreja Evangélica Luterana Independente
ILR	Igreja Luterana Renovada
ALIA	Associação Luterana de Igrejas em Avivamento
ILL	Igreja Luterana Livre
AFLC	Associação das Comunidades Luteranas Livres
AILLB	Associação das Igrejas Luterana Livre do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 O LUTERANISMO	26
1.1 O Luteranismo como matriz religiosa de imigrantes no Sul do Brasil	31
2 MORRO REDONDO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE	35
2.1 A emancipação.....	64
2.2 A religião como organizadora do lugar.....	72
2.3 As primeiras incursões luteranas no começo do século XX.....	81
2.4 As memórias: Os lugares sob a visão dos missionários luteranos.....	93
2.5 As escolas e professores.....	105
2.6 A sociabilidade.....	115
3 NOVA PETRÓPOLIS: DE COLÔNIA PROVINCIAL À CIDADE	121
3.1 Lutas e conquista: A emancipação.....	137
3.2 Luteranos e Católicos: A religião como ordenamento.....	147
3.3 Os lugares pelos olhos dos pioneiros.....	160
3.4 Educação como objetivo comunitário.....	165
3.5 As redes de sociabilidade.....	175
4. MORRO REDONDO E NOVA PETRÓPOLIS: semelhanças e dissonâncias em cidades com processos de formação diferentes, porém com matrizes étnicas e religiosas semelhantes	187
4.1. Construção social da Memória: Religião e germanidade.....	187
4.2 Rupturas e continuidades.....	204
4.3 Tempo de patrimônio: Reinvenção das tradições, museus e o turismo.....	217

CONCLUSÃO.....	237
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	246
APÊNDICE.....	266
ANEXOS.....	270

INTRODUÇÃO

Nem tão favorável quanto o avanço externo era o interno. Estava na natureza das coisas, a diferença do caráter e dos costumes. (Pastor Arthur Neubert. Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 10 de fevereiro 1905)

Esta tese tem como objeto a forma como os municípios de Morro Redondo e Nova Petrópolis, ambos com um histórico de povoamento inicial de imigrantes alemães e influência do luteranismo, apresentam diferentes usos do passado marcado, no primeiro caso, por rupturas e, no segundo, por continuidades.

Anterior à elaboração e pesquisa desta tese, há uma motivação que, nesse caso, está vinculada a uma experiência pessoal. Tendo concluído o curso de Bacharelado em Museologia, no ano de 2011, e o Mestrado em História, em 2016, ambos na Universidade Federal de Pelotas, assumi, em 2016, o cargo de professor substituto do curso de Bacharelado em Museologia desta mesma instituição e, como tal, participei do Projeto de extensão intitulado “Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades”, vinculado ao curso de Museologia. Tal projeto, coordenado pelo professor Diego Lemos Ribeiro, visava à revitalização do museu histórico da cidade de Morro Redondo. Essa experiência me levou a conhecer com mais profundidade a cultura daquele município, os processos históricos a ele vinculados, bem como os conflitos em torno da memória que se faziam presentes quando do surgimento do museu. Desse conhecimento, adveio a familiaridade, mas também o estranhamento, visto que muitos elementos observados no local pareciam refletir uma longa temporalidade e uma historicidade que exigiam maior conhecimento.

O Museu Municipal de Morro Redondo surgiu através da ação de antigos moradores que observaram a necessidade de preservar a história da cidade, história essa, até aquele momento, não contemplada por uma instituição de memória. Para esse empreendimento, esses moradores

recorreram à participação e conscientização dos demais conterrâneos, que auxiliaram no processo de doação de itens. Além da participação ativa demoradores, já em seu processo inicial, envolviam-se associações, colégios e a comunidades religiosa, ainda sendo posterior a participação universitária.

A instituição museal teve, em seu desenvolvimento, inúmeros projetos que dignificavam a participação de idosos. Eram ações que oportunizavam o trabalho com os objetos e as memórias afetivas, as narrativas referentes à infância, ao trabalho, aos momentos históricos, às datas festivas, além das práticas relacionadas com os pratos típicos, os doces e a alimentação.

Minha inserção nesse campo possibilitou ter acesso não apenas aos materiais do museu de Morro Redondo, mas também ao museu e ao acervo da Igreja do Advento, em cujo arquivo pude encontrar atas, fotografias, documentos que remontam ao século XIX, grande parte em alemão. Foi este contato que me levou a buscar investigar com maior profundidade os processos históricos e culturais que caracterizam a cidade de Morro Redondo, cuja distinção atual se dá pelo fato de ser considerada o epicentro das tradições doceiras de Pelotas e Antiga Pelotas, registradas como patrimônio imaterial nacional (IPHAN, 2010).

Num primeiro momento da pesquisa de doutorado, o objetivo era analisar a formação histórica e memorial do município de Morro Redondo. A partir disso, rapidamente surgiram dois fatores importantes, sendo um deles a dificuldade de encontrar fontes bibliográficas que caracterizassem o “novo” município, emancipado de Pelotas somente em 1988, e o segundo fator era o papel bastante evidenciado da religiosidade na sociedade local, ligada à ramificação protestante Luterana.

É importante destacar que o município foi palco da formação da primeira comunidade Evangélica Luterana do Brasil ligada ao Sínodo de Missouri (IELB). Anteriormente a essa comunidade, a localidade já contava com a presença de outra ramificação protestante luterana, a comunidade Evangélica de Confissão Luterana (IECLB) ligada ao Sínodo Rio-Grandense.

Assim sendo, a partir do conhecimento destes fatores mencionados, emergia um questionamento: o quanto essa participação ativa da religiosidade influenciava na ideia de identidade e do processo de valorização patrimonial nos diversos momentos do município. As principais fontes

encontradas para o início do trabalho tinham como elemento articulador as narrativas de missionários luteranos que ali chegaram entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, demonstrando como, através da religiosidade, foi-se conformando a identidade local.

A pesquisa na cidade de Morro Redondo foi realizada entre os anos de 2017 e 2018. Em 2019, entretanto, assumi vaga de concurso público para museólogo na cidade serrana de Gramado e, a partir desse momento, foi necessário redimensionar a pesquisa de tese para um universo que estivesse geograficamente mais próximo de onde passei a residir.

Tendo em vista minha situação funcional e geográfica e buscando dar continuidade ao trabalho iniciado, obtive informações acerca do município de Nova Petrópolis, distante 35km da cidade de Gramado, e cujo processo de colonização apresentava semelhanças com a cidade de Morro Redondo. A partir dessa constatação, fui em busca de materiais diversos que pudessem me fornecer subsídios históricos e, num segundo momento, fui direcionado para o trabalho de campo, similar ao que havia realizado em Morro Redondo.

Conforme as pesquisas na região se intensificavam, várias características se demonstravam únicas, da mesma forma que as similaridades entre os dois municípios surgiam. Entretanto, 2020, ano no qual seriam intensificadas as pesquisas de campo em Nova Petrópolis, a epidemia da Covid-19 impôs uma série de restrições, entre elas o difícil acesso aos moradores locais, bem como aos arquivos históricos. De toda forma, buscamos outras alternativas como a pesquisa de materiais em bases digitais e entrevistas realizadas pelos comunicadores Skype e WattsApp.

A metodologia proposta, tendo em vista o objeto desta tese, foi um estudo comparativo no qual ambos os municípios, Morro Redondo e Nova Petrópolis, foram analisados utilizando-se os mesmos critérios e as mesmas categorias. Tais critérios foram o desenvolvimento social, econômico e político; a religiosidade e sua participação ativa dentre inúmeras estruturas, como a educação; as relações étnicas na cultura, sociabilidade e patrimônio.

A cidade de Morro Redondo, cuja ocupação inicial foi de portugueses que habitavam sesmarias, apresentou, na segunda metade do século XIX, forte imigração de alemães e pomeranos e, ainda que outros grupos étnicos tenham sido presença importante, como indígenas e afrodescendentes,

detivemo-nos na colonização germânica pelo fato de terem sido tais imigrantes que aportaram a religião luterana ao local. A localidade, cuja economia sempre teve na agricultura e no processamento industrial de frutas seus principais eixos, emancipou-se de Pelotas no ano 1988.

Já a cidade de Nova Petrópolis foi criada inicialmente como uma Colônia Provincial, habitada por imigrantes de diversas nacionalidades, mas principalmente vindos da Pomerânia, Saxônia e Boêmia. Desse núcleo imigrante original surgiu, em 1858, a Colônia Provincial de Nova Petrópolis. A localidade ficou vinculada como distrito da cidade de São Sebastião do Caí até 1954, ano de sua emancipação. Nova Petrópolis é um polo turístico, advindo de processos ocorridos pouco tempo após sua emancipação que fomentaram a utilização dos aspectos tradicionais, patrimoniais e culturais como uma ferramenta ao desenvolvimento econômico. A relação com aspectos patrimoniais e de tradição germânica institucionalizaram-se já quatro anos após a sua emancipação, através da Lei Municipal nº 115, do dia 5 de abril de 1958, pela qual era criado o Conselho Municipal de Turismo, como órgão auxiliar da Administração.

Salienta-se que a tese não se enquadra em um estudo da religião como um eixo formador de tais municípios e não busca, igualmente, evidenciar a unicidade de um grupo ou etnia como precursor de uma identidade fixa e unitária em locais que são marcados por diversidades culturais. Objetivou-se, isso sim, através da análise de fontes primárias, perceber as sensíveis formas de recriação de um passado que no presente é valorizado pelo viés do discurso patrimonial e valorização do rural.

A vinculação histórica das missões luteranas, principalmente com os imigrantes protestantes vindos para o Brasil, forma fortes laços nas comunidades analisadas. Assim, podemos citar Morro Redondo com a formação da primeira comunidade luterana na região do Sínodo de Missouri, e Nova Petrópolis com o luteranismo, inserido desde quando Colônia Provincial, e o próprio catolicismo que fez desenvolver entre as comunidades as relações com o cooperativismo.

Observou-se que era necessário abordar com cuidado as diversas características visíveis no contexto das cidades, entre elas a da memória local transmitida, que evidencia o local como originário de uma herança

étnica colonial única, que infelizmente acaba esquecendo as demais vertentes dos primitivos moradores ou dos grupos minoritários, formando-se assim na localidade a ideia de uma “Comunidade”, que é aceita pela maioria dos moradores, mas não se baseia em uma comunidade real, e sim de somente de um grupo.

Por outro lado, temos a emergente valorização das antigas tradições, que podem ser percebidas com costumes, modos e práticas repassadas entre as gerações. Também se observa a transmissão de memórias vivas, que fomentam locais simbólicos de experiências vividas, que com suas auras tornam-se representantes do conceito de Pierre Nora de lugares de memória (NORA, 1993).

Da mesma forma, podemos perceber que os desenvolvimentos locais tiveram a constante influência da religião, refletida na vida cotidiana das comunidades, mesmo com características diferentes, em Nova Petrópolis. Por mais que a maioria dos primeiros habitantes fosse protestante, teve a presença constante da religião católica, diferentemente de Morro Redondo, que acabou desenvolvendo sua religiosidade em torno muito do protestantismo. Por isso, adentramos com mais força no aspecto do luteranismo, que “se enraizava” na forma de participação, percepção e valorização do imigrante alemão e de sua “germanidade”.

Em ambos os municípios, podemos observar aspectos denominados como o “protestantismo de imigração”, caracterizado com a chegada de imigrantes a partir dos processos migratórios, e o “protestantismo de missão”, caracterizado pelas missões evangelizadoras, sendo que ambas as características são originárias próprias do protestantismo brasileiro.

Outro fator que devemos citar sobre os universos da pesquisa é a existência e o interesse da preservação da história local, fazendo dela um instrumento de identidade e pertencimento. Essas ações são vitais para o desenvolvimento e a preservação das práticas e heranças das comunidades, mas sabemos que são escolhas feitas pelos atores locais (poder público e comunidade) em base a critérios de natureza simbólica e, na atualidade, em elementos de distinção social

Através desta pesquisa, buscou-se certificar a importância das ações de “ativação patrimonial” realizadas nos municípios, em determinados

momentos através da notória demanda pela “valoração” e preservação das heranças com a participação frequente de vários membros e atores da comunidade, em como perceber que essas ações foram responsáveis por uma forma de ciclo, desencadeando novas “ativações” que proporcionaram maior visibilidade e retorno ao desenvolvimento econômico das cidades. Estas ações foram primordiais à percepção da importância da evolução turística, sendo que em Nova Petrópolis mais desenvolvida quando comparada a Morro Redondo.

Para esta tese, foram feitas pesquisas em fontes históricas e bibliográficas relacionadas aos primeiros pastores luteranos no Rio Grande do Sul, em livros e jornais representados principalmente pelos periódicos *Der Lutheraner* e *Kirchenblatt*. Também contamos com pesquisas no acervo documental do Museu Municipal de Morro Redondo, no acervo da Comunidade Evangélica Luterana do Advento, em documentos do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e do Arquivo Público de Nova Petrópolis, de onde podemos trabalhar em diversos artigos escritos pelo professor e historiador Renato Urbano Seibt¹.

A pesquisa em Morro Redondo foi realizada nos seguintes locais: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo; Acervo documental da Comunidade Evangélica do Advento (IECLB), anteriormente chamada Comunidade Evangélica São Domingos; acervo do Museu do Imigrante, que também faz parte da Comunidade Evangélica do Advento; Comunidade Evangélica Luterana Independente de São Marcos (IELI); Comunidade Evangélica Luterana São João (IELB), na colônia de São Pedro; Igreja Matriz do nosso senhor do Bom Fim. Além disso, foram realizadas entrevistas com o Sr. Hugo Blanck, Sr. Osmar Franchini e a Sra. Rutinde Kruger Feldens.

Em Nova Petrópolis, a pesquisa foi realizada no Parque Aldeia do imigrante; no Arquivo Histórico Municipal Lino Grings; na Associação Cultural e Esportiva Alegria de Nove Colônias; na Igreja da Congregação Evangélica Luterana da Paz, em Nove colônias; na Casa de Pedra em Nove Colônias; na Associação Sociedade Cantores União Fraternal, em Pinhal Alto; na Igreja Evangélica Luterana da Congregação Evangélica Luterana do Bom Pastor,

¹ São cerca de 600 textos e artigos escritos em 26 anos de trabalho, muitos deles publicados no Jornal A Ponte de Nova Petrópolis.

na Linha Brasil; na Paróquia São Lourenço Mártir, na Linha Imperial, Comunidade Evangélica Trindade (IECLB). Ainda, foram entrevistados o Sr. Lauri Altreider e a Sra. Magdalena Hillebrand.

Para fundamentar esta tese, utilizamo-nos das seguintes categorias de análise: a noção de “lugar de memória” de Pierre Nora, relacionada às localidades que formaram, por muito tempo, as lembranças das comunidades e que, por situações adversas, se transformaram e o Luteranismo como ferramenta de organização social e a relação com a “germanidade”, fundamentada, sobretudo nas teses e trabalhos de René Gertz e Martin N. Dreher. Falamos do recorrente processo de “ativação Patrimonial” de Llorenç Prats, observado em diversos momentos nos dois municípios, onde sujeitos ou agentes referenciam valores patrimoniais como pertencentes ao identitário local, como forma de uma construção social que passasse a ser legitimada pela comunidade. Adentramos na relação dinâmica da construção das memórias coletivas, principalmente em torno da religiosidade, através de Maurice Halbwachs (2004). Também, tecemos observações ligadas ao ato do esquecimento e do silêncio das memórias, a partir de Michael Pollak (1989), conforme algumas dinâmicas de violência, intolerância e preconceito étnico para com os descendentes de imigrantes alemães que tiveram como palco a política do Estado Novo e o conflito da Segunda Guerra Mundial, fatos que reverberaram em ambas as comunidades.

Ainda, como categoria importante está a noção de tradições inventadas, de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), relacionadas a práticas inseridas, ou recriadas, advindas de uma tradição pré-existente ou não, que tem suas especificidades adaptadas como sendo realidades históricas, e que são aceitas como tal, permitindo em grande parte o processo de vínculos de pertencimento. Ainda, a respeito das “reproduções” que comumente são executadas em nome de restabelecer o patrimônio, um local ou prática cultural pode entrar nos aspectos relacionados com a autenticidade, a falta de fidelidade, citando os filósofos Claude Lévi-Strauss (2008) e Walter Benjamin (1987).

A estrutura desta tese compreende quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “O Luteranismo”, abordamos sua origem histórica atrelada a questões sociopolíticas que envolviam a Europa no século XVI. A atuação

do monge agostiniano Martin Lutero através das suas críticas à igreja Apostólica Romana fez emergir o que chamamos de Reforma Protestante. Adentramos na criação da igreja Luterana, suas singularidades e concepções teológicas e seu desenvolvimento, bem como descrevemos sua chegada no Brasil, as dificuldades encontradas para o livre exercício do culto em um país no qual a religião oficial era a católica. Caracterizamos os vários momentos pontuais da presença protestante, porém direcionamos para a concepção de duas vertentes, originalmente, o protestantismo de imigração e o missionário. Por fim, demonstramos o protagonismo da região sul do Brasil, com a participação abrangente dos imigrantes alemães, que compuseram os quadros de fiéis das várias ramificações que fazem parte do universo protestante luterano.

No segundo capítulo, intitulado “Morro Redondo: A construção de uma cidade”, apresentamos o Município de Morro Redondo, as características que representam a origem da localidade, os primeiros donatários de terra, a chegada de grupos de imigrantes, principalmente alemães que vieram de colônias vizinhas. Apresentamos a evolução da localidade como distrito do município de Pelotas, até os fatos que levaram ao processo de emancipação. Abordamos a religião como organizadora do local, evidenciada pela menor presença e ação da Igreja Católica Apostólica Romana, que fora vital para a cidade sede, Pelotas, mas na região de Morro Redondo foi suplantada pela religião evangélica luterana. Finalizamos o capítulo descrevendo as primeiras incursões que desenvolveram a religião protestante na região, que firmaram nessa terra sua relação com o pioneirismo nacional, com a primeira comunidade Evangélica Luterana no Brasil, assim como o desenvolvimento da educação e da sociabilidade local.

No terceiro capítulo, intitulado “Nova Petrópolis: De Colônia Provincial à cidade”, abordamos a cidade de Nova Petrópolis, sua origem como uma Colônia Provincial ainda da época do Brasil Império, seus imigrantes, que, diferente de Morro Redondo, faziam parte originalmente de uma grande diversidade de nacionalidades, dentre elas: franceses, holandeses, poloneses, belgas, russos, irlandeses, escoceses e norte-americanos, mas também tinham a predominância alemã, de Pomeranos, Saxões, renanos e Boêmios. Evidenciamos as suas relações com a religiosidade, norteadas pelo

protestantismo e o catolicismo, ambos signos de um constante envolvimento com a comunidade, chegando a nortear os processos de pertencimento, sociabilidade e formas de habitar, chegando a implantar o espírito de integração das comunidades em direção ao associativismo e o cooperativismo que unia representantes de ambas as religiões. Citamos os relatos memoriais dos primeiros pioneiros da região, assim como as conturbadas relações político sociais do local, quando ainda distrito de São Sebastião do Caí, o que levou a uma forte adesão local ao Partido Integralista, potencializando na região o desencadear posterior de sua emancipação em 1954. Referenciamos as características da sociedade local, no intuito de prover a educação aos seus filhos, muitas vezes desamparados pelas autoridades, fazendo com que sejam criadas escolas comunitárias com os proventos de educação, ou a busca, assim como seus processos de sociabilidade e de educação.

No quarto capítulo, intitulado “Morro Redondo e Nova Petrópolis: semelhanças e dissonâncias em cidades com processos de formação diferentes porém com matrizes étnicas e religiosas semelhantes”, abordamos os aspectos comparativos dos dois municípios em questão, iniciando pelos questionamentos referentes ao protagonismo da religião protestante e sua forte relação com os descendentes de imigrantes alemães, fomentando uma perspectiva ligada à nacionalidade, à germanidade, e como essas concepções foram ferramentas de tensão étnica, ocasionadas em períodos como o Estado Novo e a 2^o Guerra Mundial, momentos que podem ter sido responsáveis por possíveis fraturas que ocasionam o medo da memória ou o silêncio. Também constam desse capítulo as relações de rupturas e continuidades nos municípios de Morro Redondo e Nova Petrópolis, aferindo o encerramento e a descontinuidade de representações locais ligados às tradições e aos costumes. São apresentadas as discussões sobre as formas locais de investimento em relação ao uso patrimonial do passado. Finalizamos o capítulo com o “Tempo do Patrimônio: Reinvenção das tradições, museus e o turismo”, demonstrando na atualidade as ferramentas usadas para recriar as tradições, formatada sem diversos momentos como uma reinvenção da cultura tradicional alemã. Demonstramos ainda o papel

dos museus e da valorização do patrimônio local, diretamente emergindo os frutos do desenvolvimento econômico através do turismo cultural.

1. O Luteranismo

A formação do luteranismo é objeto de estudo de diversos autores, em vários momentos, sendo analisados aspectos, sejam históricos, sociais e culturais². Atualmente, ainda são foco de pesquisa o desenvolvimento do luteranismo no Brasil e suas ramificações e correntes. Na presente pesquisa, não existe o interesse de evidenciar um grupo religioso ou uma vertente religiosa como uma unicidade, já que em nossa sociedade sempre existiu uma diversidade de doutrinas, mas alguns aspectos ligados às características locais e étnicas de ambos os municípios nos direciona a problematizar e ilustrar um pouco mais as relações e a religião protestante luterana.

Podemos demarcar inúmeros fatos e características que reverberavam pela Europa no século XVI, como o crescimento da burguesia e, com ela, a ascensão do comércio, os embates por poder entre a monarquia e o clero, as práticas de comércio de bens eclesiásticos, como a venda de cargos, indulgências³ e o perdão aos pecados, ou seja, vários aspectos estavam associados ao momento, social, político e religioso.

Na Alemanha, isso não era diferente. A venda de indulgências era realizada pelo dominicano Johann Tetzel⁴, despertando um descontentamento já constante de um padre da Igreja Católica chamado Martinho Lutero, que, no dia 31 de outubro de 1517, fixou 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, na Alemanha. As teses, mais do que questionar algumas práticas da igreja, chamavam a instituição religiosa para um debate sobre os itens que Lutero considerava errados sendo cultivados no meio religioso da igreja.

²Podemos citar os trabalhos do historiador francês LucienFebvre(Martinho Lutero, um destino – 2012); Marc Lienhard (Martim Lutero: tempo, vida e mensagem – 1998) teólogo e historiador francês e do historiador e padre jesuíta Giacomo Martina (História da Igreja: de Lutero a nossos dias -1997)

³A Indulgência (do latim *indulgentia*, que provém de *indulgeo*, "para ser gentil"), na doutrina católica é a remissão, total ou parcial, dos pecados. A venda de Indulgências foi utilizada pelos Papas Júlio II e Leão X, utilizadas para fundos da construção da Catedral de São Pedro em Roma. Na Alemanha de Lutero existiu em maiores proporções pela forma abusiva e a falta de escrúpulos encabeçada pelo frade Dominicano Johann Tetzel (ALZUGARAY, 1974, p.77).

Martinho Lutero era filho de pais católicos, Hans e Margarete. Nasceu na cidade de Eisleben, Alemanha, em 10 de novembro de 1483 (ALZUGARAY, 1974, p. 44). De família simples, seu pai era mineiro e planejava um futuro melhor para o filho, como funcionário público; para isso, envia o jovem Lutero para a cidade de Erfurt, em 1501, centro intelectual do país na época.

Nesse centro intelectual começa a estudar, graduando-se Bacharel em Artes, em 1502, para, logo depois, tornar-se Mestre, em 1505. Mas contrariando os desejos de sua família, aproximou-se da religião, tanto que em 1507, Lutero é ordenado sacerdote e passa a celebrar missas (ALZUGARAY, 1974, p. 51). Lutero recebera uma bíblia para seu estudo, de Johann Von Staupitz⁵, teólogo e Vigário Geral da Ordem dos Agostinianos, que teria sido supervisor de Lutero em momentos de sua vida religiosa.

Já aos 25 anos, após ordenado padre e ter celebrado missas, Lutero muda-se para Wittenberg, em 1508, para lecionar Filosofia, local onde veio a se tornar Bacharel em estudo bíblico (ALZUGARAY, 1974, p. 15). Já em 1512, ele obtém o grau de Doutor em Teologia e Doutor em Bíblia, sendo o pregador oficial na Igreja de Wittenberg, para, em 1515, ser nomeado Vigário da sua Ordem.

Em determinado momento, Lutero começa a ser transbordado por uma visível crítica às práticas do Clero da Igreja, diante das campanhas de arrecadação realizadas pela instituição através das indulgências, negociando os pecados (CISZAR, 2015), opondo-se diretamente a Johann Tetzel⁶, Grande Comissário de Indulgências na Alemanha.

Foi então que, em 1517, diante de Lutero, que reprimia a custo, contendo no peito, acorrentadas, palavras vibrantes, um terrível escândalo rebentou publicamente. Outorgadas pelo papa a Albrecht de Brandeburgo, um jovem de 23 anos que, em menos de dois anos, recebera sucessivamente o arcebispado de Magdeburgo, o bispado de Halberstadt e o arcebispado de Mogúncia, indulgências eram pregadas e vendidas com tal cinismo blasfematório que, perante o hediondo tráfico, perante a afirmação, cem mil vezes proferida por traficantes vestindo o hábito religioso, de que, com dinheiro, os piores pecados podiam ser apagados,

⁵O monge Johann Von Staupitz, emboratenha repudiado a Reforma, é considerado como um sacerdote importante para os Luteranos.

⁶O alemão Johann Tetzel, além de monge Dominicano, foi Inquisidor de Heresia na Polônia, e mais depois se tornou Comissário para indulgências na Alemanha.

Lutero clamou enfim, com voz vingadora, uma indignação havia muito tempo reprimida (FEBVRE, 2012, p.35).

Em 1517, Lutero elabora uma tese, que é enviada aos seus superiores eclesiásticos. Conta-se que, em 31 de outubro de 1517, Lutero “teria” pregado 95 afirmações na porta da igreja de Wittenberg, conhecidas como as 95 Teses de Lutero. Sabe-se realmente que essas teses foram impressas e distribuídas em várias localidades na Alemanha, o que acabara disseminando suas ideias. O documento chamava a atenção para as práticas abusivas da Igreja, incompatíveis, segundo Lutero, com os ensinamentos da Escritura. O ato tinha como objetivo chamar a Igreja ao debate sobre suas ações; Lutero acreditava na obra da confissão e da graça divina. O ato acabou sendo um marco inicial para o que viria ser o rompimento⁷ na instituição.

As ideias de Lutero, assim como seu posicionamento, tornam-se contestadas pela Igreja, tanto que, alguns anos depois, em 1518, Roma abre um processo por heresia, para, dois anos depois, em 1520, o Papa Leão X redigir uma bula condenando Lutero e exigindo sua retratação. Tal ação não ocorreu, ao contrário, ele teria queimado a bula, um livro de leis canônicas e obras escritas por seus opositores, o que agravava muito sua situação.

Após a coroação do imperador Carlos V, em busca de apoio da Igreja e do papa, o soberano opõe-se a Lutero, convocando uma Dieta (Assembleia), A Dieta de Worms⁸, para tratar dos negócios e impasses entre a igreja Católica e Lutero. Buscava-se nela uma retratação de Lutero:

Na dieta de Worms, em 18 de abril de 1521, uma quinta-feira, à luz das tochas, no grande salão lotado, transbordando uma multidão que lhe bafejava o rosto, Lutero, em pé em face do César germânico, em face do legado do pontífice romano, afirmava com uma voz que suas angústias tornavam ainda mais patética: não se tratava apenas da decadência de um papado usurpador e degenerado; tratava-se, mais e melhor que isso, dos direitos imprescritíveis da consciência individual. "Retratar-me do que quer que seja, não posso nem quero...pois agir contra a própria consciência não é seguro nem honesto (FEBRVE, 2012, p. 36).

⁷O dia 31 se tornou um marco inicial no surgimento da Igreja Luterana, entrando para a história como sendo o “Dia da Reforma”.

⁸A Assembleia era um órgão deliberativo formal e suas decisões valiam para todo o império.

Com um salvo conduto para garantir sua integridade física, Lutero se fez presente, sendo por duas vezes inquirido a renunciar suas ideias, o que não ocorrera. Em 1521, é editado o Édito de Worms, com as deliberações da Dieta e ela declarava criminosos aqueles que sustentassem ou defendessem as palavras de Lutero, além de determinar a prisão do monge, para que esse fosse levado até o imperador para ser punido como herege (ALZUGARAY, 1974, p. 97).

Nesse momento, o monge Lutero já tinha muitos seguidores, apoiadores de suas ideias, mesmo ligadas à nobreza e à própria igreja. Por isso, após sua inquisição em Worms, antes mesmo da saída do Édito, Lutero sabia que seria punido. No retorno de Wittenberg, ele foi capturado por ordem do Príncipe Frederico⁹, que o escondeu no Castelo de Wartburg, fornecendo proteção. Nesse período, Lutero começou sua tradução da Bíblia para o alemão, diferente da prática autorizada das escrituras e das missas celebradas em latim, o que dificultava o entendimento dos crentes.

Por fim, Lutero teve cada vez mais apoio entre os alemães, inclusive de membros da nobreza. Por outro lado, o Édito de Worms não fora aplicado na Alemanha, somente em regiões da Bélgica, Holanda e Luxemburgo, liberando assim aqueles que pensavam e seguiamos ideias de Lutero¹⁰.

Através destes fatos iniciais, tem-se determinado o que foi denominado de Reforma Protestante, que fora o rompimento da unidade do Cristianismo no Ocidente entre Católicos Romanos e reformadores protestantes, mas esse marco não foi somente por fatores religiosos, mas sim teve aspectos políticos e sociais que auxiliaram para a reforma¹¹, sem

⁹Frederico III, também era conhecido como “Frederico, o Sábio”, foi Príncipe da Saxônia, fundador da Universidade de Wittenberg (onde Martinho Lutero ensinou). Frederico obteve êxito em conseguir a isenção da Saxônia do Édito de Worms e assegurar que Lutero fosse ouvido perante a Dieta de Worms em 1521. Foi um protetor de Lutero, mesmo tendo pouco contato com o mesmo e permanecido Católico Romano.

¹⁰A Contrarreforma não destruiu o protestantismo, mas limitou sua rápida expansão por um determinado momento.

¹¹Na época, tornaram-se comuns os conflitos políticos entre autoridades da Igreja Romana e governantes das monarquias, os nobres queriam para si o poder espiritual assegurando assim o direito divino dos reis, assim como as riquezas da igreja, além disso, existia o medo da nobreza da sua extinção por causa do colapso da economia senhoril e das revoltas camponesas.

esquecer que esse processo reformista acabou se alastrando pela Europa, tendo características e atores diferentes em diversos locais:

[...] pois não tinha ela nascido dos abusos da Igreja, tantas vezes denunciados no século XV, mas que vinham se agravando cada dia que passava? Abusos materiais: simonia, tráfico de benefícios e indulgências, vida desregrada dos clérigos, rápida dissolução da instituição monástica. Abusos morais também: decadência e miséria de uma teologia que reduzia a fé viva a um sistema de práticas mortas. Súbito, o edifício ruiu; estava tudo transtornado, desagregado, perturbado pela iniciativa de um só (FEBVRE, 2012, p. 37).

Conforme o protestantismo crescia em várias regiões, surgiu uma resposta ou movimento da Igreja católica Romana à sua expansão, chamada de Contrarreforma ou Reforma católica. Em 1545, foi convocado o Concílio de Trento, que estabelecia algumas medidas, entre elas: o Tribunal do Santo Ofício, cuja finalidade era julgar aqueles que se desviam do dogma da igreja; formatava um índice com a relação de livros proibidos pela igreja; incentivava a catequese nos povos do novo mundo; reafirmava a autoridade papal; a manutenção do celibato eclesiástico; a supressão dos abusos envolvendo as indulgências e proibição de venda de cargos religiosos. Podemos afirmar que o processo da Contrarreforma foi expansionista, não destruiu o protestantismo, mas seu sucesso pode ser observado na América latina, local de grande concentração de católicos no mundo.

Em 1546, ocorreu a guerra da Esmalcalda, quando o imperador católico Carlos V se insurge contra os territórios que apoiavam Lutero, fruto ainda da Reforma protestante. O imperador sai vitorioso, mas, em 1555, em uma assembleia especial do império, foi redigido o acordo chamado Paz de Augsburgo, no qual se permite a nova religião. A nova Igreja rapidamente se espalhou pela maior parte da Alemanha e Escandinávia e depois foi crescendo gradualmente e chegando a todos os continentes (DREHER, 1989).

Todavia, um aspecto que tem relevante importância é o fato de que, inicialmente, os processos considerados reformistas já estavam em desenvolvimento por vários locais da Europa e, segundo MacGrath (2021), sem talvez nenhum conhecimento das atividades e aspirações de Lutero.

Essas iniciativas não eram coordenadas e estavam atreladas ao descontentamento com os métodos da Igreja em condições e situações locais. Ou seja, a Reforma é estruturada por diversos movimentos independentes e com compreensões e visões distintas sobre a religiosidade e o papel da igreja no século XVI e, somente depois de muitos anos, passou a apresentara característica de um alinhamento (MACGRATH, 2021).

Já o termo protestante não era utilizado inicialmente por aqueles que estavam relacionados aos reformadores. Segundo Calvani (2015), o termo não surgira com Lutero, por volta de 1517, mas, anos mais tarde, exatamente em 1529, por causa da Dieta de Speyer¹², em que nobres e príncipes ficaram a favor de Lutero e das Reformas (CALVANI, 2015, p. 118).

Já para Alister Mcgrath, em sua obra “A revolução protestante: Uma provocante história do protestantismo contada desde o século 16 até os dias de hoje” (2021), o conceito de “protestantismo” surgiu da tentativa, no início do século XVI, de ligar vários eventos para formar uma narrativa comum de transformação. Para o historiador, nunca existiu algo chamado “protestantismo”, mas houve diversos movimentos, cada um com seu distinto programa regional, teológico e cultural. Por esse motivo, o autor também recusa a expressão “surgimento do protestantismo” (MCGRATH, 2012, p.62).

1.1) O Luteranismo como matriz religiosa de imigrantes no Sul do Brasil

A história da chegada do luteranismo no Brasil não foi fruto de um processo de organização, ou da elaboração de grupos ligados às igrejas luteranas, ou mesmo do trabalho de missionários. Sua chegada está vinculada aos primeiros viajantes que vieram para o Brasil. Posteriormente, podemos citar que ela chega com maior intensidade trazida pelos imigrantes alemães, no século XIX, tendo um grande protagonismo no Estado do Rio Grande do Sul.

¹² A Dieta de Speyer (Espira), de 1529, foi uma dieta (tipo de assembleia/reunião de representantes de diversos reinos para decidir sobre ordens e aspectos religiosos) do Sacro Império Romano Germânico, na cidade Imperial Livre de Espira.

A presença do protestantismo no Brasil pode ser relacionada a diversos momentos em que o nosso território fora invadido por nações europeias, como a França e a Holanda, mas esses momentos iniciais de contato não deixaram marcas consideráveis (GERTZ, 2007). Um desses momentos é a chegada, à baía de Guanabara, em 1555¹³, da expedição comandada por Nicolas Durand de Villegaignon, que estabeleceu um núcleo de colonização, denominado como França Antártica, onde se abrigavam colonos protestantes calvinistas. Já em 1557, chegou a segunda expedição trazendo protestantes, liderada pelos pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier. No dia 10 de março de 1557, esse grupo realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas (MATOS, 2011).

Outro episódio que podemos citar foi a invasão Holandesa no nordeste brasileiro, em Recife e Olinda, no ano de 1630, que teve como principal líder João Maurício de Nassau-Siegen. Deste momento histórico, Jaqueline Viração (2012)¹⁴ aponta que alguns índios “potiguares” acabaram ficando vinculados às causas e ideias holandeses, logo, contra os portugueses. Em 1625, alguns deles foram levados para a Holanda na frota de Boudewyn Hendricksz, sendo lá convertidos. Desta forma, segundo Viração (2012), provavelmente estes foram os primeiros protestantes nascidos no Brasil.

Concordando com Gertz sobre a fraca existência do protestantismo no Brasil nos primeiros séculos, Boanerges Ribeiro (1973), em seu livro “Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888)”, aponta que, no início do século XIX, não havia vestígios de protestantismo no Brasil. Podemos iniciar contextualizando a chegada da família real ao Rio de Janeiro, em 1808, com o surgimento de algumas ações que foram fundamentais para a inserção de outras crenças, além da religião Católica.

O luteranismo não surgiu no Brasil por iniciativa de Sociedades Missionárias, nem por planejamento de Igrejas Luteranas, nem ainda por iluminação especial de algum crente luterano. O luteranismo estabeleceu-se no Brasil por uma decisão do Império brasileiro. É óbvio que o Império não teve em vista uma política

¹³Os historiadores apontam para a presença dos primeiros protestantes no Brasil a partir de 1555, com as invasões francesas (GERTZ, 2001).

¹⁴Igreja reformada Potiguara (1625-1692): A primeira Igreja Protestante do Brasil (VIRAÇÃO, 2012).

religiosa que visasse a expansão do luteranismo (DREHER, 2014, p. 4).

Com essa chegada, o Príncipe-Regente ordenou a abertura dos Portos do Brasil e, no mesmo ano, concedeu privilégios maiores aos imigrantes de todas as nacionalidades e religiões, com a assinatura de um tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação, assinado por Portugal e Inglaterra, concedendo aos estrangeiros uma “liberdade religiosa” limitada, pois vinha acompanhada de regras e restrições protegendo assim a religião oficial católica (MATOS, 2011). Tivemos assim a chegada de protestantes de diversas nacionalidades: franceses, escoceses, americanos, dinamarqueses, alemães, suíços e suecos. Entretanto, a religião católica apostólica romana continuou sendo a religião oficial, mesmo após a independência do Brasil de Portugal; logo, as demais religiões eram permitidas em culto doméstico ou particular.

Carlos Hunsche, no livro “Protestantismo do Sul do Brasil”, aborda que a rápida formação das comunidades evangélicas se deveu ao fato de que, nos primeiros anos, os imigrantes alemães que vieram eram de países ou regiões de confissão evangélica, países da saxônia Baixa, cidades que faziam parte da Liga Hansática¹⁵, como Hamburgo, Bremem e Lubeck, e dos estados de Hassen, regiões de Hunsruck e do Palatinado (HUNSCHE, 1983, p.14).

Uma das principais referências para o desenvolvimento do luteranismo no cenário nacional foi a chegada, em 1824, de um grupo de imigrantes alemães que iria para o sul da Bahia e acabou sendo enviado para Nova Friburgo, fundando lá uma comunidade, no dia 3 de maio de 1824. A comunidade era formada por imigrantes que chegaram em dois navios, o Argus, dia 14 de janeiro de 1824, e o Caroline, dia 15 de abril de 1824, no mesmo local onde, quatro anos antes, em 1820, já haviam chegado famílias de imigrantes católicos da Suíça (NICOULIN, 1995).

¹⁵A liga Hanseática ou Hansa Germânica era uma organização criada no século XII, na forma de uma aliança formada por cidades mercantis, sejam elas alemãs ou que tinham a influência alemã, no norte europeu, sobretudo nas proximidades das rotas comerciais.

Os imigrantes luteranos que chegaram à Nova Friburgo, em 1824, vieram acompanhados de seu pastor, Friedrich Oswald Sauerbronn (Figura 1), e tiveram muitas dificuldades, descumprimento de promessas, terras improdutivas e falta de estradas. Além disso, sua chegada gerou, rapidamente, conflitos e tensões entre os pastores ou “líderes espirituais”, representantes locais do catolicismo e do protestantismo.

Alguns dias após a chegada dos imigrantes alemães à Nova Friburgo, faleceu o filho pequeno do pastor Sauerbronn, e as autoridades locais não permitiram que a criança fosse sepultada no cemitério local, junto aos fiéis católicos. Desta forma, o pastor buscou um local de sepultamento na área urbana da Vila, dando origem ao que é considerado um dos mais antigos ou o primeiro cemitério não católico do Brasil, o Cemitério Protestante (atual Cemitério Luterano – Jardim da Paz), instalado, no dia 14 de maio de 1824, naquela cidade (OLIVEIRA, 2018).

Figura 1: Pastor Friedrich Oswald Sauerbronn – Primeiro eclesiástico protestante no Brasil.



Fonte: Carlos Hunsche - 1981.

É importante considerar alguns motivos que presidiram a existência do processo de imigração alemã para o Brasil, os quais, segundo Martin Dreher (2014), são a produção de alimentos para o mercado interno, a proteção territorial através da ocupação, não somente agora das zonas de fronteira,

mas as margens de rios e florestas, a mão de obra artesã para a manufatura, além de couro de produção de alimentos e bebidas e, por fim, mas não menos importante, a do “branqueamento” do país¹⁶.

[...] a opção governamental pela colonização com elementos europeus é, em parte consequência das preocupações com a composição da população brasileira e o desenvolvimento do país como nação (ocidental) branca, voltada para a Europa. A chamada "tese do branqueamento" - concebida dentro dos moldes de uma "democracia racial" - só tem sentido se for acompanhada de uma política imigratória que privilegie a imigração europeia (SEYFERTH, 1986, p.59).

Em 1824, mesmo ano da criação da primeira comunidade luterana no Brasil em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, no dia 25 de julho, aportava em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, a segunda leva de imigrantes organizada pelo major Schäffer, que chegara também em dois barcos, o “Anna Louise” e pouco depois o “Germânia” (BRAUN, 2010). As duas comunidades tiveram a assistência de pastores contratados pelo governo brasileiro. Isso foi caso único, pois, com a expansão e crescimento de novas comunidades, tal fato não mais se repetiu.

No Rio Grande do Sul, São Leopoldo, Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara das Torres foram as três colônias fundadas pelo governo geral, sob as mesmas bases do estabelecimento dos colonos suíços em Nova Friburgo, Rio de Janeiro: concessão gratuita de terras, ferramentas e subsídios (CUNHA, 2017, p.37).

São Leopoldo, na Província de São Pedro, no Rio Grande do Sul, foi o local da primeira colônia de imigrantes no estado, os quais foram alocados na Casa da Feitoria¹⁷, mesmo local onde foi celebrado o primeiro culto luterano, no dia 25 de dezembro de 1824, pelo pastor João Jorge Ehlers, responsável por também instalar uma escola no mesmo local (Jornal NH, 2017).

¹⁶DREHER, Martin. 190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul – Esquecimentos e lembranças, 2014.

¹⁷O prédio foi sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo, que, em 1788, era uma fazenda imperial administrada por portugueses, onde, com o trabalho de escravos, produziam com a fibra do linho cânhamo cordas e velas para navios. Informações prestadas em entrevista com o Professor historiador Martin Dreher (Jornal NH, 2017).

O pastor Johann Georg Ehlers, nascido em 1779 na cidade de Ludersen, em Hannover, na Alemanha, foi professor de uma escola particular para meninos, sendo um destes alunos o depois missionário Johann Heinrich Wichern, que o descrevera posteriormente como “um homem de aspecto exterior feio que de maneira nenhuma atraia as pessoas” (HUSNCHE,1993, p. 14). Ehlers fora ordenado em 1823, exclusivamente para poder acompanhar os imigrantes ao Brasil, sendo marcante sua presença e seu trabalho em São Leopoldo, onde ficou em seu cargo até 1845, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, onde voltou a ser professor e converteu-se ao catolicismo pouco antes de sua morte, em 1850. O pastor é referenciado como sendo o primeiro eclesiástico protestante do sul do país (HUNSCHE,1993).

Figura 2: Casa do Imigrante – Casa da Feitoria – São Leopoldo.



Fonte: Biblioteca\ibge.gov.br.

Foi através dos imigrantes, colonos recém-chegados que se viam cercados de necessidades, entre elas a religiosa, que essas comunidades protestantes, durante as primeiras décadas no sul do Brasil, estiveram referenciadas pela autonomia e pelas diversas dificuldades em obter um alento espiritual.:

Essas poucas comunidades avulsas e dispersas enfrentavam suas dificuldades à medida que apareciam – e os problemas não eram poucos: faltavam pastores com formação, havia disputas de poder dentro das paróquias (RANDUZ, 2005, p. 159).

Martin Dreher (2014) contextualiza a presença do Luteranismo no Brasil vinculado aos aspectos de marginalização pois, segundo o autor, no ambiente brasileiro, os imigrantes estavam envolvidos em uma situação de precariedade, habitavam regiões não povoadas e de difícil sobrevivência, o que, de certa forma, levou à formação de grupos étnicos homogêneos, que tenderam a uma preservação de tradições e língua, não impedindo de, posteriormente, surgir culturas teutas com traços culturais próprios. O autor também afirma que devido, a essas situações, “é fácil de se deduzir que os imigrantes eram considerados, pelos mais antigos habitantes do país, como pessoas de segunda categoria” (DREHER, 2014, p. 6).

Outro aspecto que se torna importante de citar diz respeito ao contato entre os protestantes e católicos, as relações entre religiosidade local, as diferenças e divergências, que acabavam por criar cizânias nas comunidades devido as diferentes práticas e poder. Sendo o catolicismo a religião oficial, no Brasil, a presença dos novos imigrantes trouxe consigo grande quantidade de ramificações religiosas, e o ambiente encontrado nas colônias não era confortável para aqueles que profetizavam outra crença, não faltando sinais de opressão e insegurança.

As leis constitucionais do Império Brasileiro de 1824 garantiam aos não católicos uma liberdade de religião, mas com várias restrições. Dreher (1992) pondera que aos protestantes foram impostas condições severas, já que eles não tinham seus próprios cemitérios, suas igrejas não poderiam ter semelhança com os templos católicos impedindo que elas tivessem torres, cruzeiros ou sinos, e os casamentos nelas praticados não tinham validade; logo, aqueles que se uniam no matrimônio eram caracterizados como vivendo em concubinato, e até os filhos dos imigrantes protestantes não eram considerados legítimos (DREHER, 1992, p. 19).

Havia vários estigmas tanto para com os imigrantes como para aqueles que se identificavam com a linha protestante. O próprio termo

“protestante”, para alguns autores, era utilizado de forma preconceituosa e pejorativa (WACHHOLZ, 2010).

Sandro Blume, em seu trabalho sobre a análise das atitudes perante os rituais, o luto e a morte dos imigrantes alemães, aborda várias situações e características de conflitos, muitos relacionados com as diferentes inclinações religiosas. O autor reproduz a anotação do livro de registros da igreja evangélica da Linha Nova, de 1863, na qual o responsável pela mesma, o pastor Philipp Weber, registra a morte por asma de Johann Brunner, que, conforme palavras do clérigo pertencia à igreja católica, mas, como lhe negaram sepultamento cristão no cemitério, a comunidade protestante o sepultou em seu “pátio dos mortos” (BLUME, 2010, p.138).

Outra transcrição de Blume é relacionada ao registro de óbitos da Comunidade Evangélica de Igrejinha, em 1894, escrita pelo pastor Theophil Dietschi. No obituário da Sra. Elisabetha Brodbeck, nascida na Picada Hartz, o pastor descrevia que ela deixava três filhos, nunca havia sido casada, mas os jesuítas queriam que seu noivo se tornasse católico, como não foi aceito, sua vida teria sido de sofrimento até o fim, “vítima do jesuitismo”. No término, o pastor ainda cita que, antes de sua morte, Sra. Elisabetha solicitou a Santa Ceia Evangélica, que não foi negada por ele (BLUME, 2010, p. 137).

O professor e historiador Joachim Fischer (1987) traz, em seu trabalho “Incidente em Santa Maria – Rio Grande do Sul”, outros exemplos da relação conturbada nas práticas evangélicas protestantes perante outras religiões e as próprias leis. O autor chama atenção para a lei em vigor desde 1824, em que se permitia a existência, no Brasil, de religiões não católicas, podendo realizar seus cultos, ter seus templos e igrejas, mas condicionado a características, tais como os cultos serem “domésticos” ou “particulares”, isto é, não abertos ao público em geral, as capelas não terem formato de templos, ou seja, deveriam se parecer a casas, e não se utilizar de sinos para anunciar o culto (FISCHER, 1987, p. 2040).

Através destas ponderações, Fischer argumenta que essas leis, décadas depois, estavam muito jogadas no esquecimento, pois muitos eram os locais que tinham capelas evangélicas com sinos além de se celebrarem cultos publicamente, mas isso não era o padrão. O autor relata que, em Porto Alegre, no dia 17 de fevereiro de 1865, teria a inauguração de uma igreja

evangélica, e um jornal de língua alemã publicara a programação do evento, informando ainda uma caminhada em comemoração ao evento, os clérigos católicos locais imaginaram que se tratava de uma “procissão”, apregoando que esta seria exercício público de religião não católica, proibida por lei. O chefe de polícia acreditava que os protestantes levariam consigo seus “santos” e, por isso, mandou chamar o cônsul da Prússia como interlocutor dos alemães, para solicitar informações. Foi graças à explicação do cônsul, informando que seria somente uma caminhada e os protestantes luteranos não usavam imagens ou santos, que o ato aconteceu normalmente.

Fischer também relata o incidente ocorrido em Santa Maria, onde a comunidade evangélica havia encomendado três sinos da Alemanha, e, em 1887, havia sido lançada a pedra fundamental da torre da igreja na presença de autoridades da cidade, como o delegado e o juiz municipal. Com ela instalada e em funcionamento, meses depois, em maio de 1887, o chefe da polícia provincial ordena ao delegado para que ele tomasse medidas contra o fato ilegal, sendo notificado o pastor que caso a igreja se reunisse haveria punições.

O fato e o procedimento, além de surpreendente, foi desaprovado pela ampla comunidade do local, assim também pela comunidade católica. Graças à mobilização das comunidades, através de um abaixo-assinado de moradores locais e da intervenção do vice-presidente da província do Rio Grande, Dr. Rodrigo de Azambuja Vilanova, recomendando ao Presidente do Sínodo Riograndense, Dr. Wilhelm Rotermund, que encaminhasse um pedido à Câmara no Rio de Janeiro para a liberação, sendo que teve êxito. Cinco dias depois, os sinos estavam novamente tocando (FISCHER, 1981, p.246).

Por boa parte de sua história primeiro de marginalização política em consequência da diferença religiosa, e depois de marginalização cultural reforçada pela associação de igreja e germanismo (FREESTON, 1998, p. 63).

Como afirma Narciso (2007), as primeiras comunidades luteranas e seus pastores foram: a de São Leopoldo (1824), pastor Johann Georg Ehlers; a de Três Forquilhas (1826), pastor Karl Leopold Voges; e a de Campo Bom (1829), pastor Friedrich Christian Klingehöffer (NARCISO, 2007, p. 6).

Em relação ao Luteranismo brasileiro, alguns autores subdividem o processo de formação protestante em duas tipologias: os “protestantes de imigração”, e os “protestantes de missão” (DREHER, 2002; BONINO, 2002; MENDONÇA; FILHO, 2002). A primeira categoria, “protestantismo de imigração”, está relacionada com a presença de protestantes que chegaram ao país como imigrantes, podendo ser os anglicanos ingleses que chegaram por volta de 1808 aos portos brasileiros, ou os protestantes luteranos que chegaram em 1824, sem esquecer que muitos traziam consigo não tão somente a fé, mas já vinham com seu respectivo pastor (REILY, 1984).

Tal tipologia é questionada por autores como Bonino (2002) e Wirty (1998), afirmando que demonstra problemáticas, pois serve como definição da igreja ou comunidade protestante formada com a chegada do processo migratório. Tal processo evidenciava, na maioria das vezes, a escolha de um grupo, parcela ou comunidade de conterrâneos, cuja origem e procedência fossem as mesmas. Sendo assim, poder-se-ia utilizar o conceito de “protestantismo étnico”, uma vez que as características de uma homogeneidade étnica eram fortemente ressaltadas. Mesmo assim, essa terminologia também apresenta problemas, já que o mesmo grupo étnico pode ser composto de pluralidades religiosas (WIRTH, 1998).

Já o “protestantismo de missão” relaciona-se com as igrejas que vieram ao Brasil com o objetivo de converter os nativos, ou seja, eram executores de projetos de ordem missionária. Essas tipologias não fazem parte de consenso entre os pesquisadores em respeito a algumas situações, como o fato, por exemplo, que caracteriza a vinda de um pastor, requisitado ou pleiteado por uma comunidade local, fazendo ele parte de um grupo missionário, sua vinda pode não ser caracterizada como uma “missão” de evangelização de um país, mas sim o socorro a uma comunidade. Por outro lado, acredita-se que muitas comunidades de imigrantes que receberam pastores oriundos de instituições evangélicas missionárias já teriam as influências e características presentes do órgão missionário (DREHER, 2002).

Podemos observar essas discrepâncias e assimetrias no que diz respeito às tipologias, através das palavras de René Gertz, que descreve a ala formada atualmente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, originária

das missões norte-americanas, que sempre pregaram que sua atuação não seria específica à comunidade alemã, chegando a ter comunidades formadas por afro-brasileiros, mas, mesmo assim, o luteranismo continua a se caracterizar por membros de descendência alemã (GERTZ, 2007, p.14).

Um aspecto constante dessas comunidades é a busca pelo desenvolvimento da educação, com a criação de escolas e a contratação de professores. A maioria destas ações tinha a presença constante da comunidade protestante, ou seja, transpunham-se valores da fé religiosa ao processo educativo.

Podemos nos remeter, quando falamos sobre a educação religiosa luterana, às pesquisas de Patrícia Weiduschadt (2012), nas quais a autora aponta que os objetivos do sínodo (Sínodo de Missouri) iam além da conquista de fiéis, pois pressupunha a educação dos mesmos pela “doutrina verdadeira”¹⁸, o que significava não apenas deter o conhecimento, como também apresentar condutas compatíveis com os preceitos da doutrina em questão. Dessa maneira, não importava ter uma comunidade pequena, com poucos adeptos, mas sim que estivessem integrados aos preceitos cristãos.

Ainda, segundo a autora, este fator de valorização da questão educacional dos imigrantes realizadas pelo Sínodo de Missouri era um aspecto que o diferenciava quando comparado ao Sínodo Rio-Grandense. Os pastores do Sínodo de Missouri utilizavam condutas normatizadas que tinham seu início na busca de uma comunidade, no conhecimento interno da mesma, em suas dinâmicas e necessidades, o que lhes concedia espaço para, em momento seguinte, atuar no trabalho de adesão de fiéis. (WEIDUSCHADT, 2015, p.260). Podemos citar a que é considerada a primeira escola evangélica do Rio Grande do Sul, fundada em 1828, na cidade de Campo Bom. Inicialmente, fora denominada Escola Evangélica de Campo Bom, tendo suas aulas lecionadas por pastores, sendo o primeiro Friedrich Cristian Kliengelhoefer(SOUZA, 2011).

Segundo Giralda Seyferth (2000), o sistema de locação de imigrantes de mesmas origens em áreas circunscritas permitiu uma organização comunitária étnica e, com isso, a permanência dos usos, costumes e língua

¹⁸WEIDUSCHADT. A revista “O Pequeno Luterano” e a formação religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS-(1931-1966), 2012.

materna. Da mesma forma, a ausência assistencial do Estado, principalmente no período da administração colonial, acabou por levar os colonos a explorar através de associações e auxílio-mútuo a formação de escolas, que tiveram papel vital para a especificidade étnica (SEYFERTH, 2000, p. 148). As condições de certo isolamento geográfico e mesmo cultural impunham às comunidades imigrantes a necessidade de provimento de necessidades básicas, tais como a educação, os recursos de saúde e sanitário, assim como outros necessários à sobrevivência, o que pode, de certa forma, explicar a formação de redes densas organizadas ao redor da instituição melhor estruturada e estável: a igreja.

Através dos aspectos históricos relatados, seja no protestantismo de imigração como no protestantismo de missão, iniciou-se o surgimento de comunidades e igrejas no Brasil, para, posteriormente, se organizarem e unirem através de Sínodos¹⁹:

Organizações eclesiais luteranas, na forma de “sínodos”, são um fenômeno da época da virada do século XIX para o XX – quando os luteranos já se encontravam havia mais de 60 anos no país. Em 1886 foi criado o primeiro sínodo, que no decorrer do tempo se mostraria como o mais importante, o Sínodo Riograndense, ao qual se seguiram até cerca de 1910 sínodos semelhantes em outros estados (GERTZ, 2007, p.16).

Observa-se que o processo inicial de chegada de imigrantes foi repleto de características étnicas, econômicas, sociais e de aspectos religiosos, sendo uma delas a existência de uma variedade de credos. Nem todos eram luteranos ou protestantes, o que acabou gerando, no processo de formação de comunidades, grupos heterogêneos e diversificados que naturalmente tornaram-se isolados, ou seja, eram independentes, nesse período. Determina-se que as igrejas dos imigrantes alemães, nos primeiros anos, permaneceram desta maneira por cerca de 44 anos, de 1824 até 1868, e

¹⁹Sínodo é um modelo de organização da igreja, vem da palavra em idioma grego e significa um ato de fazer juntos um mesmo caminho ou, simplesmente, “caminhar juntos” (SCHREIDER, 2018, p. 16).

eram assim congregacionais, sendo o período conhecido como Pré-Sinodal (SCHNEIDER, 2018, p. 37):

Não havia, pelo menos nos primeiros 40 anos do protestantismo em solo gaúcho, qualquer elo de ligação entre as paróquias, também não existindo nenhuma instância superior às comunidades e aos pastores que pudesse uniformizar a vida evangélica (RADUNZ, 2005, p. 2).

As comunidades ou igrejas formadas pelos imigrantes, inicialmente, não tinham atendimento e direção religiosa oficial, não estando ligados a um Sínodo²⁰, que tem a função de organizar sistematicamente, através de controle e hierarquização, as comunidades religiosas, orientando seus membros, sejam eles fiéis, pastores e professores (WEIDUSCHADT, 2007).

Dessa forma, observa-se um aspecto constante nos primeiros anos das comunidades de imigrantes protestantes no sul do Brasil: as dificuldades de estruturação e organização religiosa. Diversas foram as características que comumente eram transcritas e relatadas pelos primeiros pastores e missionários e, associado a isso, as dificuldades de obtenção pelas comunidades ou grupos protestantes, de pastores com a devida formação, ou seja, pastores ordenados e não leigos.

Os relatórios dos pastores quanto à “existência” e à participação nas comunidades de um falso pastor e quanto às situações causadas por essa presença são extremamente críticos, em razão de alguns desvios causados por estes. Assim observaremos, nos capítulos posteriores, as descrições do Pastor Broders quando de sua missão no Rio Grande do Sul, no relato dos vários incidentes que caracterizaram o trabalho do Pastor Heinrich W. Hunsche com o pseudo-pastor Weber, na região de Nova Petrópolis.

O escritor Carlos Hunsche, neto e biógrafo do pastor Heinrich Hunsche, aponta que não é possível ignorar as dificuldades que se impuseram na história eclesiástica do protestantismo no Sul do Rio Grande

²⁰O Sínodo tem significados diferentes para algumas igrejas: enquanto para Igreja católica é uma reunião regional ou internacional de bispos, padres ou diocesanos, para a Igreja protestante é uma organização nacional ou internacional de Igrejas protestantes.

do Sul, e que não poderia discriminar os pastores “oficializados” daqueles pastores “de emergência”, pastores “feitos em casa”, em consequência de circunstâncias anormais que reinavam na sociedade (HUNSHE, 1981, p.151).

Sobre as comunidades que tinham a necessidade de buscar os serviços de pseudo-pastores, os relatos se dividem: de um lado, a opinião dos pastores de formação mostrando que a participação dos pseudo-pastores desencaminhavam a comunidade, através do ensinamento errôneo dos preceitos religiosos, de condutas fora dos padrões clericais, entre outras atitudes consideradas por eles deploráveis, o que era relatado aos Sínodos através de comunicados, cartas sobre o andamento das missões ou relatórios sobre estas colônias; de outro lado, existia a opinião de alguns autores que, pelos seus estudos, afirmavam que, devido à situação de abandono das colônias, os trabalhos dos pseudo-pastores foram importantes (HUNSCHE, 1981; WACHHOLZ, 2003).

O historiador Wilhelm Wachholz (2001) argumenta que os pastores não ordenados foram uma consequência de uma realidade dos protestantes no RS, sendo que os teutos-evangélicos que não quisessem se converter ao catolicismo tiveram que organizar suas próprias comunidades. Assim, criou-se um hábito de escolher entre a comunidade um membro que seria mais instruído e alfabetizado elevado à frente dos trabalhos eclesiásticos (WACHHOLZ, 2001).

Esses primeiros pseudo-pastores, ou pastores colonos, permaneceram à frente das comunidades por muito tempo, por isso, com a chegada, posteriormente, de pastores ordenados, criaram-se quadros de atrito, estranhamento e desconfiança, coisas que muitos imigrantes não queriam. Por outro lado, algumas comunidades viam a necessária existência da participação de pastores ordenados, por isso, buscavam-nos através de pedidos e requisições aos sínodos internacionais.

Existiu, de uma maneira bem forte, uma tendência dos luteranos de se organizarem em comunidades autônomas, dificultando assim, de maneira consciente, a organização dos sínodos, que durante muito tempo não passavam de ordenamentos de comunidades, os quais lutavam para obter o reconhecimento e a confiança das demais (GERTZ, 2007). A independência é um reflexo histórico do Luteranismo no Brasil, uma característica de forte

vertente étnica, um reflexo dos aspectos de autonomia, impostos por algumas comunidades. Essa falta de unicidade, com certeza, moldou os aspectos da Igreja e caracterizou, durante muito tempo, uma resistência fazendo com que, até a década de 1960, existisse um número considerável de luteranos do Rio Grande do Sul que viviam em “comunidades livres” (GERTZ, 2007). Tal tradição anti eclesiásticas e refletiu em vários momentos, sendo um desses o ocorrido na cidade de Candelária, interior do RS, onde, em 1899, se registrou, segundo Eliseu Teichmann, a referência:

Nós não queremos ser comandados nem receber lições (de pastores). Não é por isso que viemos para o Brasil! Isso se pode ter na Alemanha! Aqui é o país da liberdade! Ninguém precisa dar ouvidos (a um pastor)!(TEICHMANN, 1996, p.62).

Ainda falando sobre as igrejas ou comunidades independentes, Weiduschadt (2015) pontua que esses grupos eram vistos como um “desvio da igreja luterana”, por não investirem na formação de professores e pastores e nem no processo de orientação sistemática de seus fiéis perante a doutrina. Perante as “igrejas consideradas institucionais”, aqueles que atuavam nestas comunidades independentes não eram considerados legítimos (WEIDUSCHADT, 2015, p.262).

Uma das questões que podemos levantar sobre o desenvolvimento do Luteranismo no Brasil está relacionada à versão de sua implantação, que estaria ligada a uma livre iniciativa de pastores e religiosos que teriam abdicado ou escolhido vir por conta própria acompanhar seus compatriotas ou seus fiéis, com o único intuito da fé, sem auxílio governamental ou do estado. Essa concepção torna-se uma visão romântica, epopeica e notável, mas ela não está lincada com a total realidade. Segundo Carlos Hunsche (1981), pode-se dizer que os primeiros pastores que aportaram no Brasil vieram por sua iniciativa, sem uma ordem organizada e também sem a ajudada de entidade alemã, mas, já na primeira fase da imigração, compreendida entre os anos de 1824 e 1830, sua maioria já teria vindo fruto de projetos de imigração e teriam sido recrutados principalmente por Jorge Antônio Von Shaffer, ou somente Major Schaffer.

O projeto de imigração e colonização subsidiada do Império brasileiro, no século XIX, foi popularizado na Europa por agentes de e/imigração, que atuavam em locais estratégicos, como os portos, ou locais de concentração e circulação de pessoas, como igrejas, tabernas, instituições voltadas à emigração. Paralelamente, realizava seu trabalho com a produção e distribuição de panfletos, cartazes, artigos em jornal, revista e kalender (NEUMANN, 2020, p. 2).

Georg Anton Von Schäffer, nascido em Münnerstadt, na hoje Baviera Alemã, foi militar, negociante e médico. Durante muito tempo, foi o encarregado direto para recrutar militares e colonos da Alemanha para o Império Brasileiro sob D. Pedro I. O contratador de imigrantes foi responsável por trazer pastores, como Friedrich Osvald Sauerbronn, Carl Leopold Voges, Georg Ehlerse Friedrich Christian Klingelhofer, e acomodar as primeiras colônias de imigrantes no sul do Brasil. Acredita-se que milhares de imigrantes foram recrutados por Schaffer, no período referente às primeiras colônias, tendo sido ele posteriormente destituído de seu cargo em razão de promessas suas não passíveis de cumprimento (NEUMANN, 2020).

Como vimos anteriormente, alguns pastores faziam suas viagens juntamente com os imigrantes, e este era um momento importante para a posterior implantação da autoridade nas comunidades. A vinda destes pastores era relacionada a promessas de subsídios e gratificações anuais, a exemplo do que recebiam os sacerdotes da igreja católica. Tal afirmação é feita Carlos Hunsche, ao abordar o episódio da viagem dos alemães, no ano de 1824, para Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, jornada esta que levou mais de seis meses a bordo do veleiro “Argos” e que teve os imigrantes recrutados pelo Major Scheffer, quem diz que a promessa para o convencimento do pastor Sauerbronn acompanhar os 300 colonos era de que o governo imperial lhe daria as mesmas vantagens e subsídios de que os demais sacerdotes desfrutavam no Brasil, além da construção tanto da Igreja como da Escola da paróquia.(HUNSCHE, 1981, p.127).

Não era incomum que pastores recebessem valores diferentes em relação aos seus cargos, sendo um dos casos o do Pastor Carl Leopold Voges. Em sua viagem do Rio de Janeiro para Porto Alegre, o costeiro no

qual viajava naufragou perto de Mostardas em 1825, tendo ele perdido toda sua documentação que o indicava como pastor luterano e também seu documento original de trabalho. Logo, por falta destes comprovantes, Voges ganhava quatro vezes menos do que outro pastor.

Em outras circunstâncias, para o pastor protestante que comumente vinha acompanhado de sua família eram concedidos lotes de terra que serviriam para a subsistência do grupo familiar. O pastor Klingelhoefler recebera a promessa de uma sesmaria por parte do Major Scheffer. Depois de pagar sua própria passagem e a de sua família (seis membros), o pastor ficou cerca de dois meses no Rio de Janeiro à espera de ser atendido, tendo em seu poder duas cartas para serem entregues para as autoridades, para a concessão de tal sesmaria às margens do Rio Jaguarão (São Leopoldo). Como informa Hunsche:

Em poder destas duas cartas, Klingelhoefler, baseando-se nos conceitos de probidade de sua terra, estava absolutamente certo de que as promessas de Schaeffer, confirmada pelas mais altas instancias do Império seriam cumpridas, sujeitas unicamente ao formalismo de uma "Imperial Resolução" de sua "Majestade", de momento ausente do Rio de Janeiro, mas está "Imperial Resolução" não veio, nunca (HUNSCHE, 1981, p.146).

Ainda conforme Hunsche (1981), que exemplifica as condições árduas de chegada dos pastores, nem as gratificações, nem os lotes prometidos eram garantidos ao chegar, o que tornava a sobrevivência, sobretudo dos grupos familiares, bastante penosa (HUNSCHE.1981 p. 146).

No dia 15 de dezembro de 1830 é votada, pelo parlamento, a Lei do Orçamento, que abolia toda e qualquer ajuda financeira ou despesa com a colonização para todas as províncias do império. A lei foi uma postura quanto à política do governo, sendo uma vitória para aqueles que se portavam contra os núcleos coloniais, políticos escravocratas e latifundiários (SIRIANI, 2005). Somente em 1932 os pastores voltaram a receber suas gratificações.

Desta forma, fica demonstrado que as responsabilidades sobre os deveres de imigração, os subsídios e as promessas estavam ligadas aos agentes colonizadores, representados em determinados momentos pelo governo imperial ou pelos governos provinciais (WIRTH, 2005, p.70). Tais

instâncias eram responsáveis pelo contato com Conselhos Eclesiásticos, como, por exemplo, o de Berlim na Alemanha, onde era acertada a contratação de pastores, salários e custas de transporte. Posteriormente, entram em cena as companhias colonizadoras, em geral estrangeiras.

A subsistência dos pastores nas colônias dependia, portanto, de várias situações e fontes, tais como o financiamento dos Sínodos aos pastores missionários. Assim, podemos ver descrito no periódico *Der Lutheraner*, do dia 25 de junho de 1901, o relato da comissão ligada ao Sínodo de Missouri ao Brasil, formada para selecionar pastores, relatando que, dos cinco candidatos inscritos para essa missão, somente três deles aceitaram o chamado e, que se tudo fosse como "Deus desejar", o projeto iniciaria em agosto, mas somente a viagem custaria 500 dólares, e que seus salários, durante o ministério, seriam obtidos através de ofertas voluntárias dos cristãos das América para a Missão no Brasil²¹.

Já no periódico *Kirchenblatt*, de 1909 (15 de outubro, p.156-158), pode-se ver como as comunidades buscavam resolver suas necessidades relacionadas com a formatação da comunidade religiosa. É descrito o episódio da comunidade de Bom Jesus de São Lourenço, local onde, para concluir a construção de anexo à casa pastoral, os membros da comunidade não somente haviam contribuído com recursos financeiros, mas também com mão de obra.

Podemos observar as dificuldades e o trabalho das comunidades até mesmo quando relatados em uma edição especial de 75 anos de existência do Sínodo Rio-Grandense (1886-1961) (Figura 3), ao informar que as comunidades não apenas assumiam o pagamento do salário do pastor, como também do professor e das obras que se fizessem necessárias para a adaptação e melhoria dos prédios²². Ainda segundo Klaus Granzow, em sua obra "os Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul, Colonos alemães no Brasil" (2009), essa responsabilidade que acabava ficando nas mãos dos fiéis é o motivo para que a grande maioria das tentativas voltadas para a criação das

²¹DER LUTHERANER, 25/06/1901, p. 195-197.

²²Editora Sinodal de São Leopoldo - 75 anos de existência do sínodo Rio-Grandense (1886-1961).

comunidades acabava por fim fracassando, sendo o principal motivo de ordem econômica (GRANZOW, 2009, p. 176).

Quando organizadas, as comunidades realizavam formas de sustento, financiamento de suas obras através das mensalidades dos membros, taxas para cerimônias, como os batismos, casamentos, até mesmo cerimônias fúnebres. Dessa forma, os "associados" tinham descontos para a mensalidade dos filhos na escola e também havia valores diferentes para o sepultamento de moradores no cemitério da comunidade. Observa-se a prática de cotização, seja em valores nominais ou em espécie, que eram utilizadas, sobretudo, nas obras de construção civil de imóveis que sediarium as funções consideradas básicas para a comunidade: o local dos cultos, o local da instrução.

Figura 3: Sínodo Rio-Grandense.



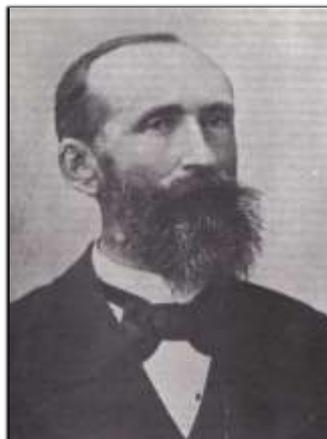
Fonte: SCHNEIDER, 2018.

A primeira tentativa de criar um conselho unificando as comunidades no luteranas protestantes no Rio Grande do Sul veio através da formação de um Sínodo, que fora criado em 1868, denominado Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul. Esse tinha à frente o Rev. Georg

Hermann Borchard²³, cujo papel no luteranismo regional era de extrema importância, pois, sendo um pastor de formação teológica e com grande experiência adquirida nos Estados Unidos e na Alemanha, foi uma valiosa liderança que conseguiu iniciar as organizações das comunidades evangélicas luteranas na província de São Pedro. O Sínodo Teuto-Evangélico não teve efetividade e seu término aconteceu em 1875.

Cerca de uma década depois, ainda em busca da união dos grupos protestantes luteranos no Rio Grande do Sul, entra em ação outro importante personagem do luteranismo regional, Wilhelm Rotermund. O Sr. Rotermund nascera em 1843, na Alemanha, frequentou a faculdade de Teologia, foi professor, jornalista e pastor, e veio para o Brasil em 1874, sediando-se em São Leopoldo. Rotermund foi um grande incentivador do ensino e da formação escolar, criou cartilhas tanto para professores como alunos, além de uma variedade de livros didáticos para auxiliar no ensino dos descendentes de alemães (DREHER, 2014).

Figura 4: Pastor Wilhelm Rotermund-Fundador do Sínodo Rio-Grandense.



Fonte: HUNSCHE, 1981.

O Pastor Wilhelm Rotermund convenceu várias lideranças da necessidade da formação de um órgão representativo, sendo que, no dia 20 de maio de 1886, em São Leopoldo, reuniu-se com pastores e delegados leigos que representavam várias comunidades, entre elas as de São Sebastião do Caí, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Igrejinha, Dois

²³O Rev. Georg Hermann Borchard nasceu em 1823, na cidade de Königsberg, na Prússia. Formou-se em teologia e filosofia pela Universidade de sua cidade, sendo ordenado em 1853. Durante muitos anos, trabalhou nos projetos protestantes nos Estados Unidos.

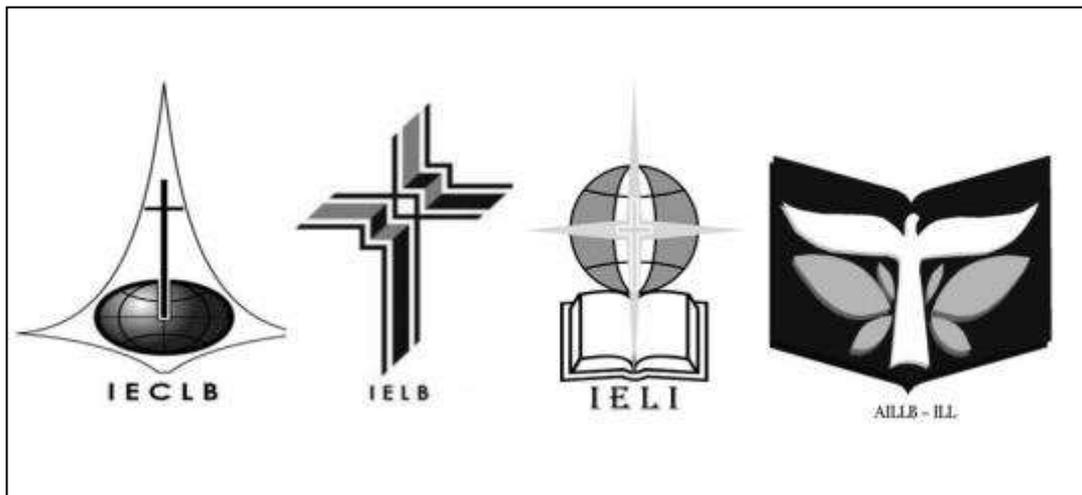
Irmãos, Teutônia e São Leopoldo. Assim, fundaram o Sínodo Rio-Grandense²⁴.

Segundo Carlos Husche (1981), existe uma diferença profunda entre o espírito que orientava o primeiro sínodo de 1868, e o segundo sínodo, de 1886, e essa contraposição está diretamente ligada aos posicionamentos dos seus dirigentes. Enquanto em 1868, à frente do Sínodo, o pastor Borchard trabalhava na tentativa de superar e reverter às questões ligadas principalmente ao aspecto de autonomia e independência das comunidades, lutando para uma ordem e organização sinodal, o pastor Rotermund, em 1886, buscava criar uma união, não ficando contrário às características dos grupos, por isso aprovou a autonomia das comunidades, desde que elas assumissem compromissos associados à sua manutenção (HUNSCHE, 1981). Independente das diversas ideias e concepções para com a administração, o sínodo prosperou, mas não deixou de ter pastores que tinham divergências com o procedimento adotado. Esse é o caso do pastor Heinrich W. Hunsche, sobre o qual abordaremos o trabalho em Nova Petrópolis.

Algumas décadas depois, o Brasil já tinha em sua formação vários Sínodos, representando vários estados, o que, segundo Schneider, também tinha seu lado negativo. Pela não existência de uma organização nacional, eram independentes uns dos outros, o que dificultava uma unidade em nível nacional. Diante disso, em 1949, pela vontade de quatro sínodos, foi criada uma Federação Sinodal, que logo se filiou à *Lutherischer Weltbund-LWF* (Federação Luterana Mundial-FLM) e ao *World Council of Churches-WCC* (Conselho Mundial de Igrejas-CMI).

²⁴ (<https://www.luteranos.com.br/noticias/historia/sinodo-riograndense-completa-130-anos-de-fundacao>)

Figura 5: Logos das Igrejas Luteranas.



Fonte: Luteranismo Brasileiro: Origens, Condicionantes e Perspectivas (SCHNEIDER, 2018).

Em 1954, a Federação Sinodal já expressava o interesse na formação de uma Igreja, sendo que, em 1962, no IV Concílio Eclesiástico, retira-se o nome da Federação que passou a se chamar Igreja Evangélica de Confissão Luterana Brasil/IECLB (SCHNEIDER, 2018):

A IECLB é fruto direto da emigração dos territórios alemães para o Brasil, tendo sido fundada, em 1949, pela união entre o Sínodo Rio-Grandense (criado em 1886), o Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul (criado em 1905), a Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná (1911) e o Sínodo Evangélico do Brasil Central (1912) (HUFF, 2006, p. 12).

Já a história da origem da Igreja Evangélica Luterana do Brasil/IELB está conectada ao luteranismo norte-americano, vinculado aos imigrantes alemães que aportaram nos Estados Unidos da América e lá fundaram, em 1847, o “*Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode Von Missouri Und anderen Staaten*”, tendo à frente Carl Ferdinand Wilhelm Walther. Em 1947, o Sínodo mudou seu nome para “*The Lutheran Church – Missouri Synod*” (HUFF, 2006, p.13).

A origem histórica da IELB tem relação com o trabalho missionário do Sínodo de Missouri e sua chegada ao Brasil, da criação da primeira comunidade, em 1900, em um distrito da cidade de Pelotas, que atualmente

é a cidade de Morro Redondo, através do trabalho do pastor Christian J. Broders.

Em 24 de junho de 1904, ocorreu a criação da denominada Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), na cidade de São Pedro do Sul, no Rio Grande do Sul, em uma reunião com a presença de quatorze pastores, um professor e dez leigos, que representaram a dez comunidades luteranas na época. Seu primeiro presidente foi o pastor Mahler, que exerceu a função entre 1904 e 1910.

É observado que tanto as IELB quanto a IECLB têm uma participação maior em todo território brasileiro, já as igrejas que fazem parte da IELI, nos dias atuais, ficam localizadas mais no sul do Brasil, nos municípios de São Lourenço do Sul, Canguçu, Rio Grande, Turuçu, Arroio do Padre, Camaquã, Morro Redondo, Cerrito e Pelotas (SCHNEIDER, 2018).

A história da Igreja Evangélica Luterana Independente/IELI também está ligada com as primeiras congregações e comunidades de imigrantes alemães, mas, diferente de algumas comunidades que se organizaram em torno de sínodos e formaram posteriormente tanto a IELB quanto a IECLB, as comunidades que compõem a IELI resolveram optar por continuar independentes (SCHNEIDER, 2018, p. 53). A IELI tem em sua estrutura uma organização que congrega os seus pastores, denominada Associação dos Pastores das Comunidades Evangélicas Luteranas Independentes (APCELI), fundada em agosto de 1988, no município de Canguçu/RS.

Outra organização luterana é a ILL, Igreja Luterana Livre, originária no Brasil no século XX, com a chegada de missionários da *Associação of Free Lutheran Congregations – AFLC* (Associação das Comunidades Luteranas Livres – AFLC), criada em outubro de 1962. Historicamente anterior à criação da associação, sua origem é fruto do luteranismo vindo da Noruega, que se expandiu por vários países, principalmente os Estados Unidos da América. A chegada no Brasil dos primeiros missionários da ILL tem como data 1964, os quais se alojaram no estado do Paraná²⁵.

Podemos também citar outras igrejas que tiveram seu surgimento através de separações/rompimento das instituições religiosas já faladas

²⁵Igreja Luterana -<http://igrejaluterna.blogspot.com/p/nossa-historia.html>.

anteriormente, é o caso da Igreja Luterana Renovada/ILR, que originalmente veio do interior da Igreja Evangélica Luterana do Brasil/IELB, e outras que se ligaram formando a Associação Luterana de Igrejas em Avivamento –ALIA, originárias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.

Mais recentemente podemos citar a ILB, Igreja Luterana Brasileira, que tem sua formação no luteranismo ligado ao Sínodo de WELS (EUA) *Wisconsin Ev.Lutheran Synod*. No Brasil, tem sua fundação em 2006, contando com comunidades em Gravataí/RS, Dourados/MS e Presidente Prudente/SP (SCHNEIDER, 2018, p. 34).

Uma fonte que podemos aqui citar é a realização, em 1961, da publicação de um livro em comemoração aos 75 anos do Sínodo Rio-Grandense (1886-1961), que descreve vários aspectos históricos de sua criação²⁶.

²⁶A compilação dos dados referentes ao histórico do sínodo Rio-Grandense poderá ser vista no Apêndice.

2. Morro Redondo: A construção de uma cidade

Para melhor entender e descrever as características que moldaram o atual município de Morro Redondo, é importante contextualizar a cidade da qual fez parte como distrito, a cidade de Pelotas. Pelotas apresentou um grande desenvolvimento econômico oriundo da produção de charque iniciada ainda em meados do século XVIII, a qual foi responsável pelo crescimento da região da Província do Rio de Grande do Sul. A região, para tal, tinha uma boa localização, próxima de rios que ajudavam no transporte e escoamento da produção, o que também auxiliou no rápido desenvolvimento local. A mão de obra da produção do charque era exclusivamente escrava, o que gerou uma grande concentração cativa na região (MARQUES, 2012).

A partir da primeira metade do século XIX, iniciou-se um forte processo de chegada de imigrantes europeus, principalmente alemães, iniciando a formação de colônias e comunidades no interior do município. Com os novos moradores, uma quantidade variada de características culturais. Conforme o relatório de 1886, do conselheiro José Júlio de Albuquerque Barros, apresentado para o vice-presidente da Província do Rio Grande do Sul, Miguel Rodrigues Barcellos, foram organizadas comissões que trataram do processo migratório na região.

Colonização: Por decreto de 12 de abril do anno passado fora emancipadas as colônias Caxias , Conde D-Eu e D. Isabel, onde comissões nomeadas pelo governo imperial prosseguem na mediação e demarcação de lotes para o estabelecimento de imigrantes. Essas comissões, assim como as que funcionam na ex-colônia Silveira Martins e no município de Pelotas, onde já se fundaram quatro núcleos coloniaes, situados na Serra dos Tapes com os nomes de Maciel, Affonso Penna, Albuquerque Barros a Accioli, regem-se pelas instruções approvadas pelo Ministério da Agricultura em portaria de 18 de novembro do anno passado. (Relatório do Conselheiro José Júlio de Albuquerque Barros, Porto Alegre, 1886, p.163).

Para Portugal, acreditava-se a princípio ser arriscado convidar imigrantes de países que também tinham colônias, como Holanda, Inglaterra e França, o que tornava assim compreensível a escolha de imigrantes suíços, alemães e italianos para o desenvolvimento nacional, uma vez que o comércio escravista havia diminuído e o Brasil tinha carência de mão de obra (SILVA, 2011).

O território do atual município de Morro Redondo fez parte do conjunto de colônias formadas no interior do município de Pelotas, e recebeu essa denominação em razão da existência de elevações arredondadas que ali existiram. Nas narrativas orais, o nome da localidade foi outorgado por tropeiros (CHERINI, 2007, p.172), sendo a mesma habitada por açorianos e, posteriormente, por alemães (pomeranos, em sua maioria), italianos. Além disso, não se pode esquecer da formação local de uma Comunidade Quilombola e dos próprios índios guaranis que habitavam essa região.

Sabemos da existência, na zona rural de Pelotas, que também denominamos de colônia, de localidades onde grupos de escravos foragidos das charqueadas formavam núcleos de resistência e de vida social denominados quilombos. O reconhecimento de um desses territórios em Morro Redondo levou a que o município passasse a sediar a comunidade quilombola denominada Dona Ernestina (Vó Ernestina), em homenagem à antiga moradora cuja família foi uma das primeiras a chegar ao local.

Os primeiros núcleos imigrantes que se estabeleceram no local por volta dos anos de 1865 a 1872 foram os portugueses. Esses viviam em loteamentos, principalmente na região denominada atualmente de “Passo do Valdez”, surgindo ali os primeiros estabelecimentos comerciais. Já em 1875, deu-se na região a chegada de imigrantes italianos, com o loteamento de terras pertencentes ao português Afonso Pena (RODRIGUES, 1996, p.14).

Conforme informações obtidas no Consulado Italiano, em 1872, antes dos colonos alemães, chegaram os italianos, famílias Cantarelli, Franchini, Nizolli, Laner, Botezelli, Bertoldi, Pederzolli, Signorini, entre outras (Plano Municipal de Educação, Morro Redondo, 2015).

Era comum que várias colônias acabassem sendo habitadas por imigrantes provenientes de outras localidades e que viessem em busca de

melhores condições. Tal ocorre em Morro Redondo quando, em 1888, algumas famílias de imigrantes deixaram São Lourenço do Sul chegando à localidade de São Domingos (lotes de terra de Domingos Jose de Almeida), o que também ocorreu com a vinda de novos colonos da cidade de Blumenau/SC, Montenegro/RS e diretamente da Alemanha.

As primeiras famílias que aqui chegaram, vindas de São Lourenço do Sul, eram: Noremberg, Neumann, Kuhn, Borarg, Buss, Dobke, Rosler, Holz, Jaeckel, Hackbart, Schimidt, Baumbach, Marten, Muller, Kutter, Stein, Krolow, Rommel, Hommel, Hoffmann, Schwantz, Kruger, Waltzer, entre outras. Antes da chegada destas famílias, já moravam nos arredores do Morro Redondo as famílias Nachtigall, Islabão e Crizel, que vieram para cá por ocasião da Guerra dos Farrapos. (MORRO REDONDO-Plano Municipal de Educação,2015)

Sobre as condições encontradas nas colônias e comunidades do interior do município de Pelotas, e que fazem parte da atual cidade de Morro Redondo, podemos citar a publicação da Associação Central de Geografia e Incremento dos Interesses Alemães no Exterior²⁷, de 1898, na qual constam relatos de Carl Otto Ullrich, alemão que morou na colônia Santo Antônio, sendo professor, agrimensor e pastor evangélico:

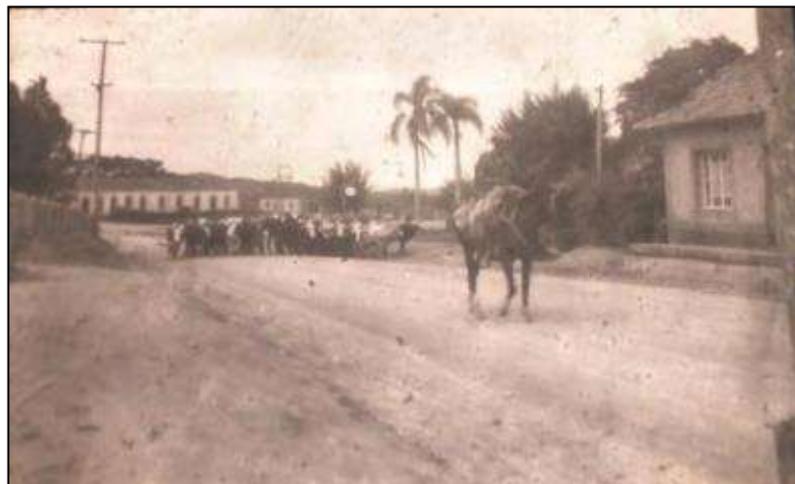
Epidemias ainda não apareceram até agora. Durante as últimas epidemias de varíola em Pelotas, apareceram alguns casos de varíola no Morro Redondo, que, porém não tiveram maiores consequências (ULLRICH, 1999, p. 10).

O comércio e o transporte de gado cumpriam papel vital para o desenvolvimento da região de Pelotas, que tinha nos tropeiros os responsáveis pelo abastecimento das charqueadas. O trajeto percorrido pelo tropeiro incluía Morro Redondo como um dos locais de passagem de tropas, gados e carretas provenientes dos municípios fronteiriços com o Uruguai. Conforme Barbosa (2008), “chegavam a Canguçu pelo desvio da estrada das tropas. Ao seguir viagem em direção de Pelotas, acampavam na Coxilha dos

²⁷A publicação de Ullrich tinha por objetivo divulgar informações aos imigrantes alemães sobre as colônias do Sul do Brasil. Faz parte do livro: Conselhos aos Emigrantes para o Sul do Brasil (p. 89-112), organizado por R. Jannasch e publicado em Berlim no ano de 1898. Ensaio FEE, Porto Alegre, 1984.

Amaral, local de boa pastagem para o gado, 1ª Encruzilhada no Morro Redondo e Capão Alto entre Morro Redondo e Capão do Leão”.

Figura 6: Transporte de gado pelas ruas de Morro Redondo.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

As paradas para esses viajantes eram sempre obrigatórias, seja na vinda ou ida de municípios vizinhos e, em Morro Redondo, foi fundamental nesse circuito dos tropeiros o comércio da família Holz, que, desde 1919 até hoje, pertence à família Fiss. Ao falar das tropas que circulavam por Canguçu, Bento (2000) descreve que após a parada no Lacerda, local construído pelo fazendeiro de mesmo nome:

[...] as tropas seguiam até próximo do Presídio atual de onde contornavam Canguçu pela estrada das Tropas que passa pela Rodoviária e pelo radar do Cindacta2, Passo do Vime, Vila dos Campos, Morro Redondo (Fiss). Dali chegavam a Tablada em Pelotas, por Monte Bonito e Três Vendas, ou pelo Fragata através da Coxilha do Santo Amor (BENTO, 2000, p. 16).

Durante os anos 1970, o ator, escritor e poeta regionalista de origem pomerana, Klaus Granzow, realizou visitas a comunidades pomeranas no Espírito Santo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Em relação ao distrito de Morro Redondo, descreveu interessantes características regionais:

Os colonos pomeranos de Morro Redondo encontravam-se numa situação econômica boa. Visitamos as famílias Patzlaff, Fiss e

Nörnberg. A Sra. Fiss tinha uma forma interessante de se expressar, pois ainda se lembrava bem dos avós que imigraram da Alemanha para cá. Também ela confirmou como os primeiros tempos ali foram difíceis e que a situação deles apenas melhorou quando resolveram abrir uma venda. Durante a época da revolução de 1873/1874, até o Brasil tornar-se República em 1889, aconteceram por ali muito tiroteios, assaltos e incêndios. Felizmente, conseguiram sobreviver ilesos apesar de, por várias vezes, terem tido a sua venda roubada e saqueada. Mas eles eram pouco materialistas e sempre souberam valorizar mais a vida (GRANZOW, 2009, p. 150).

Nessas regiões, ou colônias, formadas por diversas etnias, podia-se notar facilmente as diferenças e perceber as difíceis relações que vinham da própria terra natal. Esse estranhamento pode ser observado nas descrições feitas pelo pastor Neubert, que fora o terceiro pastor da Comunidade São Domingos, atual Comunidade do Advento, e que, antes de Morro Redondo, viera de uma missão evangelizadora na África. O pastor Neubert foi fundamental para o desenvolvimento da comunidade luterana local, assim como para a construção do seu templo, sobre o qual falaremos adiante.

Suas descrições estão organizadas em algumas páginas do Álbum²⁸ que faz parte da Comunidade de São Domingos, intitulado *MitGott*(Com Deus). A partir do texto, podemos ver quanto o pastor observava as diferenças locais:

[...] Lá o pomerano conservador morava ao lado do berlinense socialista e do renano liberal. Tão contraditórias quanto as opiniões políticas eram as confissões morais e religiosas. Ateísmo, panteísmo, Espiritismo, superstição etc. etc. brotavam as suas mais belas flores (Pastor Neubert. Álbum *MitGott*, Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 1905).

As observações do pastor Neubert demonstram sua qualidade em ver nuances étnicas que formavam sua comunidade. Dificilmente, poderemos traduzir o significado dessas variações políticas, mas de comunidades alemãs estudadas no Brasil podemos retirar alguns aspectos, que podem somar as ideologias políticas culturais.

²⁸ ANEXO 1: O Álbum em questão, além de trazer fotos da comunidade e da escola de São Domingos, é encadernado juntamente com uma compilação de pequenas cartas datilografadas dos antigos pastores, entre eles Pastor Neubert e Pastor Sudhaus.

Figura 7 – Mapa região Sul do Estado do Rio Grande do Sul – Em azul, a cidade de Morro Redondo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Morro Redondo

Segundo Helmar Rolke(2016), em seu livro “As raízes da imigração alemã História e Cultura Alemã no Estado do Espírito Santo”, o imigrante inicialmente não tinha tanto interesse por sua “germanidade”, já que era algo secundário para as comunidades. Com a vinda de cidadãos Renanos (prussianos) para o Brasil, foram enviados os primeiros pastores do Conselho

Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia, que trouxeram consigo forte sentimento patriótico²⁹:

Para os imigrantes que aqui primeiro chegaram, a pergunta pela germanidade era secundária. Como já se viu, até excluía-se uns aos outros. Com a chegada destes pastores, o quadro mudou totalmente. Foi despertado um forte sentimento de unidade e orgulho. Ser alemão passou a ser uma questão de suma importância. Até os pomeranos, que historicamente tinham sido relegados a um segundo plano, de repente, foram embalados pelo sonho da germanidade e da Grande Alemanha. Foi, pois, através dos pastores enviados pelo Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia — que propiciava formação acadêmica aos pastores — que as comunidades de imigração alemã receberam os primeiros fortes impulsos para fomentarem a cultura e a língua alemã (ROLKE, 2016, p.374).

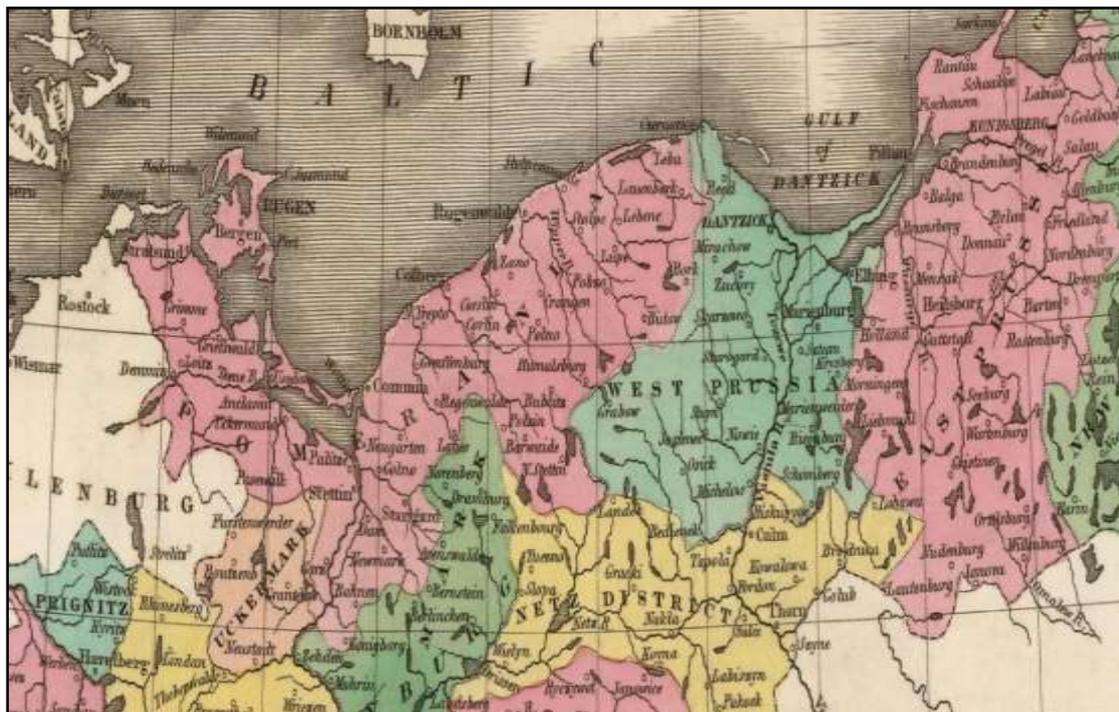
Da mesma forma, como vimos na citação de Rolke, os pomeranos eram relegados, em razão de aspectos históricos³⁰, chegando a ser tratados de forma discriminatória por alguns pastores. Diz o autor que:

[...] se na Prússia viviam de forma marginal, que também aqui continuassem assim. Apenas se tinha a concepção de que deveriam ser obedientes e trabalhadores, pois isto fazia parte do caráter prussiano de monarquia militar. Contentar-se com pouco, trabalhar muito (ROLKE, 2016, p. 556-557).

²⁹A Prússia mantinha então a hegemonia econômica e política da Liga Alemã. Com a guerra contra a Dinamarca em 1864; a derrota da Áustria em 1866; com a Guerra Franco-Alemã (1870–1871), em que a França perdeu a Alsácia e a Lorena e foi obrigada a pagar uma elevada reparação de guerra; surgiu um forte sentimento patriótico, uma forte consciência de germanidade. Os pastores enviados pela Prússia, naturalmente, vinham imbuídos com este espírito patriótico, este forte sentimento de germanidade. A isto se somou, sobretudo, a constituição do Império Alemão, em 18 de janeiro de 1871, que proclamou o rei Guilherme I da Prússia imperador alemão. (ROLKE, 2016, p.374)

³⁰A Pomerânia, principalmente a Oriental, tinha pouco peso político dentro das pretensões da Prússia. Ela apenas tinha importância para fornecer oficiais da nobreza para o exército e fiéis soldados, agregados e diaristas para os latifúndios — além de se constituir numa espécie de proteção na fronteira com o leste, onde sempre havia o perigo russo (ROLKE, 2016, p. 61)

Figura 8: Mapa que mostra a Pomerânia no território Prussiano



Fonte: Pomerânia- Prússia. Young & Delleker 1824.

Era observado, também por Granzow, como viviam os pomeranos nas diferentes regiões do Brasil, tecendo assim relatos e características distintas da cultura, com as suas diferentes inserções locais:

Também o pastor Meirose, em Morro Redondo, me mostrou em primeiro lugar a escola agrícola que ele instalou na comunidade. Ali existiam cursos para a moderna criação do gado, bem como para o processamento do leite. No campo havia plantações de pêssego, cujas frutas amadureciam em diversas estações do ano. Ali reconheceram em tempo hábil que o caminho para a cidade era longo demais para transportar as colheitas e ainda conseguir preços competitivos. Desta forma, construíram fábricas de conservas e processavam as frutas no local. Já que a colheita de pêssego normalmente era de apenas três semanas, as fábricas ficavam ociosas por um período de 11 meses (GRANZOW, 2009, p. 149).

A região de Morro Redondo apresentou condições para seu desenvolvimento através de suas principais atividades, a agricultura e a criação de gado (essa muito menor, em razão do pequeno porte das

propriedades rurais). Entretanto, na década de 1950, houve um desenvolvimento da atividade industrial, do setor de beneficiamento de produtos principalmente as fábricas de conserva e doces de frutas, e em particular do pêsego. Em Morro Redondo, podemos citar as fábricas como as Conservas Minuano, Conservas Neumann, Conservas Patzlaff, Conservas Geraldo Bertoldi, Indústria de Conservas Simon's e Conservas Cantarelli. (BACH, 2009).

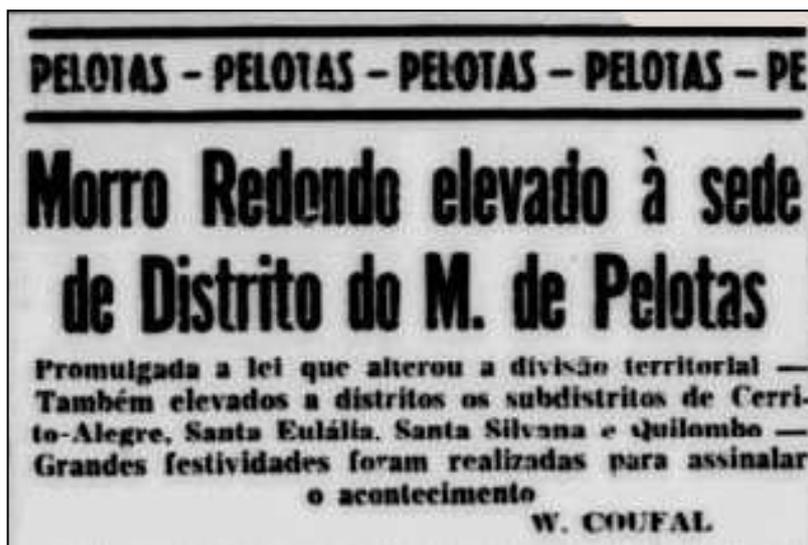
Figura 9: Trabalho nas lavouras – Morro Redondo.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

A região de Morro Redondo foi elevada a distrito da cidade de Pelotas (conforme nota da Figura 10), em 1959, tornando-se o 8º distrito. Para a localidade, isso significava ter maior importância e visibilidade perante sua sede, podendo ter em seu território postos administrativos como uma subprefeitura ou mesmo um cartório de registro civil. Já na década de 1980, seria considerado o distrito rural mais povoado, com cerca de 25,6Hab/Km²(ROSA,1985).

Figura 10: Morro Redondo elevado a distrito



Fonte: Diário de Notícias, nº 60- 13 de maio de 1959 – p. 14.

Nos anos 1970, a indústria conserveira atravessou uma crise que resultou no fechamento de muitas fábricas, conforme aponta Alcir Bach (2009), em sua dissertação “O Patrimônio Industrial Rural: As fábricas de compotas de pêssego em Pelotas- 1950 a 1970”. De acordo com o autor, as exigências sanitárias para o funcionamento das fábricas, a instalação de grandes grupos industriais do mesmo ramo e a concorrência externa com o favorecimento a uma importação foram fatores fundamentais para o declínio dessa atividade em toda a região da Pelotas Antiga, e Morro Redondo não foi poupado nesse processo de desestruturação da economia rural.

Conforme Bach (2009), os anos entre 1950 e 1970 representam, respectivamente, as décadas do crescimento, apogeu e declínio das fábricas de compota na zona rural do município de Pelotas, compreendendo locais emancipados, como Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre.

2.1 A Emancipação

O distrito de Morro Redondo teve seu desenvolvimento econômico ligado aos aspectos das atividades de agricultura, pecuária e principalmente do trabalho das fábricas que ali existiram entre as décadas de 1970 e 1980. Nestes momentos, a comunidade já demonstrava certo descontentamento com sua condição de distrito dependente de Pelotas, relativo à dificuldade com questões estruturais e o saneamento básico.

Através dos arquivos da Comunidade do Advento³¹, local onde foram organizadas reportagens jornalísticas, podemos ver outros fatores que se somam a essa reivindicação do distrito para sua sede. Em reportagem do Jornal Diário Popular, de 24 de março de 1973, intitulada “Morro Redondo vê falta de escolas” é descrita a proposição do vereador Érico Pegoraro, em reunião do legislativo pelotense, de criação de uma comissão especial para examinar *in loco* os problemas que os moradores daquela comunidade estavam enfrentando em consequência do fechamento de algumas escolas e do funcionamento precário de outras. Resultou disso a organização de uma comissão da Câmara Municipal para visitar o distrito e a implantação de uma sindicância da Secretaria Estadual de Educação. No dia 5 de abril de 1973, em reportagem no jornal Zero Hora, foram refutadas as críticas e os problemas nos colégios locais pela Secretaria Estadual de Educação, corroboradas pelo próprio prefeito da cidade de Pelotas na época, Ari Alcântara.

Em reportagem do jornal Diário Popular, de 6 de abril de 1973, intitulada simplesmente “Morro Redondo”, é informado que haviam se reunido na localidade várias autoridades para um churrasco de confraternização e,

³¹O arquivo/acervo da Comunidade Evangélica do Advento de Morro Redondo é constituído de diversos itens, não organizados, como: Reportagens de jornais, fotografias, álbuns, relatórios da Igreja além de cartas de pastores. O acervo é guardado pela paróquia em pastas sendo que muitos documentos estão escritos em alemão, mas pelo interesse e disposição de moradores locais, já existem anexadas algumas traduções. Para esse trabalho alguns relatórios e cartas tiveram que ser traduzidos por profissionais do idioma.

em nome da comunidade, o industrialista local, Sr. Verno Kuhn, fez ampla exposição dos problemas e das dificuldades, citando entre elas a ação fiscal sobre a comercialização de produtos agrícolas, a situação das estradas e dos travessões, e o pedido de melhorias na ligação com a estrada da produção. Segundo o jornal, os problemas eram considerados impeditivos do crescimento do local.

Sr. Hugo Black, antigo morador da localidade, além de contador e ex-vereador, foi o 2º secretário da Comissão Emancipadora. Ele descreve que: “A gente era muito abandonado por Pelotas, não tínhamos nada, tínhamos fábricas, mas não tinha um posto de saúde, que se via em lugares menores”³². Também recorda que, nas reuniões realizadas para o processo de discussão e análise da proposta de emancipação, era forte a ideia de que o distrito tinha várias indústrias de doces e conservas, comércios e olarias, e que por isso tinha uma arrecadação boa e assim “podíamos viver com os próprios pés”³³.

Já o Sr. Osmar Franchini³⁴, também antigo morador da localidade que teve a oportunidade de participar da Comissão Emancipacionista³⁵, tem a similar opinião do Sr. Hugo Blanck a respeito da divisão de grupos pós e contras. Segundo ele, poucos eram aqueles que estavam contra o processo, porém alguns realmente não acreditavam que seria possível fazê-lo.

Tendo em vista os inúmeros problemas relativos às condições de trabalho e questões estruturais, como o saneamento básico, em 1988, foi realizado um plebiscito no interior da comunidade de Morro Redondo para opinar sobre a emancipação da localidade do município de Pelotas. Organizado pela Comissão Emancipacionista, no dia 10 de abril de 1988, tal plebiscito, que contou com cerca de 21 seções e com junta eleitoral presidida pelo Juiz Eleitoral Dr. João da Silva Silveira, os Srs. Paulo Nunes Leivas, Nicolau Amir Aledusch e o Promotor de Justiça Carlos Otaviano B. Moraes, alcançou os seguintes resultados: 1.738 votos sim, 729 votos não, 18 votos

³²Hugo Blanck, entrevista concedida ao autor, dia 21 de dezembro de 2019.

³³Idem.

³⁴ Sr. Osmar Franchini foi radialista, funcionário da Comunidade Luterana do Advento, foi eleito suplente de vereador, na primeira eleição do Município e atualmente é o Presidente do Hospital Ernesto Maurício Arndt em Morro Redondo. Também é o principal fundador do Museu Municipal de Morro Redondo.

³⁵ Osmar Franchini, entrevista concedida ao autor, dia 03 de junho de 2021.

em branco e 16 nulos. No total de 2.501 eleitores votantes, de um total de 3.752 eleitores inscritos na região³⁶.

Na ata da reunião de escolha dos membros da Comissão emancipadora, realizada em 19 de setembro de 1987, constam os seguintes membros escolhidos: Presidente João Dinarte Ança; Vice-Presidente Paulo Ricardo Martins; 1º Secretário Bruno Feldens; 2º Secretário Hugo Blank; 1º Tesoureiro Martin Hélio Becker; 2º Tesoureiro Nelmar Kichoffel; Conselho Fiscal Daltro Luiz Casarin, Rubem Souza e Elpidio G. da Silva.

Com o resultado favorável à emancipação, no dia 12 de maio de 1988, é sancionada a Lei nº 8.633, assinada pelo Governador Pedro Simon, que criava o Município de Morro Redondo com os seguintes limites territoriais:

A LESTE: com os municípios de Pelotas e Capão do Leão, inicia na ponte da rodovia RB-392, rodovia Canguçu-Pelotas, sobre o Arroio Cadeia; sobe a Arroio Cadeia até o Arroio do Ouro, por este até a sua nascente sul, na cota 301, região Santa Bernardina; deste ponto liga-se, por linha seca e reta, com a bifurcação da Estrada da Cascata com a Estrada Cerro das Pombas; segue a Estrada Cerro das Pombas até a Estrada do Moreira; segue a Estrada do Moreira, a qual atravessa o Arroio Pestana, até a Estrada Canguçu-Pelotas; segue a Estrada Canguçu-Pelotas, na direção geral oeste, até a Estrada dos Cruz, segue a Estrada dos Cruz até a Estrada Açoita Cavallo; segue a Estrada Açoita Cavallo, na direção oeste, até a Estrada Sacramento ou Corredor do Moinho; segue esta última até a BR-293, Pinheiro Machado-Pelotas.

AO SUL: Com o Município de Capão do Leão, segue a BR-293, Pinheiro Machado direção oeste até a ponte sobre o Arroio Serra.

A OESTE: Com os Municípios de Pedro Osório e Canguçu, a partir da ponte sobre o Arroio Serra na BR-293; sobe este arroio até a sua confluência com o Arroio das Pedras; sobe este arroio até a sua nascente norte, localmente conhecida como sanga do Morro Redondo; deste ponto, por linha seca e reta, até o marco colocado no Morro Redondo, prosseguindo pela mesma linha reta, no atual limite Pelotas-Canguçu, até a BR-392.

AO NORTE: Com o Município de Pelotas; segue a BR-392, a partir deste último ponto, até o Arroio Cadeia, início da presente descrição (Decreto Lei nº 8.633, 1988).

A respeito dos processos emancipatórios e dos aspectos estruturais que levaram à criação de novos municípios nos anos 1980, Zilá Mesquita³⁷ (1992) demonstra que alguns elementos poderiam ser norteados como

³⁶Fonte: www.pmmorroredondo.com.br.

³⁷Emancipações no RS: Alguns elementos para a reflexão. 1992.

comuns, como uma estratégia na busca por recursos de itens reivindicados ainda não atendidos, como escolas, estradas e saúde. No mesmo texto, a autora demonstra que dificuldades advindas de suas áreas rurais, como acessibilidade precária, problemas com estradas, sistema de transporte, além de reivindicações da área urbana dos distritos, como melhorias na saúde e educação, foram elementos importantes nos processos emancipatórios. Ao mesmo tempo, é observável o uso político de tais reivindicações, pois, conforme a autora, os interesses particulares estavam muitas vezes camuflados sobre forma de objetivos comuns (MESQUITA, 1992, p. 178).

No processo emancipatório e político de Morro Redondo, pode-se observar o interesse e a participação da comunidade religiosa no futuro local, o que pode ser observado em ofício intitulado “Primeiro encontro de candidatos evangélicos da IECLB na paróquia de Morro Redondo a cargos eletivos de Prefeito e Vereador na primeira eleição municipal do município de Morro Redondo”³⁸.

O documento em questão é uma reunião convocada pelo pastor Geraldo Schach, em 8 de novembro de 1988, assinado pelos participantes, dentre os quais 12 candidatos, dois para prefeito e o restante para o cargo de vereador. Além disso, na nota da Figura 11 tem-se a informação de que três deles são de outras confissões religiosas.

³⁸ O documento assinado pelos participantes da entrevista para os cargos eletivos de Prefeito e Vereador, faz parte do Acervo da Comunidade do Advento. Morro Redondo. RS.

Figura 11: Lista de presença de reunião de candidatos – 1988.

PRIMEIRO ENCONTRO DOS CANDIDATOS EVANGÉLICOS DA IECLB NA PARÓQUIA DE MORRO REDONDO A CARGOS ELETIVOS DE PREFEITO E VEREADOR NA PRIMEIRA SEDIÇÃO MUNICIPAL DO MUNICÍPIO DE MORRO REDONDO, EMANCIPADO NO DIA 10 DE ABRIL DE 1988.

LOCAL: Salão da Comunidade Evangélica Advento em Morro Redondo

DATA: 08 de Novembro 1988 às 21 horas

Nominata dos Candidatos Presentes:

1. ALDINO KRAUSE - PMDB - à Prefeito
2. Arno Güth P.T.
3. Neic. Forchelsen P.T.
4. Arnor Franchim PHDB
5. Wilberto Buttow "
6. Luís Ricardo Abente P.D.T. - à Prefeito
7. Orlando Cantandli Walzer P.D.S
8. Esmerini Lulch "
9. José Otoni Souza Nunes P.D.T.
10. Václav Demian Rotzsch "
11. Pauli Rostenbach PMDB
12. José Nizall da Silva PMDB
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____

Obs.: Os números 9, 10 e 12 são de outras confissões religiosas

Reunião convocada pelo Pastor Geraldo Schach, em comum acordo com a Direção da Paróquia Evangélica de Morro Redondo, no culto do dia 06 de novembro 1988 às 10 horas.

O texto bíblico de Mateus 5,3-10 serviu de reflexão e após diversas manifestações e perguntas os 12 candidatos usaram a palavra expondo motivos e programa de governo.

Morro Redondo, 08 de novembro 1988

Geraldo Schach

Fonte: Acervo Comunidade do Advento.

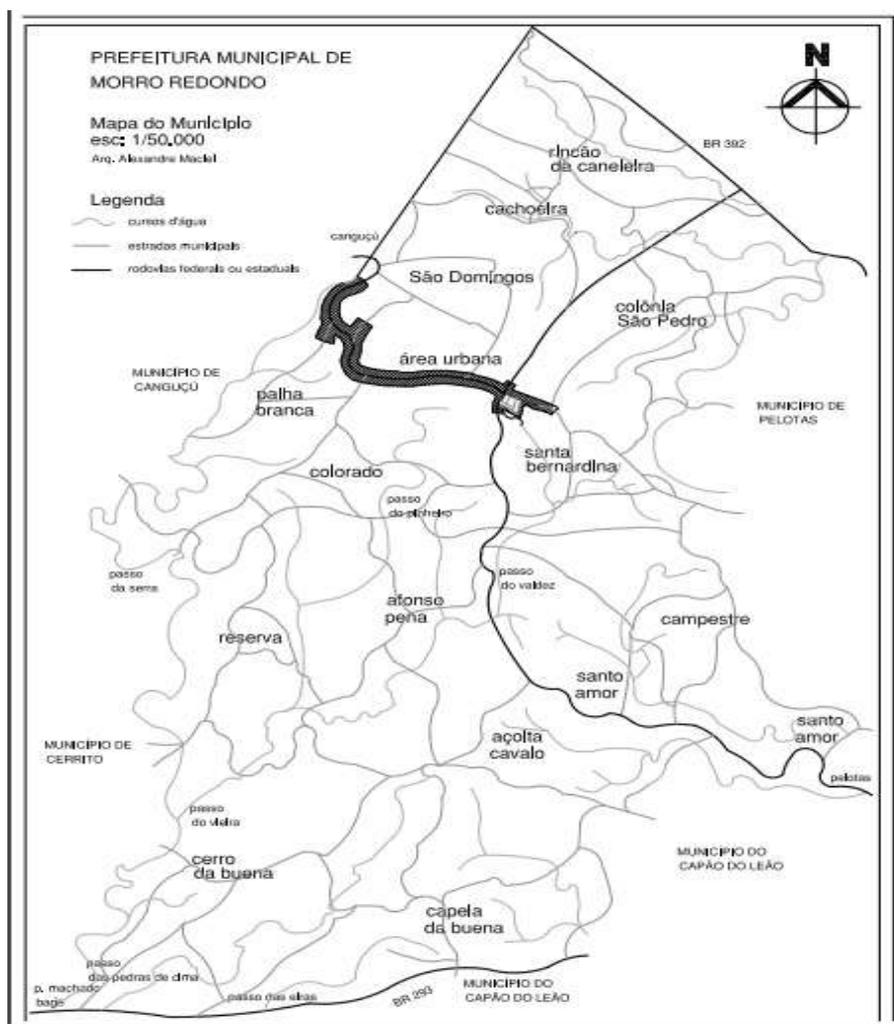
A participação de membros religiosos neste importante momento histórico do Município não foi somente de atribuição da religião protestante de Morro Redondo. Segundo o Sr. Hugo Blank, um dos principais expoentes e incentivadores do processo de emancipação da cidade foi o padre José Flávio Weizenmann³⁹. Ainda conforme o Sr. Blanck, o padre Flávio incentivava o processo fazendo a comparação do distrito de Morro Redondo com o já emancipado município de Arroio do Meio, emancipado em 1934, sendo que "... daí o padre sempre dizia para a gente: o vereador vem para cá, o prefeito... Atira umas balinhas pro pessoal... E o pessoal acaba votando nele... Depois vai embora... Não traz nada para cá"⁴⁰.

Após estar emancipado, o novo município de Morro Redondo ficou composto pelas localidades de São Pedro, Rincão da Caneleira, Palha Branca, São Domingos, Santa Bernardina, Valdez, Campestre, Afonso Pena, Reserva, Cerro das Pombas, Açoita Cavalos, Colorado, Santo Amor, Cerro da Buena, Capela da Buena, Passo das Pedras. Estando cerca de 290 quilômetros da cidade de Porto Alegre, em uma altitude de 245 metros, sua hidrografia é composta pelos seguintes arroios: Valdez, Cadeia, da Serra, São Domingos, do Ouro, Pinheiro, Palha Branca, dos Porcos, Taquara, Moreira e Pestana. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010), a população total do município é de 6.231 habitantes, sendo 3137 homens e 3094 mulheres.

³⁹ José Flavio Weizenmann, nascido no dia 10 de dezembro de 1939, em Arroio do Meio, falecido em 13 de novembro de 1990. Sendo lembrado pelas comunidades de Morro Redondo e Colônia Maciel (Cemitério Colônia Maciel em Pelotas/RS).

⁴⁰ Hugo Blanck, entrevista concedida ao autor, dia 21 de dezembro de 2019.

Figura 12: Mapa – Morro Redondo.



Fonte: Prefeitura de Morro Redondo.

No mesmo ano, em 1988, após a oficialização da criação do novo município, era eleito o primeiro prefeito da cidade de Morro Redondo, Valdino Krause e seu vice Antônio Bandeira. Valdino Krause já fora subprefeito,

Administrador distrital no período em que Morro Redondo ainda era o 8º distrito de Pelotas⁴¹.

2.2 A religião como organizadora social

A grande maioria das cidades brasileiras nasceu e se desenvolveu através da influência ou anuência de agremiações religiosas, sobretudo católicas. Nas regiões de colonização pomerano-alemã, entretanto, a religião organizadora foi a de confissão Luterana, o que se deixa perceber pela forma como urbanisticamente esses núcleos se organizaram: a igreja, a prefeitura e a praça.

A religião, com efeito, não é somente um sistema de ideias, é antes de tudo um sistema de forças. O homem que vive religiosamente não é somente o homem que se representa o mundo de tal ou tal maneira, que sabe o que os outros ignoram; é antes de tudo um homem que experimenta um poder que não se conhece na vida comum, que não se sente em si mesmo quando não se encontra em estado religioso (SANCHIS, 2011, p.41).

Na lógica de uma cultura portuguesa de tradição católica, transpor a religião para a colônia americana era também impor vínculos e aculturações tão bem demonstrados pela historiografia do Brasil colônia. A vinculação com a Igreja Católica é simultânea à chegada dos portugueses, pois o interesse na colonização das terras “descobertas” vem acompanhado com o direito oficial de evangelização, formatado pelas estreitas ligações entre Portugal e a Igreja católica Apostólica Romana. Em 1456, é lavrada a bula que criava o regime de Padroado, ou seja, o rei de Portugal tinha o poder de administração e organização da Igreja em seus domínios, podendo construir igrejas, nomear bispos e padres (MOESCH, 2007). Concebida como religião de Estado, a Igreja católica aparece já na Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 1824; além disso, no seu 5º artigo, descreve que todas outras religiões

⁴¹ Jornal à Tradição, 2013.

serão permitidas, no culto doméstico, ou particular em casas destinadas, sem forma exterior ao templo.

No dia 7 de julho de 1812, por alvará, o príncipe Regente D. João criou a Freguesia de São Francisco de Paula e, já em 1848, através da bula *Ad Oves Dominicasrite Pascendas*, o Papa Pio IX criou o bispado de São Pedro do Rio Grande do Sul, que tinha sede em Porto Alegre.

O catolicismo local se manifestava no espaço público em Pelotas a partir da articulação do Vigário Felício Joaquim da Costa Pereira e do Capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, que, sem mesmo aguardarem por uma decisão do poder central da Igreja Católica, em 1813, iniciaram a construção de uma capela nas terras do capitão, acometida por incêndio em 1826, reconstruída em 1853 (CARVALHO, 2014, p.17). Mas essa manifestação de crença e fé era igualmente cultuada no privado, conforme afirma Barreto (1916), ao falar das expressões domésticas de religiosidade como oratórios e pequenas capelas.

Em 1910, no dia 15 de agosto, o Papa Pio X, através da bula *Praedecessorum Nostrorum*, eleva Porto Alegre a Arcebispado, criando assim mais três dioceses, as de Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana. A diocese⁴² de Pelotas era formada pelas seguintes paróquias: Arroio Grande, Bagé, Boquete, Cacimbinhas (hoje Pinheiro Machado), Canguçu, Cerrito, Conceição do Boqueirão, Estreito, Jaguarão, Lavras, Mostardas, Pelotas, Piratini, Povo Novo, São José do Norte, Santa Isabel, Santo Antônio da Boa Vista, São Lourenço, São João Batista do Herval, São João batista da Reserva, São José do Patrocínio, Rio Grande, Santa Vitória e Taim (BARRETO, 1916). Assim, o cristianismo mostra-se integrado aos primeiros moradores da região, não somente com relação à fé, mas também com responsabilidades da igreja no que diz respeito aos atos civis de registros, batismos e casamentos, organizadora da sociedade cumprindo papéis que posteriormente foram outorgados ao Estado.

⁴²No ano de 2010, a Diocese de Pelotas comemorou seu centenário, um ano depois, no dia 13 de abril de 2011 é elevada a Arquidiocese pelo Papa Bento XVI.

Com a chegada de colonos imigrantes da Alemanha e da Suíça, em 1823 e 1824, o luteranismo aporta em terras brasileiras⁴³. Conforme Silva (2011), o incentivo dado pela Imperatriz Leopoldina, esposa de D. Pedro I, aos imigrantes alemães, foi fator fundamental para tal movimento.

Na região de Morro Redondo, os aldeamentos formados por famílias de portugueses se concentraram na localidade denominada “Passo do Valdez”. A esses sucederam italianos, poloneses, alemães, prussianos e pomeranos.

Figura 13: Morro Redondo- Afonso Pena, São Domingos e Colônia São Pedro.



Fonte: Prefeitura Municipal de Morro Redondo

O processo de imigração, principalmente o germânico, estava baseado em pequenas propriedades rurais, resultado do interesse do governo imperial

⁴³A história da colônia germânica no Brasil, do século XIX aos primeiros anos do século XX, tem sido dividida em três grandes períodos que diferenciam os grupos de imigrantes entre si. O primeiro período se dá em 1824 com a chegada de famílias de agricultores e camponeses. O segundo grupo chega ao país em meados do século XIX, com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849. Seus integrantes eram militantes liberais e representantes da intelectualidade e a terceira leva de imigrantes é composta de artesãos e operários forçados a sair da Europa em razão das crises do começo do século (SANTANA, 2010, p.236).

em instalar agricultores livres “civilizados” nas regiões não ocupadas de propriedade do Estado, a partir de 1824 (SEYFERTH, 1993). Conforme relatado anteriormente, a chegada, em 1886, de famílias de imigrantes vindas de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, foi devido às más condições que encontraram naquele local. Em Pelotas, eles implantaram moradias na região denominada São Domingos, denominação em homenagem ao mineiro Domingos José de Almeida⁴⁴.

Conforme o Relatório da Intendência Municipal de Pelotas de 1922, apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Dr. Pedro Luís Osório, a Colônia de São Domingos possuía, em 1900, 11 lotes com cinco famílias de origem alemã e italiana, somando 26 pessoas⁴⁵. No local, havia sido construída, em 1892, a primeira comunidade evangélica, denominada Comunidade São Domingos. Por causa da inauguração da igreja ter ocorrido em 3 de dezembro (domingo) de 1905, dia em que é celebrado o primeiro domingo do Advento, ela passou a ser chamada Igreja ou Comunidade do Advento (Jornal A Tradição, 18 dez, 1998).

A instalação dessa comunidade luterana em um contexto de forte predominância católica segue um percurso iniciado em outros locais de colonização germânica, como as regiões ao norte de Porto Alegre, considerando-se algumas singularidades próprias de cada local. Através do relato de Ullrich (1999), percebe-se a preocupação das autoridades eclesiásticas no ordenamento moral dos colonos locais, buscando constituir elementos reguladores da vida civil como no que se refere ao casamento. O autor diz que:

Das colônias locais apenas algumas foram colonizadas por novos imigrantes. A frequência do concubinato se deve também à falta de uma real legalização do divórcio. A atual lei de separação não concedeu aos separados a liberdade de casarem novamente. A separação total somente será pronunciada perante erros orgânicos das pessoas incriminadas, quando as mesmas requererem a separação durante os dois primeiros anos de casado (ULLRICH, 1999, p. 9).

⁴⁴ Domingos José de Almeida foi político e charqueador.

⁴⁵ Intendência Municipal de Pelotas. Off. do Diário Popular, Pelotas, 1922.

No que diz respeito à questão do casamento, ainda existiam diferentes visões e conflitos, tanto para aqueles que seguiam a doutrina protestante quanto para os católicos. Isso é observado no caso relatado pelo jornal “A Federação”, do dia 8 de junho de 1895, cujo título “Grave abuso” se referia a críticas ao vigário de Canguçu, que foi a Morro Redondo e efetuou, “sem formalidades e dispensando a precedência do casamento civil”, o matrimônio de cinco cidadãos (cinco casais), o que, conforme o periódico, implicava em gravíssimo atentado contra a lei e contra a moralidade. Nas palavras do vigário, “o casamento civil era uma bobagem sem valor algum e só instituído para dar o que comer aos ociosos que viviam de ilaquear a boa fé dos pastranas”⁴⁶.

Em Morro Redondo, notamos duas vertentes históricas ligadas ao protestantismo: a primeira delas está relacionada com a vinda, em 1886, de várias famílias de Blumenau, que, conforme o Pastor Klaus Meirose⁴⁷ chegam à região de São Domingos onde “adquiriram suas propriedades, construíram seu novo lar e fundaram uma nova Colônia”; e a segunda está ligada ao protestantismo de Imigrantes, principalmente pomeranos, que se instalaram na Picada (Colônia) de São Pedro, na Serra dos Tapes, onde foi criada a primeira Comunidade Luterana do Sínodo de Missouri no Brasil, a Comunidade Evangélica Luterana de São João (IELB).

A primeira comunidade que existia na região de São Domingos prosperou também com a chegada de novos imigrantes vindos da Alemanha e de outras localidades do estado, como São Lourenço e Montenegro. Em 1892, foi fundada a Comunidade Luterana com a denominação de Sociedade Evangélica Escolar Alemã São Domingos, sendo a comunidade atendida por pastores itinerantes que se deslocavam de Pelotas para esse fim.

⁴⁶Lograr, confundir pessoa rústica.

⁴⁷Histórico da Comunidade do Advento – Documento datilografado, conferida a autoria do Pastor Klaus Meirose em 1958.

Figura 14: Igreja Evangélica de Confissão Luterana Advento– São Domingos – Morro Redondo.



Fonte: Acervo Comunidade do Advento

A comunidade de São Domingos tinha sistemas de organização, taxas para o sustento e a manutenção da igreja, provimento das condições de vida dos pastores, incluindo seus proventos e muitas reformas no templo eram realizadas por próprios moradores. A Igreja cumpria um papel de organizador da comunidade, atuando na formação das crianças pelo ensino, na criação de escolas, na participação de moradores como educadores, em ocasiões em que se tornava excessivamente custoso o pagamento de professores externos, e até mesmo na gestão do cemitério local, para a qual foram instituídas taxas referentes aos ofícios de sepultamento.

Figura15-16: Igreja da Comunidade de São Domingos – Advento -1933 e 2017.



Fonte: Acervo Comunidade do Advento- Acervo do autor – 2017..

No ano de 1905, no dia 12 de fevereiro, era lançada a pedra fundamental do prédio da Igreja do Advento, inaugurada no mesmo ano, no dia 3 de dezembro. O Conselho Superior Evangélico do Barmen⁴⁸, Alemanha, doou dois sinos e a Associação Gustavo Adolfo⁴⁹ doou um órgão

⁴⁸Barmen é um distrito da cidade de Wuppertal, na Renânia do Norte-Vestfália, Alemanha.

⁴⁹Associação\Obra Gustavo Adolfo "GustavAdolf-Verein", surge por volta da década de 1830,inicialmente na região da Saxônia, através de líderes da igreja, professores universitários, comerciantes e empresários que buscavam motivar a população na questão do auxílio das minorias evangélicas na região. É escolhido como símbolo da instituição, o rei Gustavo Adolfo II,rei luterano da Suécia que 200 anos antes ele havia lutado contra tropas católico-romanas durante a Guerra dos Trinta Anos para salvar a Reforma de sua extinção. A

marca Schiedmeier, fabricado em Frankfurt. Já os associados que auxiliaram na construção foram agraciados com uma medalha.

Figura 17: Medalha oferecida para benfeitores da construção da Igreja.



Fonte: Arquivo da Comunidade do Advento

A segunda comunidade, como anteriormente descrito, era formada por imigrantes na Picada de São Pedro. Sua ligação luterana era com o Sínodo de Missouri.

Historicamente, sabemos que, no desenvolvimento da religiosidade luterana no país, acabou-se dividindo-a e formando grupos, entre eles a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil). Dois periódicos são importantes para entender esse processo, o *Der Lutheraner*, editado e organizado pelo Sínodo de Missouri nos Estados Unidos, e o *Kirchenblatt*, editado no Brasil⁵⁰, os quais trazem uma imensa história sobre as origens da comunidade de Morro Redondo.

A religião protestante trazida pelos imigrantes veio a somar com os processos de conversão de fiéis, muitas vezes “abandonados” pela Igreja

Associação, por volta de 1841 amplia sua abrangência por toda a Alemanha e fora dela. As relações e contato entre a Associação e as comunidades evangélicas no Brasil existem desde 1845, sendo que vários tipos de pedidos de auxílio eram atendidos (RIETH, 2007, p. 7).

⁵⁰*Der Lutheraner e Kirchenblatt.*

Católica Romana. Era o trabalho dos missionários, principalmente protestantes vindos dos Estados Unidos da América do Norte, organizados por diversas instituições, de inúmeras vertentes e denominações protestantes, o que foi convencionado chamar-se de “protestantismo de missão”⁵¹, tal como visto no capítulo 1⁵².

Ao falarmos de todo o processo local do protestantismo na região de Morro Redondo, estamos associando-o ao desenvolvimento e às incursões do Luteranismo na região. Mesmo que os primeiros disseminadores da religião (missionários luteranos) argumentassem sobre a não escolha das etnias para o trabalho e o projeto de conversão, na localidade, ser luterano era uma designação de ser descendente de alemães.

Figura 18-19: Casamentos na Comunidade Luterana de Morro Redondo.



Fonte: Comunidade do Advento.

A cidade de Morro Redondo também apresenta representantes da Igreja Evangélica Luterana Independente/IELI, como a Igreja Evangélica de São Marcos (Figura 20), ligada à Sociedade Escolar de Morro Redondo, que

⁵¹ Torna-se importante citar que autores creditam a característica das primeiras igrejas luteranas no Brasil, tanto do Sínodo Rio-Grandense como do Sínodo de Missuri como igrejas de imigração. Segundo Marlow: “...pois mesmo que não defendesse o germanismo como de sua esfera de atuação e propagação, suas atividades mais efetivas realmente se realizavam, ao menos até a segunda Guerra Mundial. (MARLOW, 2013, p. 62))

⁵² Dos esforços do protestantismo de missão resultaram inúmeras denominações: congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, adventistas (DREHER, 2001).

foi fundada em 5 de maio de 1903, por 13 sócios. Por volta de 1949, foi construída a igreja, restaurada em 2008.

Figura 20: Igreja Luterana Independente de São Marcos – Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Autor. 2020.

Pode-se verificar a existência de vários atores que, em Morro Redondo, foram fundamentais para o desenvolvimento e o desenrolar de uma história local. Essa história pode ser relacionada e descrita, assim como em diversos locais, tendo como atores sociais os imigrantes, que vieram em busca de melhores condições, e os representantes da fé, missionários que buscavam evangelizar a comunidade.

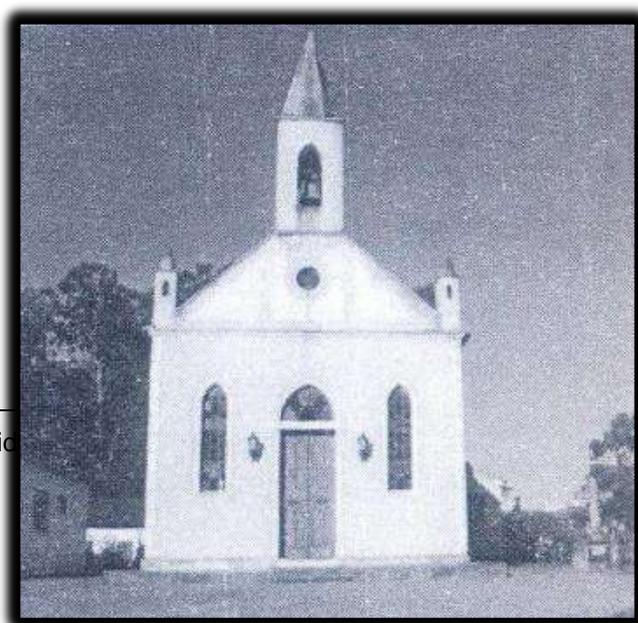
2.3 As primeiras incursões luteranas no começo do século XX

A região de Pelotas foi como mostramos anteriormente, erguida sobre as características e os vínculos da religião Católica Apostólica Romana, fortemente associada com uma política de Estado. Já as demais religiões estavam relacionadas a pequenos nichos localizados, sobretudo, na área rural do município.

Sou de opinião que práticas no campo religioso se internalizam profundamente na mentalidade, na forma de ação das pessoas. Isso porque a religião é a coisa mais importante da vida das pessoas, porque na religião se decide não só o aqui e agora, mas o futuro, a própria eternidade. E assim, formas de ação no campo religioso se refletem em outros campos. Inclusive no campo da política e da cidadania (RENÉ GERTZ – Evangélico-luteranos no Brasil e cidadania - 2007).

Na região de Morro Redondo, a comunidade católica local surgiu graças ao incentivo dos Srs. Joaquim Caetano (o português), Humberto Bertoldi e Eusébio Cantarelli, sendo que as missas eram realizadas na casa do Sr. Joaquim. Em 1907, registrou-se a doação de um terreno para a construção da capela e, já em 1924, ocorreu a primeira visita do bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Mello. A data de construção da capela do Nosso Senhor do Bonfim é uma dúvida, mas foi reformada e aumentada na década de 1940⁵³.

Figura 21: Paróquia Nossa Senhora do Bom Fim –Morro Redondo.



⁵³O Centenário da Arquid

(187).

Fonte: O Centenário da Arquidiocese de Pelotas.

A partir de 1824, no Rio Grande do Sul, inicia-se a chegada de colonos alemães, em sua totalidade destinados à colonização agrícola, sendo distribuídos em várias áreas e regiões do estado. Na busca de levar a evangelização ao interior do Brasil, muitas foram as incursões que buscaram expandir o luteranismo no sul do país. Em Morro Redondo, tal como já descrito anteriormente, a Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos era assessorada por pastores de Pelotas (pastores itinerantes), sendo que o primeiro nomeado e enviado pelo Sínodo Riograndense foi o Pastor Essig⁵⁴, em 1901. A comunidade, na fase anterior à do pastor Essig, fora atendida pelo pastor itinerante Schenck e o Sr. Paul Hermann, que estava na comunidade como professor, mas também auxiliava nos trabalhos religiosos⁵⁵.

Através dos relatos do pastor Missionário de Missouri, Christian J. Broders, em sua missão pelo Brasil, podem-se observar vários aspectos sociais das diversas comunidades por onde passou. Christian James Broders nasceu no dia 22 de novembro de 1867, em New Orleans, estudou no Concórdia Seminary em St. Louis, Missouri, tendo sido pastor em diversas congregações. No ano de 1898, serviu como capelão militar durante a Guerra

⁵⁴Entre os documentos da Paróquia de São Domingos, temos aqui uma divergência, o trabalho citado como sendo do Pastor Klaus Meirose, de 1958 (Curto relatório Histórico da Comunidade Evangélica de São Domingos), descreve como, após o pedido da comunidade por um pastor ordenado, chegara o Pastor Essig, que teve grandes dificuldades, por “alguns membros desenfreados para desdenhá-lo, incentivados pelos seus predecessores, tornando impossível sua estadia”, assumindo assim o pastor Schenck. Já em dois outros documentos, “O Histórico da IECLB No Morro Redondo” e “Os pastores que atuaram nos 100 anos de nossa paróquia Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Morro Redondo”, está citado que o pastor Schenck fora anterior ao pastor Essig, nomeado pelo Sínodo Rio-Grandense.

⁵⁵ Documentado denominado “Histórico da IECLB no Morro Redondo”, Acervo Comunidade do Advento.

Hispano-Americana, em Cuba, e, com 33 anos, como Missionário do Sínodo de Missouri⁵⁶, vem ao Brasil⁵⁷.

Figura 22: Pastor Broders.



Fonte: BEER, 1925.

O missionário Broders veio para o Brasil atendendo ao “chamamento”⁵⁸ que fora realizado ao Sínodo de Missouri por um pastor alemão, natural de Dossenbach, que fazia, além de um pedido de filiação, a demanda por um pastor que o substituísse no trabalho paroquial de Estância Velha⁵⁹.

Durante vários anos antes de o nosso Sínodo iniciar a obra no Brasil, encontramos notícias sobre a lamentável condição da Igreja entre os alemães no Brasil, visando à abertura de estações

⁵⁶O MissouriSynod foi fundado em 1847, sob a direção do pastor Carl Ferdinand Wilhelm Walther, que, em 1838, havia emigrado da Alemanha para os Estados Unidos da América (KUCHENBECKER, 1998).

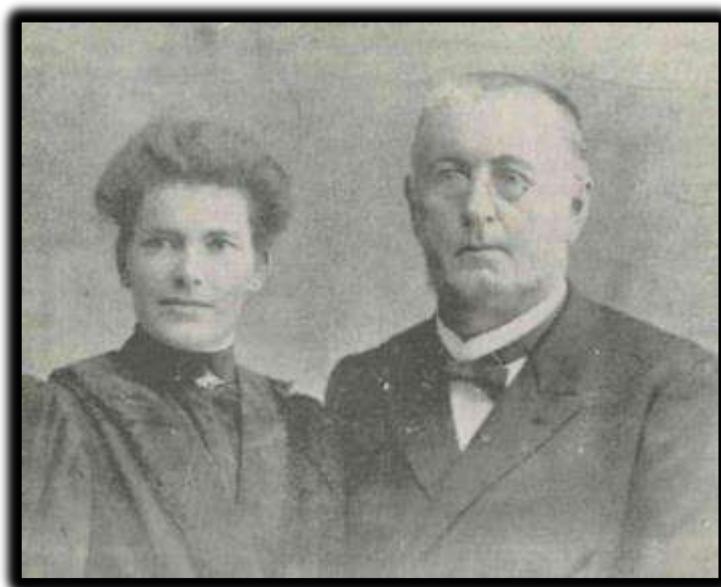
⁵⁷Reverendo Broders foi casado com MathildaSchaeperkoetterBroders (1871-1950) tendo uma única filha, LeonoraBroders (1896-1962). Ele faleceu no dia 27 de novembro de 1932, em St. Louis, Missouri (EUA).

⁵⁸As comunidades organizadas, quando ficavam sem um pastor ou o atual pedia seu desligamento, realizavam chamados\chamamentos, que nada mais eram que “pedidos” aos sínodos, para que esses enviassem um pastor substituto.

⁵⁹DER LUTHERANER, 28.11.1899, p. 218.

missionárias entre eles. Então, quando o Pastor F. Brutschin, um pastor luterano alemão no Brasil, que estava recebendo nossos documentos da igreja, pediu ao nosso Sínodo que enviasse um homem para se tornar seu sucessor, já que ele foi obrigado a se aposentar por causa da velhice parecia estar à mão. Nosso Sínodo, reunido em St. Louis, Missouri, em 1899, aprovou a resolução para iniciar o trabalho missionário no Brasil. Em resposta a um apelo por fundos, que apareceu no *Lutheraner* em novembro do mesmo ano, um amigo desse trabalho doou US \$ 2.000 para permitir que a Diretoria fizesse um começo. A pedido do Conselho da Missão, o Pastor Broders foi convidado a visitar o Brasil, reconhecer o campo e começar a trabalhar. (DAU,1922, p.479)

Figura 23– Pastor Brutschin e sua esposa Maria Catarina Sperb.



Fonte: HUNSCHE, 1983.

O pastor Johann Friedrich Brutschin, natural de Dossenbach na Alemanha, é lembrado por ser cofundador do 1º Sínodo da Igreja Evangélica do Rio Grande do Sul, em 1868, e cofundador do 2º Sínodo Riograndense, em 1886. Em 1903, filiou-se com sua comunidade ao Sínodo de Missouri. O pastor Brutschin foi um organizador e propagador do luteranismo, tendo auxiliado no envio de novos pastores para Pelotas e São Lourenço, que até então eram atendidos por pastores leigos⁶⁰.

⁶⁰Como curiosidade, o Pastor Brutschin era um o 1º pastor formado de Dois irmãos, sendo elecompanheiro de viagem e de naufrágio do Pastor Hunsche, que também celebrou seu

O trabalho organizado pelo Sínodo de Missouri enfrentou muitas dificuldades, sejam elas estruturais, logísticas ou até mesmo de aceitação e desconfiança. Essa não aceitação vinha principalmente de protestantes e missionários alemães, que se mostravam contrários ao projeto de missionários norte-americanos na América Latina, sendo observadas práticas de rivalidade entre eles, tal como se pode verificar no trecho abaixo:

A notícia de que um verdadeiro pastor havia chegado, se espalhou como fogo, e logo as pessoas vieram de longe para ouvir, o "pseudo" temendo que sua própria existência pudesse ser minada se esse tipo de coisa continuasse, começou a espalhar más notícias sobre o nosso trabalho. Já em agosto de 1902, o *Der Reichsbote*, um jornal de Berlim, publicou um relatório que os luteranos de Missouri enviaram pregadores e professores para o Brasil, que foram apoiados por um capital de um milhão de dólares, a fim de espalhar propaganda anti-alemã entre os alemães em Brasil. Apesar de toda oposição, no entanto, o trabalho continuou, e em fevereiro de 1901, o Pastor W. Mahler aliou-se ao Brasil para se tornar pastor da congregação em São Pedro, deixando o pastor Broders para continuar seu trabalho de reconhecimento (DAU, 1922, p. 479).

Pode-se observar o percurso e a chegada dos missionários Luteranos no Brasil através dos periódicos o *Der Lutheraner* e o *Kirchenblatt*⁶¹. Em maio de 1899, o periódico *Der Lutheraner* citava um relatório elaborado sobre os três estados da região sul do Brasil, no qual era descrito que, das cerca de 1.400.000 almas evangélicas, onde sua maioria não tinha “compromisso” com a igreja, além disso: “.... aqueles que eram interessados acabavam atendidos por pastores que se preocupam com a própria barriga, por isso, era necessário o envio de pregadores para anunciar o verdadeiro evangelho”⁶².

Alguns meses depois, o mesmo periódico ainda citava que, no Brasil, não existia a educação cristã, o que proporcionava o possível fim da verdadeira fé luterana e que “se a juventude não fosse instruída, não haveria futuro”⁶³. Em

casamento. Veremoso Pastor Hunscheno segmento de Nova Petrópolis (HUNSCHE, 1983, p. 43).

⁶¹ Os periódicos são encontrados em arquivos digitais – *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt Fur Sud-Amerika* – <https://dokumente.ufpr.br/acervo/de/collections/1884/49406>, e o *Der Lutheraner* em: backluther.blogspot.com/2013/05/der-lutheraner-plain-text-online.html.

⁶² DER LUTHERANER, 05/05/1899, p. 83.

⁶³ DER LUTHERANER, 11/07/1899, p. 125.

janeiro, descrevia, sob o título de “Missão na América do Sul”, que o Pastor Broders, que até aquele momento era encarregado de seu trabalho em Scrantos, Missouri, tinha recebido a chamada para o trabalho no Brasil, iniciando sua viagem missionária no mês de fevereiro⁶⁴. Dois meses depois, era informado que, após o pastor Broders ter iniciado sua viagem em 19 de fevereiro, o navio no qual viajava enfrentou tempestade violenta e foi danificado, tendo que ser rebocado de volta a Nova York⁶⁵.

As incursões dos missionários eram repletas de dificuldades, sempre acompanhadas pela ajuda de moradores locais, sendo os caminhos percorridos a cavalo, como relata o Pastor Broders, na ocasião de sua ida a Estância Velha, atendida pelo pastor Brutschin:

Às 8 horas da manhã levantamos e fomos junto com o pastor Brutschin e a sua fiel companheira com os cavalos. Num trote rápido passamos pela cidadezinha. Os pés de palmeira estavam com suas copas caídas. Os pés de laranjeira convidavam-no para saboreá-los assim como seu cheiro agradável. Eu estava perdido neste clima tropical. Pouco a pouco alcançamos o morro. O meu cavaleiro gemia carregando o meu peso, que não era pouco. P Broders não é tão leve (DER LUTHERANER, 1900,p. 244-246).

Em 1903, o periódico *Kirchenblatt* fazia uma breve descrição das dificuldades encontradas no trabalho missionário no Rio Grande do Sul e relatava aos seus leitores:

[...] esclarecemos que não dispomos de meio de transporte, tendo de fazer todas as viagens a cavalo. Alguns de nós viajamos por cinco horas ou mais para chegar aos locais de pregação, isso sobre caminhos muito difíceis, íngremes montanhas, rios, pedras e banhado .(KIRCHENBLATT,1904,p.50-52).

Posteriormente é relatado, no mesmo periódico, no texto “Como está a nossa missão no Brasil?”, que o pastor Broders, por imprevistos na viagem, chegara dia 21 de março ao Rio de Janeiro e, no dia 28 de março, já estava

⁶⁴ DER LUTHERANER, 09/01/1900, p.23.

⁶⁵DER LUTHERANER, 20/03/1900, p. 88.

em Novo Hamburgo, onde residia o pastor Brutschin, este já em idade avançada, próximo de sua aposentadoria⁶⁶.

São relatadas nas edições seguintes percepções do Pastor Broders sobre suas incursões pelo interior, pouco animadoras por diversas características que tornavam inviável a missão para aquelas comunidades. Conforme relato de Rehfeldt (2003), desiludido com o que encontrara no Brasil, o pastor Broders foi para Pelotas, rumo ao porto visando a retornar ao seu país e, nessa cidade, encontrou um homem (Sr. Stein) que chegava da Colônia São Pedro para negociar produtos coloniais. Tal comerciante, sabendo da condição do Pastor, leva-o ao encontro de August Gowert, prussiano leigo que atendia a comunidade de Morro Redondo e que, conforme o periódico *Kirchenblatt*, era:

Homem de fé, sempre esteve à frente, preocupado com sua comunidade, quando da chegada do pastor Bródios na região, onde fizera pesquisa sobre campos missionários no estado, Sr. Gowert foi o responsável para avaliar o teor da pregação e da pessoa de Broders, cuidadoso por causa de recentes pregadores de seitas que na comunidade haviam passado (KIRCHENBLATT, 1911, p. 52).

Já na edição de nº25 de 1900 do *Der Lutheraner*, com o relato intitulado “Uma experiência compartilhada com a nossa missão no Brasil”, o pastor Broders escreve, em carta de 2 de julho, que havia encontrado “*I struck oil, some the finest quality*”-*Achei petróleo, alguns da melhor qualidade!* (Livre tradução do autor), ou seja, uma comunidade com todos os requisitos favoráveis para o trabalho⁶⁷.

Agora Deus o colocou no lugar certo onde fundou a 1ª congregação verdadeira evangélica luterana composta de 17 famílias. As 17 famílias, na grande maioria eram pomeranas (DER LUTHERANER, 1900, p. 389-390).

⁶⁶ DERLUTHERANER, 24/07/1900, p.230-231.

⁶⁷ DER LUTHERANER, 11/12/1900, p. 389-390.

Figura 24: August Gowert.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

Em seu livro *Ebenezer*, o escritor e pastor pomerano radicado nos Estados Unidos da América, William Herman Theodore Dau, detalha outros importantes relatos relacionados com a primeira incursão dos luteranos no Brasil, principalmente em Morro Redondo. Ele descreve o trabalho do Sínodo de Missouri de 1847 a 1922, citando que o Pastor Broders estivera em vinte e cinco paróquias no sul do Brasil, não encontrando em nenhuma delas um pastor luterano ordenado. Nas palavras de Broders, conforme Dau (1922), “as igrejas eram servidas por vagabundos espirituais”, chamados “pseudos pastores”, geralmente personagens inescrupulosos, que faziam muito mal e pouco bem.” (DAU, 1922, p.491).

O autor também salienta a importância de August Gowert para a comunidade e para a aceitação do trabalho evangelizador do Pastor Broders no local: “Sr. Gowert, um piedoso e devoto luterano, que era

chamado de *Mucker*⁶⁸ por conta de sua piedade para com outros, o pastor Broders estabeleceu a primeira congregação em São Pedro, Rio Grande do Sul” (DAU, 1922, p. 491).

Diferente das experiências anteriores do pastor Broders, em sua peregrinação por diversos locais no interior do Rio Grande do Sul, onde observara a forte participação dos pseudo pastores, em Morro Redondo, na colônia de São Pedro, a comunidade que ele encontrara não tinha no Sr. Gowert um pastor, mas, sim, um representante, um líder protestante da comunidade.

Figuras 25-26: Comunidade Evangélica Luterana São João em Morro Redondo.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Em dezembro de 1900, o *Der Lutheraner* descreve a fundação da primeira Congregação “verdadeiramente evangélica Luterana”, na matéria com o título “Uma experiência compartilhada com a nossa missão no Brasil”⁶⁹, informando que, na Colônia de São Pedro, a Comunidade Evangélica Luterana São João era composta por 17 famílias, em sua maioria

⁶⁸A definição Mucker, relatada por Dau, tranz uma concepção diferente daquela que faz lembrar, no Estado do Rio Grande do Sul, o caso da Revolta dos Muckers, ou a Campanha do Morro do Ferrabrás, conflito ocorrido entre 1873-74, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, relatado no Livro do padre e historiador alemão Abrósio Schupp.

⁶⁹Der Lutheraner, p. 389-390 de 11/12/1900, Ano 56, nº 25.

pomeranas e 4 famílias teuto-russas, que “já tinham o costume do culto e da leitura aos domingos”⁷⁰.

Na colônia São Pedro, alguns meses depois, segundo o *Der Lutheraner*, já era inaugurado um novo templo em alvenaria, com salão paroquial, onde também era sediada a escola local. Dois quartos espaçosos serviam como moradia para o pastor. Na entrada, havia uma cruz e, compondo o mobiliário, constavam mesas, toalha de altar, candelabros e elementos que pertenciam à própria congregação. Nessa mesma edição, o periódico traz a seguinte descrição sobre esse momento:

[...] da fé que o sul do Cruzeiro do Sul no Brasil estava se vendo muita “Uma enorme multidão participou e podia-se ver os rostos dos irmãos alegria. Nenhuma nuvenzinha escurecia o céu, mesmo sendo esta época de chuva. De perto ou de longe os fiéis luteranos das comunidades mencionadas e com a congregação se alegravam muito. Muitas lágrimas corriam, muitas orações ao céu subiam, quantos agradecimentos silenciosos não foram ditos (DER LUTHERANER, 1900, p. 389-390).

O periódico também descreve que, no decorrer do trabalho do Pastor Broders, aumentava a participação de membros nos cultos, além da participação de jovens e crianças, e que ele se sentia muito amado, e sua confiança e atenção aumentara junto aos irmãos de fé, tanto que a congregação resolveu adotar o hinário⁷¹ utilizado pelo pastor.....

⁷⁰Antes de Broders chegar à região, foram Michael Haetinger, por volta de 1892, e Wilhelm Sudhaus, por volta de 1900, os pastores do Sínodo Rio-Grandense que atendiam essas comunidades (WITT, 1996, p. 126s, 128 e 160).

⁷¹Hinário: Livro contendo letras de músicas e canções adotadas para o culto.

Figura 27: Altar e parte interna-Comunidade de São João em Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

O Pastor Broders permaneceu na comunidade de São João de São Pedro por um ano, tendo sido substituído pelo pastor W. Mahler de Stark, que aceitara o chamado⁷² da comunidade, no dia 22 de janeiro de 1901, partindo dia 20 de fevereiro com a família, de Nova York para o Rio Grande do Sul, para assumir a paróquia de São João e dar sequência ao projeto missionário⁷³.

Figura 28: Pastor Mahler.



Fonte: BEER, 1925.

⁷³DER LUTHERANER,22/01/1901, p.87.

O Pastor Carl Wilhelm Gustav Mahler⁷⁴ também tinha sua origem no Sínodo de Missouri e, além de seu trabalho na Colônia de São Pedro (Comunidade de São João), em Morro Redondo, fora pastor também da primeira congregação de Porto Alegre, fundada em 1902. Criador e editor do periódico *Kirchenblatt*, em 1903, e, quando da fundação da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), em 24 de junho de 1904, foi eleito seu primeiro presidente, função exercida até 1910 e por sua sugestão a sede da Igreja no Brasil ficaria localizada em Porto Alegre. Antes de retornar aos Estados Unidos, em 1914, foi por dois anos professor do Seminário Concórdia, em Porto Alegre⁷⁵.

Desta forma, se o primeiro pastor da Comunidade de São João em Morro Redondo, Pastor Broders, é alçado como o grande pioneiro, o segundo pastor da Comunidade, o Pastor Mahler, foi vital para o desenvolvimento da congregação por todo o estado do Rio Grande do Sul.

2.4 Memórias: Os lugares sob a visão dos missionários luteranos

As seguidas excursões relatadas nos periódicos e documentos paroquiais, do final do século XIX e início do século XX, são fontes importantes sobre a experiência desses pastores e missionários e suas impressões sobre o Sul, de forma mais ampla, e Morro Redondo, quando ali se instalavam. O contexto social, geográfico e cultural da região aparece nos relatos desses religiosos, sempre permeado por uma visão que se apresenta norteadada por critérios e valores, sejam eles germânicos ou norte-americanos.

Duas fontes foram tomadas como principais, a dos missionários do Sínodo de Missouri, da Comunidade de São João e dos pastores da Comunidade de São Domingos. Podemos assim caracterizar as impressões

⁷⁴Pastor nascido em Polkwitz, Alemanha, em 16.11.1870, e falecido em 22.01.1966. Fonte: <http://www.ielb.org.br/a-ielb/?id=2050>

⁷⁵IELB –Igreja Evangélica Luterana do Brasil - <http://www.ielb.org.br/a-ielb/?id=2050>

do local, dos antigos moradores, seus hábitos, seus comportamentos, conforme a visão dos pastores e missionários.

Torna-se importante salientar, como anteriormente descrito, que os missionários que vieram ao Brasil já contavam com informações advindas de relatórios sobre algumas situações características da região, ficando notório que o Brasil era um campo para o serviço missionário de difusão da doutrina religiosa. Ao mesmo tempo, é através dos relatos observados *in loco* que notamos o aprimoramento dos detalhes sobre a vida das comunidades locais. Vemos que, por inúmeras vezes, os relatos são gerais, abrangentes, já que os missionários percorriam diversos locais, descrevendo suas experiências e principalmente o que viam, enquanto outros apontamentos falam diretamente a respeito de comunidades em particular, revelando um conhecimento mais detalhado.

Os relatos podem ser observados melhor quando compreendidos através de segmentos, como a situação econômica local, os costumes e sua relação direta com a religiosidade, o trabalho, os conflitos, as informações que revelam um olhar detalhista e, ao mesmo tempo, crítico desses primeiros pastores. Essa descrição inicial pode servir como comparativo das características e diferenças de outras comunidades e colônias no estado.

Desta forma, podemos ver, quanto às informações do Pastor Broders, no *Der Lutheraner* do dia 24 de junho de 1900, com o título “Como está nossa Missão no Brasil?”, a descrição de suas primeiras experiências e considerações do que encontrara no Estado⁷⁶. Tal descrição inicia após sua chegada em Novo Hamburgo e contemplam comentários e explicações das duas comunidades atendidas pelo pastor Bruschin, a da própria cidade de Novo Hamburgo e de Estância Velha (cidade vizinha), os quais servem como comparações, pois demonstram situações desfavoráveis, diferente do que mais adiante o pastor encontrará em Morro Redondo.

Quanto às dificuldades dos imigrantes, o pastor Broders descreve que “a situação de trabalho no Brasil tem momentos bons e momento difíceis, cada um tem um pedaço de terra, mas o dinheiro falta.” Em conjunto a isso, revela um relato que recebera de morador local no qual afirmara que, para

⁷⁶ DER LUTHERANER, 24/07/1900, p. 2310-231.

aquele que realmente fosse trabalhador, não passaria fome ou frio, mesmo assim o máximo que conseguiam era o pão e o sol, desaconselhando aos demais interessados em imigrar, com o aviso de que “quem ainda pode suportar, permaneça em casa”⁷⁷.

O pastor Broders compara a situação com a dos colonos norte-americanos:

[...] é muito pior, o comércio é uma tristeza, o país passa por um comércio em crise. As casas sólidas estão falidas. O dinheiro mil réis não vale nem 54 *cents*, mas os 15 *cents* valem só a terça parte. Com isso gera-se insegurança. O país e o povo estão numa economia instável e não podem ter tranquilidade em casa. Eles estão perdidos (DER LUTHERANER, 1900, p. 231).

Quando o relato do pastor se aproxima dos aspectos religiosos, nota-se como as críticas eram contundentes no que diz respeito aos costumes e ao dia a dia do imigrante local. Assim, o pastor diz que “são pessoas que leem pouco, fazem algumas contas, não possuem uma educação cristã. Em todo mundo é assim, e vale para todo mundo se a juventude não for instruída, não há futuro”⁷⁸.

De acordo com o relato do Pastor Broders, tudo aquilo que pertencia à Igreja estaria bastante “turvo” e “o povo alemão” somente seguia os aspectos da diversão, citando o domingo como dia de danças e bailes que acabavam em brigas de faca, e finaliza citando que “o clima tropical influenciou os alemães a ter este comportamento mundano e não os aproximou da religião”.

Nota-se, a partir das descrições, que para o pastor norte-americano há um fator étnico que justificaria a falta de participação dos sujeitos na igreja, o que fica evidenciado quando se refere aos locais com “os alemães, que tinham muita afeição ao vinho doce e bebidas agradáveis”. O clima é igualmente um fator que, na visão do pastor, influencia comportamentos negligentes, o que em muito se assemelha aos quadros descritos pelos viajantes estrangeiros, sempre comparativos ao hemisfério norte

Poderiam se extravasar nestas coisas perniciosas, a bagunça começa no sábado e vai até domingo pela manhã. E o falar, o

⁷⁷DER LUTHERANER, 24/10/1900,p. 231.

⁷⁸ DER LUTHERANER, 11/07/1899, p. 125.

realizar, o descanso nada está direcionado para a igreja. Por esta causa, a falta de vontade de trabalho pela igreja é devida em parte pelo clima tropical e quente, trazendo malefícios no comportamento da segunda e terceira geração dos imigrantes (DER LUTHERANER, 1900, p.244-246).

Conforme descrito anteriormente, podemos ver que, na visão do Pastor Broders e provavelmente do Sínodo que representava, os atos de entretenimento estavam contra os princípios da fé e da evangelização, levando o colono ao mau caminho, e que, segundo o pastor, tais hábitos já estavam disseminados entre os colonos desde a fundação das colônias e como exemplo trazia a colônia de Teutônia, dizendo: “lá há 22 locais de dança e uma igreja evangélica⁷⁹”.

As críticas aos comportamentos locais se estendem ao domínio do cotidiano, até mesmo das festas e comemorações religiosas, a exemplo da que era realizada em comemoração ao aniversário de fundação do templo. Por essa ocasião, o Pastor Broders afirma que, a cada ano, tal comemoração servia de oportunidade para proporcionar três dias de festa e dança até a madrugada. Além disso, enfatiza que os:

[...] detentores da cultura que deveriam estar na luz, estão nas trevas. Como é que se espera numa terra em que a Palavra de Deus é tão escassa, onde os pastores em vez de anunciarem consolo para o povo e o anúncio do perdão, do pecado e da paz, não tem paz nenhuma. Cegos que andam se fortalecendo estas pessoas nesta cegueira. (DER LUTHERANER, 1900, p. 244).

A crítica do pastor missionário pode ser alisada sob vários aspectos, sendo que um deles é o caráter fortemente conservador⁸⁰ do Sínodo do qual é representante. Da mesma forma, podemos destacar que a maioria dos pastores luteranos missionários que vieram para o Brasil, do Sínodo de Missouri, eram descendentes de imigrantes alemães que viviam na América do Norte, e lá, certamente, se habituaram a diferentes costumes daqueles que observavam no Brasil.

Com toda essa descrição crítica no *Der Lutheraner*, o pastor ainda contextualiza argumentando que, apesar de tudo isso,

⁷⁹DER LUTHERANER, 244-246, 07/08/1900, Ano 56, Nº 16.

⁸⁰MENDONÇA; FILHO. Introdução ao Protestantismo no Brasil. p. 30, 2002.

[...]nós devemos pensar que debaixo desta indiferença religiosa, ainda assim, o Evangelho tem poder e pode fazer as pessoas se redimirem. Nós norte-americanos alemães não somos melhores que os sul americanos, nós temos que agradecer que aqui conosco existem outros costumes (DER LUTHERANER, 1900, p.244-246).

Outro aspecto de crítica do pastor Broders pode ser visto inicialmente no relato que fez em uma das suas incursões, nesse caso, na comunidade de São Jerônimo próximo a Porto Alegre, onde o Pastor buscou investir em adesões ao Sínodo de Missouri, mas onde, segundo ele, a vida anticristã do grupo não deixou que aceitassem.

Durante a semana procurei reunir as pessoas que não eram evangélicas e falar-lhes o que era necessário. Não consegui realizar nada. Um falava: “Que eu não tinha nada a ver com escola e religião”. O segundo “Não havia necessidade de cultos todos os domingos, porque os homens jovens iam todos os sábados de noite a bailes”. O terceiro: “Não era para eu falar contra os maçônicos, porque eles são muito considerados e fazem muito bem pela igreja”. O quarto argumentou receoso:” Duas comunidades. Isto não dá, nós aqui já temos muita desunião (DER LUTHERANER, 1900, p.244-246).

Como observado na citação anterior, não eram apenas os bailes, as festas e bebidas que atuavam como fator prejudicial, mas a influência da maçonaria nas comunidades. Segundo o pastor, esse era outro aspecto que impedia o desenvolvimento do processo evangelizador, pois:

[...] também os maçônicos fazem a sua artimanha. Esta instituição no Brasil conseguiu se fortalecer. Em Novo Hamburgo, no morro baixo a três quartos de milha daqui tem duas fortes lojas maçônicas sendo os seus participantes a maioria alemães (DER LUTHERANER, 1900, p.245).

A existência da maçonaria foi o que ele identificou como “ponto mais pesado”, principalmente devido ao envolvimento de maçons entre os alemães. Conforme o relato do pastor, a instituição maçônica estaria presente não apenas nos meios urbanos, mas também em pequenos lugares, e eram bem estruturados, já que “todos os que fazem parte de um órgão público precisam se ligar a eles”.

Como se encontra o Sínodo Evangélico de homens tão negros? Eles vão de mão em mão e mantêm suas lojas. Inclusive um destes

pastores e um mestre de cadeiras. A comunidade do presidente do Sínodo Evangélico está repleta destes irmãos. Morre um católico que era maçônico e o pastor evangélico dá a mensagem fúnebre e o mestre de cadeira se deixa envolver (DER LUTHERANER, 1900, p.244-246).

O motivo de estranheza do Pastor Broders era a influência da maçonaria nas comunidades de descendência germânica. Sabe-se inicialmente que a primeira Loja Maçônica que se instalou no Rio Grande do Sul foi a Loja Filantropia e Liberdade, em 1831, ligada a um periódico chamado de “O Continentino”, em Porto Alegre⁸¹. Ainda, segundo Eliane Colussi (1998), existiu um significativo número de lojas maçônicas no Rio Grande do Sul que trabalhavam em língua alemã nas localidades de Candelária, Porto Alegre, Nova Petrópolis e Teutônia.

Outro aspecto citado pelo pastor Broders está relacionado às dificuldades encontradas pelos pastores no Rio Grande do Sul em relação ao reduzido efetivo de religiosos, “apenas 39 pastores evangélicos que servem 93 comunidades”⁸² e à existência do que Broders chama de “pseudo pastores”, “que fazem coisas terríveis com as almas das pessoas”.

Devido à escassez de pastores nas diversas localidades, as comunidades viam-se contingenciadas a suprir suas necessidades religiosas através de moradores locais, o que o Pastor Broders denomina como falsos pregadores:

Por outro lado, muitos [...] dos nossos irmãos na fé eram servidos de gente perdida que iam para o erro e deixavam-se conduzir ao desvio e contra os dez mandamentos. Esses companheiros tem usado o ofício de pregadores da reconciliação. Jogaram longe e mancharam as comunidades. Esses estragadores de alma trouxeram o talar como prova da sua incompetência. Se eu fosse um espírito errante e um pregador mentiroso eu pensaria somente em comer e beber, era assim os exemplos de pregador para aquela gente. (DER LUTHERANER, 1901, p.195-197)

Observa-se que algumas comunidades, quando recebiam missionários, o faziam de formas diversas, com reações de júbilo, alegria, indiferença ou até mesmo através de ameaças e conflitos. Segundo os relatos nos periódicos, os conflitos eram gerados por inúmeros motivos que

⁸¹ COLUSSI, 1998, p. 154.

⁸² DER LUTHERANER, ANO 56, Nº 15, 1900.

iam de experiências consideradas ruins com antigos pastores, resistência com a procedência étnica do missionário (estranhamento de comunidades de imigrantes alemães com a chegada de missionários luteranos norte-americanos) até mesmo intrigas geradas por aqueles que se sentiam ameaçados em perder o posto de pastor ou professor local. Um exemplo disso é relatado por Broders, no *Der Lutheraner* do dia 25 de junho de 1901, sobre que, em ocasião da incursão em comunidades de São Lourenço, ficara sabendo da fala de um professor local, o qual, ao saber da presença do pastor, havia espalhado entre as pessoas o seguinte boato: “Este americano, eu vou cortar a língua de seu pescoço!”, o que foi desmentido posteriormente pelo professor.

Torna-se importante contextualizar que o Sínodo de Missouri, em sua ampliação missionária, era visto com desconfianças locais provindas dos teuto-brasileiros, principalmente ligados ao Sínodo Riograndense⁸³, principalmente no que diz respeito à germanidade e ao nacionalismo alemão, muitas vezes defendidos pelo Sínodo Rio-grandense. Por outro lado, estas ideias eram respeitadas, mas não consideradas fundamentais pelo Sínodo norte-americano.

Por questões como essas, em 1903, o Sínodo de Missouri era acusado pelo Sínodo Rio-grandense, de servir aos interesses dos Estados Unidos da América e não a interesses alemães, sendo considerada uma ameaça ao germanismo entre a população teuto-brasileira.

No Periódico *Kirchenblatt*, de 1º de novembro de 1903, o Pastor W. Mahler realça algumas das dificuldades advindas das missões dos pastores norte-americanos no sul do Brasil, ao dizer que:

Nós pastores luteranos presentes no Rio Grande do Sul, temos sido alvo de boatos; afirma-se que utilizamos o trabalho da igreja para desenvolvermos atividades políticas secretas, fazendo com que os imigrantes alemães esqueçam a terra natal e voltem seu coração para a América do Norte (KIRCHENBLATT, 1º de novembro de 1903).

83O Sínodo Rio-Grandense foi o precursor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, fundado em 1886 em São Leopoldo. Sempre esteve mais próximo de uma visão ideológica étnica, no caso, o germanismo.

Existiam jornais de língua alemã no Brasil que traziam notícias e especulações sobre essa atuação política de missionários, descrevendo um quadro que era visto pelas comunidades locais como “perigo norte-americano”. Segundo o jornal *Kirchenblatt*, tais afirmações podem ser explicadas facilmente:

[...] está-se acostumado a ver, da parte de pastores vindos da Alemanha, não somente iniciativas relacionadas à igreja, mas também ao caráter político. Espera-se, na Alemanha, que os pastores enviados sejam um apoio ao comércio e indústria alemã, e eles mostraram-se coniventes com essa expectativa. Acostumou-se, portanto, a ver os pastores como cúmplices dos políticos, e não é de admirar que de nós também é esperado o envolvimento político (KIRCHENBLATT, 01 de novembro de 1903).

Associado a esse comentário o periódico enfatiza que os pastores norte-americanos queriam o distanciamento da política e que não promoviam interesses: “Não é amor pela Alemanha nem pela América do Norte que buscamos despertar entre o povo, mas amor pela palavra de Deus!”

Na visão do Pastor Broders, cada “picada”⁸⁴ deveria ter uma igreja, sendo fundamental para o desenvolvimento local. Por outro lado, argumenta que, para aquelas comunidades organizadas, constituídas com um grupo religioso, seria inviável existir mais de uma comunidade na mesma localidade, pois isso traria discórdia e brigas. Essa observação mostra que, segundo as ideias do pastor Broders, tornava-se mais viável ingressarem numa comunidade que ainda não tinha organizada uma igreja, pois isso poderia indicar que tal comunidade estivesse ainda sem lideranças nem disputas, tendo sido esse o quadro que descreve relativo à Comunidade fundada pelo pastor em Morro Redondo.

Conforme vimos no subcapítulo anterior, o pastor Broders inaugurou a primeira Congregação Evangélica Luterana na Colônia de São Pedro, e descreve com pormenores o cenário que encontrara. Em suas primeiras colocações sobre o local, duas características já são destacadas: a predominância de pomeranos na comunidade e a constatação que “no local

⁸⁴Picada: em razão da existência de locais commata densa e relevo acidentado, estradas ali erigidas na época eram chamadas de picadas.

há esperanças, não há nenhum maçônico”⁸⁵. No dia 8 de outubro de 1900, Broders aponta características da comunidade formada por pessoas que, segundo ele, “valorizam e sabem preservar a Palavra de Deus com disposição e alegria”, participando voluntariamente dos cultos e educando suas crianças no espírito da igreja.

Na edição de março 1901, o *Der Lutheraner* traz um relato do Pastor Broders datado de 27 de dezembro de 1900, que em carta descreve as festividades do primeiro Natal da Comunidade Evangélica Luterana de São João da Colônia de São Pedro:

Para a Noite Santa Deus nos enviou um tempo maravilhoso. Nós estamos aqui no Brasil em pleno verão. A comemoração estava marcada para as 19 horas e 30 minutos. O sol estava se pondo tranquilo e colorido [...] como bateu alegremente o meu coração quando eu mostrei para o meu Fucks (cavalo) eu vi branquejada a minha pequena igreja no alto do morro repleto de um colorido dourado e bem próximo como se fosse um lugar santo (DER LUTHERANER, 1901, p.69-70).

Figura 29: Igreja da Comunidade de São João – Morro Redondo.



Fonte: BEER -1925.

⁸⁵ DER LUTHERANER, 11/12/1900, p. 389-390.

O relato que faz demonstra como a cultura religiosa era integrada no interior da comunidade através de formas ritualísticas, mas também por uma sociabilidade que forjava um sentimento de coesão no interior do grupo social. Em suas palavras, diz que:

Finalmente a noite santa veio com toda a sua alegria tinha se irradiado. As crianças da escola estavam preparadas sob a minha orientação e precisavam se reunir com lamparinas coloridas entre os arbustos em fila e em forma e logo começaram a cantar hinos de louvor: “Eu venho lá dos altos céus”. Entraram na igreja lotada. Uma tal surpresa não era esperada pelos membros da congregação, os cânticos sagrados continuavam na igreja adentro. Onde acomodar todo este pessoal para tomar parte desta festa? Aproximadamente 250 pessoas estavam ali reunidas (DER LUTHERANER, 1901, p.69-70).

Figura 30: Igreja de São João de São Pedro – Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

A carta do Pastor publicada no *Der Lutheraner* termina assim:

Esta é a primeira vez na redondeza que o pessoal pôde conversar e participar de uma comemoração verdadeira de Natal. Que Deus nos dê novas e pequenas comunidades de São Pedro (a congregação compõe-se de 23 famílias) que possam crescer e aumentar, pois uma grande parte nesta região para a missão se abriu. Mais não quero relatar por ora. Um abraço cordial e irmão, Missionário brasileiro: Broders (DER LUTHERANER, 1901, p.69-70).

Já no periódico *Der Lutheraner*, de 25 de junho de 1901, intitulado “Uma viagem missionária no Brasil”, mais detalhes são descritos pelo pastor Broders, principalmente de suas incursões por outras comunidades próximas à Congregação de São João de São Pedro. Em suas viagens a cavalo, o pastor tecia comentários sobre as diversas localidades pelas quais passava, destacando aspectos observados em comunidades pomeranas em São Lourenço:

Estamos na terra dos pomeranos. Nesta região a língua portuguesa ainda não havia entrado. O pomerano permanece com a sua língua mãe. Tudo é alemão. Os bens dotados colonos, das casas bonitas, dos galpões enormes, do gado bem alimentado, de pastagens fartas anunciam que há uma boa situação por aqui, a qual a gente não encontra facilmente no sul do Brasil (DER LUTHERANER, 1901, p. 195-197).

Finaliza⁸⁶ seu relato falando sobre sua primeira comunidade:

A palavra viva será somente vencedora no Brasil se não se deixar enganar. A comunidade de São Pedro é um testemunho fiel. De todas as coisas nós conseguimos desviar as pessoas da maldade. O nosso Sínodo e o nosso trabalho é uma boa nova para o povo do Brasil (DER LUTHERANER, 1901, p.195-197).

Vinculadas à comunidade de São Domingos, encontramos algumas cartas do Pastor Luterano Arthur Adolf Arnoldo Neubert⁸⁷, que fora o 3º

⁸⁶Sobre o relato descrito no periódico, esse termina com a informação do P.Locher: “Dos 5 candidatos que eram certo para o Brasil, 3 aceitaram o chamado para o Brasil. Se Deus desejar no começo de agosto eles iniciarão a sua viagem. somente esta viagem custará 500 dólares e que durante o seu ministério o salário deles serão dados e conseguidos através de ofertas voluntárias dos amados cristãos daqui da América para a missão no Brasil.”

⁸⁷O Pastor Neubert nasceu em 15 de setembro de 1871, em Lissa, na Posnânia. Em um relatório histórico, o Pastor Klaus Mirose – 1958 faz o seguinte relato: “o qual já exercendo

Pastor da Comunidade, tendo atuado anteriormente no sudoeste Africano. O Pastor relata que:

No alto da Serra, aproximadamente sete milhas alemãs de distância de Pelotas, estava localizada a terra fértil, que há 16 anos ainda contava com mata densa, ao pé do Morro Redondo (*Runder Berg*). A floresta se estendia por milhas adentro por ambos os lados da estrada de chão que levava até o interior. O silêncio e a tranquilidade pairavam sobre a paisagem, raramente interrompidos pelas batidas do casco de um ou outro cavaleiro solitário. Intocado pela ávida e pulsante agitação de um mundo arrebatador encontrava-se há séculos este pedacinho de terra. Será que ele também conseguiria escapar da vista daqueles que procuram um lar na longínqua nova pátria? (Pastor Neubert. Álbum *Mit Gott*, Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 1905).

Sobre a formação daquele grupo social o pastor descreve sua origem:

Foi em 1886 quando algumas famílias, motivadas pelas desfavoráveis condições de vida, deixaram para trás as suas moradas em Blumenau, no estado de Santa Catarina e se enveredavam para o sul. Eles direcionaram seus passos até aqui e em pouco tempo encontraram nesta região, a qual era denominada São Domingos pelos brasileiros, uma nova pátria. Rapidamente novos colonos se encontravam, em parte vindos da Alemanha, em parte vindos de outras regiões do Brasil, e tão logo já desabrochava a jovem colônia, a qual tinha acesso muito favorável a Pelotas (Pastor Neubert. Álbum *Mit Gott*, Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 1905).

Mas é numa frase de autoria do pastor Neuber tem que emerge a complexidade vista com um olhar diferenciado e atento da comunidade: “...nem tão favorável, quanto o avanço externo, era o interno. Estava na natureza das coisas, a diferença do caráter e dos costumes.” (Pastor Neubert. Álbum *Mit Gott*, Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 1905)

atividades por longos anos na África, já adquirira sólidas experiências. Já doente, o reverendo Neubert veio ao Brasil em dezembro de 1903 sobre os auspícios da Comunidade Evangélica de Barmen, sob sua orientação profícua, a Comunidade teve seus estatutos reestruturados solidamente, em 12 de fevereiro de 1905 teve o lançamento da pedra fundamental da Igreja de São Domingos, que foi inaugurada no 3 de dezembro do mesmo ano. No dia 4 de junho de 1907 falece o Pastor Neubert, sendo ele sepultado no lado de sua filha Ruth Lydia Julie Hanna Neubert. Na cruz de mármore de sua sepultura contém a inscrição por ele desejada, “Abençoado só com misericórdia”

Figura 31: Tumulo Pastor Neubert-1933. Morro Redondo.



Fonte: Acervo Comunidade do Advento.

2.5 As escolas e os professores

Conforme revelam as fontes pesquisadas, as comunidades evangélicas Luteranas organizadas na região de Morro Redondo sempre tiveram forte preocupação com a educação. Logo, era condição fundamental a existência de escola para os mais jovens, tendo sido a primeira delas na comunidade São Domingos, inicialmente denominada Colégio São

Domingos, escola onde, por muito tempo⁸⁸, as aulas eram ministradas em alemão, sendo os professores membros da comunidade, por vezes pastores ou até o médico local.

Em razão das repercussões da Segunda Guerra Mundial, no período do Estado Novo brasileiro (1937-1945), inicia-se uma campanha de nacionalização visando a diminuir a influência das comunidades de imigrantes no Brasil. Várias medidas foram adotadas e, em sua primeira fase, em 1938, tais medidas repercutiram no campo educacional, impondo a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa, bem como a necessidade de que os professores fossem brasileiros natos ou naturalizados, e que obrigatoriamente as escolas deveriam ter identificações nacionais⁸⁹, logo o Colégio São Domingos passou a se chamar Escola Brasil⁹⁰.

Figuras 32 -33: Primeira Escola em Morro Redondo.1933.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

Ao descrever o tema das escolas e dos professores na região de Morro Redondo, é importante ressaltar alguns aspectos das relações sociais dos grupos formadores do local. Percebem-se aspectos ligados aos grupos

⁸⁸Plano Municipal de Educação. Prefeitura de Morro Redondo,2015.

⁸⁹SEYFERTH, 1999, p. 345.

⁹⁰Atualmente Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim.

étnicos e principalmente aos grupos sociais formadores ou partícipes de uma colônia. Segundo Carl Otto Ullrich,

Quase todas as comunidades possuem uma, assim chamada, colônia-escola (propriedade da comunidade, normalmente presenteada pelo fundador da colônia), sobre a qual se encontram a escola, a moradia do professor, o cemitério e as plantações do referido professor (ULLRICH, 1999, p. 10).

Suprindo esse papel de fornecer o ensino aos membros das comunidades locais, as “escolas alemãs” ou teuto-brasileiras se impuseram e contribuíram para afirmar uma identidade germânica através do compartilhamento de costumes, da preservação da língua, de uma visão do mundo e do “Outro”, tal como afirma Ullrich, ao dizer que

Uma colônia alemã sem escola não é sequer concebível e os colonos consideram de certo modo uma vergonha, quando uma comunidade é forte o suficiente e não providencia a instalação de uma escola. A comunidade anualmente elege uma direção entre seus membros, a qual tem que receber e conciliar eventuais reclamações dos membros da comunidade e do professor. (ULLRICH, 1999, p. 9).

Dessa forma, o ensino era impulsionado por membros da própria comunidade, aqueles aos quais era atribuído maior conhecimento ou capacidade de ensinar aos mais jovens. Da mesma forma, a educação vinculava-se à religiosidade, assim “pseudo autores” além do trabalho religioso acabavam também sendo professores.

Conforme Weiduschadt (2007), os primeiros pastores e professores do Sínodo de Missouri não falavam o dialeto pomerano, pois em sua maioria eram originários dos Estados Unidos. Por outro lado, pastores de outras vertentes religiosas, em sua maioria, provinham da Alemanha, ministrando cultos, ritos, canções e aulas na língua alemã (WEIDUSCHADT, 2007, p. 165). Podemos observar o relato do pastor Broders, no periódico *Der Lutheraner* de junho de 1901, quando de seu contato com comunidade próxima a São Lourenço do Sul, no qual cita essas dificuldades na educação:

Não é verdade, nós não temos um pregador, nós temos somente uma escola fundada pela comunidade. Nesta escola temos um professor que tem uma certa cultura mas que é jóquei em Porto Alegre, ensinando a montar (DER LUTHERANER 1901, p.195-197).

Esse processo de vinculação com a educação também era algo que fazia parte do interesse e das metas do trabalho das missões evangélicas protestantes que vieram ao país. Assim, sobre o Sínodo de Missouri, Weiduschadt afirma que:

[...] O objetivo parece ser claro, o Sínodo mantinha uma preocupação com a missão, em termos de qualidade, não somente em filiar fiéis. Estes fiéis precisavam ser educados e admoestados na fé e doutrina verdadeira. Esta educação, como se apontou, não era só conhecer a doutrina, mas, também, possuir modos de conduta desejáveis que coincidisse com os preceitos do Sínodo. Não importava para a instituição contar com um número pequeno de adeptos, era necessário que esses se adequassem à doutrina pregada pelo Sínodo (WEIDUSCHADT, 2007, p. 108).

A preocupação com a educação, empreendida e propagada como um dos aspectos missionários das instituições religiosas, não estava somente associada com as crianças, mas também aos jovens e ao ensino em geral. Isso é observado no artigo do periódico *Der Lutheraner* de abril de 1902, com o título “Como envolve o caráter pernicioso dos inimigos dos livros religiosos?”, mostrando a preocupação sobre o ensino superior e seus livros didáticos:

[...] estes livros populares estão cheios de ideias evolucionistas. Não somente os livros americanos de geografia, de ciências da terra, ciências das estrelas, dos estudos da natureza, da arte da botânica e da zoologia estão repletos destes vícios. Até os livros didáticos para instruções regulares que a gente não pode impedir que sejam assim. Por exemplo, a história mundial e a história da literatura, também são voltados para a idolatria humana [...] Esta resolução firme de anunciar que a natureza está acima do próprio Deus é total falta de sentido de religião verdadeira. Que se anuncia e se faz mostrar nestes livros didáticos, é um grande perigo para a juventude [...] Para aqueles adolescentes, meus irmãos que isto pode ser desnudado com falsas ideias e que isto

poderá ser modificado na escola particular e na instrução de confirmados.” (DER LUTHERANER, 1902, p. 133-134).

A opinião descrita demonstra as visões e convicções religiosas que faziam parte das ideologias dos primeiros pastores que vinham para o Brasil, pastores que se depararam com uma variedade de aspectos culturais e sociais e pedagógicos totalmente diferentes do que estavam acostumados em seus países de origem. Por esse motivo, renegavam tais características como sendo dignas de moralidade e viam nelas ferramentas extremamente prejudiciais para o desenvolvimento dos jovens.

Conforme já relatado, quando da chegada do Pastor Broders ao Brasil, em seu convívio com o Pastor Brutschin, teve a percepção da realidade na região de Novo Hamburgo ao dizer que:

A escola está péssima. Os que eram apenas lenhadores na Alemanha foram instituídos como professores. A este tipo de gente são entregues as crianças. O povo mesmo não sabe a diferença, para eles está tudo nos conformes. Hoje veio um ex padre com a sua esposa de 16 anos. Veio falar com o pastor Brutschin. Este jovem pretendia assumir uma escola em Novo Hamburgo. O Brasil parece ser o lugar em que se reúne os mais miseráveis entre os povos. (DER LUTHERANER, 1900, p. 230-231).

Já no momento da criação da comunidade de São João, o Pastor Broders fazia algumas considerações sobre essa comunidade, sendo uma delas a de que o Pastor estava autorizado a abrir uma escola particular sem taxa escolar, uma escola livre. Ele escreve que “na escola estão matriculadas 21 crianças em novembro, depois do Natal serão 30, mas que preocupação e serviço custam isto para mim!”⁹¹

A colônia de São Pedro, na chegada do Pastor, já possuía uma pequena escola, mantida pelos moradores, na qual o pastor Broders assumiu a função de professor. Segundo ele, sua atribuição era explicar as histórias bíblicas e cantar canções espirituais, mas, por causa da falta de livros, acabava tendo de explicar mais vezes e escrever os assuntos no quadro da escola.

⁹¹DER LUTHERANER, 11/12/1900, p. 389-390.

Alegro-me, quantas sementinhas que através da escola eu tenho conseguido semear. As crianças são muito queridas, normalmente pergunto-lhes se elas contam as histórias bíblicas em casa. A prezada Comissão pode perceber que estou entrosado com as crianças e propagando com isto o meio. Sim, especialmente queremos missionar na escola e fazer o principal: aumentar o número de membros (DER LUTHERANER, 1900, p.389-390).

Segundo o Histórico da IECLB de Morro Redondo, em 1892 era constituída a Comunidade Evangélica Luterana, denominada Sociedade Evangélica Escolar Alemã São Domingos; em 1893, seus estatutos foram aprovados e, poucos anos depois, em 1895, era construída a própria escola⁹².

Conforme o costume geral do país, buscou-se professores na estrada, e assim um certo Harald Graf Pfeil assumiu como professor. Este ficou por pouco tempo. Ele foi sucedido por um certo Rosier encontrado em Pelotas e este foi substituído ainda no mesmo ano por Paul Herrmann, [...] e ficando em exercício também como pastor. Para muitos membros da comunidade a sua troca gerou contestação e finalmente foi nomeado um eclesiástico ordenado pelo sínodo de Rio Grande. (Pastor Neubert, Álbum *Mit Gott*, Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 1905).

Figura 34: Escola da comunidade-1933.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

⁹²Inicialmente denominada Colégio São Domingos, posteriormente Escola Brasil, nome dado na época da 2ª Guerra Mundial. (RODRIGUES, 1996)

Neste mesmo documento, o pastor Neubert descreve que, apesar da vinda de um pastor ordenado pelo Sínodo Rio-grandense, “de forma impetuosa a comunidade, e para o desdém do pastor, já que está fora educada diretamente por pseudo-pastores, fez com que a permanência do primeiro pastor eclesiástico, o senhor Essig, fosse impossível” (NEUBERT, 1905). Descreve o cenário no qual assumiu o ofício o Pastor Schenk, mas também com “insucesso” e finaliza afirmando que “a esse sucedeu provisoriamente um sapateiro, porém mais uma vez os bons elementos da comunidade se impuseram e fizeram um pedido para a cedência de um eclesiástico sinodal”⁹³, recebendo logo depois o próprio pastor Neubert.

Figura 35: Sala de aula-1933.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

Em outro documento referente à história da Comunidade São Domingos, agora escrita pelo Pastor Sudhaus, de Pelotas, ele informa que, somente em 1919,

⁹³Pastor Neubert- Álbum MitGott, Comunidade de São Domingos, Morro Redondo, 1905.

[...] a comunidade empregou um professor exclusivo para a escola (Senhor Gomoll, boticário). O Sr. pastor Koppelman, que desde então não fornecia mais serviço escolar, colocando à disposição da comunidade a, até então por ele habitada, casa de pastor como casa do professor, comprou para ele, não longe da igreja, uma casa própria. (Relato redigido em Álbum pelo pastor Sudhaus, Acervo Comunidade de São Domingos – Advento, Morro Redondo).

Nesse documento, podemos observar que a característica de não ser o pastor o professor da escola local durou alguns anos, mas, no dia 03 de dezembro de 1930, foi escolhido por unanimidade como pastor da Comunidade de São Domingos Gustav Engelbrecht, enviado⁹⁴ pela comissão da igreja evangélica de Berlim. A ele novamente foram entregues as atividades do ofício paroquial e também os serviços escolares, “já que desde novembro de 1930 o então professor, Sr. Albert Schünemeann, também havia abandonado a comunidade São Domingos” (Relato redigido em Álbum, pelo pastor Sudhaus– Acervo Comunidade São Domingos – Advento, Morro Redondo).

⁹⁴ Este foi instaurado em seu ofício, em 28 de janeiro de 1931, pelo pastor distrital WitzelAllianca – Pastor Sudhaus–Pelotas.

Figura 36: Alunos em sala de aula,1934.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

Alguns anos depois, conforme o documento, notou-se que o número de crianças em idade escolar havia aumentado, levando a comunidade pensar sobre a ampliação do prédio da escola, sendo que a igreja não poderia mais ser considerada como sala de aula, como anteriormente. Em reunião no dia 04 de dezembro de 1932, esta questão foi abordada pela primeira vez e, em 1º de janeiro de 1933, foi determinada a construção de uma nova sala de aula e de uma moradia para o professor, tendo iniciada a construção em 02 de janeiro, tal como se lê no trecho abaixo:

No domingo, 02 de abril de 1933, na presença de autoridades competentes como o Dr. Augusto Simões Lopes, do prefeito de Pelotas Dr. Assumpção e do subprefeito Ernesto Moraes, de toda a comunidade e de muitos convidados, o novo prédio escolar já pode ser inaugurado e estava pronto para o uso. Como professora foi empregada a seminarista formada professora senhorita Ellen Scheffel de Porto Alegre. (Documento da Comunidade de São Domingos, maio de 1933)

Em finais da década de 1930 e início dos anos 1940, durante o Estado Novo, ocorreram vários episódios que alteraram a vida local, como a introdução da luz elétrica iluminando o templo da igreja no Natal de 1937.

Figura 37: Recepção das crianças São Domingos. Pastor Gustav Engelbrecht, 1931.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento.

Em 18 de novembro de 1938, o governo brasileiro editou o Decreto nº 868, criando a Comissão Nacional de Ensino Primário, estabelecendo questões como “nacionalizar integralmente o ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira” e “opinar sobre as condições em que deve ser dado nas escolas primárias o ensino religioso” (BRASIL, 1938, p. 125), fazendo com que, de 1939 até agosto de 1940, a escola da comunidade de São Domingos fosse fechada por ofício governamental.

O viés nacionalista enraizado na política nacional e o início do conflito da Segunda Guerra Mundial resultaram em algumas interdições e obrigatoriedades, sendo uma delas a necessidade, entre 1941 e 1942, de que os alunos da escola participassem da Parada da Juventude em Porto Alegre durante a Semana da Pátria. Neste mesmo ano, para a consternação da comunidade, o Pastor Gustav Engelbrecht foi detido simplesmente “por ser alemão”, conforme o relato no documento redigido pelo Pastor Klaus

Meirose (Histórico da Comunidade de São Domingos –Advento, Pastor Klaus Meirose,1958, Morro Redondo):

Os anos de guerra lavraram profundos sulcos no seio da comunidade. Circunstâncias que de todos são conhecidos, qual seja o uso da língua alemã, na escola e na profissão de fé, abriram com sua proibição um vácuo. Com o ensino oficializado em português, e posteriormente com a liberação do culto em língua alemã, há maior desnível nos entendimentos íntimos de uma só família. Duas gerações, a antiga pelas suas preferências a língua alemã e a nova, pelo português encontram em posições antagônicas na compreensão profunda e comum dos ensinamentos do evangelho. (Histórico da Comunidade de São Domingos – Advento, Klaus Meirose, Morro Redondo, 1958).

Por esse motivo, de setembro de 1942 até agosto de 1943, o senhor Karl Petzold, de Santa Maria, supriu as comunidades da paróquia. Percebe-se que, durante muitos anos, as crianças e os jovens de Morro Redondo dependeram somente dos colégios particulares, ligados às comunidades religiosas locais para conseguirem sua alfabetização, e as dificuldades não cessaram com a criação de colégios locais ligados aos municípios sede. Somente após a emancipação, percebe-se uma estabilidade na área da educação.

Figura 38:Treinamento militar em Morro Redondo.



Fonte: Acervo da Comunidade do Advento

2.6 A sociabilidade

São inúmeros os aspectos que podemos descrever relacionados à sociabilidade da comunidade de Morro Redondo, seja ela restrita a um período de sua história ou ligada à dinâmica das relações sociais, aos padrões culturais ou até mesmo os laços de reconhecimento étnico e religioso. Conforme Jean Baechler (BAECHLER, 1995, p.65-66), sociabilidade é a capacidade humana de abastecer as redes com atividades individuais ou coletivas, fazendo circular as informações que exprimem seus interesses, paixões, gostos e opiniões, sendo eles com os vizinhos, em salões, círculos, mercados, classes sociais, civilizações.

Podemos encontrar grandes similaridades com os exemplos de redes ou espaços de sociabilidade observadas na cidade de Pelotas e seu antigo distrito, mas, por outro lado, ao nos aprofundarmos, podemos encontrar diferenças, já que Pelotas estava envolta em uma vida urbana, enquanto Morro Redondo era basicamente rural. São muitas as nuances que caracterizam a sociabilidade de uma comunidade, tais como a forma como são tecidas as relações interpessoais, as regras de comportamento, os costumes, a proximidade física, a rede de relacionamentos.

Podemos observar, conforme anteriormente descrito, nos relatos do Pastor Broders, nos periódicos *Der Lutheraner* e *Kichenblatt*, sobre as comunidades onde ele esteve, que a sociabilidade se associava a danças e bailes (diversão), que, segundo o pastor, acabavam em violência e brigas: “...isso todos temiam por perder!”, já a igreja era algo secundário⁹⁵. Nas descrições do Pastor, “as bebedeiras e as festas do mundo” estavam associadas a trapaças e discórdias.

No mesmo ano, em agosto de 1900, novamente era divulgada uma carta na qual o Pastor Broders fazia a seguinte consideração:

Nas velhas colônias desde 1823-1858, período que foram fundadas, sempre foi mal a religião. Aqui estão espriados entre

⁹⁵DER LUTHERANER, 24/07/1900, p. 230-231.

os brasileiros o jogo, a diversão e a indiferença. Eu quero apenas mencionar como exemplo o que acontece na velha colônia de Teutônia. Lá há 22 locais de dança e uma igreja evangélica (DER LUTHERANER, 1900, p. 244-246).

A preocupação com os comportamentos sociais estava associada à observância ou não das normas pregadas pela religião, o que se pode verificar no *Kirchenblatt* do dia 15 de dezembro de 1909⁹⁶, quando é descrita a realização de um casamento no dia 26 de setembro de 1909, de dois membros da comunidade de São Pedro, momento no qual os noivos “deram um maravilhoso exemplo à comunidade de que um cristão pode muito bem se divertir e se alegrar sem usar meios pecaminosos como, por exemplo, a dança”.

Dando continuidade, o artigo fala sobre a ideia intrínseca da comunidade de que não existe uma verdadeira celebração do casamento sem baile, mas chama a atenção que: “A dança, porém, como já comprovado anteriormente pelo *kirchenblatt* pertence aos prazeres mundanos” (KIRCHENBLATT, 1909).

Não podemos esquecer que, independentemente de observações desfavoráveis de cunho religioso, sobre algumas formas de sociabilidade local, o próprio ato de ir ao culto já se firmava com uma forma de sociabilidade, uma vez que casamentos, batizados e celebrações criavam laços de relacionamento que aproximavam o grupo.

A professora aposentada de Morro Redondo Rutilda Kruger Feldens lembra que, na região, em sua infância, existiam inúmeros eventos que reuniam os moradores, como os bailes em salões, as matinês e o futebol, mas que as festividades e eventos ligados às comunidades religiosas e as igrejas locais eram sempre constantes⁹⁷. Independente das posições iniciais ligadas às normas e pensamentos religiosos, as comunidades locais criavam diversas formas de sociabilidade, como descreve Otto Ullrich em seu relatório:

A vida social começa paulatinamente a se desenvolver aqui entre nós. Até agora existem três sociedades de atiradores e uma

⁹⁶ *Kirchenblatt* dia 15 de dezembro de 1909, ano 6, nº 24. p.188.

⁹⁷ Rutilde Kruger Feldens, Entrevista concedida ao autor, 24 de maio de 2021.

sociedade de cantores. Uma sociedade de atiradores em São Domingos (Morro Redondo), uma em Santa Helena e outra em Santo Antônio e uma sociedade de cantores em Santa Helena. Já foram decididas outras sociedades de cantores no sentido de também cultivar esse aspecto da cultura alemã (ULLRICH, 1999, p. 10).

Sob a influência do imigrante alemão foram criadas muitas instituições culturais em Morro Redondo, como clubes e sociedades esportivas, tais como o Clube para a prática do “Jogo do Bolão” (*Konigkegeln*) e a Sociedade de “tiro ao alvo” (*Schützenvereine*), sendo que esta última promovia competições, bailes e festas, sendo uma das mais importantes festividades a escolha do rei, na qual era coroado aquele que aceitasse ser o alvo de uma espingarda. As mulheres também participavam, atirando em um passarinho de madeira preso por um cordão em que havia um alvo. O Sr. Osmar Franchini lembra que os eventos do Clube do Tiro ocupavam boa parte do final de semana, sendo que depois do torneio existia a confraternização, na qual eram premiados os melhores atiradores, sendo um deles eleito como o “rei”, sempre em conjunto com um grande almoço⁹⁸.

Figura 39 – Clube de Tiro- Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

Essas sociedades ajudavam a criar na comunidade um espírito de união, além da manutenção dos costumes e, certamente, apesar de muitas dessas associações não expressarem em seus estatutos, tinham a função da

⁹⁸Osmar Franchini, Entrevista concedida ao autor, Dia 03 de junho de 2021.

“preservação de suas raízes culturais, ou seja, a conservação do *Deutchtum*, ou germanismo”. (ASSMANN, 2010, p.39) Exerciam também função integradora local e regional, pois os torneios, competições, festas e bailes do rei, reuniam sociedades de várias comunidades, tal como afirma Assmann (2010, p. 23):

Nas regiões de colonização alemã do RS, as sociedades de atiradores, conhecidas como *Schutzenverein*, marcavam a presença dos imigrantes. As primeiras sociedades de tiro surgiram da necessidade dos colonos de se congregarem para divertimento e lazer, como também, para treinarem com suas armas para a caça e para a defesa de seus lares.

Os clubes eram mantidos por associados e, para fazer parte do Clube de Tiro ao Alvo, tornava-se indispensável que o nome do postulante fosse aceito pelos demais sócios através de uma votação em que eram utilizadas fichas pretas e brancas. As fichas brancas representavam a aceitação e as pretas, sua exclusão (RODRIGUES, 1996, p. 32-33).

Figura 40: Clube de Tiro- Morro Redondo



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

A Sociedade Lírico-Orfeônica (Figura 41) São Domingos e a Banda Farroupilha (fundada no dia 15 de julho de 1935) eram sociedades privadas, mantidas por seus integrantes⁹⁹ que visavam ao cultivo das tradições e dos costumes dos descendentes de alemães, através da música. A Sociedade

⁹⁹Grande parte dessas associações originalmente foram organizadas por núcleos familiares, dessas podemos citar as famílias Hackbart e Kuhn (RODRIGUES, 1996).

Lírico Orfeônica realizava ensaios e festas, tendo um coral masculino e misto (RODRIGUES, 1996, p. 36).

Figura 41: Antigas Instalações da Sociedade Lírica orfeônica. Morro Redondo



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

Em 1959, matéria do jornal Diário de Notícias divulgava a elevação de Morro Redondo a distrito, resultando em comemorações e num grande churrasco, bem como em solenidades realizadas na Sociedade Lírico-Orfeônica São Domingos, “abrilhantada pela orquestra Farroupilha”¹⁰⁰.

Figura 42: Banda Farroupilha-Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

Destacava-se também o “Recreio Familiar” onde funcionava um cinema, sendo também local de inúmeros bailes. O Recreio Familiar foi fundado pelos Srs. Emílio Lang, Dr. Otacílio e Arthur Reinhardt e, diferente das associações descritas anteriormente, não era mantido por sócios, sendo

¹⁰⁰ Diário de Notícias, dia 13 de maio de 1959.

privado e tendo fins lucrativos. Posteriormente, foi adquirido pela família Kutter, sendo o primeiro local da Câmara de Vereadores da cidade e atualmente é um estabelecimento comercial.

São inúmeros os fatores que ajudaram para o fechamento dessas sociedades, tais como o aparecimento de outras formas de diversão, como o futebol, a existência de momentos de repressão das manifestações culturais alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, dificuldades econômicas para a manutenção dos clubes e o distanciamento das novas gerações em relação às tradições e aos costumes (Prefeitura de Morro Redondo, Plano Municipal de Educação, 2015)

Na década de 1940, são criados dois clubes de futebol em Morro Redondo. O primeiro deles é o Grêmio Esportivo Índio, fundado no dia 6 de fevereiro de 1944, através de um grupo de jovens que praticavam o esporte no campo do Sr. Antônio Reinhardt, perto do armazém Reichow. Segundo a história descrita pelo clube, “o armazém era atendido por um vendedor do Café Índio, que vendo aquele grupo de jovens jogando, chamou e ofereceu uma bola de couro, mas para tanto deveriam colocar o nome do time de Índio”¹⁰¹.

Figura 43:Grêmio Esportivo Índio- Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

¹⁰¹ Site Oficial do Clube: <http://geindio.blogspot.com/p/o-surgimento.html>. Seu primeiro Estádio foi construído onde hoje se localiza o Bairro Eurico Fiss, tendo a sua transferência de local na década de 60, quando o clube adquiriu um terreno e começou a construção de seu novo e atual "Estádio das Acácias", localizado na Av. das Acácias. Suas cores são amarelo e preto.

O segundo time da cidade de Morro Redondo é o Grêmio Esportivo Independente, clube fundado no dia 29 de junho de 1949, representado em seu uniforme pelas cores verde, vermelho e branco, e seu estádio chama-se Estádio Paulo Weishann. Outra sociabilidade que cresceu nas comunidades e até mesmo entre os imigrantes era as tradições regionalistas.

O tradicionalismo gaúcho surgiu como uma vertente cultural e social, na década de 1970, com o Centro de Tradições Gaúchas Cancela Grande, que teve seu início com um grupo de alunos da Escola Estadual Nosso Senhor do Bonfim, ao formarem um grupo de Danças Folclóricas Gaúchas coordenadas professora Nara Leite Duval¹⁰². Conforme órgão da 26ª região tradicionalista, o grupo era formado por:

Jorge Antônio Signorini, Clóvis Albuquerque, José Henrique Pereira Bruno, Jorge Kuhn, Valter Feldens, Oto Feldens, Cláudio Feldens, Carlos Hafele, Martha Feldens, Cleonice Thail, Helena Pereira, Doris, Müller Klug, Suzana Müller Klug, Dalva Beatriz Patzlaff e Beatriz Heinhardt. Tinham ainda como gaiteiros: Joaquim Fisher, Adilson Moraes Furtado, Oscar Jung e a Hildegard Müller Klug. (Chaqueiro, Página Oficial Tradicionalista, 26ª Região)

O grupo costumava se reunir para aprender danças gauchescas, fazia apresentações em bailes, escolas e em outros centros tradicionalistas. Durante uma reunião na residência do Sr. Walter Henrique Patzlaff, criaram oficialmente, no dia 11 de março de 1974, o Centro de Tradições, tendo sido o Sr. Walter Henrique Patzlaff seu primeiro patrão¹⁰³.

¹⁰²Jornal A Tradição, 15 de maio de 2015.

¹⁰³ Outros patrões/administradores: Sr. Wilson Waltzer (Paulo Leite); Verno Hackbart; Martin Buttow; Rubem de Souza; Neri Leal; Nadir Fonseca; Cleiton Bender; Ederson Rogério Rosler, Fabiano Muller e Edo Elmar Ropke. Jornal A Tradição, 15 de maio de 2015.

Figura 44:– CTG Cancela Grande-Morro Redondo.



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Morro Redondo.

Os processos de participação de espaços de sociabilidade se caracterizam por diferentes aspectos, ligados pelas variadas relações sociais da comunidade em épocas distintas, mas não devemos esquecer que a sociabilidade fornece e formata diversos significados. Esse laço pode ser visto como uma ferramenta de defesa, proteção e auxílio aos imigrantes que tinham, em sua nova vida, um contexto repleto de dificuldades, podendo-se ver até mesmo como forma de estratégia e sobrevivência.

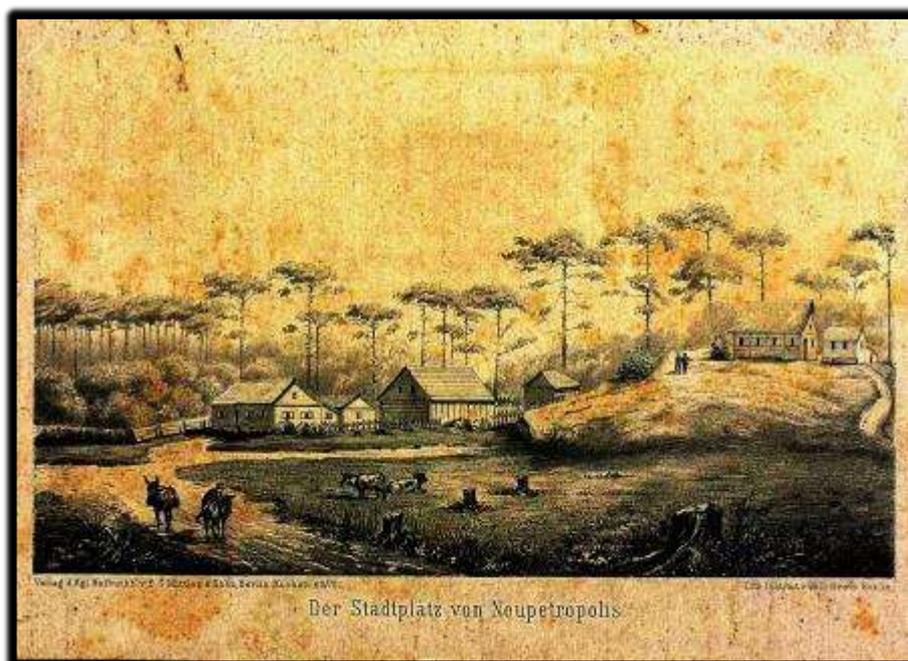
Observa-se que tão importante quanto os aspectos étnicos, que instituem um processo de união das comunidades, a religião também está fortemente interligada nas relações da sociabilidade e formação da identidade. Vários são os momentos em que a religião fornece o espaço para a sociabilidade em Morro Redondo, seja nas escolas que por elas eram administradas ou nas datas comemorativas e festivas. Pelo espectro da religião podemos ver o acesso ao lazer, que formatava a vida cotidiana da região, criando com o tempo uma influência social e, para o fiel, o pertencimento religioso. Essa dinâmica da presença religiosa na sociedade acaba gerando uma construção social, que direciona e molda as pessoas, definindo os papéis que consistem ao grupo.

Após estas informações históricas da cidade de Morro Redondo, passaremos a referenciar o Município de Nova Petrópolis, enumerando seus temas em comum, assim como suas particularidades, permitindo ao leitor uma compreensão mais abrangente sobre os aspectos indicados.

3. Nova Petrópolis: De Colônia Provincial à cidade.

Um dos aspectos fundamentais para entender a história e a criação do que hoje é o município de Nova Petrópolis está associado à política de ocupação do interior do Brasil, no século XIX. A saída para a falta de segurança territorial de um recém-criado país continental e com fronteiras muito lábeis foi o processo de colonização, para o qual houve um investimento importante no sentido de atrair imigrantes para ocupar terras, tal como já apresentado no capítulo 1.

Figura 45 – Litogravura - Der Stadtplatz Von Neupetropolis.
Berlim [Alemanha] Hofbuchhv. E.S.Mittler e Sohn.



Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro - Biblioteca Nacional.

Os habitantes originários da região da Serra do Rio Grande do Sul eram os índios Kaingangues¹⁰⁴, que sistematicamente foram eliminados ou expulsos, seja pelo embate com “bugreiros”¹⁰⁵, contratados para abrir espaços para novas colônias, ou até mesmo com os próprios colonos.

No Rio Grande do Sul, o processo de instalação de imigrantes teve início em 1824, com a criação da Colônia de São Leopoldo, mas foi interrompido pelo Governo Imperial por volta de 1830, por cortes de verbas destinadas à operação de financiamento de imigração, sendo retomado em 1844¹⁰⁶.

O processo de colonização das terras no Rio Grande do Sul apresentou como agentes de imigração não apenas o Estado, mas também as autoridades provinciais, bem como agentes privados com interesse na mão de obra imigrante. Desta maneira, foram criadas oito Colônias provinciais no Estado, entre elas a Colônia de Nova Petrópolis, que foi fundada dia 7 de setembro de 1858, entre os limites dos Rios Cadeia e Caí, até os limites das primeiras estâncias dos Campos de Cima da Serra¹⁰⁷, sendo que o nome da colônia foi uma homenagem a D. Pedro II, “A nova cidade de Pedro – Nova Petrópolis”, e também em concordância da “Real cidade de Petrópolis – Petrópolis”, no Rio de Janeiro.

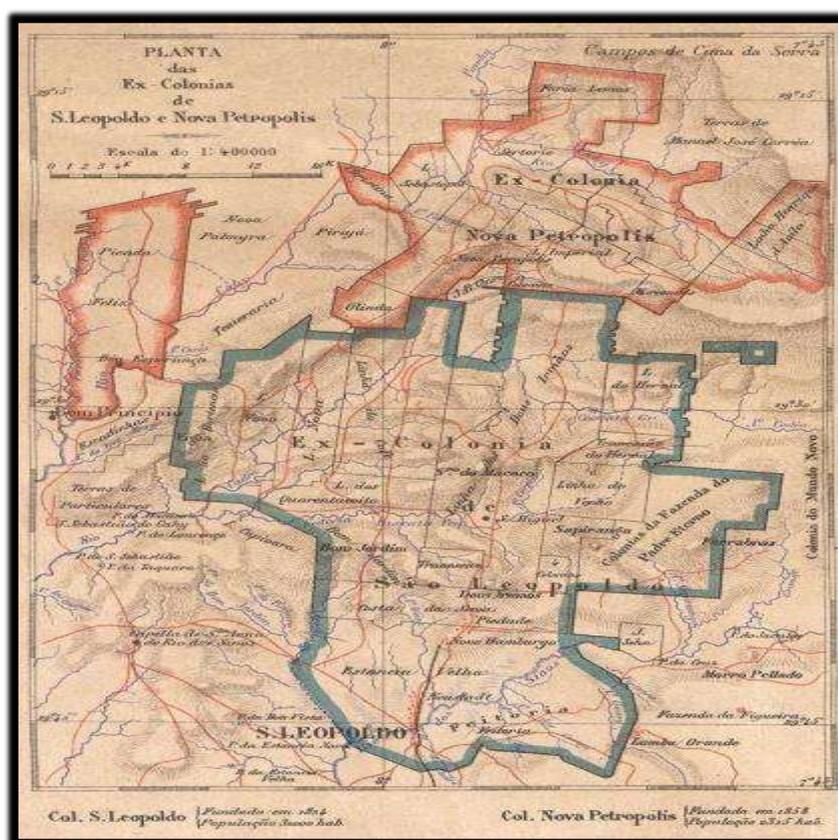
¹⁰⁴ SILVA, Riograndino da Costa e. Notas à margem da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1968.

¹⁰⁵ Os bugreiros eram homens contratados para matar ou afugentar os indígenas que pudessem causar transtornos as colônias e seu desenvolvimento (CLAUDINO, 2011, p. 19).

¹⁰⁶ Também se cita o término da Revolução Farroupilha, em 1845, como ponto de retorno no investimento para a chegada dos imigrantes ao RS (PICCOLO, 1989).

¹⁰⁷ Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis-
<https://www.novapetropolis.rs.gov.br/pagina/historico>.

Figura 46: Detalhe mapa Colônia de Nova Petrópolis.



Fonte: Biblioteca Nacional – Carta Geográfica.

A área escolhida para a fundação da Colônia de Nova Petrópolis estava situada além das linhas da Colônia de São Leopoldo, ou seja, a Linha Café (*Kaffeeschneis*), a Linha Nova (*Neuschneis*) e São José do Hortêncio (*Portugieserschneis*) (PICCOLO, 1989, p. 54).

A maioria dos primeiros imigrantes da Colônia de Nova Petrópolis, pelos anos de 1858-1859, eram Pomeranos da província da Prússia, em sua maioria lavradores que professavam a religião protestante. Com os Pomeranos, vieram imigrantes Saxônios e Renanos da Baviera, também com

as mesmas origens camponesas e a mesma religiosidade¹⁰⁸; em menor número vieram católicos de diversos lugares, assim como agricultores holandeses e franceses ocupando diversas linhas¹⁰⁹.

Não se pode deixar de citar que, no primeiro momento, também fizeram parte da Colônia filhos de imigrantes já nascidos no Brasil. Embora com predomínio da corrente imigratória alemã, como no caso de Nova Petrópolis, isso não era uma exclusividade, pois encontramos uma variedade de elementos de outras procedências (PICCOLO, 1989, p. 49).

A Colônia foi instalada pelo então presidente da Província, Conselheiro Ângelo Moniz da Silva Ferraz, um jurista e político. Posteriormente à criação da Colônia, Ferraz foi presidente do Conselho de Ministros, ministro da fazenda e ministro da Guerra na Guerra do Paraguai, sendo agraciado em 1866 com o título de Barão de Uruguiana. Em relatório da 1ª sessão da Assembleia Provincial do dia 5 de novembro de 1858¹¹⁰, Ângelo Moniz Ferraz faz constar que, após a instalação da Colônia, já havia encaminhado para lá 273 colonos, sendo 158 homens e 115 mulheres. Também já haviam sido concluídas derrubadas de zonas de florestas para as plantações e feita a demarcação dos terrenos, na espera do momento certo para as queimadas. “Todos os colonos estão satisfeitos; e a notícia do bom lugar vai atraindo os recém chegados, a quem deixo franca liberdade de seguirem para a colônia se for seu agrado” (Relatório da Assembleia Provincial, 5 de novembro de 1858 – Conselheiro Ângelo Moniz da Silva Ferraz).

Sobre os primeiros imigrantes, Helga Piccolo, em seu livro “Contribuição para a História de Nova Petrópolis – Colonização e evolução da Colônia”, relata que: “sabemos através de relatórios anteriores que a primeira leva de imigrantes constou de 80 pessoas, todas estrangeiras, sendo 33 homens, 30 mulheres e 17 crianças” (PICCOLO, 1989).

¹⁰⁸ A colônia não recebera somente imigrantes lavradores, entre eles também existiam alfaiates, marceneiros, negociantes, carpinteiros, sapateiros e moleiros (PICCOLO, 1998).

¹⁰⁹ As regiões da colônia foram subdivididas com lotes de aproximadamente 50 hectares estendiam-se ao longo das "Linhas e Picadas", dispostos de tal forma a permitirem a implantação de núcleos Coloniais em cada 10 Km como apoio às Colônias isoladas (Prefeitura de Nova Petrópolis).

¹¹⁰ Relatório dos Presidentes das Províncias brasileiras – Império – RS: Relatório da Assembleia Provincial – 5 de novembro de 1858 – Presidente Ângelo Moniz da Silva Ferraz. Acervo Biblioteca Nacional.

No Relatório intitulado “Colônia de Nova Petrópolis”, de 1859, tem-se, além das descrições do clima e das condições geográficas do local, uma relação da divisão territorial da colônia, a qual inicialmente fora feita em três partes ou seções. A central era destinada à povoação “principal”, tendo no centro sua praça denominada a “Praça do Imperador”, as outras duas eram campos da saída da povoação. Em um campo denominado de “independência” foram construídas a casa de recebimentos dos colonos, o depósito, a casa da diretoria, um quartel, além de outras destinadas a celeiros. No Relatório de 1859, já estavam determinadas as divisões das primeiras Linhas colônias, sendo elas: Linha Olinda, Linha Imperial, Linha Izabel, Linha Christina, Linha Sebastopol, Linha Leopoldina, Linha Therezina, Linha Ferrazina, Linha Sinumbu, Linha Assembleia, Linha Presidente e Linha Theotônia (Relatório da Assembleia Provincial, 4 de maio de 1859 – Conselheiro Ângelo Moniz da Silva Ferraz).

Figura 47: Linha Imperial em 1910.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

Ao longo do Rio Caí alguns proprietários de terras também dividiram em lotes para venda aos colonos, formando assim a Picada Cará (Tabakstal),

a fazenda Temerária e a fazenda Pirajá. Conforme as terras eram ocupadas, a Colônia se expandia, às vezes além da sua área estabelecida em fundação. Terras adjacentes foram compradas pelo Governo Provincial e incorporadas, surgindo as Linhas Marcondes, Gonzaga e Henrique D'Avila.

No relatório do Presidente Barros Pimentel, do dia 10 de março de 1864, que abria a 1ª sessão da 11ª Legislatura, foi descrito um quadro sobre a população da Colônia de Nova Petrópolis, sendo que, em 31 de dezembro de 1863, era formado por 773 almas, 383 homens e 350 mulheres, 557 não católicos e 176 católicos de diversos lugares (Relatório apresentado pelo Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel, 1864).

Nacionalidade	País ou Província	Católicos	Não católicos
Brasil	Rio Grande do Sul	58	59
Alemanha	Prússia	13	341
Alemanha	Saxônia		61
Alemanha	Hanover		2
Alemanha	Baviera	10	33
Alemanha	Baden	4	10
Alemanha	Hesse		13
Alemanha	Hamburgo		17
Alemanha	Oldenburgo		2
Alemanha	Wuertenberg		2
Holanda	Luxemburgo	16	
Holanda	Renano	41	
Áustria	Bohemia		6
França	Alsácia	34	
Dinamarca	Holstein		11

Fonte: Compilação de Relatório da Colônia de Nova Petrópolis, 10 março de 1864 (Acervo Biblioteca Nacional).

Sobre o processo de chegada dos imigrantes das diversas etnias, Carlos Koseritz¹¹¹, agente intérprete da colonização, descreve, no Relatório da Administração Central das Colônias da Província de 1867, que a dificuldade observada para com os imigrantes norte-americanos fora tão grande que, segundo o agente, nesse processo de imigração não fora satisfatório o resultado colhido pelo império, ainda que, dos 157 colonos norte-americanos que chegaram, havia somente 13 norte-americanos natos, todos os demais eram irlandeses, franceses, ingleses, escoceses e alguns alemães (Relatório da Administração Central das Colônias da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, apresentado ao Presidente Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello, 1867, p. 46)

Ainda, segundo Koseritz (1867), sobre os colonos norte-americanos: “dizem que ao Rio de Janeiro tem chegado alguns transportes de bons colonos; dos que cá vieram, nenhum merece esse título”. Além disso, segundo ele, muitos vieram solteiros, sem família e bagagem, descalços com o aspecto de “vagabundos”, mas nem assim deixavam de ser exigentes, queriam que o governo lhes desse tudo, sendo que foi necessário até pagar para eles um cozinheiro, pois não queriam cozinhar se não ganhassem para isso, e o pão que recebiam trocavam nas vendas por bebidas alcoólicas. Segue Koseritz:

[...] as tarimbas, portas e janelas do quartel foram arruinadas e queimadas. nas viagens para as colônias faziam mil distúrbios, acabaram desertando uma grande parte do caminho. Na casa de recepção em Nova Petrópolis queimaram a estrebaria inteira, 40 braças de cerca, taboas do telhado, forro das casas, praticavam roubos e distúrbios as suas exigências não tinham limites. (Relatório da Administração Central das Colônias da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, apresentado ao Presidente Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello, 1867).

A organização e a administração da colônia eram estabelecidas por leis, sendo que o Governo Provincial regulamentava o processo de colonização do Rio Grande do Sul e tinha como atribuição garantir condições de alojamentos e deslocamento dos colonos, nomeando os diretores das

¹¹¹Carl Julius Christian Adalbert Heinrich Ferdinand Von Koseritz, ou simplesmente Carlos Von Koseritz, foi um alemão nascido em Dessau, professor, folclorista, empresário, político, jornalista e escritor teuto-brasileiro.

colônias e os delegados da administração central como conselheiros e tutores dos imigrantes¹¹².

Na colônia de Nova Petrópolis, os diretores eram também de origem imigrante, em sua maioria ex-legionários Brummers, que foram contratados pelo Governo Imperial, em 1851, para a guerra contra Oribe e Rosas, do Uruguai e Argentina. Eram soldados com nível cultural e educacional mais elevado, que vieram com promessas de terras e, após o término da guerra, se espalharam pela província, sendo que muitos ocuparam a função de professores nas colônias.

A colônia de Nova Petrópolis por muito tempo esteve relacionada ao problema da distância dos mercados consumidores e, principalmente, por falta de boas vias de comunicação. Essa dificuldade foi progredindo até o ponto de chegar a ser denominada de “*NeuBetrubnis*”, ou Nova Tristeza – Nova Tribulação¹¹³.

A colonização da região teve outro obstáculo, já mencionado anteriormente, que eram os conflitos com os habitantes originários do local, o elemento indígena, vulgarmente chamado de bugre, já que, à medida que existia o avanço do processo de ocupação das terras, mais se intensificava o choque.

Faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal Lino Grings, de Nova Petrópolis, a compilação de registros, artigos e pesquisas realizadas pelo historiador local Sr. Renato Seibt. Desta fonte documental consta artigo intitulado “Indígenas e imigrantes”, de agosto de 1999, no qual o pesquisador traz diversos relatos de encontros e conflitos na região. Entre esses episódios, Seibt descreve a chegada de algumas famílias de colonos, em 1858, as quais, ao se dirigirem para seus respectivos lotes, encontraram acampadas em local próximo algumas famílias indígenas e, nesse momento, observaram que uma das mulheres do acampamento havia dado à luz a gêmeos, o que aparentemente causou certo “alvoroço”; também observaram que o pai apresentou os dois bebês ao cacique que as examinou com cuidado apontando finalmente uma delas. Segundo o relato de Seibt:

¹¹²Evolução Política e Econômica de Nova Petrópolis – Ivoni Paz – 2006.

¹¹³Renato Seibt – Janeiro de 1988 – Uma história no ano de 1876 - Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

O pai tomou-a pelas pernas e esmagou-lhe a cabeça contra um pinheiro! Os imigrantes ficaram muito chocados com o espetáculo, mas não ousaram intervir. O guia esclareceu-lhes que os índios consideravam mau agouro o nascimento de gêmeos, por isso somente criavam o mais forte. (Acervo documental Renato Seibt – Arquivo Histórico Municipal Lino Grings – Nova Petrópolis, 1999)

Segundo Helga Piccolo (1989), episódios no mês de outubro de 1864 descrevem esses contatos. Segundo a autora, no dia 16 de outubro, havia sido comunicado ao diretor da Colônia a presença de um grupo com cerca de 80 “bugres” nos fundos da Linha Christina, tendo sido aconselhado cautela e vigilância. No dia 19 do mesmo mês, o proprietário de lote nº 27, da Linha Sebastopol, João Klink, foi atacado e morto, tendo roubados seus pertences domésticos, e sua esposa conseguiu fugir para o vizinho (PICCOLO, 1989, p.82).

No relatório dos Presidentes das Províncias Brasileiras do Império – RS, do dia 31 de agosto de 1870, o Sr. João Sertório, presidente da Província de 1869-1870, ao deixar o cargo, transcrevia um relatório da situação e das providências por ele tomadas no período. Em um segmento denominado “Catequese e civilização dos indígenas”, ele descreve que as ações realizadas na Colônia de Nova Petrópolis, por um destacamento ali estacionado, não estavam produzindo resultados. Desta forma, ele resolvera nomear o Sr. João Weisheimer para que, conjuntamente com 20 colonos, percorressem por 15 dias as Linhas Feliz, Soledade e Nova Petrópolis, a fim de chamar os indígenas ao “Grêmio da Civilização” e fazê-los respeitar os habitantes daquelas localidades.

A João Weisheimer recomendei que, no empenho de sua comissão, procedesse com maior prudência, certo que só lhe é permitido, ofender aos infelizes indígenas quando exigisse a própria defesa, nos termos do código criminal. (SERTÓRIO, 1870, p.60).

Por muitas vezes, é observada a dificuldade dos colonos nas linhas de Nova Petrópolis, tanto para os recém-chegados como para aqueles já estavam assentados. As reclamações iam das dificuldades estruturais, falta

de escolas e dívidas das terras, sobretudo aquelas que foram “vendidas”¹¹⁴ como promessas para os novos imigrantes, falta de subsídios, de acomodações, de reembolso das passagens e de transporte.

No dia 1º de maio de 1875, a então Vila de São Sebastião do Cahy se emancipa da cidade de São Leopoldo, tornando Nova Petrópolis distrito desse novo município. Somente em 1954, Nova Petrópolis consegue sua emancipação política, implantando o Município no ano de 1955 (O PIONEIRO, 1º de março de 1980).

A economia local esteve baseada na agricultura familiar nas pequenas propriedades rurais, produzindo vários gêneros, entre eles principalmente o milho, feijão, batata, centeio e cevada¹¹⁵. Essa produção era negociada ou trocada em casas comerciais da própria colônia ou de localidades vizinhas e, para tal, era necessária expertise para realizar um transporte tão difícil, em razão da precariedade das estradas. Esse transporte era feito pelos próprios colonos em “cargueiros”, ou por carroceiros ou tropeiros (KOSERITZ, 1867). As tropas eram formadas por mulas e cavalos.

¹¹⁴ANEXO 2:Título de Propriedade emitido pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – Colono Cristiano Becker, 1884. Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings. Nova Petrópolis.

¹¹⁵Relatório da Administração Central das Colônias da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, apresentado ao Presidente Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello, 1867 – Carlos Von Koseritz.

Figura 48-49: Carroção de transporte – São Sebastião do Cai- Nova Petrópolis. Tropa de gado em Nova Petrópolis.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

Podemos citar como as primeiras casas comerciais da região, a Casa comercial Wazlawick na Linha Brasil, iniciada em 1874; a Casa comercial de Carlos Altreiter em Nove Colônias, fundada em 1890; a Casa comercial de Fernando Zang, na sede de Nova Petrópolis, iniciada em 1890; a Casa comercial de Nicolau Spier, na Linha Olinda, de 1905; a Casa comercial de Jacó Michaelsen, na Linha Brasil, de 1905; e a Casa Comercial de João Emilio Grings, na Linha Araripe, de 1905, dentre várias outras (PAZ, 2006).

Figura 50-51: Casa Wazlawick, Linha Brasil.



Fonte: Arquivo Histórico Lino Grings- Nova Petrópolis.

A necessidade de suprimentos, como processamento de grãos e insumos agrícolas, esteve na base das chamadas unidades de produção “¹¹⁶”, como os moinhos, as ferrarias, as funilarias, os engenhos de azeite, os engenhos de moer casca, a fábrica de charutos, a fábrica de carretas e o curtume. Entre eles, podemos citar: o Moinho de Johan Grings, na Linha Imperial e Linha Brasil, de 1862; o Moinho Graebin, na Linha Temerária, instalado em 1885; o Moinho Wazlawick, na Linha Brasil, instalado entre 1890 e 1910; o Moinho de Adolfo Michaelsen, no Arroio Paixão, fundado em 1918; o Moinho Hennermann em Pinhal Alto, fundado em 1916; e o Moinho Thiele, na Linha Araripe, fundado em 1924, dentre outros (PAZ, 2006, p.198).

Ivone Paz (2006) traz, em seu trabalho, uma matéria jornalística do jornal “A Hora”, de Porto Alegre, de setembro de 1958, que demonstra o desenvolvimento lento da região e o fato de que não haviam grandes alterações nos passados três anos desde sua transformação para município. Nova Petrópolis continuava sendo um município essencialmente agrícola, produzindo especialmente milho, trigo arroz cevada e uva; tinha ainda o destaque para pequenos proprietários na área da avicultura e pecuária, sendo uma complementação as casas de comércio e pequenas indústrias (PAZ, 2006, p. 132).

Não podemos deixar de citar a iniciativa que teve grande repercussão socioeconômica na Região de Nova Petrópolis, ação vinculada à atuação do Padre suíço chamado Theodor Amstad (Figura 52), que, na presença e no convívio com os colonos, pode observar todas as dificuldades e os problemas por eles enfrentados, tais como a falta de técnicas, de conhecimentos adequados às práticas de produção, tendo introduzido como tentativa de solucionar tais problemas a prática do associativismo (SCHNEIDER, 2014, p.9).

¹¹⁶ Denominada pelo diretor Guilherme Sellin (PAZ, 2006).

Figura 52: Padre Theodor Amstad.



Fonte: <https://www.suicosdobrasil.org.br/theodor-amstad>

O padre Amstad era natural do Cantão de Unterwalden, na Suíça, onde nasceu no ano de 1851. Em 1883, foi ordenado em um Educandário jesuíta, na Inglaterra. O padre fez parte da última (quinta) turma da Missão Jesuítica, no Brasil Meridional, chegando em Porto Alegre no ano de 1885. Assim que chegou, padre Amstad iniciou visitas às regiões de colonização alemã, sendo que a primeira foi a de Dois irmãos. Logo depois, no mesmo ano, tornou-se Coadjutor em São Sebastião do Cai, onde ficou até 1897, para depois exercer a mesma função em São José do Hortêncio, até 1905.

Figura 53: Pedra fundamental da Caixa Rural- Linha Imperial.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings-Nova Petrópolis

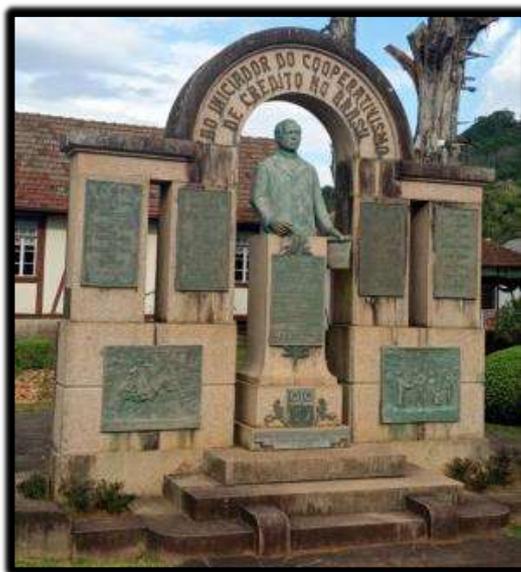
O padre Amstad incentivou a criação de assembleias com os agricultores, que já eram realizadas na Alemanha, os *Katholikentage* ou dias dos católicos. Eram reuniões que serviam para tratar da organização social do catolicismo, trazendo as dificuldades que faziam parte da sociedade, e também acabavam criando um processo de “união de forças”. Desses congressos, saíram as ideias da fundação do pioneiro sistema “*Raiffeisen*” que são caixas de crédito junto à Associação de agricultores. Assim, foi criada, em 1902, a primeira caixa rural de crédito em Nova Petrópolis, hoje denominada Sicredi Pioneira (SANTOS, 2013).

No livro “Somando forças – Projeto Social dos jesuítas do Sul do Brasil”, de Arthur Blásio Rambo (2011), constam os discursos do Padre Amstad. Em um deles, comenta sua presença em Nova Petrópolis e seu costume de se hospedar na residência de um morador italiano:

Ele não dispõe de potreiro e, contudo, faz um dinheiro com queijo e manteiga com apenas duas vacas leiteiras. Como ele nem sempre tira leite suficiente para a fabricação de queijo e manteiga compense, associou-se a dois vizinhos. Cada mês, um deles se encarrega de fabricar o queijo e a manteiga. A quantidade de leite fornecida é rigorosamente anotada. Cada meio ano fazem um acerto e cada qual recebe proporcionalmente o que tem direito ou em queijo ou em dinheiro (RAMBO, 2011, p.70).

A premissa do pastor Amstad¹¹⁷ era gerar o associativismo, criando a união para o desenvolvimento. O pastor ainda ajudou a fundar a “União Popular dos Católicos de Língua Alemã” e criou dois periódicos, o *Der Bauernfreund* (O amigo dos colonos) e a revista *Sankt Paulusblatt* (SANTOS, 2013, p.13).

Figura 54: Monumento ao Padre Amstad patrono do Cooperativismo de Nova Petrópolis



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Segundo Hugo Werle¹¹⁸ (2013), o processo de colonização realizado de 1824 até o ano de 1914 priorizou o surgimento das pequenas propriedades de agricultura familiares. Posteriormente, com a revolução industrial, a melhor infraestrutura de comunicação entre as localidades na forma de estradas acabou modificando a relação da produção artesanal para a abertura de fábricas e manufaturas com as suas características locais. Já na década de 40, ainda como distrito de Sebastião do Caí, houve aumento

¹¹⁷No ano de 2019, a Lei Federal 13.926/2019 determinou como patrono do Cooperativismo Brasileiro o padre Theodor Amstad. Publicado no Diário Oficial da União, dia 9 de dezembro. É a homenagem e o reconhecimento ao fundador da primeira cooperativa de crédito da América Latina.

¹¹⁸Hugo Werle. O rural de Nova Petrópolis: O processo de formação e transformação. Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. UFRGS, 2013.

populacional, menor mortalidade e maiores números de integrantes nas famílias rurais. Esse aumento demográfico fez com que existisse um movimento migratório para fora do espaço rural, em busca de melhores formas de sobrevivência (WERLE, 2013).

3.1 Lutas e conquista: A Emancipação

A história político-administrativa de Nova Petrópolis se caracterizou por dois longos períodos de dependência política: o primeiro com a situação de Colônia Provincial, entre 1858 e 1875; e o segundo como distrito de São Sebastião do Cahy, entre 1875 a 1955. A falta de autonomia distrital foi uma característica muito desfavorável em diversos momentos de sua história.

Quando era distrito de São Sebastião do Cahy, os administradores dos distritais eram escolhidos pela sede municipal de Cahy, ocorrendo, em inúmeros momentos, que as escolhas recaíssem para representantes externos à comunidade, ou seja, nem mesmo moradores da localidade, o que resultava em um descontentamento pela ausência de conhecimento dos problemas das comunidades, gerando uma forma de “abandono”. Conforme Paz (2006), apenas em 1920, a população teve um representante no Conselho Municipal, tratava-se do pastor Paulo Ever, que, além de dirigir a comunidade luterana da Linha Brasil, era professor na mesma localidade.

Em 1930 foram fechados os Conselhos Municipais, em razão da revolução em curso¹¹⁹, sendo que o intendente Alberto Barbosa continuou a gestão até junho de 1932, quando, depois de sua demissão, foi nomeado o interventor estadual Athos de Moraes Fortes, que ficou até 1936. Esta foi uma gestão extremamente prejudicial aos interesses do distrito de Nova Petrópolis¹²⁰ (SEIBT, 1999).

Fortes já havia declarado antipatia pela população local, e sua administração foi agravada ainda mais quando impôs uma pesada cobrança

¹¹⁹ A revolução de 1930 deu-se após a Aliança Liberal (grupo formado por líderes políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul) iniciar uma revolta armada causando a destituição do presidente Washington Luis.

¹²⁰ Renato Seibt— Os sabiás na política...-agosto de 1999 - Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

de impostos sobre as propriedades rurais, visando a aumentar os recursos dos cofres públicos. Considerada injusta pelos colonos, tal cobrança foi motivo de indignação e, desta forma, cresceram as reclamações e o descontentamento que acabou desencadeando numa mobilização política. A população resolveu se mobilizar, agregando ideais e lideranças políticas e, em uma época de diferentes vertentes, uma delas alcançou significativa divulgação, refletindo “o clamor local”. Trata-se do integralismo, movimento político que tinha o “sigma” como símbolo de expressão: “Deus, Pátria e Família” como lema. Rapidamente, o integralismo já se fazia representado em Nova Petrópolis por um Núcleo, para depois desembarcar em Sebastião do Caí. (PAZ,1998).

Já se havia mostrado o clima de descontentamento nas campanhas eleitorais de 1933 e 1934, nas quais a população mostrou oposição a Athos Fortes, crescendo lideranças e pensamentos ligados à Ação Integralista Brasileira (AIB). Em Nova Petrópolis, o representante local foi o professor Straatmann e, segundo Seibt (1999), quando esse incitou uma campanha de abolição de impostos exagerados sobre os colonos, acabou conquistando a amizade e a simpatia local.

No ano de 1935, Nova Petrópolis, então 3º Distrito de São Sebastião do Caí, vivia tempos de grande efervescência política. Há pouco tempo, devido as pregações do Professor Stratmann, a “Ação Integralista” de Plínio Salgado havia tomado pé firme na colônia. As reuniões eram frequentes e cheias de emoções cívicas, graças a eloquência do Professor. Os jovens sentiam-se atraídos pelos uniformes, os símbolos, os desfiles e as demonstrações de força (Renato Seibt – Os sabiás da política... Agosto de 1999 – Acervo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis).

Após a criação de um Núcleo Integralista em Nova Petrópolis, as relações com as autoridades municipais pioraram, evoluindo para um “clima de tensão e repressão”, que culminou com um confronto na sede municipal de Cai(SEIBT, 2004)¹²¹.

¹²¹Renato Seibt – Uma eleição bem complicada! - Outubro de 2004. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

Figura 55: Membros do Partido Integralista- Nova Petrópolis-RS.



F
onte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings- Nova Petrópolis.

O prefeito Forte, além dos atos já mencionados, nomeou seu irmão Aluizio Moraes Fortes para a subprefeitura de Nova Petrópolis, gerando protestos de militantes integralistas, com atos de violência contra eles por integrantes da guarda municipal, culminando na prisão do professor Straatmann e de alguns seguidores (PAZ, 2006).

A informação da violência fez com que fosse planejado um desfile, uma ‘manifestação pacífica’ em Cai. Foi o que ocorreu em 24 de fevereiro de 1935, mas, ao final do desfile, quando as caravanas de integrantes iriam se organizando para voltar aos seus municípios, um ato de provocação entre moradores locais e integralistas resultou em um tiroteio, que levou à morte um militante integralista e dois guardas municipais (O MOMENTO, 1935)¹²².

O episódio ocasionou uma comoção nos jornais da capital, fazendo com que o interventor que governava o Rio Grande do Sul, General Flores da Cunha, proibisse manifestações integralistas no estado, além de uma série de medidas coercitivas visando a estabelecer a ordem. Isso somente ocorreu três meses depois, permitindo que Nova Petrópolis criasse uma “comissão

¹²²Jornal o Momento, nº 107, 1935, Caxias do Sul, Ano III - Órgão Oficial do Município e do Partido Republicano Liberal.

representativa do Povo”, com a missão de negociar com o prefeito Fortes. Esta fase de restabelecimento da ordem teve a orientação do pastor Evers que atuou como mediador. Segundo Carla Brandalise(1997, p. 20), essa participação e simpatia de membros de origens alemãs e italianas ao integralismo não era uma forma de resistência de sua integração à nova pátria, mas, sim, a crença de uma forma mais viável de se tornarem brasileiros de fato, participando mais ativamente nas questões políticas do país.

Conforme atas originais que fazem parte do Acervo do Arquivo Histórico Municipal Lino Grings, de Nova Petrópolis, em uma reunião, na sede da Sociedade dos Atiradores da Linha Brasil, era fundada, por representantes do 3º Distrito de Sebastião do Caí (Nova Petrópolis), Guilherme Schwantes e Otto Jose Neumann, em 31 de maio de 1935, a Comissão Representativa do Povo de Nova Petrópolis. Motivada para salvaguardar os interesses da coletividade do distrito, ela estava representada por moradores de todas as picadas e classes profissionais¹²³.

Fora todos os acontecimentos, o ano de 1935 ainda era um ano eleitoral e, segundo Renato Seibt (1999), surgira um candidato de oposição ao prefeito de Sebastião do Cai, o Dr. Egídio Michaelson¹²⁴, pessoa estimada entre os colonos, que ainda recebeu o apoio dos integralistas, o que causou cólera aos rivais políticos e à administração, tanto que: “usando de capangas denominados guardas municipais”, estabeleceu um regime de terror entre a população interiorana tornando-se comuns os espancamentos dos desafetos políticos. Fora isso, para prejudicar mais ainda a campanha da oposição, foi ordenado, pela autoridade municipal, o confisco da propaganda política e principalmente das cédulas eleitorais, o que não adiantou, pois foi eleito Dr. Egídio Michaelson, que assumiu Prefeitura Municipal do Caí no dia 15 de

¹²³Ata da Comissão Representativa do Povo de Nova Petrópolis, 31 de maio de 1935. Acervo Arquivo Público de Nova Petrópolis.

¹²⁴Dr. Emilio Michaelson: Egídio Michaelson nasceu em São Sebastião do Caí (RS), no dia 27 de fevereiro de 1908, filho de Frederico Jacob Michaelson e de Lúcia Michaelson. Bacharelou-se em 1930, pela Faculdade de Direito de Porto Alegre. Começou a advogar em sua cidade natal, um ano antes de se diplomar, exercendo ininterruptamente a profissão até 1935, quando se tornou prefeito do município. Exerceu a função até 1943, retornando no ano seguinte à advocacia, no foro de Porto Alegre (MICHAELSON, 1995).

janeiro de 1936 (Renato Seibt – Os sabiás da política...Agosto de 1999 – Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

Depois de décadas vinculado ao município de Cai, concomitante aos interesses e às lutas em torno de objetivos locais, surgiu uma oportunidade, através da Lei Estadual nº 2116, de 24 de setembro de 1953, que estabelecia normas para a criação de novos municípios no Rio Grande do Sul. As emancipações políticas teriam de ser precedidas de consultas plebiscitárias. Esse processo de emancipação também fomentava as comunidades vizinhas a Nova Petrópolis, o que poderia fazer com que fosse perdida parte do território (Lei nº 2116, dispõe sobre a alteração da divisão territorial do Estado – 1953).

Em Nova Petrópolis, o movimento de emancipação era fortemente apoiado pelo vice-prefeito de Cai, Sr. Lino Grings, filho da Linha Imperial, pelo vereador Otto Neumann (Linha Imperial) e pelo advogado Olavo Leão (Pioneiro, 1980, p. 20). Sobre a ideia e a campanha de emancipação, a maioria dos moradores não tinha discernimento do que se tratava: havia situações que beneficiavam ou prejudicavam moradores de determinadas localidades de Nova Petrópolis, dependendo de sua situação geográfica. Algumas Linhas seriam privilegiadas em pertencer a Gramado, enquanto moradores de outras preferiam continuar no distrito (PAZ, 2006, p.87).

Foi tratada a questão dos limites do município com os vizinhos, principalmente Gramado, e, conforme a Lei Estadual, foi constituída uma comissão integrada por três membros representantes da população. Em reunião no dia 1 de outubro de 1953, na Sociedade Tiro ao Alvo, foram escolhidos por unanimidade os membros para a Comissão Emancipadora, sendo eles: Mauro Vargas (presidente), Ewaldo Michaelsen (Vice- Presidente) e Arlindo Deppe (secretário) (Ata da Comissão de Emancipação de Nova Petrópolis do dia 1 de outubro de 1953. Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis)¹²⁵. Cerca de dois meses depois, no dia 20 de dezembro de 1953 era realizada a consulta com os moradores do distrito, sendo eles 1.771 eleitores habilitados, resultando em 1.379 a favor e 392 contra a emancipação (A HORA, 6 de setembro de 1958).

¹²⁵ ANEXO 3: Ata de criação da Comissão Emancipadora de Nova Petrópolis – Dia 1 de outubro de 1953. Fonte: Arquivo Público Lino Grings-Nova Petrópolis.

Indagando sobre o evento da emancipação para antigos moradores, buscando com isso suas memórias ou lembranças repassadas de gerações para gerações, descrevemos a entrevista com a Sra. Magdalena Beatriz Hillebrand, professora e turismóloga aposentada. Segundo ela, mesmo ainda integrando o município de Sebastião do Caí, o desenvolvimento do distrito era bom, o que gerou o interesse da criação de uma comissão emancipadora, formada em sua maioria por descendentes de alemães, que tinham conhecimento e haviam progredido profissionalmente¹²⁶.

No jornal Diário de Notícias do dia 3 de agosto de 1954(p.5) é relatado o entusiasmo da população de Nova Petrópolis. Mesmo que muitos municípios foram à justiça naquele ano para julgar inconstitucional a Lei Estadual 2116, que regulava a criação dos municípios, ela foi mantida dando efetividade à emancipação:

[...] a noite esta Villa viveu horas de intenso civismo, alegria e contentamento, alusivos a grande vitória, terminando domingo a noite com um grandioso baile na Sociedade de Atiradores, destacando-se, ainda as seguintes comemorações: sábado a noite, ao som de marchas executadas pela Bandinha Real, houve espocar de centenas de foguetes, intercalados por discursos vibrantes; domingo a tarde, espetacular desfile de mais de cem veículos motorizados pelas ruas desta vila e arredores sob música e fogos de artifício e apoios no local da futura praça, presente compacta massa popular..... o fato pitoresco terem estado todos os veículos que nele tomaram parte emplacados com chapas de papelão onde se lia R. S. Nova Petrópolis(Jornal Diário de Notícias, 3 de agosto de 1954).

A criação do município deu-se em 15 de dezembro de 1954 e a instalação da Câmara Municipal no dia 28 de fevereiro de 1955. A primeira eleição municipal de Nova Petrópolis teve como prefeito o Sr. Lino Grings¹²⁷ (Figura 56), do PRP – Partido de Representação Popular. O partido fora criado depois da redemocratização, em 1945, por antigos membros militantes integralistas, entre eles Plínio Salgado.

¹²⁶ Magdalena Beatriz Hillebrand, Entrevista concedida ao autor, em 12 de junho de 2021. Nova Petrópolis/RS.

¹²⁷ Na primeira eleição que tivemos para prefeito: Lino Grings, 1463 votos; Albino Neumann, 939 votos. Paravice-prefeito: Osvaldo Spier, 1484 votos; e Armando Depp, 939 votos. (A HORA, 1958) 6 de setembro 1958.

Figura 56: Sr. Lino Grings, 1º Prefeito de Nova Petrópolis.



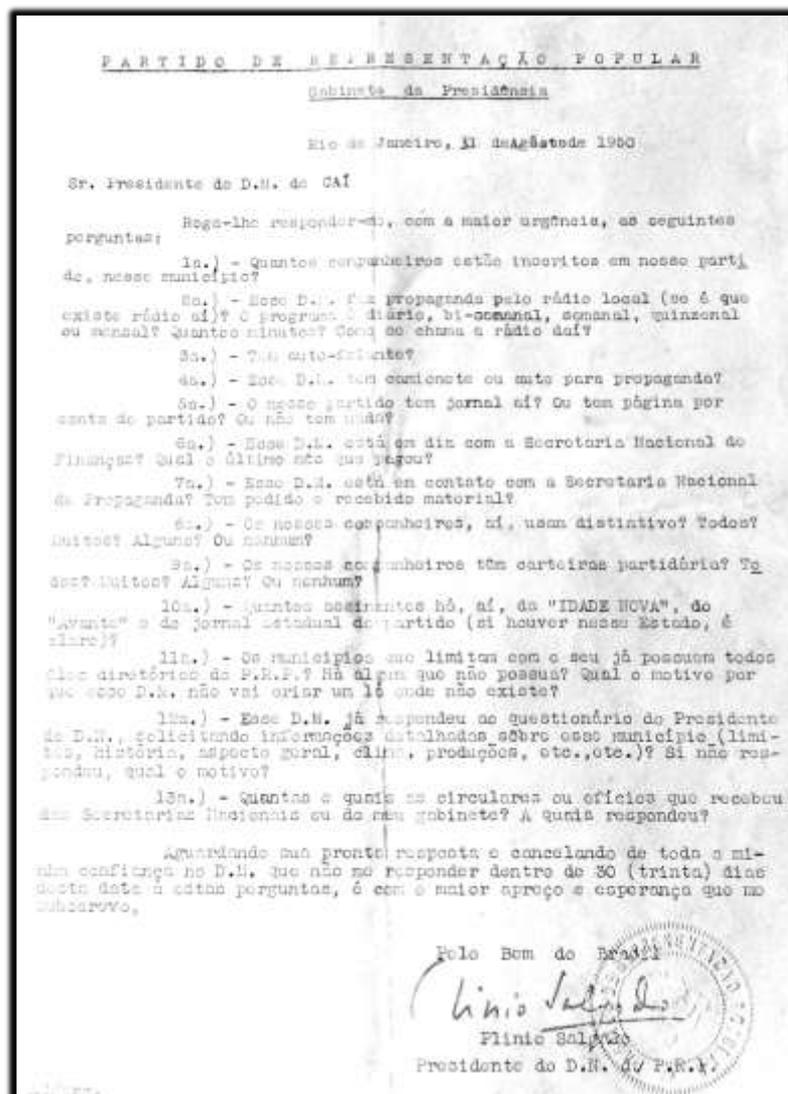
Fonte: Jornal O Pioneiro, 1 de março de 1980.

O jornal A Ponte, do dia 19 de fevereiro 2005, em sua edição especial de 50 anos de Nova Petrópolis, descreveu integralmente a matéria do periódico “O Município” de Sebastião do Cai, após as eleições de 1955¹²⁸, destacando em um título o que ocorreu nas eleições: “O Colono disse Grings”. Era a vitória do Sr. Lino Grings, agricultor de origem, que tinha em suas fileiras a maioria dos colonos locais, diferentemente de seu oponente, Sr. Albino Neumann, que tinha a simpatia da indústria e do comércio, tendo a ao seu favor a Frente Democrática que contava com o Partido Libertador, o PTB e o PSD.

Através das pesquisas documentais no Arquivo Histórico Municipal Lino Grings, de Nova Petrópolis, podemos encontrar alguns itens do PRP, demonstrando que ele se organizou atuando como partido antes mesmo do processo de emancipação local, sendo no distrito seu Diretório Nacional do Cai. Podemos ver a atuação local do partido em ofício datado do dia 31 de agosto de 1950, do Gabinete da Presidência do Partido de Representação Popular, no Rio de Janeiro, enviada pelo seu presidente: Plínio Salgado (Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

¹²⁸Descrição do periódico “O Município”, de Sebastião do Cai, do dia 9 de março de 1955 (A PONTE, 2005, p. 20).

Figura 57: Ofício do Presidente do PRP, Plínio Salgado ao diretório em Nova Petrópolis (1950).



Fonte: Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

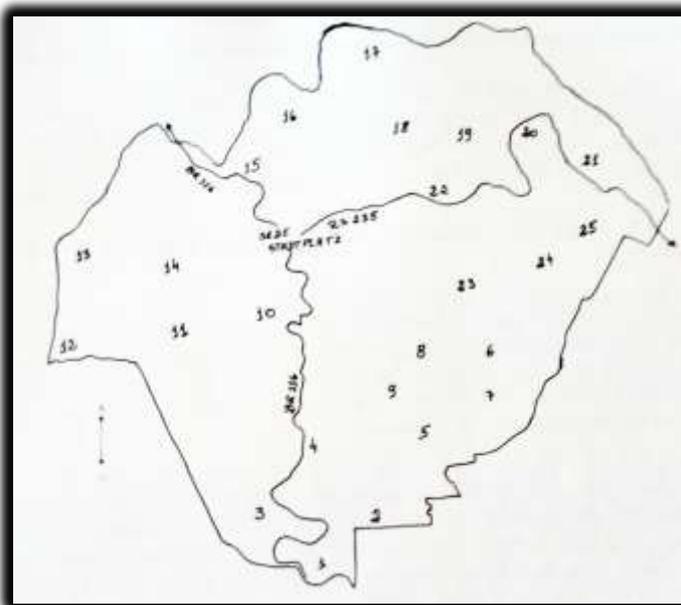
No Acervo do Arquivo Histórico Municipal Lino Grings, encontram-se gravações de depoimentos orais (muitos em alemão), realizados por um grupo de pesquisadores, entre eles o professor Renato Seibt. O trabalho consistia em colher depoimentos dos antigos moradores, sobre diversos temas históricos importantes para o município. Tendo a Secretaria de Educação e Cultura à frente, esses depoimentos foram transcritos, traduzidos e, no ano de 1988, foi organizada uma publicação bilíngue (Alemão-

português) denominada: “Contribuição para a história de Nova Petrópolis – Depoimentos”, da qual citamos o depoimento do Sr. Rudolfo Blackenburg¹²⁹:

[...] com os integralistas estive junto...o que era isso ainda hoje não sei. Eles me levaram assim de repente. Minha camisa verde eu também tinha...Eles queriam, naquele tempo, derrubar o governo...Então recebi minha camisa verde e a calça preta...na camisa havia uma insígnia...Em todos os lugares eles tinham reuniões. A gente não entendia nada pois os discursos eram português (DEPPY, 1988, p. 253 -255).

O processo de emancipação proporcionava a independência administrativa e, segundo o jornal o Pioneiro¹³⁰, para a futura cidade de Nova Petrópolis, era a ampliação das possibilidades de desenvolvimento, ligadas à melhoria das condições de progresso, à produção agrícola, industrial e pastoril, e ao melhoramento da situação educacional, do transporte, das estradas e rendas públicas (PIONEIRO, 1953, p.3).

Figura 58: Mapa de algumas comunidades de Nova Petrópolis.



1. Morro Bock; 2.Linha Quatro Cantos; 3.Picada Holanda;4.Picada Café;5.Joaneta;6.Pinhal Alto;7. Santa Inés;8.Nova Harmonia;9.Feliz Lembrança; 10.Linha Olinda;11.Arroio Paixão;12.Tirol;13.Linha Temerária;14.

¹²⁹ Depoimento de RudolfoBlackenburg.In: Contribuição para a História de Nova Petrópolis / depoimentos (DEPPY, 1988, p- 253-255).

¹³⁰ Jornal o Pioneiro de Caxias do Sul, Dia 25 de dezembro de 1953.

Fazenda Pirajá;15.São José do Cai;16. Linha Pirajá; 17.Linha Riachuele;18.Linha Gonçalves Dias;19.Nossa Senhora do Pedancino; 20.Linha Brasil;21. Linha Araripe;22. Linha Imperial;23.Treze Colônias;24. Nove Colônias;25. Chapadão.

Fonte: DEPPY, 1988.

No ano de 1993, no Jornal A Ponte, o historiador Renato Seibt transcrevia que os primeiros momentos da emancipação não foram fáceis: a agricultura entrou em crise, pois que predominava na região eram “Minifúndios Improdutivos”¹³¹; o êxodo rural era cada vez maior; as indústrias não tinham expectativas; e o turismo se frustrava, por causa de constantes “infestação cíclica dos borrachudos”. Mas grandes metas foram implantadas, como a eletrificação rural, estradas e escolas que acabaram produzindo frutos, assim como novas iniciativas acabaram permitindo que o município conquistasse seu lugar (SEIBT, 1993).

3.2Luteranismo e Catolicismo: A religião como ordenamento

A religiosidade sempre teve grande importância na vida dos moradores de Nova Petrópolis, assim era também quando Colônia Provincial, mas, por sua origem majoritariamente alemã e predominantemente protestante, tiveram grandes dificuldades em um novo país, onde a religião oficial era a católica¹³².

A situação religiosa das colônias era de desamparo e falta de representantes religiosos ordenados, pois constantemente as comunidades viam-se recorrendo à utilização de pseudo pastores. Os fatos acabaram sendo de conhecimento do governo alemão, tornando-se elemento de

¹³¹ Renato Seibt. Nosso Município tem 38 anos – Março de 1993.- Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

¹³² Na Colônia, pelo Decreto 3069 de 17 de abril de 1863, ficavam ao cargo do diretor livros de registros de casamentos, nascimentos e óbitos de pessoas não católicas.

desaprovação para o ato de imigração dos conterrâneos. Em 1863, o embaixador da Prússia, Von Eichmann, visitou a colônia de São Leopoldo e, ao observar as condições dos protestantes alemães, fez um pedido para que fosse enviado um pastor ordenado da igreja Evangélica alemã. O Conselho Superior da Igreja Evangélica pediu ao Pastor Dr. Hermann Borchard¹³³ que assumisse a paróquia de São Leopoldo. Borchard foi pároco de São Leopoldo de 1864 a 1870 e, como vimos, tentou criar uma Congregação Sinodal em 1868, mas ela foi dissolvida em 1872(HUNSCHE, 1981).

Podemos ler no relatório sobre Nova Petrópolis de Von Koseritz, então agente e interprete da colonização, em 1867, um estudo detalhado sobre vários aspectos vistos por ele da colônia e, ao escrever sobre as necessidades da comunidade, destaca sobre as necessidades morais. Segundo ele: "... pouco tenho a dizer: não havia em Nova Petrópolis, capela alguma para o culto divino da comunidade católica da Colônia" (Relatório da Administração Central das Colônias da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul – Carlos de Koseritz – 1867, p. 39).

No mesmo relatório, Koseritz descreve, em um ofício de 8 de fevereiro daquele ano de 1867, que o Presidente da Província já havia concedido um lote da Linha Imperial para nele edificar uma capela, mas, sendo os recursos dos colonos escassos, novamente o agente intérprete pediu a atuação do presidente perante a Assembleia Provincial para que os católicos também tivessem um pequeno auxílio pecuniário para um sacerdote. O pedido também era extensivo para os colonos protestantes, a ajuda para o pagamento do pastor que já estava vindo da Alemanha para trabalharem Nova Petrópolis (KOSERITZ, 1867).

¹³³ O pastor Dr. Hermann Borchard(1823-1891) foi fundador do 1º Sínodo, em 1868, sendo pastor em São Leopoldo, e em comunidades de Petrópolis no RJ. Foi um membro importante dos primórdios da Igreja Evangélica.

Figura 59: Pastor Hermann Borchard.



Fonte: HUNSCHE, 1981.

No relatório¹³⁴ de transmissão de administração do Presidente da Província, João Sertório (1869-70), do dia 29 de agosto de 1870, faz parte uma transcrição intitulada “Relatório da Colonização”, realizada pelo Agente intérprete Sr. Lothar de La Rue, no dia 23 de fevereiro de 1870. É citada uma apresentação detalhada da Colônia de Nova Petrópolis, descrevendo que, em 1870, havia somente uma capela católica na Linha Imperial, na qual o culto era ministrado pelo Padre Miguel, da Linha São José do Hortêncio, e já entre os moradores protestantes havia uma dissidência, existindo duas comunidades e erguidas duas casas de oração (SERTÓRIO, 1870, p.14). Mas temos como dados que, em 1856, os moradores protestantes da Linha Nova formaram uma comunidade. Não se tem informações de quem foi seu primeiro pastor; sabe-se apenas que, em 1859, o professor Philip Weber foi escolhido para exercer as funções de pastor. Carlos Henrique Hunsche¹³⁵

¹³⁴Relatório com que o Sr. João Sertório, Presidente desta Província, passou a administração da mesma ao exmo. Sr. José Capistrano de Miranda Castro, 1º Vice-Presidente, dia 29 de agosto de 1870, Porto Alegre, 1870.

¹³⁵Autor das obras “Protestantismo no Sul do Brasil” (1983) e “Pastor Heinrich Wilhelm Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil”(1981), Carlos Henrique Hunsche é neto do pastor Heinrich Wilhelm Hunsche.

(1981), em sua obra “Protestantismo no Sul do Brasil”, traz mais informações sobre o pastor Weber, o qual chegou a São Leopoldo em 1855, morou em Campo Bom, onde, em 1858, casou uma filha, sendo qualificado como mestre-escola, e radicou-se na Linha Nova, local onde, em 1859, começou a exercer a função de Pastor. Como Pastor, ele deveria servir ainda às comunidades de Picada Café e Colônia de Nova Petrópolis, recém-fundada, e eventualmente Feliz, Forromeco e Brochier. Inicialmente, Weber teria levado uma vida séria e austera, tendo inclusive ajudado espontaneamente muita gente necessitada, mas, depois, entregou-se à bebida, o que gerou desgosto na comunidade que demandou por novo pastor (HUNSCHE, 1981).

Em 1865, o pastor Hermann Brochard visitou a Colônia de Nova Petrópolis, e sua presença se fez importante para atender à demanda de parte da comunidade protestante local para a nomeação de um pastor, devido à dissolução e cizânia nas comunidades na Colônia, agora divididas, por causa do pseudo pastor Weber. Uma parte queria um pastor “verdadeiro” e outro grupo, formado em fevereiro de 1865, ficou com Weber. Desta visita, o Pastor Brochard fez uma consideração que, com certeza, estava vinculada à divisão ocorrida na comunidade protestante, e claro, sobre o pastor Weber: “Uma grande parte da população anseia pela vinda de um verdadeiro pastor, enquanto que outra parte está satisfeita com um beberrão degenerado” (HUNSCHE, 1981, p.59).

Figura 60: Pastor Weber e sua esposa Margarethe Ubel



Fonte: HUNSCHE, 1983.

O escolhido do Pastor Hermann Brochard para assumir os trabalhos de uma “nova”¹³⁶ comunidade formada por Nova Petrópolis, Linha Nova e São José do Hortência era o Pastor Heirich Wilhem Hunsche¹³⁷, que, na sua chegada ao Brasil, acompanhado do Pastor Brutschin, havia naufragado na costa da cidade de Rio Grande¹³⁸, no dia 20 de janeiro de 1867(HUNSCHE,1981). Pouco depois da chegada do pastor Hunsche, Weber transferiu-se para outra localidade de Nova Petrópolis e, nessa picada, atendia 20 famílias pomeranas. Weber atuou nessa localidade até sua morte, sendo sepultado no cemitério “*WeberscheKirchhof*” (Cemitério da gente do Weber), que posteriormente foi transformado em roça, em 1979 (HUNSCHE, 1983, p. 45).

¹³⁶Carlos Hunsche lembra, em sua obra, que três comunidades formaram a nova paróquia, em 5 de fevereiro de 1868, com a chegada do Pastor Hunsche, sendo São José do Hortência a mais antiga (HUNSCHE, 1981).

¹³⁷ O Pastor Heinrich WilhemHusche nasceu em 1839, em Lieneu, perto de Teclenburg, Westfália. Formado pela casa de Milão, de Barmen, permaneceu por cerca de 40 anos em Linha Nova (alta).

¹³⁸Uma curiosidade descrita por Hunsche (1981) é que ambos os pastores náufragos em Rio Grande, Hunsche e Brutschin, conheceram na ocasião Jacob Rheingantz, que fez convite para se um deles tivesse interesse de ir para a Colônia em São Lourenço, o que foi recusado por ambos (HUNSCHE, 1981, p.40).

A discordância das formas de trabalhar entre o Pastor Hunsche e Pastor-leigo Weber, ambos responsáveis por uma comunidade dividida época, pode ser percebida no livro “Pastor Heirich Wilhelm Husche e os começos da Igreja Evangélica No sul do Brasil”, de Carlos H. Hunsche (1981), em que se lê um relato do pastor Hunsche em um funeral, no ano de 1872:

[...] Era sábado e no outro dia haveria culto em São José do Hortencio (...) estavam em plena preparação do re-Kerb e de uma eleição política: não me deixaram dormir durante a noite toda. O fato abateu-me e celebrei o culto desgostoso. À tarde porém recuperei-me ao lado de um homem (Maurer), um solteiro na melhor idade, que eu já havia visitado. Era tísico no mais alto grau e, pela tosse, falava pouco e baixo. Mas ainda me pode dizer que acreditava em Jesus, que o amava e que não temia a morte. Rezei com ele e me despedi nos revermos no céu. Três horas após, faleceu. Dois dias depois Maurer foi enterrado na presença de muita gente, mesmo de católicos. Por motivo da eleição, haviam chegado muitos de fora, entre eles o senhor Weber. Este “pastor” Weber teve o descaro, encontrando-nos na casa do morto, de cumprimentar-me como colega, com a garrafa de cachaça na mão, estando eu ao lado do caixão aberto. Fez-me ainda de ofendido por eu lhe dizer que não tomaria aguardente (HUNSCHE, 1981, p.71).

Figura 61: Pastor Heinrich Hunsche.



Fonte: HUNSCHE, 1983.

Até o ano de 1897, o pastor Heinrich Hunsche atendeu a comunidade de Nova Petrópolis, quando ela se constituiu em paróquia própria, cujo primeiro pastor foi Theodor Hunsche, filho do Pastor Hunsche. Desta forma, foi possível atender regularmente às localidades de Sebastopol e Linha Brasil e, em 1905, foi inaugurada uma nova capela.

Figura 62: Igreja Evangélica Luterana -Nova Petrópolis.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings de Nova Petrópolis.

Na foto da Figura 62, que faz parte do acervo do Arquivo histórico da cidade de Nova Petrópolis, consta a seguinte descrição, de autor desconhecido:

A Igreja Evangélica de N. Petrópolis, construída em 1904, sendo pastor Theodor Hunsche (1898-1912) no mesmo local existia um salão em enxaimel construído em 1869 pelos partidários do pseudo pastor Philipp Weber. A outra parte da comunidade reunia-se em um prédio menor que servia de escola e igreja, situado na praça central (autor desconhecido).

No ano de 1912, o pastor Theodor Hunsche abandonou a comunidade e foi substituído pelo pastor Gustav Halle, que permaneceu até 1915 e, logo após, o Pastor Eduard Hirschboeck, de 1919 até 1927.

Em Nova Petrópolis, as comunidades em geral eram assistidas por pastores ligados ao Sínodo Rio-grandense. Posteriormente, isso se modifica, pois, por volta de 1924, na Linha Brasil, instalou-se uma comunidade evangélica luterana do Sínodo de Missouri, dirigida pelo pastor Evers. Com a chegada do sínodo norte-americano na região, acabou ocorrendo um movimento de união e filiação de diversos protestantes que estavam de outras linhas, como as comunidades de Nove Colônias, parte da Linha Tapera e Linha Araripe, e parte da Linha Marcondes.

Figura 63: Igreja em 9 Colônias- Sínodo de Missouri- Nova Petrópolis.

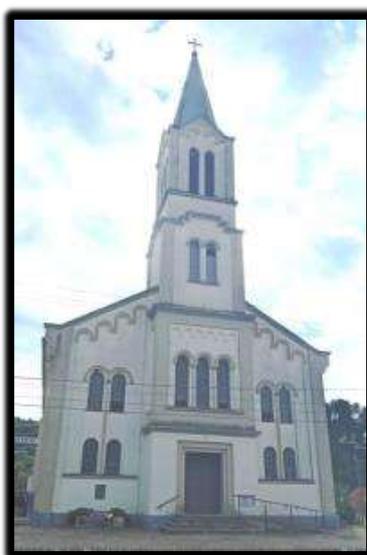


Fonte: Acervo do autor. 2020.

Conforme mencionado anteriormente, nos primeiros anos da colônia Provincial de Nova Petrópolis, os católicos também tiveram grande dificuldade para a prática de seu culto na colônia, mesmo tendo a seu favor as leis que priorizavam a Igreja e a religião Católica. Porém, tal como os protestantes, permaneceram longos anos sem atendimento espiritual próprio.

Em Nova Petrópolis, a primeira capela católica foi a da Linha Imperial, erigida pelos primeiros colonos e tendo sua administração, de 1865 a 1880, realizada pelos padres Jesuítas de São José do Hortêncio. Posteriormente, também atendida por padres de Sebastião do Cai, de 1881 a 1887, e de 1887 1905 novamente por párocos de São José do Hortêncio. Denominada de Igreja Matriz, é a sede da paróquia e seu padroeiro é São Lourenço¹³⁹. No ano de 1905, foi construída, na Linha Imperial, a Igreja de pedra, assim como uma casa canônica e, neste mesmo ano, tornava-se residente o primeiro padre, Sr. Fidânio Barrocher, que serviu à paróquia por 20 anos (PICCOLO, 1989, p. 130).

Figura 64: Igreja Matriz Linha Imperial- Nova Petrópolis.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Dentre outras capelas de Nova Petrópolis podemos listar: Nossa Sra. do Rosário, na Linha Sebastopol, fundada em 1898; Coração de Maria, em Pinhal Alto, fundada em 1916; Madre de Deus, em Linha Araripe, fundada em 1905; Nossa Sra. Pedancino, na Linha Gonçalves Dias, fundada em 1908.

¹³⁹ Não podemos esquecer um padre já citado anteriormente por sua contribuição e importância, não somente em Nova Petrópolis, Teodoro Amstd, figura excepcional do cooperativismo.

Figura 65: Altar Igreja católica Linha Araripe- Nova Petrópolis.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

A celebração da primeira missa na região de Nova Petrópolis foi na Linha Pinhal, antiga Tannenwald, pelo pároco José Hagg, em 1853. O local que serviu de recinto para a celebração da missa era a casa do colono Peter Josef Wickert, sendo erguido um cruzeiro com uma placa citando os nomes dos pioneiros que assistiram à cerimônia: Karl Noth; Peter Dillmann; August Jaeger; Johann Schuh; Peter Joseph Wickert Johann Buhler; Nikolas Scwaab; Franz Weber; Joseph Ziller; Castor Immig; N.N. Brachetti; Johann Phillippsen; Peter Rippel; Mathias Diehl; Peter Wendling; e Mathias Kirch (O TEMPO, 1953, p. 3).

Figura 66: Igreja Católica do Pinhal Alto- 1986 - Nova Petrópolis.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings –Nova Petrópolis.

Ainda que de forma superficial, é importante falar de um conflito que teve ressonância na história do município de Nova Petrópolis, a chamada Revolta dos Muckers. Esse conflito foi descrito por inúmeros autores, dentre os quais o Padre católico Ambrósio Schupp, em sua obra “Os Muckers” (1890). Também, o autor Carlos Hunsche (1981) traz relatos desta situação pelo pastor protestante Heirich Husnche, e há os próprios Relatórios dos Presidentes da Província do Brasil – Império (Relatório da Colonização - 1876). Trata-se de um conflito armado de caráter messiânico que ocorreu nos anos de 1873 e 1874, e que colocou frente a frente tropas militares e integrantes de comunidade religiosa que tinha como líderes o casal Jacobina Mentz Maurer e João Jorge Maurer, na região de São Leopoldo (atualmente Sapiranga).

O local era a Linha Ferrabraz, em uma colônia chamada Padre Eterno, área entre Novo Hamburgo, Taquara e Gramado. A região era ocupada por cerca de 150 imigrantes alemães, colonos originários da região de *Hunsruck*,

em sua maioria agricultores. Devido a vários aspectos, entre eles o abandono e a falta de assistência médica, religiosa ou educacional, acabou tendo como liderança o casal Maurer, em torno do qual foi surgindo uma seita, os Mauristas¹⁴⁰. Os integrantes grupo se destacavam por uma interpretação particular da leitura bíblica, não fumavam, não iam a festas ou bebiam, chegando a tirar seus filhos das escolas comunitárias, e eram relacionados como divergentes ou separatistas da linha de pastores ordenados luteranos ou padres jesuítas¹⁴¹.

Por volta de 1873, iniciaram-se grandes cizânias entre as comunidades locais, sejam eles seguidores ou não dos Muckers, o que levou inicialmente a um inquérito policial que prendeu João Maurer por 45 dias, e acabou proibindo o casal de realizar cultos em sua casa. Infelizmente, após isso, iniciaram-se atentados a autoridades, assassinatos, incêndios a casas, galpões e vendas, realizados por opositores ou membros do grupo dos Maurer. Em 1874, o Coronel Genuíno (ex-combatente da Guerra do Paraguai) comandou uma ação contra a casa dos Muckers, a fim de prendê-los, mas foi surpreendido por seguidores entrincheirados, o que causou quatro mortes e 30 feridos. Após a retirada da tropa do coronel, essa recebeu reforços, até mesmo de colonos alemães. O ataque foi retomado, acabando por incendiar a casa dos Maurers, levando a óbito 12 homens e 8 mulheres Muckers, além da prisão de seis homens e 36 mulheres.

Tudo parecia estar indo para o término do conflito, mesmo com a fuga de algumas lideranças dos Muckers, mas, ao amanhecer, o acampamento das tropas governistas foi atingido por tiros. Nesse conflito, o coronel Genuíno foi ferido na coxa e acabou morrendo. As tropas militares se organizaram em Campo Bom, agora com outro comando, e retomaram o ataque ao reduto dos Muckers; novamente foram repelidos, levando a óbito cinco membros da tropa e seis feridos. Outra vez houve organização para ajudar as tropas, com uma força civil composta de colonos de Sapiranga, Dois irmãos Taquara e de outras localidades, mas também sem êxito.

¹⁴⁰ O termo Mucker pode ser vinculado à santidade, falso beato. Para DREHER (2017), esse poderia ser relacionado com “mucken”, como um zumbido de abelhas, ou claro de rezas e preces.

¹⁴¹ Além de serem de origem alemã, e os imigrantes na maioria protestantes, os evangélicos ficaram mal vistos pela opinião pública, sendo vinculados a evangélicos fanáticos (DREHER, 2003, p.54).

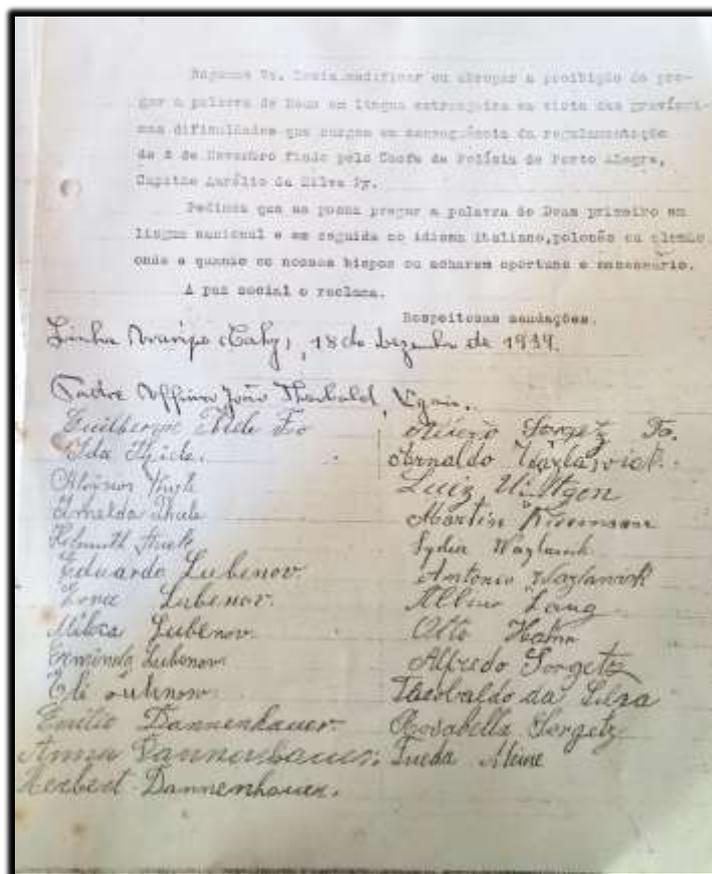
Somente após 35 dias do início das operações, logrou êxito o ataque ao último reduto Mucker, levando à morte 17 membros, 13 homens e quatro mulheres, entre eles Jacobina Maurer. João nunca foi encontrado¹⁴². Assim, dissolveram-se os Muckers, alguns foram processados, julgados e posteriormente libertados; muitos seguidores acabaram migrando para outras localidades, entre elas Nova Petrópolis.

A repercussão dos fatos afetou de forma direta, durante décadas, os moradores das colônias da região, e não foi diferente em Nova Petrópolis. Existia o medo e o preconceito, não somente com aqueles que se “diziam” Muckers na região, mas principalmente para aqueles que eram descendentes. O medo era tão recorrente entre as comunidades que, em Linha Pirajá, por volta de 1897, foram mortos em emboscadas os ex-integrantes Henrique Weber, Jacob Muller e Guilherme Grabin. Já em 1898, acusados injustamente pelo assassinato da esposa do colono Albino Schoroeder (o real homicida), mais de 100 colonos lincharam cinco Muckers que moravam em Nova Petrópolis e Lajeado (Jornal Repercussão, 2 de março de 2019). O Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul de 1899 trazia a tradução do jornal alemão “Deutsche Zeitung” de Porto Alegre, que noticiava que, no distrito de Novas Petrópolis, Município de São Sebastião do Caí, havia renascido a “seita fanática” dos muckers, e a população colonial da vizinhança, alarmada, já começava a abandonar os lares (Almanak Literário e Estatístico do RS, Edição 11, Ano 1899, p. 42).

Essa vinculação com os aspectos de religiosidade sempre esteve presente na vida social da cidade de Nova Petrópolis, tanto que podemos citar um conjunto de documentos do arquivo público da cidade, que são abaixo-assinados, como o da Figura 67, abrangendo todas as comunidades das linhas, no intuito de reivindicar que posteriormente a pregação da palavra de Deus em língua nacional, se pudesse fazê-lo em outro idioma, como italiano, polonês, alemão, ou “quando nossos bispos acharem oportuno e necessário”.

¹⁴² Segundo o Correio Rio Grandense de 1971, em janeiro de 1875, no Ferrabraz, foram encontrados dois cadáveres em estado adiantado de decomposição (enforcados), os quais seriam de João Jorge Maurer, que havia desaparecido, e seu irmão Carlos (Correio Rio Grandense, 1971, p. 23, 17 a 24 de julho de 1971).

Figura 67: Abaixo-assinado Linha Araripé – Cahy – 18 de dezembro de 1939.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis

Atualmente, quase todas as regiões ou linhas de Nova Petrópolis têm uma capela ou igreja, de diversas ramificações religiosas, evangélicas, católicas ou batistas. O vínculo com a religiosidade se faz presente também com a criação de grupos artísticos, danças, canto, folclórico ou simplesmente com as sociedades recreativas das localidades, em sua maioria ligadas a comunidades religiosas.

3.3Os lugares pelos olhos dos pioneiros

Desde o momento da chegada dos primeiros imigrantes à Colônia Provincial de Nova Petrópolis, muitos foram aqueles que contribuíram com relatos e descrições particulares do que observavam no cotidiano dos moradores. Essas observações, fossem elas realizadas por administradores da colônia, párocos e pastores recém-chegados, descrevem os aspectos geográficos e sócio culturais, os costumes e os rituais de comunidades. Mesmo que tais descrições sejam reflexos de concepções pessoais, tornam-se importantes documentos para a recuperação de uma história cotidiana que não aparece nos documentos oficiais.

Usaremos os relatos descritos nos relatórios provinciais oficiais, nos quais achamos os depoimentos dos primeiros administradores da colônia, intendentess e intérpretes. Da mesma forma, encontramos, nos primeiros anos da colônia, uma quantidade de relatos bibliográficos de visitantes, que deixaram suas impressões sobre o local, assim como acervo documental do Arquivo Histórico Municipal Lino Grings, de Nova Petrópolis.

Em relatório apresentado por Ângelo Moniz da Silva Ferraz, então presidente da Província, à Assembleia Provincial, na sessão do dia 5 de novembro de 1858, há relatos e observações do agrimensor José Maria Vidal¹⁴³. Segundo o agrimensor, em seus primeiros passos aos fundos da Linha Nova, entre os rios Cadeia e Caí, “existiam terrenos feracíssimos na mais linda situação, regados por límpidas e perenes águas de diversos arroios, que deslizam sobre as margens dos dois rios acima”(VIDAL,1858, p. 27).

José Maria Vidal ainda argumentava que via a instalação de uma colônia no local como sendo “azada” (oportuna), devido às suas características, entre elas a proximidade de outras linhas, como a Café, Nova e Hortêncio, possibilitando franca saída de produtos, e a relação da

¹⁴³ José Maria Vidal também ocupava a diretoria da colônia de Nova Petrópolis, em 1859. – Relatório da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul- Presidência de Angelo Moniz da Silva Ferraz – 22 de abril de 1859.

proximidade das pessoas que falam a mesma língua. O agrimensor ainda descreve que:

Achei reunidos muitos elementos para a prosperidade desta nova colônia, inclusive a melhor estrada de rodagem que a natureza pode oferecer em terrenos de serra. As águas são permanentes, cristalinas e abundantes; os terrenos de uma fertilidade assombrosa, os matos frondosos e ricos de madeiras, e com seus tabuleiros convenientemente inclinados para receberem todos os instrumentos aratórios (VIDAL, 1858, p. 28).

Ainda fazendo parte do relatório do agrimensor Jose Maria Vidal, o Presidente da Província, Ângelo Muniz Ferraz, em seu relatório, redige a seguinte passagem: “Em virtude disso criei ali uma colônia, e mandei medir nesse lugar prazos coloniais, e pela sua posição, e configuração de seu terreno a denominei ‘Nova Petrópolis’” (FERRAZ, 1858, p.28).

Já o Relatório para a Assembleia Provincial de S. Pedro do Sul, na 2ª sessão legislativa, apresentado pelo conselheiro Joaquim Antão de Fernandes Leão, em 1859, trazia na página um enfoque sobre a colônia de Nova Petrópolis. O autor (LEÃO, 1859, p.41) falava sobre os excelentes terrenos devolutos no alto da serra, descrevendo sobre a “amenidade e salubridade de seu clima, a fertilidade de seu solo”, sendo a “planície cortada em colônias com abundante água, e bordada de excelentes madeiras de construção”.

Sobre a vida dos imigrantes da colônia podemos averiguar os relatos dos pastores que aqui estiveram, iniciando pelo relato do Dr. Herrmann Brochad, que visitou a colônia em 1865, em meio à dificuldade com o pastor Weber:

Lá no alta das montanhas, entre penhascos íngremes, os colonos alemães construíram sua choupanas de barro. E não é fácil para eles trabalhar suas terras com a enxada na beira de precipícios. Maravilhosa é esta região de montanhas com suas matas exuberantes e seus férteis vales. Aqui nestas regiões montanhosas, a exemplo do que ocorre na pátria, crescem o centeio e o trigo. Mas verdadeiramente chocante e miserável é o aspecto do interior das casas e mais triste ainda é a situação no que diz respeito aos costumes e às crenças dos colonos. Faz sete anos que estas pessoas vivem sem terem recebido cuidado por parte da igreja, sem terem durante este tempo, ouvido se quer uma prédica evangélica. Uma grande parte da população anseia pela

vinda de um verdadeiro pastor, enquanto que outra parte está satisfeita com um verdadeiro beerrão degenerado. Em nenhum lugar, vi a situação religiosa e os costumes tão abandonados como aqui, se bem que incômodos e problemas existem em toda parte. É apesar disto, entre esta gente abandonada encontrei, como em nenhum outro lugar, almas tão confiantes no senhor. Almas que estão preocupados com sua salvação e que ardentemente desejam ouvir a palavra de Deus, mas que não tem possibilidade de ouvir uma prédica ou receber um sacramento. É absolutamente necessário que um pastor formado na Alemanha venha o mais breve possível para Nova Petrópolis (PICCOLO, 1989, p. 126).

O pastor Heinrich Hunscher, que assumiu a condução da comunidade luterana em Nova Petrópolis, também escreveu um relato inicial do que vira:

As bodegas são bastante frequentadas, brigas e processos estão na ordem do dia. Em nenhum outro lugar ouve tantas conversas desdenhosas sobre Deus e o seu culto como aqui. A situação é melhor nas picadas secundárias situadas nos vales (PICCOLO, 1989, p. 127).

Outras fontes estão relacionadas às publicações de livros sobre visitas às colônias no Brasil. Temos o caso do livro de Jean Charles Moré, com o *“Die colonisation in der provinz São Pedro de Rio Grande do Sul in Brasilien”*¹⁴⁴, de 1863, em que o autor destaca que a localização da colônia era extremamente favorável, e: “... prometia por isso um futuro muito feliz. Combinava fertilidade do solo, madeiras de altíssima qualidade e de todos os tipos, além de rios navegáveis.” (MOREÉ, 1863, p. 173-174).

Já em 1877, o historiador e geógrafo Oscar Canstatt, em sua obra *“Brasilien: Land und Leute”*¹⁴⁵, descreveu a beleza que encontrou pelas estradas que levavam à sede da colônia de Nova Petrópolis, caminhos que “serpenteavam” entre as propriedades, e onde os estreitos eram de rara beleza, encantavam os olhos com a rica alternância de florestas e rochas, campos cultivados e encostas, e quando mais perto se chegava a sede da colônia, mais teria de subir. Sendo que a sede ficava onde se iniciava a zona das araucárias sobre um platô sólido (CANSTATT, 1877, p. 433-434).

¹⁴⁴ A colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Brasil. (MOREÉ, 1863)

¹⁴⁵ Brasil: A terra e a gente. (CANSTATT, 1877)

As narrativas não ficavam relacionadas tão somente às belezas naturais. Alguns visitantes narravam a sua impressão do local voltada aos aspectos do cotidiano e do desenvolvimento dos colonos local, como no livro “Conselhos para emigrantes no sul do Brasil. Por iniciativa da Associação Central de geografia Comercial e Promoção dos Interesses Alemães no exterior, em Berlim”¹⁴⁶, de Alfred Sellin, de 1897.

As colônias provinciais possuem, em média, boas terras. Em alguns lugares, principalmente em Nova Petrópolis, poderia ser melhor, pelo menos nas linhas antigas, muito mal traçadas; mas embora essa colônia tenha, em média, terras medíocres, em alguns casos até pobres, nas partes altas, seus habitantes em grande parte já pagaram suas dívidas de terras e são possuidores livres e independentes de suas propriedades; existe um grau inconfundível de prosperidade em toda a colônia. Nova Petrópolis, fundada em 1858, é decididamente a pior das três colônias da província. No início da década de 1980, havia cerca de 300 lotes disponíveis, os quais, no entanto, não podem ser recomendados para assentamento enquanto o governo provincial não decidir ligá-los às partes antigas da colônia por boas estradas. Todo o povoado é habitado por cerca de 2100 alemães, tem igrejas, escolas, casas comerciais e moinhos, bem como vagões e mulas para transporte, etc., e em suas partes superiores produz excelentes centeio, cevada, aveia e maçãs em sua parte superior partes além de milho, feijão, batata, marmelos, pêssegos e mel enquanto no nos vales mais quentes, especialmente no Cahy, outros produtos, como o amendoim. - O algodão, o tabaco e a cana-de-açúcar prosperam ao lado da laranja e da banana (SELLIN, 1897, p. 44).

Encontramos, na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1872, as descrições feitas pelo Sr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello¹⁴⁷, Presidente da Província do Rio Grande do Sul (1867-68), quando de sua visita à Colônia de Nova Petrópolis acompanhado dos intérpretes da colonização, os Srs. Koseritz e Bartholomeu. Sua viagem, em 1868, tinha os destinos de São Leopoldo e Nova Petrópolis. Ele destaca:

A entrada da povoação de Nova Petrópolis, nos esperava incorporados os alunos e alunas da escola, bem como alguns colonos velhos, e colonas velhas e moças. Entoadado o hino alemão pelos alunos, três graciosas meninas vieram oferecer uma grinalda deflores.....Nova Petrópolis é o centro da colônia deste nome. Está assentada em um alto, e com põe-se de sete pequenas casas, todas cobertas de taboas de pinho, e de dois templos protestantes,

¹⁴⁶ *Rathschlägefür auswanderernach Südbrasilien. Aufveranlassungdês Centralvereinsfür handelsgeographieundförderung deutscherinteressenim Auslande zuBerlin* (SELLIN, 1897).

¹⁴⁷ Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello foi um político, escritor e cartógrafo paulista.

os quais, segundo o estilo, servem ao mesmo tempo de escola. São estes dois edifícios singelos, sem ornato algum, e sem forma exterior de igreja...As estradas para a colônia estão em péssimo estado; e foi muito útil ter tido esta ocasião de providenciar a respeito de tão urgente necessidade. Ha na colônia onze famílias de brasileiros natos. Nova Petrópolis tem de elevação sobre o nível do rio Cahy, no passo da linha Sebastopol, novecentos e noventa metros. No dia 22, pelas sete horas da manhã, deixamos Nova Petrópolis, com direção à margem do rio Cahy (MELLO, 1867, p.596).

O Pastor Hunscher, que gostava muito de escrever relatos periódicos às autoridades da Alemanha, reuniu este material e publicou um trabalho autobiográfico denominado “Os primeiros anos de serviço de um velho pastor evangélico na mata virgem do Brasil”¹⁴⁸.

Desde início de março de 1868, fui pastor das três comunidades, São José do Hortêncio, Linha Nova e Nova Petrópolis. Era uma paróquia grande em extensão e pequena em número de almas. São José do Hortêncio, no sul, contava com 56 famílias; Linha Nova, no centro, 33, e Nova Petrópolis, no norte, 36. Do centro de Linha Nova até Nova Petrópolis levava-se três horas a cavalo, e até São José do Hortêncio, duas horas. Em casos de falecimentos ou por outros motivos, a distância podia ser consideravelmente maior. Nova Petrópolis é montanhosa e, por isso, apelidada pelo Dr. Borchard a Suíça Rio-grandense. Linha Nova apresentava características parecidas, o que não ocorria com São José do Hortêncio. Os caminhos eram escarpados. Em Nova Petrópolis, a população compunha-se de muitas nacionalidades, prevalecendo os naturais da Renânia e da Baviera. Quanto à confissão, eram luteranos, reformadores e unionistas, fato não agradável nos primeiros anos (HUNSCHE, 1981, p.65).

Seguindo o relato do pastor Husche, a comunidade de São José do Hortêncio era a mais antiga por ele atendida, também a mais unida e já contava com uma capela de alvenaria, enquanto que a capela de Linha Nova e a de Nova Petrópolis eram consideradas uma “construção primitiva”. Segundo o pastor, assim era também a residência dos colonos que há pouco tempo haviam sido ali instalados (HUNSCHE, 1981).

Outro aspecto importante citado pelo pastor em seus relatos diz

¹⁴⁸ O Nome original “*Ausdenersten Amtsjahreineinsalten Urwaldfarrers*”, que foi publicado sua parte na revista editada pelo pastor Dohms de Cachoeira do Sul, depois São Leopoldo “*Deutsche Evangelische Blatter fur Brasilien*”, em 1921 (HUNSCHE 1981).

respeito às escolas locais e a seus problemas:

Em Nova Petrópolis, existiam já algumas escolas e, na sede (*Stadtplatz*), uma subvencionada pelo governo. Mas todas eram pouco frequentadas. As grandes distâncias, as péssimas estradas e ainda a indiferença incrível por parte de muitos pais eram empecilhos quase insuperáveis para o desenvolvimento escolar. (HUNSCHE, 1981 p. 69).

No período em que o pastor Hunsche atendia Nova Petrópolis, eclodiu no estado o que ficou conhecido como a Revolução Federalista, e em seus relatos aparecem várias situações ocorridas na região, como invasões, estado de sítio, saques, organização de sentinelas para a proteção e até mesmo execuções. Sobre esse momento, Hunsche (1981) cita um episódio mais contundente, de quando o pastor foi avisado para não ir à Nova Petrópolis, por esta ter sido tomada por tropas opostas:

[..] indiferentemente, encilhou o seu cavalo e foi ao “Stadtplatz”, passando tranquilamente por entre as tropas acampadas em torno da igreja, e começou o culto na hora marcada. Quando o barulho se tornou demasiado, o próprio comandante atendeu o pedido do pastor e ordenou aos soldados que se calassem, e, calmamente, Hunsche continuou a cerimônia (HUNSCHE, 1981 p. 81).

Inúmeros são os relatos que caracterizam a dinâmica do desenvolvimento da cidade de Nova Petrópolis. Diverge-se muito da pouca e restrita informação do município de Morro Redondo, mas, independente disso, em ambas as localidades demarca-se e se projeta, de forma perceptível, uma identificação com os aspectos rurais dos primeiros imigrantes.

3.4 A educação como objetivo da comunidade

Os colonos, desde sua chegada, buscavam de várias formas assegurar a possibilidade da educação dos seus filhos. Muitos descobriram que a realidade da nova vida no Brasil não era de acordo com o que imaginavam: promessas que foram feitas para os imigrantes, sobre a educação gratuita para aqueles que viessem para o Brasil, não retratavam a realidade. Por isso, reivindicavam aos responsáveis e diretores provinciais a

possibilidade de criação de colégio e, em face de essa impossibilidade, acabaram criando grupos escolares cujo professor era escolhido entre os membros da comunidade.

Um dos problemas da colônia, além do isolamento e da falta de estradas, era a educação. Segundo o historiador Renato Seibt (2012), as famílias, para alegria do governo, eram férteis e aumentavam em um nível acentuado. Segundo ele, costumava-se a dizer “... que na colônia, em cada colheita de batatas nascia mais um alemãozinho...” Desta forma, crescia a família e a mão-de-obra para o desenvolvimento local. Seibt ainda lembrava que até as igrejas incentivavam o processo, não sendo raros os padres e pastores que afirmavam que “Deus garantiria o pão de cada criança que nascesse” (A PONTE, 2012, p.16) ¹⁴⁹.

A primeira ação oficial para auxiliar no problema da falta de educação formal na colônia foi a concessão de subvenções para a contratação de pessoas que pudessem exercer o trabalho do professor, entretanto, poucos tinham formação para tal. Uma exceção foi o professor Frederico Michaelsen, que atendia a Linha São Jose do Hortêncio (localidade de São Leopoldo), sendo indicado pelo diretor Frederico Bartholomay, em 1865, para a “aula mista” instalada na colônia, formada por 33 crianças (A PONTE, 1985, p. 11).

Podemos observar, nos vários Relatórios Provinciais, todo o processo de evolução gradativa em relação à educação, assim como as dificuldades dos imigrantes em proporcionar a educação aos seus filhos. Lemos, no Relatório apresentado pelo Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul de 1864¹⁵⁰, Espiridião Eloy Barros Pimentel, em alguns momentos, as situações observadas na Colônia Provincial de Nova Petrópolis. O presidente informou, em 10 de março de 1864, que havia designado “três prazos urbanos para a edificação de um templo e escola, cujas despesas correrão por conta dos mesmos colonos”¹⁵¹, e relatava a solicitação do diretor da colônia para a criação de uma escola subvencionada pelos cofres provinciais (PIMENTEL, 1864, p. 91).

¹⁴⁹ Jornal A Ponte, 18 de fevereiro de 2012, p. 16.

¹⁵⁰ Relatório apresentado pelo presidente da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel, na 1^o sessão da 11^o legislatura da assembleia provincial, 1864. p. 91.

¹⁵¹ Os prazos, ou “prazos coloniais”, eram os lotes de terra.

Figura 68-69: Escola Evangélica Alemã –Fazenda Pirajá-Linha Temerária –Prof. Albert Kruster (1937) – Escola paroquial alemã (Católica)- Linha Imperial – Padre Afonso Theobald (1937)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

Já no mesmo relatório, agora no dia 2 de setembro 1864, era informado pelo diretor da colônia que, respectivamente, nas Linhas Olinda e Linha Imperial, havia cerca de 100 menores de ambos os sexos que necessitavam de instrução primária. Além disso, requisitava que fosse executada para Nova Petrópolis a Lei nº 579, de 17 de maio de 1964, que permitia a presidência da província contratar professores particulares.

Figura 70-71: Escola comunitária Prof. Hugo Wedgl (1934)–Aula Imperial prof.Wrelruth (1929)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings – Nova Petrópolis.

Uma das ações para buscar minimizar tal problema na colônia era a criação de aulas subvencionadas que garantiam o ensino elementar as crianças. Observamos, no Relatório da Administração das Colônias da Província de 1867, em que Koseriz descreve que na Colônia de Nova Petrópolis existiam duas aulas subvencionadas, tendo elas os professores Rodolfo Schemipfening e Frederico Michaelsen. Assim, garantia-se o ensino elementar para as crianças das picadas mais populosas, mas, por outro lado, nas linhas Pirajá, Christina e Sebastopol, havia a necessidade de subvencionar mais professores, visto que a pobreza dos colonos não permitia pagar professores particulares¹⁵² (KOSERITZ, 1867, p.39).

No Relatório da Colonização da Provincial do dia 20 de janeiro de 1874¹⁵³, realizado pelo agente intérprete Luiz Kramer Walter, destaca-se a situação da colônia quanto ao ensino público, citando que havia três aulas com professores subvencionados pelo governo Provincial, frequentadas por 124 alunos, de ambos os sexos. Já na Linha Pirajá, havia uma única aula particular frequentada por 11 meninos e 10 meninas (WALTER, 1874, p.6).

Figura 72-73:Linha Olinda Escola do Professor Jacob e Julieta Haas.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings- Nova Petrópolis (1934) .

¹⁵²Relatório da administração central das colônias da província de S. Pedro do rio grande do sul apresentado ao digníssimo Presidente da Província pelo agente intérprete da colonização Carlos Koseritz 1867.

¹⁵³ Relatório da repartição de Colonização – 1874. Relatório da Província de S. Pedro do Rio Grandedo Sul. Presidente Carvalho Moraes .7 de março de 1874.

Em 1877, em fala para a Assembleia, o Dr. João Dias de Castro apresentou a situação em Nova Petrópolis, citando que pela Lei 771, de 4 de maio de 1871, havia-se criado escolas públicas de sexo masculino na Linha Sebastopol e na Linha Olinda, sendo que a primeira tinha como professor interino Frederico Michaelsen, as outras escolas ainda estavam sem professores. Informava também que para aulas de ensino primário particular havia três locais: Linha Imperial, prof. Felipe Weber – 10 alunos e seis alunas; Linha Pirajá, prof. Frederico Drechsler – 22 alunos e 12 alunas; Linha Olinda, prof. Carlos Oendel – 18 alunos e 10 alunas (PICCOLO, 1989, p.110).

[...] apesar das promessas que faziam parte da “propaganda” da emigração na Europa, no século XIX. A maioria dos professores, para poder sobreviver com sua família, trabalhava também na agricultura (PAZ, 2006, p. 277).

As dificuldades encontradas pelos educadores na colônia estavam ligadas abaixo remuneração, que acabava fazendo com que eles buscassem maneiras de obter mais recursos para seu sustento. Muitas vezes, reivindicavam, para o trabalho, a concessão de um lote de terra na colônia. O investimento na educação era lento e escasso, tanto que: “Durante muitos anos o salário do professor Frederico Michaelsen era o único investimento oficial na educação em Nova Petrópolis” (O Pioneiro, 6 março, 2010)¹⁵⁴.

Podemos utilizar como um exemplo das dificuldades dos educadores na época o professor Frederico Michaelsen. Sr. Michaelsen nasceu em Hamburgo, na Alemanha, em 1829, e lutou ainda jovem no exército alemão, em guerra contra a Dinamarca, para posteriormente vir para o Brasil, incluindo-se no Exército brasileiro, na Guerra contra o ditador Rosas, ou seja: Sr. Michaelsen era uma Brummer, como já descrito anteriormente (MARQUES, 2009, p. 71).

Encontramos o nome do professor Michaelsen em diversos relatórios oficiais da Província, pois assumira o posto de educador em mais de uma localidade, mas outra fonte é interessante citar. Em 1889, o professor de Nova Petrópolis enviou um texto para o jornal alemão de propriedade de

¹⁵⁴O Pioneiro – 6 de março de 2010 - Renato Seibt – O ano letivo de 2010.

Carlos Kosetiz, o *Deutsche Zeitung*. Nele, foi publicada¹⁵⁵, na edição de nº 52, de 1 de julho de 1898, o título: “Diretrizes para os jovens que desejarem seguir a carreira do magistério na falta de outras ocupações”. A carta é um relato pequeno, mas muito interessante, sobre sua vida e sobre a forma que encontrou para prosseguir sendo professor nas linhas e colônias da época. Podemos ler que o Sr. Michaelsen, já em 1853, se decidiu a fundar uma escola por conta própria, a qual, inicialmente, tinha apenas nove alunos e, posteriormente, chegou a 13, dentre os quais o “futuro profeta e médico milagroso” Jorge Mauer, marido de Jacobina (Muckers).

Para seu sustento, Michaelsen não assumia somente o papel de professor em comunidades, mas também trabalhava no auxílio religioso, como pastor: “...estava no meu cargo, o serviço da Igreja nos domingos quando o Pastor estivesse ausente”. O professor pastor presidia as pregações, fazia leituras e sermões, recebendo, para isso, além de um valor anual de cada membro da comunidade, parte em feijão preto e milho *in natura*.

No dia primeiro de maio de 1854 assumi como professor na Linha Hortêncio, conhecida como “Picada dos Portugueses”. Ali, eu assinei um contrato por quatro anos, recebendo a moradia e terras para plantar, além disso, um salário fixo de dez mil réis mensais. Devia lecionar para todas as crianças da comunidade, cujo número oscilava entre 30 e 40. Estas davam suas contribuições mensais em moedinhas que somavam 13, 14 ou 15 Mil réis. (MICHAELSEN, 1848).

Com essas situações de dificuldade recorrente, foi importante a formação das comunidades religiosas, pois elas constituíam simultaneamente suas capelas e suas salas de aula\escolas. Quando não era utilizado o mesmo espaço físico, eram construídas lado a lado, como a Escola Pinhal Alto (Figura 74) construída em 1909 e que, em 1913, já contava com 63 alunos¹⁵⁶.

¹⁵⁵ O texto de Michaelsen foi traduzido pelo professor Renato Seibt e publicado no Jornal A Ponte, em novembro de 1987. Memórias do professor Frederico Michaelsen – Novembro de 1987 – Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings –Nova Petrópolis.

¹⁵⁶ Nova Petrópolis 61 anos – O Diário da Encosta da Serra – 29 de fevereiro de 2016.

Figura 74: Escola Pinhal Alto.



Fonte: O Diário da Encosta da Serra, 2016.

Da parte do Sínodo Riograndense, já existia a criação de escolas e formação de professores desde o ano de 1886. Esses professores eram destinados às comunidades (*Gemeindeschulen*) criadas nas colônias alemãs. Durante décadas, Nova Petrópolis esteve ligada a “aulas”, e esses grupos estavam localizados em várias regiões, muitos deles com auxílio das paróquias ou das subvenções provinciais.

Diversas foram as tentativas de formação de escolas, entre elas podemos citar do professor August Willrich, que havia lecionado na Suíça e em Paris, e queria tentar instalar uma “Escola Avançada”, o “Colégio Nova Petrópolis” ou o “Colégio Sete de Setembro”. Infelizmente, não obteve êxito, mas, mesmo assim, o professor Willrich foi muito importante para a formação de alunos no ensino particular. A segunda iniciativa citada foi a do Pastor Gustav Braun e de sua esposa, em 1930, que instalaram um colégio para a continuidade do estudo aos jovens. Com todas as dificuldades, a comunidade construiu o “Colégio Evangélico”, mas um incêndio em agosto de 1939 o destruiu (PAZ, 2006, p.282).

Os colonos perceberam que não podiam esperar que as autoridades proporcionassem a instrução mínima a seus filhos, por isso se colocaram à frente do processo, e os resultados foram as escolas comunitárias “*Gemeindeschule*”, mantidas com os poucos recursos dos colonos. Era o caso da escola da comunidade da Linha Brasil, cujo estatuto é

de 1914(Figura 75).

Figura 75: Estatuto da escola da comunidade da Linha Brasil- 1914.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

Segundo Seibt (2012), o governo não tinha tanto interesse na educação. Assim, sucessivamente, as reclamações por essa escassez não eram atendidas. O que salvou a situação foram os sistemas de escolas comunitárias ou “comunidades escolares”, de modo que foi possível evitar o analfabetismo, que era comum, segundo o historiador, em todo o império (A PONTE, 2012, p. 16).

Muitos foram os professores que lecionaram na escola comunitária, mas um personagem em especial, que teve sua chegada e instalação em 1922, foi o pastor alemão Paulo Evers. O pastor Evers e sua esposa Elizabeth foram grandes motivadores da comunidade em torno da causa educacional, e transformaram a escolinha da Linha Brasil em um estabelecimento exemplar, garantindo ótima formação aos seus alunos. Segundo Seibt (1998), “Era fácil distinguir naquela época que fora aluno da Escola do Pastor Evers”¹⁵⁷.

No ano de 1918 terminou a “1ª guerra Mundial” e o Governo Brasileiro sentiu-se no dever de promover o ensino da Língua Nacional, Civismo e História Pátria, nas regiões ocupadas por

¹⁵⁷ Renato Seibt – Centenário de um grande líder comunitário - março de 1998. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings.

imigrantes das várias etnias chegadas ao Brasil desde 1815. Tratava-se do primeiro esforço de “nacionalização” onde professores, de preferência bilíngues, eram contratados e enviados às comunidades do interior, para complementar a educação dos jovens nas chamadas “Aulas Públicas Federais”.(Renato Seibt - Centenário da Professora Elisabeth P. Seibt. junho, 2001 –Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings –Nova Petrópolis)

Durante alguns anos, as escolas se desenvolveram com normalidade, sendo que, somente após o início da segunda Guerra Mundial, tiveram novamente que enfrentar outro problema: a determinação do Ministério do Interior do Brasil para o fechamento das escolas “alemãs” da Linha Brasil, escolas estas em que não se lecionava em língua portuguesa, assim como a exigência da alteração do diretor da escola, pois, pelas novas regras, exigiam-se diretores brasileiros natos ou naturalizados¹⁵⁸. Essa situação foi resolvida graças ao Prefeito Egydio Michaelsen, que, além de conhecer o trabalho do Pastor Evers, era seu amigo e, ao visitar a escola para fechá-la, achou a solução para o problema, a de nomear a professora Ruth Hildegard Evers, filha mais velha do pastor Evers, como diretora (Renato Seibt – Centenário de um grande líder comunitário - março de 1998. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings- Nova Petrópolis).

As ideias do Pastor Evers frutificaram com a transformação, em 1953, da antiga Comunidade Escolar Evangélica da Linha Brasil na Associação Educacional Linha Brasil (AELB), com a finalidade de ampliar as atividades de educação, mantendo, além do curso primário, o secundário, denominado Ginásio Bom Pastor (A Hora, 6 de setembro de 1958):

O ensino em Nova Petrópolis teve um grande incremento com a emancipação política em 1955. Naquele ano surgiu o “Ginásio Bom Pastor”, com o sucessor da Escola Paroquial existente desde o século XIX. A primeira administração do novo município conseguiu estabelecer uma ponte entre o antigo sistema das comunidades escolares e o ensino médio. As escolas municipais então surgidas aproveitavam o espaço físico das escolas desativadas, mantendo as Comunidades Escolares como apoio. (Renato Seibt – O ano letivo de 2010. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings. Nova Petrópolis)

No ano de 1966, foi criada uma escola Agrícola. Já em 1996, a escola

¹⁵⁸Brazil. Decreto de lei nº 88 de 1938.

Bom Pastor foi municipalizada, sendo denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Pastor. A Escola Técnica Bom Pastor é mantida pela Associação Educacional Bom Pastor/AEBP. No ano de 1998, a Escola Bom Pastor completou seus 100 anos.

Figura 76-77: Grupo escolar Padre Werner.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

A Escola padre Werner ¹⁵⁹ se originou através da iniciativa demoradores da sede de Nova Petrópolis, tendo sido considerada “escola isolada”, termo usado para caracterizar a instituição de ensino público na época ¹⁶⁰ que tinha características “autônomas, sendo elas flexíveis as necessidades locais” (ROSSI, 2017). Como uma escola da comunidade, contratou, nos primeiros anos da colônia, o professor Mauricio Bildhaus, que trabalhou entre 1872 e 1908, e, posteriormente, o professor Frederico Michaelsen, substituído pelo professor Augusto Dunker (1909-1918).¹⁶¹No ano de 1919, quem assume a escola é a professora Elisabeth Seitb. No ano de 1947, passou a ser denominada de “Grupo Escolar Padre Werner” e, mais tarde, em 1979, “Escola Estadual Padre Werner”, sendo atualmente “Colégio Estadual Padre Werner”.

O cenário no Brasil, entre a segunda Guerra Mundial e o processo do

¹⁵⁹ O nome foi dado em homenagem ao Padre Werner, um sacerdote jesuíta, natural da Vestfália, Alemanha, responsável por um grande trabalho pastoral e cultural no Rio Grande do Sul, sendo professor em Porto Alegre. É autor de várias obras, entre elas: “Livre arbítrio”, “Direito à vida do nascituro” e “Ensino religioso”

¹⁶⁰ Referindo-se a escolas primárias, ROSSI (2017, p. 168) lembra que havia diferentes instituições de ensino público: eram grupos escolares, escolas isoladas, escolas reunidas, escolas particulares, subvencionadas e escolas estrangeiras.

¹⁶¹ Site institucional do Colégio Estadual Padre Werner.

“nacionalismo” do estado Novo, repercutiu nos aspectos educacionais no Rio Grande do Sul, principalmente pelo fato de sediarem grandes grupos de origem imigrante, alemães e italianos. Desta forma, orientava-se aos estados e municípios maior participação no processo educacional, na criação de novas escolas e na contratação de professores. Além disso, via-se a estimulação do civismo e do patriotismo (Figura 78).

Figura 78: Festa cívica em 1942. Alunos apresentam exercícios físicos como desejava o Estado Novo.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

Nesta mesma época, o programa educacional sofreu uma radicalização que inviabilizou as escolas comunitárias mantidas por imigrantes. Seus nomes tiveram demudar para ilustres brasileiros; para o cargo de direção da escola, somente poderiam exercer a função os brasileiros natos; os professores poderiam ser somente brasileiros natos ou naturalizados, além de formados em escolas brasileiras; os currículos também foram reelaborados, sendo o patriotismo estimulado (PAZ, 2006, p. 283).

3.5 As redes de sociabilidade

Entre os diversos aspectos que fizeram parte desde a chegada do imigrante nas colônias está a relação de sociabilidade. O ato de levar a vida em comunidade, a inclinação de estar próximo ao outro tinha muito forte a ligação com o fato de se reconhecer e fazer parte de um grupo étnico. Desta forma, o imigrante já trazia de sua terra natal os costumes e as práticas que se fizeram importantes para o desenvolvimento local.

Giralda Seyferth (2000) já descrevia a relação entre os aspectos das ideias de comunidade ligadas por princípios, como a escola, a igreja e a língua falada, que sustentavam as tradições de origem, tais como as sociedades recreativas, assistenciais e culturais, e as formas de sociabilidade equivalentes.

No caso das colônias alemãs, por exemplo, sociedades como as de Tiro e de Ginástica (*Schutzenviren* e *Turnveiren* respectivamente), apesar da ênfase nas atividades esportivas, estavam identificadas com o nacionalismo alemão no seu surgimento, no início do século XIX. (SEIFERTH, 2000, p. 165).

A chegada da fase republicana no Brasil, em 1889, é precedida por diversas revoltas. O Rio Grande do Sul se envolveu, em 1893, em um conflito revolucionário conhecido por “Revolução Federalista” ou “Guerra dos Maragatos”, que, por causa de sua violência, foi conhecida também como a “Guerra dos Degoladores”. Esse evento acabou levando a morte e o terror para todos os lugares do estado, pois, independentemente do quão pacíficas eram as colônias, estavam sujeitas aos seus atos da revolta.

Formavam-se bandos de revolucionários cujo único ideal era a violência e a pilhagem nas colônias indefesas, registrando-se inúmeras mortes entre inocentes que nada tinha a ver com a revolução. Nova Petrópolis recebia as “visitas” indesejáveis dos bandoleiros vindo dos Campos de Cima da Serra (Renato Seibt – Tiro Rei, uma tradição que se repete. Outubro de 1999. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

Conforme Seibt¹⁶² (1995), dois líderes federalistas da região, Belisário e Batista Soares, tinham nos Campos de Cima da Serra um grupo armado, tendo à frente Maneca Leão e Antônio Correia. Esse grupo, segundo o historiador, era composto por cerca de 30 a 40 homens, mas, para levar terror aos colonos, falava-se que era formado de cerca de 400 homens. Esse grupo acabou se fixando nos limites da Colônia Provincial de Nova Petrópolis e teria, inicialmente, preservado seus vizinhos de problemas, mas, em determinado momento, iniciou incursões saqueando casas comerciais, como a de Peter Haas, na Linha Olinda, logo em seguida a de Peter Dill, na Faria Lemos e, assim, “as casas comerciais em toda a colônia e mesmo os colonos em particular foram vítimas das tropelias” (SEIBT, 1995).

É lembrado por Seibt o dia 31 de janeiro de 1895 pela importância dos acontecimentos. Os maragatos saquearam a Linha Araripe, Linha Brasil e Linha Imperial, mas, no momento em que estavam em um potreiro e “churrasqueavam” uma rês fruto do saque, foram atacados por colonos armados, sob o comando de Alfredo Steglich. O confronto deixou mortos e feridos, além disso, a ameaça de vingança dos saqueadores.

Foi através destas ameaças, e em meio ao medo e ao perigo, que os colonos formaram grupos de guardas armados, que ficavam colocados em locais estratégicos. Foi criado um sistema de sinalização sonora para ataques e locais para resguardar mulheres, crianças e idosos, quase sempre no meio do mato. Toda esta organização e movimentação acabou provocando um recuo dos bandos armados na região. Entusiasmados, alguns colonos, tendo o coronel Steglich à frente, formaram um “*Schützenverein*”, ou seja, uma “Sociedade de Atiradores” na sede da Colônia, fundada em 20 de outubro de 1895, sendo denominada de “*Deutsch Uniformierter Schützenverein Von NeuPetropolis*” (Sociedade Uniformizada de Atiradores Alemães de Nova Petrópolis). Posteriormente a ela, outras surgiram, como na Linha Nova e na Linha Araripe (A PONTE, março de 1995).

¹⁶² Renato Seibt. 100 Anos de História – 1ª parte. Março de 1995. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings.

As sociedades tratavam também de promover eventos, festas, como o *Schutzenfest*¹⁶³, que além de render premiações e homenagens, seguia com um baile tendo início uma *Polonaise*¹⁶⁴, e se organizava, segundo Renato Seibt(1999), da seguinte forma:

O “Komandant” era o Comandante dos Atiradores, tinha como auxiliares o “Schliesswart”, encarregado das armas e munições; de uma porta estandarte “1.Fehrich” mais dois auxiliares. Nos assuntos civis a Sociedade tinha um Presidente, Secretário e Tesoureiro. Papel muito importante desempenhava o “Rei” ou “Schützenkönig”, escolhido anualmente pelo “melhor tiro”. Seguindo-se os 2 Condes “1.Ritter” e “2.Ritter”, considerados “Cavaleiros da mais alta nobreza”, homenagem especial recebia ainda o “melhor atirador”, aquele que somava o mais número de pontos (Renato Seibt –Tiro Rei, uma tradição que se repete. Outubro de 1999- Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

Figura 79: O Prefeito de Sebastião do Caí visita Nova Petrópolis- Recepção antigo prédio da Sociedade Tiro ao Alvo.1941



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis

¹⁶³ Em conjunto da festa realiza-se o torneio de Bolão-Mestre.

¹⁶⁴ *Polonaise* tratava-se de uma caminhada de pares no salão, que seguem os passos de um “casal guia”, sob os acordes de uma “bandinha” (PAZ, 2006, p. 323).

Por volta de 1902, a Sociedade de atiradores do coronel Steglich adquiriu o terreno atual, que era uma “sobra” das quadras originais da sede¹⁶⁵. No ano seguinte, os membros compraram a estrutura de uma velha igreja da Comunidade Evangélica, em estilo enxaimel, que foi retirada para dar lugar ao novo templo. Em 1973, teve início a construção da nova sede em que está instalada até os dias atuais.

A Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo teve suas atividades suspensas durante a segunda Guerra Mundial, tendo seu retorno no ano de 1946. A Sociedade teve um papel representativo em diversas ocasiões históricas de Nova Petrópolis¹⁶⁶.

Figura 80: Em 1973, começou a construção da nova sede da Sociedade Recreativa Tiro ao Alvo



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

O Jornal A Federação, do dia 29 maio de 1903, traz em suas reportagens o seguinte relato sobre o Club de Atiradores da Linha Araripe de Nova Petrópolis:

¹⁶⁵ SEIBT, Renato - Outubro de 1999 - Tiro Rei, uma tradição que se repete.

¹⁶⁶ A Sociedade Cultural Recreativa Tiro ao Alvo também proporciona eventos, festas, bailes, e campeonatos de bolão.

No dia 10 do corrente realizou-se a imponente festa da benção da bandeira do Club de Atiradores da linha Araripe, de Nova Petrópolis. Estiveram presente quatro sociedades e muitos habitantes deste distrito, em tudo mais ou menos 60 pessoas, que foram cumprimentadas pelo digno presidente do mencionado Club, capitão João Wazlanvick. A uma hora da tarde subiu a tribuna o tenente-coronel Alfredo Steglich, rei dos atiradores da povoação de Nova Petrópolis, e pronunciou longo discurso, consagrando a nova e bonita bandeira, pregando o primeiro prego na Haste de honra ao Estado do Rio Grande do Sul. Os padrinhos da bandeira foram os clubes de atiradores da Linha Nova e Povoação, os quais ofereceram como prenda duas finas fitas de seda. Na ocasião utilizaram a palavra o presidente dos Atiradores da povoação, Augusto Dunher, o representante dos da Linha Nova, o tenente-coronel AfredoSteglich. Falaram ainda José Weingarten, Henrique Drecheler, José Neumann Filho e a estimada filha do Sr, Alberto Sorgotz, que foram muito aplaudidos. De noite houve baile, que foi muito animado (A Federação, 29 de Mario de 1903, Ano XX, nº 124).

Figura 81: Atiradores da Linha Araripe, 1928- 25 anos de fundação.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

Outra característica que os primeiros imigrantes da Colônia Provincial de Nova Petrópolis trouxeram consigo foi a musicalidade. É difícil não imaginar o trabalho diário nas picadas, repletas de matas e capoeiras, que deveriam ser limpas para a utilização, não ser embalado com músicas que

rememoravam a terra natal, assim também as reuniões familiares ou com os vizinhos, que poderiam ser sinônimo de recordação e sonoridade.

Emigrar significava romper com o passado representando a Família, amigos, comunidade e Pátria. Era um processo doloroso, marcado pela música nos seus momentos mais cruéis. Poucos teriam condições de retornar algum dia (Renato Seibt- Música: Uma antiga tradição entre nós. março de 1998-Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

Seja em encontros despreziosos, festas ou comemorações, surgem as ideias dos primeiros bailes, assim como as iniciativas da organização de Sociedades locais que proporcionavam lazer e diversão em seus salões, com suas bandas e corais. Desta forma, em batizados, casamentos, confirmações até mesmo em velórios, a música se fazia presente. Assim também surgiram as Sociedades de cantores, os “*Sangervereine*”(PAZ, 2006, p. 323).

Das festas que se destacam pelo seu aspecto de confraternização e sociabilidade é o Kerb, uma festa de origem religiosa que vem de “*Kirchweihfest*”, a festa anual da paróquia, que lembra o aniversário de inauguração da igreja, iniciando com um culto seguido de almoço. Aos poucos, foram perdendo alguns aspectos, tornando-se grandes eventos, sendo realizados em salões, com bandas e bailes.

Sobre os músicos locais, Seibt (1998) afirma que, a partir de 1875, receberam importantes contribuições e reforços, por conta da chegada de imigrantes alemães vindos da Boemia, que tradicionalmente tinha bons conjuntos musicais e tocavam maior número de instrumentos. Não demorou para as bandas locais serem conhecidas na região, sendo muito solicitadas.

Figura 82-83: Membros da Banda Real e Conjunto Tupy da Linha Imperial.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis

Em conjunto com as bandas, surgem os primeiros corais, estes ligados principalmente às comunidades religiosas, ou às associações criadas nas Linhas:

O canto coral também se desenvolvia a passos largos surgindo os *Mennerchöre* (coro masculino) e *Gemischtechöre* (coros Mistos). Tanto estes corais quanto as bandas das sociedades tinham o dever de acompanhar as cerimônias fúnebres dos associados ou de qualquer membro de suas famílias (Renato Seibt- Música: Uma antiga tradição entre nós. março de 1998-Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

Na localidade de Nove colônias, conversamos com o Sr. Lauri Altreider¹⁶⁷, responsável por apresentar a antiga Casa Comercial Altreider, fundada em 1914 por seu bisavô Carl Altreider. No local, funcionava comércio, salão de baile e pousada para visitantes, tropeiros e caixeiros-viajantes. Atualmente, é local de visitação, que conta com acervo familiar.

¹⁶⁷ Lauri Altreider. Entrevista concedida ao autor, em 20 de junho de 2020. Nova Petrópolis/RS.

Segundo o Sr. Altreider, o coral masculino da localidade foi fundado em 1919, sendo que:

Eles cantam em festas e enterros, cantam em alemão em português, mas inicialmente era somente em alemão...aqui falamos só em alemão, esse pessoal não sabia falar direito o português, daí na época da guerra eles tiveram de parar, e trocar o nome, ficando sociedade de cantores, e a primeira sede era aqui, um salão de festas, antes de ter a sede lá abaixo (ALTREIDER, 2021).

Figura 84: Coro masculino- Sociedade Concórdia- Linha Imperial.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis.

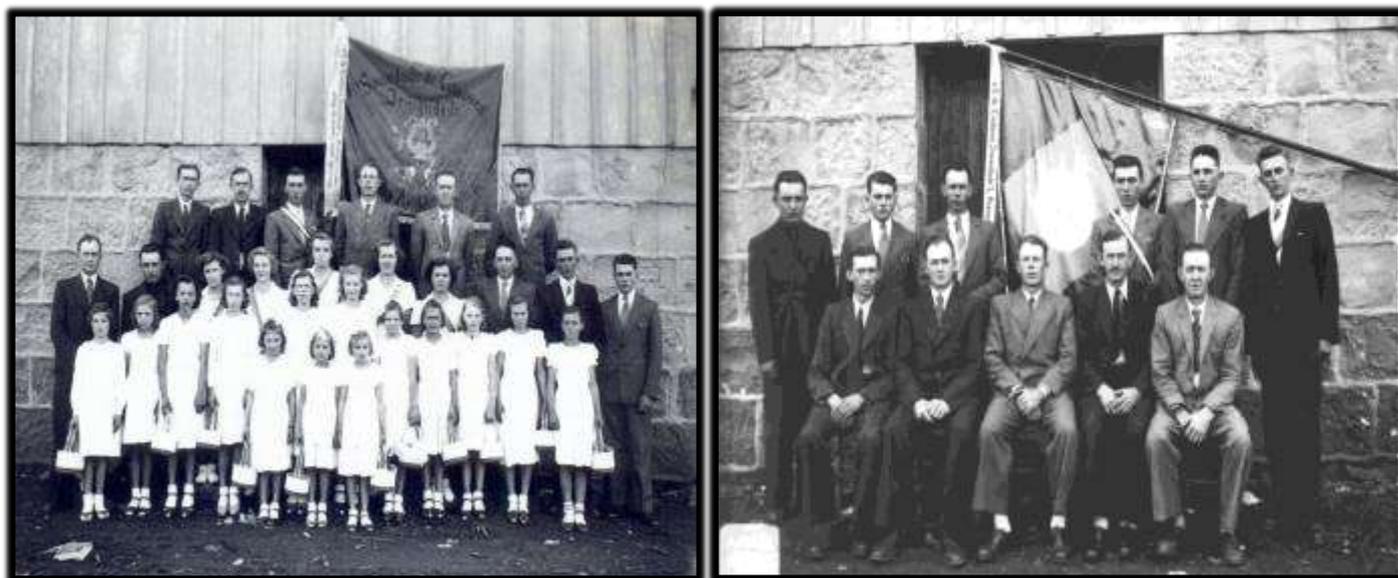
O período da segunda Guerra Mundial e o nacionalismo do Estado Novo de Getúlio Vargas influenciaram muito o desenvolvimento e a conservação das características já existentes na religiosidade protestante, nas escolas, no ensino e, claro, nos processos e hábitos de sociabilidade ligados aos imigrantes, principalmente aos alemães.

Infelizmente a evolução natural da música e do canto foi muito prejudicada pelas duras perseguições havidas durante a segunda Guerra Mundial. O canto nas igrejas, sociedades e mesmo nas famílias acaba morrendo, pois tratava-se de velhas melodias e textos em alemão, inexistindo até então material suficiente em língua nacional. As bandinhas continuaram a tocar em todas as ocasiões, pois não havia o que proibir. (Renato Seibt- Música: Uma antiga tradição entre nós. março de 1998-Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis)

Essa influência descrita pode ser percebida sensivelmente no registro fotográfico das Figuras 85 e 86, em que o Coro masculino da Sociedade

Irmandade da Linha Araripe, de 1950, se apresentava com a Bandeira Nacional.

Figura 85-86: Sociedade de Cantores-Linha Araripe- 1946 e 1950.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis

Uma característica que podemos observar nos grupos, seja de corais, cantores ou Sociedades organizadas, é a utilização, para a representação de sua agremiação, de bandeiras ou estandartes, com as quais eram realizadas celebrações e festas de inauguração ou “sagração”. “As bandeiras eram confeccionadas e bordadas por senhoras e jovens das localidades, as “madrinhas” das bandeiras” (PAZ, 2006, p. 324).

Figura 87: Inauguração da Bandeira da Sociedade Tiro ao Alvo 1960.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis

Outras atividades artísticas também faziam parte da sociabilidade das comunidades, como o caso da *Theatergruppe Von São Lourenço* – Grupo teatral da Linha Imperial de 1934 (Figura 88).

Figura 88 :Theatergruppe Von São Lourenço – 1934- Nova Petrópolis.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis.

Outra diversão tradicional era o jogo de futebol. Em todas as regiões, era muito fácil encontrar um “*Fussbalkamp*”, ou seja, um campinho de futebol. Na sede de Nova Petrópolis, foi organizado, em outubro de 1943, um Clube oficial de futebol, e, com a permissão de prefeitura de Caí, o “Sport Club de

Nova Petrópolis” pode utilizar um terreno municipal para seus jogos. Já em 1955, houve a doação por parte da prefeitura do terreno para o time. O Esporte Clube de Nova Petrópolis existe até a atualidade.

Figura 89: Esporte Clube Nova Petrópolis- 1948.



Fonte: Jornal Pioneiro, 4 de junho de 1980, p.18.

A criação e a organização de grupos de danças folclóricas de Nova Petrópolis ocorreram através de pesquisas e da revitalização das tradições, conseguindo identificar diversas características da cultura local, fazendo possível recriar danças, músicas e vestimenta típicas:

A organização de grupos de danças folclóricas é um processo recente, uma vez que iniciou em meados da década de 80. Constitui na realidade, uma reintrodução cultural. Os grupos folclóricos formados a partir dessa época, resultaram de um trabalho de pesquisa, cuja objetivo foi de identificar os elementos culturais típicos de cada grupo que povoou Nova Petrópolis (PAZ, 2006, p. 331).

A tradição do Rio Grande do Sul também teve sua representatividade, quando foi fundado, por um grupo de tradicionalistas locais, no dia 1 de junho de 1983, um centro de tradições gaúchas, denominado Centro de Tradições Gaúchas Pousada da Serra. Esse nome foi dado em homenagem aos tropeiros que tinham nessa região um lugar de “pouso”.

4. Morro Redondo e Nova Petrópolis: semelhanças e dissonâncias em cidades com processos de formação diferentes porém com matrizes étnicas e religiosas semelhantes

4.1 Construção social da Memória: Religião e germanidade

Em relação a este estudo de caso, devemos entender as grandes diferenças relacionadas aos dois municípios em questão: Morro Redondo e Nova Petrópolis. Torna-se indispensável sinalizar os vários fatores que determinam os caminhos que levam aos diferentes níveis de desenvolvimento, sejam eles econômicos sociais e culturais.

Utilizando as diversas informações referentes às particularidades locais, foi possível traçar alguns questionamentos e elaborar algumas proposições que permitem entender os processos envolvendo as conjunturas sociais, econômicas e, fundamentalmente, memoriais e patrimoniais de cada um dos dois municípios. Tendo em vista os processos históricos e sociais destes municípios, buscamos colocá-los lado a lado no sentido de entender como o passado, ritualizado e patrimonializado aparece ativado em cada um desses universos.

Conforme analisamos o desenvolvimento local, tanto do Município de Morro Redondo quanto do de Nova Petrópolis, percebem-se aspectos de conformidade e de assimetria. Os dois municípios têm fortes vínculos com a religiosidade, principalmente a protestante luterana, e possuem a predominância étnica alemã.

De uma forma ampla, podemos observar que a religiosidade ou as ações dos atores ou instituições evangelizadoras apresentam papel fundamental para a conservação de tradições vinculadas às matrizes étnicas de cada local. Vemos que a religiosidade atua como um elo passado-presente, ritualizando a memória e, ao mesmo tempo, reutilizando-a constantemente no presente.

Não é possível isolar o fenômeno religioso de seu significado no estudo sociológico “a religião, o indivíduo e a sociedade”. A religião, conforme Émile Durkheim (2003), é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a entidades sagradas, que unem e aproximam uma mesma comunidade moral em torno da igreja (DURKHEIM, 2003, p. 59), sendo ela uma força que sustenta e abala o mundo (BERGER, 1985, p. 112), uma ferramenta para outras instituições sociais, na forma de um sistema ordenado, e a sua crença fornece a estrutura cultural para o desenvolvimento da sociedade (WEBER, 2004). Entretanto, daremos maior ênfase na discussão do lugar da religião enquanto disseminadora de processos de memória, ou seja, sua participação na instituição das culturas e na construção do sentido de comunidade. Para tal, utilizamo-nos dos conceitos e das ideias de alguns autores, principalmente de Maurice Halbwachs, ligadas à memória social, linguagem, espaço e memória coletiva.

Na obra “A Memória Coletiva” (1990), Halbwachs indica que a memória não parte do processo da individualidade da recordação, mas, sim, é um fenômeno inerente e motivado pelos contextos sociais, contrariando assim a premissa de que o resgate memorial era um processo associado somente ao indivíduo, ou seja, somente ele poderia reaver essas suas experiências. Para o autor, a memória é uma construção social:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos (HALBWACHS, 1990, p.26).

Não significa dizer que Halbwachs desconsidere a existência de uma memória individual, mas, sim, que indica estar ela associada à memória coletiva, como perspectivas ou pontos de referências que fazem parte de uma totalidade de memória do grupo social (HALBWACHS, 1990, p.54).

Ao tratarmos ainda sobre a memória, podemos citar o antropólogo Joel Candau, na sua obra “Memória e Identidade” (2011), na qual o autor trabalha com análises sobre a memória e suas ações para a construção da identidade. Candau refuta uma existência independente entre ambas, assim como a lembrança e o esquecimento. Para o autor, subdivide-se a memória

em três segmentos: a protomemória, que seria uma memória imperceptível, automática; a memória de evocação, que é aquela ligada a recordações, sensações, crenças e sentimentos; e a metamemória, que é a representação que elaboramos de nossas lembranças, é a memória reivindicada, aquela que nos permite a construção identitária (CANDAUI, 2011, p. 23).

Ainda na obra *Memória Coletiva* (1990), Halbwachs se apoia no contexto da memória coletiva suas diferenças e relações com a memória individual e memória histórica, assim como sua relação com o tempo, os misticos e o espaço; esse último torna-se importante por causa de algumas observações do autor. Ao relacionar a memória como lugar/espaço, Halbwachs chama a atenção de que alguns grupos organizados, sejam eles pequenos ou grandes, tendem a priorizar o indivíduo ao lugar. O autor exemplifica relacionando os grupos econômicos que decorrem da “posição dos homens não do espaço”, em relação à produção, às funções, à remuneração e à distribuição de bens, ou seja, “no plano econômico, os homens são diferenciados, agrupados conforme qualidades ligadas à pessoa e não ao lugar”. Ainda, a proporção se dá nas sociedades religiosas, elas estão em uma comunidade de crenças, que tem como objetos seres “imateriais”, e acabam formando entre seus membros laços e conexões invisíveis, priorizando o homem interior (HALBWACHS, 1990, p. 139).

Todos esses grupos se sobrepõem às sociedades locais. Longe de se confundirem com elas, eles as decompõem, seguindo regressivamente a relação com a configuração do espaço. É por isso que não é suficiente considerar que os homens estejam reunidos num mesmo lugar, e guardar na memória a imagem desse lugar para descobrir e se lembrar que sociedades eles se ligam (HALBWACHS, 1990, p. 139).

Mesmo assim, torna-se difícil descrevê-los sem toda sua “imagem espacial”. É o caso das religiões, que estão ligadas a locais, pois os fiéis são conduzidos a assimilar a importância de lugares sagrados, que evocam lembranças religiosas, assim como identificam que há lugares impuros, bem como elementos simbólicos que os representam, tais como inscrições tumulares, altares, quadros, santos e estátuas, locais repletos de fiéis, que “impregnavam-se de significado religioso” (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Como descreve Pollak (1992, p.204): “A memória é, em parte herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa”.

Conforme Halbwachs, não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial, ou seja, no meio material que nos cerca, “aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual sempre temos acesso”. E na inserção do espaço da memória coletiva, tece-se o “Espaço religioso”, no qual o fiel vai reconstruir, além da comunidade social, uma relação de pensamentos e lembranças comuns, deste local (HALBWASCHS, 1990, p. 155).

Maurice Halbwachs, na obra “Os quadros sociais da memória” (2004), pondera que a memória coletiva surge através das relações com os demais indivíduos a partir de quadros sociais, familiares, religiosos, de tradição, de classes sociais, além da linguagem, do tempo, do espaço. Torna-se visível no pensamento do autor que a coletividade é um aspecto sempre inerente para a formação memorial, ou seja, necessitamos estar inseridos e ter o auxílio dos grupos sociais a que pertencemos para que, através dos vários quadros ou suportes referenciais, possamos elaborar ou processar a memória. Na vivência religiosa, esses espaços são locais de articulação, de interesses permanentes da instituição e do grupo que a integra, sendo um território de estabilidade.

Mesmo como passar do tempo, para as religiões, percebe-se a necessária permanência das relações com o passado, ou seja, a priori, as religiões necessitam de uma recriação ou resgate de seus dogmas, daquilo que é sagrado, mas o fazem não somente nas relações da crença e da moral, influem em diversos aspectos condizentes com a atualidade. Por isso: “a religião que cultua o passado e nele busca referência só poderá fazê-lo a partir dos contornos sociais vigentes” (SENA, ALVARENGA, 2016, p. 100).

No prefácio da obra “Os quadros sociais da memória” (2004), o autor cita a história descrita na revista “*Magasin Pittoresque*”, de uma menina “escrava” de cerca de 10 anos, encontrada nos bosques de *Châlons*, em 1731. A menina não lembrava quem era, onde nascera e não tinha nenhuma recordação de sua infância. Na tentativa de ajudá-la, foram mostradas imagens que representavam cabanas, embarcações, produtos e animais. Desta forma, a menina conseguiu acessar suas memórias e lembranças,

demonstrando que as memórias necessitam de ferramentas ou suportes ligados a quadros sociais para reativá-las, “a memória depende do entorno social” (HALBWACHS, 2004, p.7).

Da mesma forma como anteriormente descrito sobre a memória individual, Maurice Halbwachs deixa claro que, independentemente do contato ou da inserção em quadros social de memória, não significa que exista hegemonia nas lembranças ou recordações. As lembranças sempre são reconstruções do passado em base a instrumentos socialmente construídos, mesmo que estas venham através de outro indivíduo, e mesmo tratando de momentos nos quais somente nós estivemos envolvidos, pois nunca estamos sozinhos (HALBWACHS, 1990, p.30).

Conforme o sociólogo, a linguagem é um dos quadros sociais mais importantes, pois permite a simbolização do mundo e seu compartilhamento. Segundo Dario Paulo Barrera Rivera (2018), Halbwachs não se interessa pela linguagem em si mesma, ou seja, em suas unidades constitutivas, e sim pela relação com o pensamento social e com a memória coletiva. “Halbwachs preocupa-se menos pelo conteúdo da memória religiosa e muito com a forma que ela se processa” (BARREIRA, 2018, p. 1178).

Sobre a linguagem, observamos que era fácil encontrar imigrantes que relatavam desconhecer ou, até mesmo, não entender o idioma local, assim, criou-se uma coletividade daqueles que tinham o dialeto original de seus locais de procedência na Europa como forma de comunicação. Tal situação é descrita por Sr. Lauri Altraider, morador de Nove Colônias, Nova Petrópolis. Em sua entrevista, Sr. Lauri, que é descendente de Boêmios, se refere a duas situações: uma atual, referente ao fato de, segundo ele, até hoje se fala o idioma alemão (*Hunsrik*) na colônia; e outra situação proveniente de sua lembrança de como era difícil e diferente o entendimento e a compreensão total do alemão falado por moradores na mesma Linha, em razão dos diferentes dialetos falados, a exemplo do pomerano falado pelos vizinhos¹⁶⁸.

Para fins dessa tese, foram essenciais os três últimos capítulos da obra “Os quadros sociais da memória”, de Halbwachs, para entender as

¹⁶⁸ Lauri Altraider, Entrevista concedida ao autor, em 20 de junho de 2020. Nova Petrópolis/RS.

relações e o desenvolvimento da memória dos imigrantes e de seus descendentes e pastores que vieram habitar as colônias no Brasil, contribuindo para entender os aspectos memoriais impressos nas relações dos núcleos familiares, na vida religiosa, e por fim, a relação da memória conforme as classes sociais e a transmissão das tradições.

Sobre os aspectos da religião e da memória, no capítulo “A memória coletiva religiosa”, Halbwachs demonstra que as tradições religiosas, organizadas por ritos, linguagem e crenças, conseguem gerar uma unidade integradora, que penetra em diferentes grupos sociais. Desta forma, a memória coletiva reside em sistematizar, do ponto de vista de suas concepções da atualidade, os rituais e as criações que se originam do passado e que não desaparecem (HALBWACHS, 2004, p. 215-216).

Embora a memória religiosa tente se dissociar da sociedade temporal, obedece às mesmas leis de toda memória coletiva: não preserva o passado, o reconstrói, com a ajuda de restos materiais, ritos, textos, tradições que esse mesmo passado deixou, mas também com a colaboração de dados psicológicos e sociais recentes, em outras palavras, com o presente. (HALBWACHS, 2004, p. 260)

Para Halbwachs, existe algo em particular com a memória dos grupos religiosos que a diferencia dos demais. A memória religiosa, além de prover o reconhecimento mútuo, busca eternizar-se, levando a adaptação às suas representações dominantes (HALBWACHS, 2004, p. 226-227).

É com base nas premissas dos quadros sociais da memória e da memória coletiva de Halbwachs que podemos sintetizar alguns aspectos que aproximam os relatos memoriais dos municípios abordados nesta tese. Se imaginarmos os aspectos de lugar/espaço, podemos se lembrar de inúmeras situações trazidas anteriormente, como o contexto histórico dos dois municípios. Sobressai-se a relação da origem dos imigrantes, o local de onde vieram, onde viviam, formatavam-se assim, grupos heterogêneos, vinculados às suas nacionalidades e regionalidades, ainda inseriam vínculos nas colônias, sendo o aspecto étnico preponderante na formação de grupos sociais e na elaboração e compartilhamento de memórias.

Essas características de pertencimento e reconhecimento, eram fortes benefícios quando lembramos a respeito dos primeiros pastores e

missionários, sendo fundamental para obter a confiança e criar um aspecto de autoridade em sua comunidade. Vários pastores vinham das mesmas localidades, tinham vínculos de amizade entre eles e compartilhavam as mesmas situações sociais, lembrando originalmente que muitos eram imigrantes sem formação religiosa e que, pela necessidade local, foram alçados a postos eclesiásticos.

Ainda sobre os lugares, observamos descrita, inúmeras vezes, a precariedade das colônias; em contrapartida, era gerada a união comunitária e o auxílio mútuo. O aspecto da união e ajuda entre os imigrantes acabava “criando” espaços e momentos de sociabilidade, como, por exemplo, a constante participação das comunidades na construção de suas igrejas e escolas: “todo grupo com interesses permanentes articula-se em espaços em comum...a transformação repentina do lugar implica em novos desafios para a memória do grupo” (BARRERA, 2001, p. 39).

Desta maneira, criava-se a aproximação em grupos oriundos de regiões com mesmo idioma, o que é um fator agregador para a continuidade das evocações e a preservação da memória da antiga pátria. Segundo Halbwachs (1990), essas afinidades são, de certa forma, “memórias compartilhadas”, ativadas pelo grupo através da partilha de experiências e fatos lembrados.

Ainda no aspecto da religião, Halbwachs afirma que existe um processo de busca por sobrevivência da religiosidade. Por esse motivo, constantemente, a mesma se recria e se inova, reapropriando-se, assim, de maneira sutil, das crenças antigas para continuar existindo. Observamos que existia, principalmente no aspecto missionário, uma busca, entre os imigrantes que já estavam no Brasil, de padrões e características de moralidade, ética e religiosidade pré-existentes, para, aí sim, dar início ao trabalho religioso e criar comunidades. Mas percebemos através dos relatos do pastor Broders em sua missão pelo Sínodo de Missourino país, que eram inúmeras as dificuldades para a inserção do trabalho de evangelização luterana.

Em sua missão, o pastor pode conhecer uma variedade de comunidades e grupos de imigrantes, em diversas localidades, cada uma com as suas características. Segundo Broders, as comunidades já estavam

imersas em novas realidades e tinham assimilado hábitos locais, o que gerou um particular “descontentamento” e desânimo por parte do pastor, pois ele percebia as dificuldades que enfrentaria para conseguir se colocar e trabalhar no ambiente encontrado. O pastor encontrou, quase ao final de sua jornada no Brasil, uma comunidade que, conforme sua interpretação, estaria mais disponível ao trabalho missionário, sendo esta a Colônia de São Pedro, em Morro Redondo.

Nos relatos de Broders, entretanto, alguns elementos externos à religiosidade luterana eram perniciosos na comunidade, dentre eles a presença da Maçonaria, encontrada em diversas localidades, à exceção de Morro Redondo. Já em Nova Petrópolis, a maçonaria se fazia presente desde 1895, através da Loja “*Zum Treuen Bunde*”, que contava com a participação de agricultores, comerciantes e funcionários públicos¹⁶⁹. Independentemente da existência de dificuldades, a religiosidade tornou-se predominante nas comunidades imigrantes, conferindo sentidos às novas realidades às quais estavam expostos, ampliando laços e, sobretudo, agindo como um forte elemento moralizador e regulador das condutas sociais.

Em Morro Redondo, Rutilda Feldens, de família luterana, descreve que a religiosidade era muito forte na região, tanto que era necessário fazer parte dela para poder ser sepultado no cemitério local, sendo que a igreja concentrava um tipo de “elite”, formada por comerciantes e donos de indústrias. Para uma família simples, cujo pai era agricultor, sentia-se um pouco de discriminação¹⁷⁰. Em Nova Petrópolis, Magdalena Hildenbrand, de confissão católica, percebe a religião local como responsável pelo desenvolvimento, pois, conforme suas palavras, “foi através da religião que os imigrantes construíram as colônias, as Linhas. Através da religião que construíram suas capelas e escolas, dando a seus filhos mais conhecimentos”¹⁷¹.

Ao falar sobre o processo escolar entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, Luchese descreve as relações de poder religioso como:

¹⁶⁹ COLUSSI. Eliane Lucia. Plantando Ramos de acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX.1998.

¹⁷⁰Rutilde Kruger Feldens, Entrevista concedida ao autor, em 24 de maio de 2021. Morro Redondo/RS.

¹⁷¹Magdalena Beatriz Hillebrand, Entrevista concedida ao autor, em 12 de junho de 2021. Nova Petrópolis/RS.

Poderíamos dizer que em nenhuma outra região houve maior poder da Igreja- os religiosos dirigiam a cultura regional por meio de seus seminários de seus periódicos, seus sermões e pregações. Influenciavam os rumos políticos. A Igreja foi o centro para a organização cultural – constituindo-se não apenas como lugar para o culto, mas o espaço para onde convergiam as relações sócias, econômicas e culturais das comodidades (LUCHESE, 2015, p.10).

Segundo Seyfeld, para os imigrantes italianos e poloneses, a religião católica aparece como um elemento de afirmação étnica, o que ocorreu com os alemães, mas agora associados principalmente à igreja evangélica luterana e à germanidade, seguindo as relações de “*Volksgeist*” Espírito nacional e “*Heimat*” pátria elaborando mais uma identidade étnica do que religiosa (SEYFELD, 2012, p. 18). Ou seja, em dada configuração social, no caso as colônias, as instituições religiosas obtiveram legitimidade e operacionalidade em vários aspectos sociais do coletivo, por deterem uma posição dominante. Assim, suas influências não eram somente nas crenças, na moral e na educação, eram também na cultura étnica.

Desta forma, o desenrolar dos acontecimentos históricos nas comunidades religiosas vinculadas às etnias predominantes, ou por elas "representadas", com certeza, é motivo de análise, pois interfere no futuro do desenvolvimento cultural local. Uma das relações que caracterizamos como vitais para uma análise é a influência da religião e o aspecto da "germanidade", que potencializava o processo de continuidade e valorização com relação às tradições da “pátria mãe”, assim formando e gerando uma identidade nos núcleos locais.

Com certeza, a religiosidade era mais um suporte de comunhão em torno de um povo ou nação, que, mesmo estrangeira, via nas novas terras o incentivo de recriar, ressignificar as tradições, evidenciando o orgulho da língua de origem. A religiosidade representada na igreja protestante, com certeza, foi uma incentivadora para a continuidade das práticas e da cultura, e claro, um incentivo às atividades festivas, não esquecendo que era no berço das igrejas que estava inserida a educação infantil, também repleta de significados e de representações para o orgulho das próximas gerações.

Para possibilitar a formação de hipóteses sobre o processo de continuidade e ruptura das tradições, verificamos dois momentos: o primeiro seria com a chegada dos pastores e da formação de comunidades religiosas no seio das famílias de imigrantes; e o segundo, o efeito do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial para com os protestantes alemães.

No primeiro momento, podemos observar a chegada dos imigrantes com suas respectivas crenças e, conforme as comunidades foram emergindo, a sociabilidade, a etnia e as relações recíprocas aproximavam ou afastavam o indivíduo. Foi essa comunhão comunitária o “grande achado” do pastor Broders do Sínodo de Missouri encontrou em Morro Redondo: um grupo de indivíduos organizados através da crença e de seus costumes, “chefiados” por um membro local, o Sr. Gowert. A comunidade viu no pastor uma fonte de fidelidade religiosa, e o missionário pode perceber uma comunidade “não contaminada” pelos aspectos que ele descrevera em outras localidades que visitara. Entre os aspectos desta contaminação apontada pelo pastor Broders, está a existência de maçons, que estavam no seio dos imigrantes das colônias e a existência de pseudo pastores, que, segundo ele, por despreparo, geravam cizânias e conflitos. Mesmo com essa prática muito usual nos recantos coloniais, a participação de pseudo pastores na vida da comunidade de Morro Redondo não foi tão complexa como as dificuldades que surgiram na comunidade protestante em Nova Petrópolis, conforme citado pelo pastor Webber.

Ambas as cidades, conforme mencionado, tiveram no Sínodo Rio-grandense a instituição protestante luterana fundadora ou pioneira, sendo ela uma instituição de maior comprometimento ou participação no aspecto da valorização do imigrante alemão, no processo de germanização, que certamente veio a potencializar o processo de integração dos grupos de imigrantes desta etnia.

Em parte, a presença da germanidade no discurso e na prática do Sínodo Rio-grandense, ao longo de toda a sua história, se devia ao fato de que todos os seus pastores eram alemães (GERTZ, 2013, p. 4).

Não era segredo que membros que faziam parte do Sínodo Rio-grandense, em suas diferentes ramificações dentro da instituição, tinham em sua concepção uma visão diferente daquela relacionada aos membros do Sínodo de Missouri (Norte-americano), os quais reafirmavam que, em seus planos missionários, não havia o interesse somente de trabalhar com fiéis de etnia alemã.

A pregação religiosa esteve diretamente relacionada à manutenção das tradições, da língua alemã, numa concepção baseada no Idealismo alemão e no Romantismo (FACHEL, 2020, p.153).

Em um segundo momento, percebemos a organização de muitas comunidades em ambas as regiões, escolas mais padronizadas e grupos voltados à sociabilidade, como corais, clube de tiro ao alvo, bolão, danças e festas que já faziam parte do cotidiano dos imigrantes.

Com o Estado Novo e sua política de nacionalização, os imigrantes alemães foram obrigados a se “adaptar” às novas leis e normas que atingiam diretamente os aspectos voltados às suas práticas, não só culturais como também o seu cotidiano, determinando que até mesmo a língua utilizada fosse o português em colégios e cultos, proibindo a utilização da sua língua de origem, além de realizar o fechamento de algumas instituições germânicas, abalando as tradições diárias nas comunidades.

Na tese “As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul”, de José Plínio Guimarães Fachel, defendida em 2002, o autor relata com detalhes os episódios ocorridos na região sul do estado, evidenciando as particularidades das ações contra os descendentes de alemães em Pelotas e Morro Redondo, em comparação com a cidade de São Lourenço. Torna-se fundamental trazer alguns relatos descritos por Fachel, para corroborar esta diferença regional dos fatos do estado Novo e da Segunda Guerra:

[...] apesar de haver, como vimos, uma preocupação de “nacionalizar” os cultos teuto-brasileiros católicos, em relação aos luteranos, essa opção religiosa era considerada como demonstração de germanidade. No Estado Novo, professar o luteranismo significava, para muitas autoridades policiais uma demonstração de anti-patriotismo. (FACHEL, 2002, p. 149)

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o alemão foi rapidamente vinculado ao “inimigo”. A identificação que o nazismo estabelecia com o germanismo foi construída às avessas pelo governo gaúcho, que os confundia (FACHEL, 2002). Assim, era necessário eliminar esse aspecto, transformar o descendente alemão em um “patriota”, mas isso não aconteceria pacificamente ou de forma organizada.

O que se observou foi o vandalismo e a violência, referenciados com a suposta conotação patriótica e a passividade e o apoio das forças policiais: “a exortação patriótica, o desrespeito a alteridade, o xenofobismo não disfarçavam o processo de homogeneização religiosa cultural” (FACHEL, 2002, p. 138).

Entre os dias 18 e 19 de agosto de 1942, a multidão percorreu as ruas da cidade, invadindo, destruindo, queimando e/ou saqueando os estabelecimentos comerciais, profissionais, industriais e residenciais de muitos teuto-brasileiros (FACHEL, 2002, p.202).

A brutalidade das ações foi desenvolvida não somente nas comunidades religiosas, que foram fechadas, tendo suas reuniões e cultos proibidos, além de objetos litúrgicos, livros de registros (batismo e casamento) apreendidos, e ataques e profanações a locais de culto, como o caso de um cavalo ser batizado em uma igreja luterana do interior. Além disso, os descendentes perderam empregos nas fábricas, tiveram casas e comércio depredados, seus móveis queimados, sendo que muitos ainda foram espancados.

Em Morro Redondo, distrito de Pelotas na época, esta cisão pode ter sido mais sentida e evidenciada em vários momentos, como as ações nas igrejas do Sínodo Rio-grandense, a de São Domingos/Igreja do Advento que teve o Pastor Gustav Engelbrech preso pelas forças policiais, e também o pastor Júlio Witzel da Comunidade Luterana São João, do centro da sede (Pelotas), ambos recolhidos como nazistas à Colônia Penal Agrícola Daltro Filho, as margens do Rio Jacuí: “...a proibição de visitas e as agressões que os pastores sofriam de criminosos, transformavam o campo de concentração “Daltro Filho” num lugar ainda mais terrível (FACHEL, 2002, p. 132)”.

Com certeza, essa ação, em conjunto com as demais restrições e normas, pode ter sido um dos aspectos que resultaram em medo e apreensão na comunidade, como uma prova de que todas as normas deveriam ser seguidas à risca; caso não o fossem, seriam penalizados até mesmo com a prisão. Infelizmente, isso não era tudo.

No dia 23 de agosto de 1942, em plena 2^o Guerra Mundial, na localidade de Passo Santana, no Cerrito, região vizinha de Morro Redondo, apenas 50 quilômetros de distância, uma igreja foi atacada e incendiada. Coincidentemente, essa igreja em questão tem vínculos muito fortes com a primeira comunidade do Sínodo de Missouri de Morro Redondo, pois foi fundada por familiares do Sr. August W. Gowert. Seus filhos haviam se mudado para a localidade e fundado, em conjunto com outras famílias, na década de 1920, a Igreja Evangélica Luterana “São João”, com o mesmo nome da primeira.

Na ação realizada por um grupo de vândalos, uma carroça foi cercada e nela estavam o Sr. Pedro Munsberg e sua esposa, sendo eles levados para a frente da igreja, onde foram obrigados a assistir à destruição através do incêndio da igreja, que somente não foi dinamitada por causa da umidade das paredes.

Foi-criado um clima de paranóia coletiva contra os teutos. No caso da explosão da torre da igreja de Cerrito, uma das alegações é de que o para-raios era uma antena transmissora de rádio, através da qual se informariam aos alemães os movimentos dos navios brasileiros (FACHEL, 2002, p.195).

Da igreja, que havia sido construída dois anos antes, sobraram apenas as paredes. O Sr. Pedro Munsberg foi levado preso para Pelotas e, infelizmente, foi encontrado morto em uma cela do quartel do exército. Segundo Fachel, “havia um espírito de vingança e injustiça que pairava sobre estas localidades”. Em 1948, a igreja foi reconstruída, estando em funcionamento até hoje, mas ficou conhecida como símbolo do vandalismo e das cizânias da época. Ela é conhecida como “a Igreja Queimada.”

Figura 90: Igreja Queimada. Cerrito/RS.



Fonte: Ana Luiza Bacelo-Projeto Beleza de Cerrito. Prefeitura Municipal de Cerrito/RS

Esta ação foi tão brutal que os moradores locais alemães se organizaram e fugiram para as matas dos arredores, ficando no frio do inverno por 14 dias escondidos. Entre eles, jovens, adultos e crianças, que nem sequer faziam fogo, tomados pelo medo de que a fumaça os identificasse. Muitos, ainda traumatizados, deixaram de plantar e cultivar as suas terras, pois acreditavam que, em algum momento, todos seriam mortos.

Rutilde Feldens descreve as histórias contadas pela sua avó. A família originalmente era da região do Cerrito e sofreu com os fatos ocorridos na localidade. Segundo ela, sua mãe, quando tinha um ano e meio, teve de dormir no mato juntamente com as demais mulheres, pois suas casas eram invadidas por homens montados a cavalo, que saqueavam e vandalizavam o local. Rutilde conta uma história conhecida pela família, a *deum bule*, que fora escondido juntamente com outras peças de louças nos “bambus”, que ficavam atrás da residência da família, e que somente foi encontrado muito anos depois¹⁷².

Um fato ocorrido no meio urbano de Pelotas parece ter sido precursor da onda de ataques xenófobos: no dia 19 de agosto de 1942, a Igreja da Comunidade Luterana São João, no centro da cidade e fundada em 1888, foi

¹⁷²RutildeKrugerFeldens, Entrevista concedida ao autor, no dia 24 de maio de 2021.

atacada sendo interdita pela polícia, saqueada, incendiada e parte de seus objetos litúrgicos entregue ao bispo católico da cidade (FACHEL, 2002).

Outra fonte que podemos citar é o trabalho de Tais Campelo Lucas (2011), que, ao descrever a localização dos núcleos do Partido Nacional-Socialista no Rio Grande do Sul, demonstra a existência documentada de um *Ortsgruppen* (Grupo regional) em Pelotas e um *Stützpunkte* (grupo de apoio) em Morro Redondo (ainda distrito de Pelotas).

Ao final de 1937, momento em que as atividades político-partidárias são abolidas no Brasil, a pesquisa registrou a existência de trinta e três núcleos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães estabelecidos no Rio Grande do Sul (LUCAS, 2011, p.142).

O historiador Renato Seibt relata que, naqueles tempos, o assunto era levado muito a sério em Nova Petrópolis, pois colocou de certa forma, uma população muito grande como suspeitos de traidores da pátria. Ainda segundo ele, Nova Petrópolis sofreu muito com estas perseguições (Renato Seibt -Resgatando o Passado -Maio de 1998. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings – Nova Petrópolis).

Havia com que se vangloriar de possuir um aparelho eletrônico capaz de descobrir quem falasse alemão em casa! Nós ficávamos apavorados, pois era lógico que todos acabariam na cadeia! Outro estufava o peito alardeando sua coragem: Ah, se eu tivesse um tanque de guerra e uma boa metralhadora acabaria com esta alemoada toda. Mas quando alguém falava alto ou a situação ameaçava a fugir do controle, nosso valentão desaparecia estrategicamente...(Renato Seibt - O Passado -Maio de 1998, Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis)

Renato Seibt, em outro momento, relata as comemorações da Semana da Pátria, contextualizado o assunto com o sentimento de alegria das crianças, na contrapartida dos momentos dúvidas e apreensões na década de 40:

Mas, às vezes era difícil entender por que nossos pais ou avós, imigrantes, não poderiam sair de casa? Por que alguns lares eram revistados e muitas coisas levadas pela polícia, principalmente os receptores de rádio? Por que não podíamos falar em alemão e muitos colonos apanhavam surras honéricas por fazê-lo quando não eram presos e obrigados a escavar a praça?(Renato Seibt - A

Semana da Pátria: Ontem e Hoje – Setembro de 1999, Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings - Nova Petrópolis).

Sobre o fato de ser alemão, ou descendente de alemão, em Nova Petrópolis, Magdalena Hillebrand¹⁷³ relata que “Havia perseguição sim e durante a guerra proibiram a Língua Alemã e as pessoas tinham que se desfazer de tudo que lembrava a língua alemã, livros, manuscritos e imagens” (HILLEBRANDT, 2021).

É importante observar que esta violência e perseguição aos descendentes alemães (em especial) estava também associada às diferenças regionais. Verificamos que, na cidade de São Lourenço do Sul, que tem sua origem e seu desenvolvimento relacionados a uma colônia de imigrantes denominada Colônia São Lourenço, as ações violentas também ocorreram, mas em menor intensidade, sendo mais observadas na zona urbana, onde existiam grupos de origem portuguesa. São Lourenço, ao contrário de Pelotas, tinha uma formação majoritária de descendentes alemães, o que “certamente inibiu o vandalismo” (FACHEL, 2002, p. 218).

Pelo lado de Nova Petrópolis podemos pontuar dois momentos históricos, em que a relação étnica serviu como agravante para ações de preconceito e preocupação das forças políticas regionais. Foi assim no caso dos Muckers (1873-1874) e da ligação local com o Integralismo (1932-1938).

Segundo Paz, o fechamento político feito pelo Estado Novo e pela 2ª Guerra Mundial ocasionou medidas drásticas do governo para forçar a integração da população de origem imigrante: “... instalaram nas regiões coloniais um clima de ‘recolhimento’ e de temor, que se estendeu até o início da redemocratização do país, após 1945” (PAZ, 2006, p. 78).

Por outro lado, a autora descreve este momento como um “tempo de silêncio” e um movimento de “resistência cultural”, resultante na preservação de elementos característicos da identidade dos imigrantes, como, por exemplo, a língua. Mas, com certeza, esses episódios trouxeram um grande momento de ruptura para as tradições e práticas dos imigrantes: “...perderam-se os valores, crenças e tradições inerentes a ela, enfraquecendo o

¹⁷³Magdalena Beatriz Hillebrand, Entrevista concedida ao autor, em 12 de junho de 2021. Nova Petrópolis/RS.

sentimento de identidade, ou seja, o sentimento de ‘pertencimento ‘a um grupo étnico” (PAZ, 2006, p. 285).

Conforme a autora, com o fim da segunda guerra mundial, restabeleceu-se a liberdade de expressão, e a população das regiões rurais das colônias voltou a organizar sua “vida sócio cultural” com a retomada das antigas tradições, que haviam sido “silenciadas”, mas não destruídas. As sociedades (bandas, corais e festas) foram as responsáveis por esse ressurgimento.

Todos estes acontecimentos que têm vinculação religiosa e étnica à violência e às perseguições, percebidas nos dois municípios objetos deste trabalho, permitem alguns questionamentos: até que ponto os fatos ocorridos não geram um processo de "esquecimento “formado pelo medo e pela repressão? Estes fatores não influenciariam as gerações futuras no aspecto de continuidade e valorização de suas tradições e cultura étnica?

Sobre a memória, esquecimento e silêncio, o sociólogo austríaco Michael Pollak escreve:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais freqüência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLAK, 1989, p.5).

Intencionalmente ou não, existiu, perante a sociedade na época, preconceito e rancor por um grupo étnico. Não era uma política de Estado ocasionar uma ruptura, mas as ações em nosso país, com certeza, tiveram efeitos concretos no processo de esquecimento voluntário ou involuntário daqueles que eram perseguidos e ameaçados¹⁷⁴.

Não é o objetivo realizar nenhum tipo de comparação dos fatos ocorridos em ambas as cidades do estudo em questão, com os atos que a Segunda Guerra mundial trouxe para outras sociedades no mundo, mas pensar na memória destes fatos como de conteúdo traumático, geralmente encoberta pelo silêncio da geração que as viveu diretamente.

¹⁷⁴ Podemos ainda referenciar que muitas destas conjecturas e fatos são naturalmente incorporados nos grupos sociais, através da oralidade, carregados de histórias e versões simbólicas que representam os Mitos Fundadores.(CHAUÍ,2000)

4.2 Rupturas e continuidades

São limitadas as informações que caracterizam os processos de rupturas e continuidades relacionadas com os aspectos da sociabilidade e das tradições étnicas nos municípios. Sabemos que, invariavelmente, muitos dos clubes, das associações e dos grupos de sociabilidade étnica tiveram seus fechamentos arbitrados pela política de nacionalização do Estado Novo.

Podemos observar processos bem diferenciados de usos do passado nos dois municípios. Sabe-se que essas ferramentas de poder não descartam as "recriações" e as "reinvenções", todas com a conveniência de invariavelmente forjar um passado, uma legitimação ou identidade. Se, por um lado, podemos ter a lembrança, por outro lado, sempre se forma o esquecimento.

De um lado, o município de Nova Petrópolis já tinha vários representantes de uma continuidade (mesmo com uma forte "recriação"). De outro, a cidade de Morro Redondo ainda era vinculada politicamente com o município de Pelotas e, como distrito, visivelmente perdeu alguns componentes ou representantes mais antigos.

Podemos observar os aspectos sociais, econômicos e culturais que atingiram os municípios no Pós Guerra, alterando assim os fatores cotidianos dos descendentes de imigrantes das localidades.

Inúmeros fatores contribuíram para o fechamento dessas sociedades, entre eles, o aparecimento de outras formas de diversão como o futebol, a repressão as manifestações culturais alemãs durante a 2ª Guerra Mundial, problemas econômicos para a manutenção dos clubes e o distanciamento das novas gerações em relação as tradições e costumes valorizados pelos pais (Prefeitura Municipal de Morro Redondo, Plano Municipal de Educação, 2015, p. 7).

Levando em consideração os aspectos econômicos, podemos perceber, segundo Fachel, que tanto a localidade de Morro Redondo (distrito) quanto Pelotas (sede), após os violentos episódios contra os teuto-brasileiros

no período da Segunda Guerra, foram afetadas pelo desabastecimento e pela inflação dos preços dos produtos coloniais, que interferiram tanto no comércio urbano como colonial. Isso se potencializou em virtude de muitos agricultores de origem alemã terem abandonado suas propriedades, impedindo, assim, a normal produção e comercialização dos seus produtos.

Alcir Bach cita, em seu trabalho, que, em Pelotas, a população urbana, nos períodos dentre 1920 a 1950, havia crescido 69,7%: “mais pessoas passaram a residir na cidade, possivelmente atraídas pelas condições sócio econômicas favoráveis que Pelotas apresentava nesse período” (BACH, 2017, p. 39).

O desenvolvimento da indústria de alimentação gerava a criação de empregos diretos e indiretos na zona urbana, sendo que muitos dos trabalhadores das fábricas vinham da zona rural, acostumados à lida nos processos da manufatura conserveira, o que também gerou ocupações nas regiões próximas às indústrias (BACH, 2017, p.41). Assim, houve um alto crescimento urbano em Pelotas e grande êxodo rural que impactava as regiões das colônias e distritos, entre elas Morro Redondo. O que se viu posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970, foi um declínio das fábricas coloniais enquanto as fábricas situadas na zona urbana continuaram com bons resultados. Logo, deu-se a criação de um Distrito Industrial, que demandou a necessária mão de obra especializada, gerando mais fuga de moradores da zona rural.

A cidade de Pelotas, no Pós-Guerra, gerava algumas oportunidades que possibilitavam alterar o tipo de trabalho (trocar a lavoura pela fábrica, ou construção civil) e o padrão de vida (deixar as dificuldades da roça pelas “facilidades” da vida na cidade). Por conta dessas “oportunidades” a cidade obteve, entre as décadas de 1950-1960, um aumento populacional urbano de 47.654 habitantes, bem superior ao acréscimo de 15.570 habitantes, ocorrido entre as décadas de 1940-1950. Ou seja, a população urbana pelotense triplicou no Pós-Guerra (BACH, 2017, p. 124).

Muitos foram os fatores, segundo Bach, que parecem ter sido responsáveis pela chamada “quebradeira” que acabou com diversas pequenas fábricas, na década de 1970. Entre eles estavam as exigências

técnicas para seu funcionamento, a instalação de grandes grupos industriais e a concorrência externa com a importação de frutas de países vizinhos, o que representou o declínio econômico do interior ligado principalmente a uma tradição conserveira. Esses fatores contribuíram para o empobrecimento da região, o que gerou um descontentamento por falta de infraestruturas, evidenciado que o futuro da região era sua emancipação em 1984.

O que se observou em Morro Redondo, após a segunda Guerra Mundial, foi um lento “esquecimento” das tradições que antes pareciam enraizadas. Aos poucos, as ferramentas de sociabilidade mais antigas foram esvaziadas, perdendo sua representatividade local, seja por medo da repressão anterior ou pelo fato da chegada de novas práticas de sociabilidade como o futebol. Esse esquecimento pode ser caracterizado pela análise do sociólogo britânico Anthony Giddens, quem afirma que, na atualidade, estamos inseridos em um processo de globalização e as informações, as convenções e os hábitos são difundidos rapidamente em todos os lugares, o que resulta num questionamento sobre as tradições, gerando uma destradicionalização.

O caso sobre as tradições é que não é preciso, realmente, justificá-las: elas contêm suas próprias verdades – uma verdade ritual, defendida como correta por aquele que nela crê. Numa ordem cosmopolita global, no entanto, tal defesa das tradições torna-se perigosa, porque é, essencialmente, uma recusa ao diálogo.(GUIDDENS, 1994, p. 12)

Esse desaparecimento pode ser percebido na sede-Pelotas, onde podemos observar que várias sociedades alemãs, criadas no século XIX, como a Sociedade de Beneficência Alemã, o Clube Germânia, o Club Alemão de Ginástica e o Club de Regatas Alemão, não são mais comumente mencionados e, somente em 1951, é fundada a Sociedade Recreativa 15 de Julho, com o intuito de dar continuidade e difundir a cultura germânica (LONER;GILL;MAGALHÃES, 2017,p. 13).

Sobre as cidades de Nova Petrópolis e Morro Redondo, um fator que deve ser ponderado é que a emancipação de Nova Petrópolis (década de 50) ocorreu em antes do município da região do sul do Estado. Naquele

momento, o município do sul do estado estava ligado ainda como distrito, emancipando-se somente na década de 80.

Adentrando nas perspectivas de continuidade e rupturas, podemos citar o caso do Clube de Tiro ao Alvo, associação tradicional que existia nos dois municípios. Em Nova Petrópolis, esteve presente em muitos momentos, até mesmo na história da emancipação da cidade, sendo fechado na segunda Guerra Mundial e retornando oficialmente com a redemocratização do Brasil, em 1946, desenvolvendo-se até hoje e sendo presente e ativo na comunidade. Já em Morro Redondo, o Clube do Tiro não teve continuidade no pós Guerra, desaparecendo lentamente.

Embora exista até os dias atuais, o clube do Tiro de Nova Petrópolis também sofreu com a repressão e o confisco realizado pelos “espertos policiais”, os quais, segundo Seibt, encontraram uma “dúzia de espingardas de madeira e um código secreto”:

De nada adiantou explicar que as terríveis armas eram para representações teatrais e o código a marcação dos pontos ganhos nos jogos de carta, aos domingos! Tanto as espingardas como os códigos secretos foram levados ao Caí e de lá a RCP (Representação Central de Polícia) em Porto Alegre para fazer parte de uma das famosas exposições sobre o perigo Nazista que já aconteciam regularmente. (Renato Seibt - Resgatando o passado -Maio 1998 –Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings- Nova Petrópolis)

Neste processo de continuidade, ainda podemos citar o Coro Masculino Cantores Alegria, de Nove Colônias, que, no dia 5 de maio de 2019, completou 100 anos de existência em Nova Petrópolis.

Figura 91-92: Centenário do Coro Masculino Cantores Alegria- Fachada da Sociedade em Nove Colônias. Nova Petrópolis.



Fonte: Prefeitura de Nova Petrópolis – Acervo do autor . 2020.

Assim como eles, outras associações tiveram sua continuidade na região, sobrevivendo ao tempo e aos difíceis momentos da história. Ao falar sobre as bandas e músicas, o professor Renato Seibt descreve que:

Infelizmente a evolução natural da música e do canto foi muito prejudicada pelas duras perseguições havidas durante a 2ª Guerra Mundial. O canto nas igrejas, sociedades e mesmo nas famílias acabam morrendo, pois tratava-se de velhas melodias e textos em alemão, inexistindo até então material suficiente em língua nacional. As bandinhas continuaram a tocar em todas as ocasiões, pois não havia o que proibir...com a redemocratização em 1946 houve uma recuperação parcial do que fora perdido. Mas as perdas haviam sido grandes demais e tudo se tornou mais difícil (Renato Seibt -Música: Uma antiga tradição entre nós- Março de 1980. Acervo Arquivo Histórico Municipal Lino Grings – Nova Petrópolis).

Morro Redondo também se caracterizou pelas bandas e pelos grupos musicais, que, diferentemente de outras associações de sociabilidade, tiveram êxito maior e continuidade. É o exemplo da Banda Farroupilha que foi criada em 1935, no dia 15 de julho, e esteve presente, abrilhantando, em 1959, na comemoração da elevação de Morro Redondo a distrito de Pelotas.

Sabe-se que a banda esteve durante um momento sem atividades retornando à atividade na década de 90 e está ativa até os dias atuais¹⁷⁵.

Devemos falar de dois processos distintos realizados em ambos os municípios, processos esses que podemos determinar como relevantes ao patrimônio, caracterizando ambos como aquilo que o antropólogo Llorenç Prats (2005) determina como "ativação patrimonial". Segundo ele, sendo o patrimônio uma construção social, sua existência implica numa "produção" e, para isso, a "ativação" é um processo de seleção, mobilização e determinação de referências identitárias, realizadas por atores sociais, ou agentes, os quais certamente retêm poder econômico, científico ou político.

No processo de ativação, os elementos culturais são interpretados e inseridos em uma lógica da gestão patrimonial condizente com o grupo ou sociedade da qual fazem parte. Necessariamente interpretativa essa ativação manifesta-se discursivamente e pode estar na base de afirmação de identidades e ideologias. Daí sua relação muito íntima com o poder político, independente do nível em que ocorra. (FERREIRA,2012, p.15)

Seguindo uma ordem cronológica, deparamo-nos, em Nova Petrópolis, com eventos, na década de 70, que iniciaram esse processo de "ativação patrimonial", mas principalmente dois consecutivos, nos anos de 1974 e 1975. Essas datas marcaram o Sesquicentenário da Colonização alemã e o Centenário da Colonização Italiana no Estado do Rio Grande do Sul, respectivamente. Para estes eventos de comemoração, historiadores e pesquisadores foram estimulados a resgatar a história e os valores culturais que foram trazidos pelos imigrantes locais, o que acabou fazendo com que os descendentes notassem a importância patrimonial dos seus legados.

Em Nova Petrópolis no ano de 1974, em comemoração à Semana da Pátria, os desfiles foram em homenagem aos colonizadores alemães, e para esta organização, acabou-se envolvendo estudantes e familiares de diversas linhas da região. "os trabalhos de levantamento dos elementos culturais revelaram a existência de uma riqueza que se julgava perdida. Partira-se do princípio de que pouco havia a se resgatar, em função do processo de

¹⁷⁵ Jornal a Tradição Popular 15-05-2015 –Airtton Krolow, o popular Fristick, relembra história da Banda Farroupilha em Morro Redondo.

“nacionalização”, que desestruturou a organização sociocultural das regiões coloniais, durante o Estado Novo.” (PAZ, 2006, p. 345)

No que diz respeito a eventos municipais em Nova Petrópolis, temos que lembrar que, em 1972, era realizada na cidade a primeira Feira de Verão, evento realizado na Praça da República com feiras de artesanato, malhas colônias e comida típica¹⁷⁶, e um ano depois, em 1973, inicia-se o Festival do Folclore, evento que se caracterizava pela apresentação de bandas, exposição de antiguidades do patrimônio cultural alemão, feira de artesanato em cerâmica e madeira, couro, palha, metal, tecidos, tapeçaria, flores, produtos colônias e frutas. Sua primeira edição recebeu cerca de 50 mil visitantes¹⁷⁷.

Logo após esses eventos de comemorações, um grupo de professores observou que existia um importante patrimônio histórico regional e que ações deveriam ser realizadas para que este não fosse perdido. Assim, foram realizados processos de resgate de fontes, memória oral e objetos, com a finalidade de preservar, valorizar e proteger a história da região.

Desse embrião, fomentado por muitos anos, segundo Paz (2006), culminou-se na ideia de criação de um local para guarda e preservação do patrimônio local, da qual surgiu o Parque Aldeia do Imigrante. Desse grupo de pessoas, em sua maioria professores, estava à frente o historiador e professor Renato Urbano Seibt e seus colegas Gessy Deppe, Irmgard Schuch, Ética Hoffmann, Ladi Senger e Werno Wommer.

A concepção do empreendimento perpassou por vários mandatos na prefeitura local, iniciando ainda na gestão do prefeito Afonso Gringes (1973-77), mas o Parque Aldeia do Imigrante foi inaugurado somente em um sábado pela manhã, no dia 12 de janeiro de 1985, em uma área de 14 hectares, "retratando a cultura e as tradições do povo alemão". Em sua inauguração, o prefeito municipal Siegfried Dreschler destacou que: "...a ideia do parque aldeia do imigrante surgiu a mais de 12 anos, quando começaram a ser realizadas as Feiras de Verão na praça, e logo após o Festival do Folclore". A inauguração teve o desfile de carros alegóricos, representando

¹⁷⁶ Jornal O pioneiro, 18 de dezembro de 1976.

¹⁷⁷ Jornal O Pioneiro, 18 de maio de 1974.

as culturas e tradições alemãs; além disso, foram reconstruídos o salão de baile, o engenho, a casa do imigrante, muitas delas em estilo enxaimel, retiradas do interior do município¹⁷⁸.

Figura 93: Parque Aldeia do Imigrante.



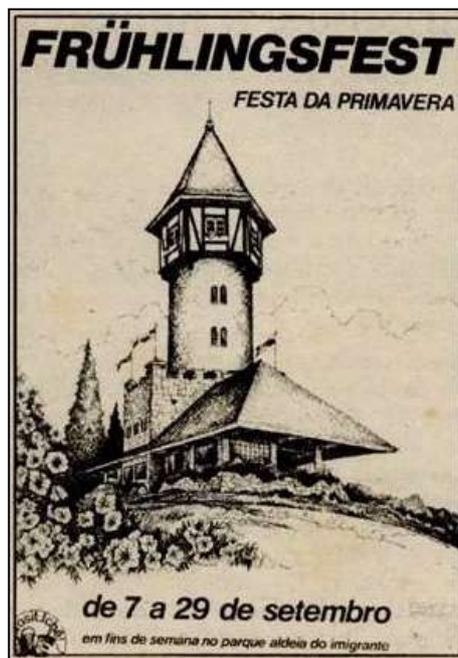
Fonte: Jornal o Pioneiro -23 de fevereiro de 1985.

Logo após sua inauguração, o Parque Aldeia do Imigrante já estava sendo local das programações tradicionais anuais da cidade de Nova Petrópolis, entre elas: a Feira de Verão (*Sommermarkt*), o Festival do Folclore (*Volkfest*), a Feira da Páscoa (*Osternmarkt*), a Festa do Outubro (*Herbstmarkt*), a Festa da Primavera (*Fruhlingsfest*) e a Feira de Natal (*Weihnachtsmarkt*)¹⁷⁹.

¹⁷⁸ Jornal O Pioneiro, 15 de janeiro de 1985.

¹⁷⁹ Jornal O Pioneiro, 30 de novembro de 1985.

Figura 94: Festa da Primavera – *Fruhlingsfest*– Nova Petrópolis- 1991.



Fonte: Jornal Correio Riograndense – Caxias, 11 setembro 1991.

Percebe-se muito rapidamente que a região estava focada no desenvolvimento do turismo¹⁸⁰. Tanto Gramado como Nova Petrópolis se desenvolveram como local de visita dos chamados "veranistas", que vinham para essa região da Serra por causa dos atributos da beleza natural, e já movimentavam economicamente as localidades, hospedando-se em pousadas e hotéis ainda nas décadas de 1930 e 1940 (PAZ, 2006, p. 332).

Já a criação e a organização de grupos de danças folclóricas de Nova Petrópolis deram-se através de pesquisas e revitalização das tradições, conseguindo identificar diversas características da cultura local, fazendo possível recriar danças, músicas e vestimenta típicas.

A organização de grupos de danças folclóricas é um processo recente, uma vez que iniciou em meados da década de 80. Constitui na realidade, uma reintrodução cultural. Os grupos folclóricos formados a partir dessa época, resultaram de um trabalho de pesquisa, cuja objetivo foi de identificar os elementos

¹⁸⁰ Em setembro de 1958, o Jornal a Hora já citava a criação do Conselho Municipal de Turismo em Nova Petrópolis (PAZ, 2006, p. 342).

culturais típicos de cada grupo que povoou Nova Petrópolis (PAZ,2006, p. 331).

Já no município de Morro Redondo, através do interesse de três moradores locais de preservar e salvaguardar a história, iniciou-se um processo de ativação patrimonial, que vai ser sentido até os dias atuais, através de novos investimentos nas áreas culturais e patrimoniais e turísticas.

Figura 95:Srs. Antônio, Osmar e Ervino.



Fonte: Museu Municipal de Morro Redondo/RS.

Ainda por volta de 2008, por iniciativa do então radialista Sr. Osmar Franchini, apoiado por mais alguns parceiros, começou-se a divulgar na rádio local a ideia de criação de um museu municipal. Aos poucos, com o apelo através do rádio, foi-se criando uma mobilização na comunidade local, formando assim um acervo, que lentamente começou a ter a concepção de um museu.

Foi assim, então, pelas mãos da comunidade e com a principal organização de três moradores locais, Sr. Osmar Franchini, Sr. Antônio Reinhard e Sr. Ervino Butow, que foi criado um espaço para alocar os objetos representativos dos ados pelos moradores, fazendo com que se tornassem um fator de investimento para o reconhecimento, a patrimonialização e a

preservação de “lugares de memória” das “tradições e práticas”, nascendo, assim, o primeiro museu da cidade.

Rutilde Feldens considera muito importante a criação do museu. Segundo ela, pouco se fazia anteriormente para preservar a história local, e muito se perdeu, pois existia um processo de comércio de móveis e itens antigos: “coisas antigas saíram de caminhões...coisas que as pessoas diziam que eram velhas”¹⁸¹.

Figura 96-97: Museu Municipal de Morro Redondo



Fonte:Acervo do autor. 2019.

Para sua administração, formou-se uma associação de amigos da cultura e, no ano de 2009,

O desejo de memória dos moradores fez com que, no ano de 2009, a Associação Amigos da Cultura buscasse o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas para firmar uma parceria no sentido de obter apoio técnico e científico, fortalecendo o olhar museológico já presente na comunidade Morro Redondense. A partir deste convênio, o Museu passou a adotar critérios ligados à práxis museológica, respeitando e incentivando a participação da população, priorizando o diálogo com os parceiros e visitantes do Museu, buscando comunicar o valor simbólico que os objetos do acervo possuem para a comunidade (FIGURELLI;RIBEIRO; MESSIAS, 2016, p. 139).

¹⁸¹Rutilde Kruger Feldens, Entrevista concedida ao autor, em 24 de maio de 2021.

Através de parceria com a UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e com o Curso de bacharelado em Museologia, foi criado o Projeto de extensão intitulado “Museu Morro Redondense: Espaço de memórias e identidades”, que permitiu o desenvolvimento de exposições, pesquisas e práticas multidisciplinares. Além da cooperação com a universidade, o Museu também criou vínculos fortes com o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) de Morro Redondo e a Associação de idosos.

Essas cooperações foram responsáveis pelo alargamento de inúmeras ações, todas elas visando à inserção dos moradores, demonstrando a importância das memórias dos antigos, evidenciando as tradições, os lugares e os objetos do dia-a-dia. Assim, surgiram projetos como: “Rodas de conversa no museu”; posteriormente, o “Café com Memórias” que contava com a participação de moradores mais idosos, rememorando vários episódios de suas vidas na cidade; e “A caminhada da Percepção”, em que os idosos eram os interlocutores do passado, transmitindo suas memórias para os mais jovens, crianças eram conduzidas a locais onde só restam a recordação, permitindo assim a criação de uma imagem do passado através da imaginação.

O Museu Histórico de Morro Redondo foi municipalizado em 7 de abril de 2010, pela Lei nº 1.570/2010, estando vinculado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) do Município de Morro Redondo, e fica anexo ao Centro Cultural de Eventos Valdino Krause.

Figura 98: Café com Memórias, com participação do autor – Natal de 2016



Fonte: Acervo do autor.2016.

O pinheiro de Natal era de verdade, com pinheiro natural e enfeites de bolinhas, sendo que a grande tendência era enfeitar a árvore um dia antes do Natal. Doces feitos no tacho levavam em média duas horas para ficar prontos, cozinhados no fogo de chão, e usava-se limão para limpar o tacho. A chimia era guardada em potes de cerâmica, usava-se máquina de moer carne para moer as frutas. Papai Noel era marcante nas igrejas e distribuía doces que eram oportunizados por doações do comércio local e de membros das igrejas, e a festa do Natal durava dois dias: uma semana antes do Natal famílias se reuniam para fazer bolachinhas, e um dia antes colocava-se o merengue nas bolachas, outros itens que faziam parte das confraternizações, cucas, pato, porco e ganso assado. Churrasco era raro, presentes as pessoas não ganhavam, o Natal era o momento de compartilhar amor, carinho e confraternizar com as famílias. Antigamente as crianças acreditavam no Papai Noel, crianças respeitavam os pais, precisavam passar no colégio para, quem sabe, ganhar um presente se fosse possível, e o meio de locomoção era através de carroça ou charrete para as pessoas irem até as festas de Natal. (Jornal Tradição Regional- 18 de novembro de 2016).

A criação do Museu de Morro Redondo, em 2008, pode ter tido como influência um projeto que já estava em movimento na região colonial de Pelotas. Em junho de 2006, era fundado, na Colônia Maciel, 8º distrito de Pelotas, vizinha a Morro Redondo, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, que tinha como agenciador o LEPAARQ – Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Concomitante à fundação do museu, estudava-se a criação de um projeto do Circuito de Museus Étnicos, na Serra dos Tapes, prestigiando à visitaçã

outros museus. As primeiras referências do Circuito se deram em forma de publicação em congressos acadêmicos, apresentada por dois alunos, Cristiano Gehrke e Mariciana Zorzi, orientados pelo professor Fábio Vergara Cerqueira (GHERKE, 2018, p. 166).

O processo de ativação patrimonial, por diversas vezes, torna-se despercebido da comunidade e, outras vezes, prioriza ou evidencia grupos específicos. A sociedade é protagonista da valorização de um bem cultural, e esse movimento tem aspectos de intrínsecos de poder e legitimidade.

4.3 Tempo de Patrimônio: Reinventando as tradições, os museus e o turismo

Atualmente, os municípios de Morro Redondo e de Nova Petrópolis vivem, em suas particularidades, momentos bem diferentes quando falamos do desenvolvimento e da valorização dos processos patrimoniais e, claro, do desenvolvimento econômico através da utilização destas ferramentas para o turismo. Anteriormente já descrevemos as formas que cada local conseguiu desenvolver, mostramos seus atores, aqueles que foram os “ativadores” e “incentivadores” de uma preservação, recuperação ou organização das heranças tradicionais, dos costumes e da cultura do imigrante, e desta forma continua a prosperar por esses caminhos, com o desenvolvimento de um sistema, uma estratégia para a continuidade, por que dizer “mercadológica” do patrimônio.

Na produção dessas ferramentas, isso é observado nitidamente, sendo muito usual o processo que chamamos de “invenção das tradições”, conceituado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm, em 1997, que nos aponta para práticas culturais vinculadas a uma “continuidade” artificial dos costumes e claro, do passado. Afirmar que este processo visível de “reconstrução simbólica” dos costumes e tradições, utilizada comumente, é em sua plenitude uma representação “verídica” do passado, com certeza, não é possível, pois o que vemos são cenários, que algumas vezes não estão ancorados em dados de natureza histórica.

Essa recriação pode ser exemplificada pela “Aldeia Bávara”, situada no Parque Aldeia do Imigrante, em Nova Petrópolis, que, por um lado, pode ser considerada como um lugar de memória, no sentido de espaços artificialmente criados para conter os restos de memória, e, por outro, pode ser vista como um deslocamento, um cenário turisticamente concebido e sem o “espírito do lugar” onde originalmente estavam inseridas. O Parque Aldeia do Imigrante, que centraliza de certa forma a maioria dos eventos locais, é um dos principais elementos representativos dessa “recriação histórica”. Este empreendimento, levado pelo poder público municipal, tal como descrito no site da Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis, “foi criado para resgatar e preservar o passado histórico dos imigrantes que colonizaram esta região, predominando a imigração alemã”¹⁸².

Figura 99: Parque Aldeia do Imigrante - Nova Petrópolis.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Conforme Paz (2006), o projeto teve como fundamento duas partes distintas, uma privilegiando a área comercial e outra focando na parte histórica com a elaboração de uma “aldeia histórica” com inspiração em um museu ao ar livre, como os *Freilichtmuseen* existentes na Europa.

A aquisição de itens históricos para o Parque iniciou ainda na década de 1970, quando lideranças foram informadas de que moradores da Linha

¹⁸²Prefeitura de Nova Petrópolis- <https://www.novapetropolis.rs.gov.br/turismo/17/parque-aldeia-do-imigrante>.

Araripe derrubariam sua antiga igreja, mobilizando o poder municipal para negociar com os moradores para que fossem doadas as janelas da nova igreja que seria construída, em troca do antigo prédio.

Figura 100-101: Igreja Luterana e altar Católico -Parque Aldeia do Imigrante.

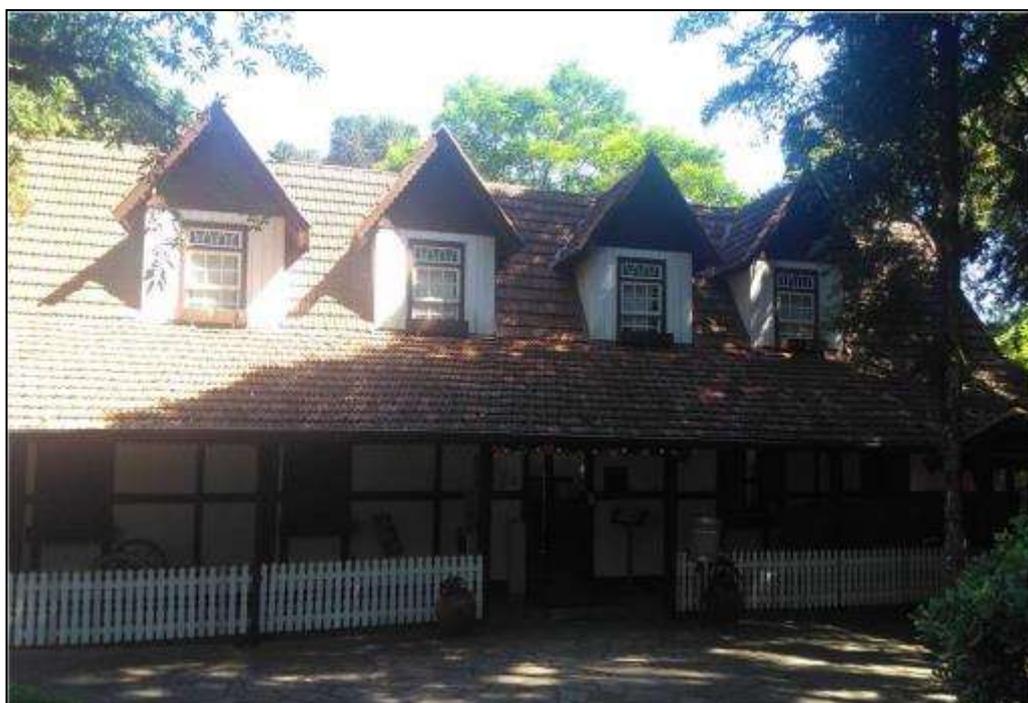


Fonte: Acervo do autor. 2020.

O segmento histórico foi organizado com a igreja vinda da Linha Araripe, cuja torre teve que ser restaurada. Além da igreja ter um sino de bronze, seu interior é composto de vários itens e objetos que pertenceram a três outros templos da cidade: a Católica, a Evangélica de Confissão Luterana (IECLB) e a Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Segundo PAZ (2006, p. 347), não se trata de um museu religioso, mas de uma lembrança da comunidade, e nela ainda podem ser realizados casamentos, batizados e outras cerimônias.

No acervo que faz parte da igreja encontram-se paramentos eclesiásticos, telas originais, bem como o altar, o púlpito e o harmônio que pertenciam ao templo quando em seu local de origem. Na fachada do templo, encontra-se a seguinte informação “Capela do imigrante 1875 a 1910 - Linha Araripe – Reconstruída em 1985”. Conforme informações obtidas junto aos administradores do parque histórico, o templo continua sediando cerimônias religiosas.

Figura 102: Prédio do Museu Histórico Municipal -Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Ao lado direito da capela, encontra-se um prédio de maiores proporções, no qual está locado o Museu Histórico Municipal de Nova Petrópolis. O prédio, que inicialmente era a residência do Dr. Carl Wismann, médico da comunidade, também foi um hospital e ficara anteriormente no centro da cidade. O acervo do museu está composto por várias peças da vida cotidiana do imigrante, por documentos históricos relacionados com o desenvolvimento político local, por acervo da etnologia indígena e acervo dos vários grupos folclóricos da região.

Figura 103-104: Exposição do Museu Histórico Municipal-Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

À esquerda, em conjunto com a Capela, encontramos o cemitério “*Friedhof*”, que, conforme informado pelo Parque, originalmente encontrava-se ao lado do templo, tendo em seu pórtico uma cruz de Honra e a inscrição “*Harret des Herrn*” (Aguardai ao Senhor). No cemitério do parque, encontram-se os túmulos do primeiro pastor de Nova Petrópolis, Reverendo Heinrich Hunsche, de sua esposa, de seu neto, o historiador Dr. Carlos H. Hunsche, e também do primeiro professor da cidade, Sr. Frederico Michaelsen, e de sua esposa Filipine.

Figura 105-106: Cemitério “*Friedhof*” -Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Em frente à capela, encontramos o Salão de Baile (Figura 107) ou “*Tanz-Saal*”, Salão de dança. O prédio em estilo enxaimel também foi removido da localidade original, denominada Arroio Paixão. O Salão de Baile, na atualidade, dá lugar também à “Casa das Cucas”. Originalmente, o prédio era um armazém, que tradicionalmente tinha duas funções, local de compra e venda de itens e salão de baile. O armazém pertenceu a família Gerke, de Arroio Paixão.

Figura 107: Salão de Baile -Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Mais afastado, ao lado esquerdo da capela, encontramos a Caixa Rural “*Bauernkasse*”, Cooperativa de Crédito. O prédio originalmente era de uma escola rural, utilizado para representar a Cooperativa por sua semelhança construtiva, sendo que o prédio original encontra-se na Linha Imperial. O local abriga um pequeno museu da “Caixa Rural” que foi a primeira cooperativa de crédito da América Latina, fundada em 1902, na Linha Imperial.

Figura 108: Réplica da Cooperativa Rural-Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

O prédio da escola comunitária “*Gemeindeschule*” foi deslocado da Linha Temerária, em 1985, sendo a mais antiga escola comunitária da região, modelo de instituição organizado diretamente pelas comunidades imigrantes tendo em vista a ausência do Estado na educação, no início dos anos da colonização.

Figura 109-110: A Escola da Comunidade -Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Os espaços domésticos estão representados pela casa do professor (Figuras 111 e 112), trazida da localidade de Pinhal Alto, de onde também foi removida a que seria o modelo de habitação de um agricultor.

Figura 111-112: A casa do Professor -Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

A ferraria está numa casa que pertenceu ao Sr. Alfredo Ullmann e foi construída em 1903, pertencendo à Linha Imperial. O Parque Aldeia do Imigrante ainda conta com um pequeno engenho e uma casa que serve de exposição do artista Iteno Gessler da Silva, maquetista que reproduz prédios históricos.

Figura 113-114: A Ferraria -Parque Aldeia do Imigrante.



Fonte: Acervo do autor. 2020.

Muitos são os aspectos que podemos citar do Parque Aldeia do Imigrante, que é uma ato de “recriação” de uma comunidade alemã, simbolizado através de relações materiais, prédios originais e réplicas, que, em conjunto com objetos de seu acervo, itens estes contextualizados ou não, acabam criando um ambiente museográfico de experiência de imersão.

Sobre a retirada destes elementos patrimoniais dos seus locais de origem e sua remontagem em outro, deve-se levar em consideração que, na década de 1970, o conceito de preservação patrimonial e de objeto *in situ* ainda não tinha um grande apelo. Logo, pode-se entender este deslocamento como uma forma de preservação de elementos que, se mantidos em seus espaços originais, poderiam estar fadados ao desaparecimento.

Entretanto, é preciso também entender que o processo, ainda que sob certos aspectos tenha mantido a originalidade construtiva, fez perder a originalidade memorial, ou seja, o “espírito do lugar” que animava tais prédios foi convertido em observação turística uma vez que rompe com vínculos sociais originais

Assim, associamos informações no processo de construção de nossas memórias. Como vimos, são inúmeros os quadros sociais, sendo que os lugares são fundamentais, ou seja, todo espaço edificado pode ser uma

ferramenta na formação e disseminação das memórias, que se forma como lugar simbólico, que, segundo Fernandes (2010), adquire profundo significado ligado aos laços emocionais criados ao longo do tempo¹⁸³.

Ainda, relacionados aos aspectos de espaços/lugares, observa-se a existência de alterações e modificações. Compreende-se naturalmente a busca por preservação dos significados históricos, mas, independentemente disso, afasta-se de sua realidade. Torna-se importante observar esses lugares, tendo a reflexão sobre a ideia de autenticidade.

Sobre o critério da autenticidade nas sociedades modernas, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss¹⁸⁴ comenta que:

Nossas relações com outrem já não são mais – a não ser de modo ocasional e parcial – fundadas na experiência global, na apreensão concreta de um sujeito por outro. Resultam, em larga medida, de reconstruções indiretas, por intermédio de documentos escritos. Já não estamos ligados ao nosso passado por uma tradição oral, que implica contato vivido com pessoas – narradores, sacerdotes, sábios ou anciãos –, e sim por livros amontoados em bibliotecas, cujos rostos de autores os críticos se empenham – e com que dificuldade – em reconstituir. (LEVI-STRAUSS, 2008, p.392)

O sociólogo alemão Walter Benjamin, entre suas diversas obras e artigos, elaborou a ideia da “Reprodutividade Técnica”, relacionada às reproduções de obras de arte. Segundo ele, as características da modernidade estão embasadas nas relações fundamentais da produção capitalista, ou seja, torna-se importante muitas vezes que a obra de arte seja passível de “reprodução”, sejam elas pinturas ou ilustrações. Pressupõe-se, segundo Benjamin, que a reprodução, na atualidade, acaba também vinculada ao interesse de mercado, ou seja, da exploração comercial.

Podemos trazer Walter Benjamin para os aspectos museográficos em questão, no caso da “reprodução” vista na Aldeia, quando o autor descreve a Autenticidade:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que

¹⁸³ FERNANDES, Marcio Luis. Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de ilha de Guaratiba. 2010.

¹⁸⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Tradução Beatriz Perrone-Moises: São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. Os vestígios das primeiras só podem ser investigados por análises químicas ou físicas, irrealizáveis na reprodução; os vestígios das segundas são o objeto de uma tradição, cuja reconstituição precisa partir do lugar em que se achava o original (BENJAMIN, 1987, p.167).

O autor descreve a relação da reprodução de uma obra de arte, mas essas citações tornam-se muito reveladoras se pensarmos com relação a criação de uma “recriação de um lugar do passado”, e, nesse caso, “A esfera da autenticidade, como um todo, escapa à reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica¹⁸⁵”. Desta forma, por mais que se tente, por mais que a técnica esteja presente, não se chega a esta realidade, podendo ser qualificada, em alguns casos e situações, como uma falsificação.

Para Benjamin, o processo de reprodução nas sociedades atuais acaba gerando o que ele descreve como uma destruição ou declínio da aura das obras ou dos objetos. Esse declínio é fomentado pela necessidade crescente da difusão ao alcance das massas, o que acaba por superar o caráter único dos objetos reproduzidos (BENJAMIN, 1987).

Um conceito fundamental para a análise dessas recriações históricas é o que foi estabelecido pela 16ª assembleia geral do ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, no ano de 2008, em Québec. Trata-se do conceito de “Espírito do Lugar”:

O “espírito do lugar” consiste no conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos orais, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, odores), físicos e espirituais, que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar, de tal modo que o espírito constrói o lugar e, ao mesmo tempo, o lugar constrói e estrutura o espírito. (ICOMOS. Declaração de Quebec, 2008- ICOMOS.org)

O Espírito do lugar está vinculado à interação dos componentes formadores do patrimônio, à materialidade, à imaterialidade e à identidade do

¹⁸⁵BENJAMIN, Walter.p. 167, 1987.

local, resultado das interações culturais, sociais e naturais. O Espírito do lugar não é algo “engessado”, pois existe, sim, um processo de reconstrução natural, continuação e modernidade das comunidades que fazem parte deste ambiente, mas esse processo somente existe na preservação dos itens ou componentes patrimoniais que formam esse sítio, sem os quais não existe a possibilidade de uma conservação mais plena das ferramentas que compõem as memórias do local.

O Parque Aldeia do imigrante foi elaborado em vista de uma construção narrativa, em um processo de escolha e poder, sendo edificado através de ações museológicas e, por isso, sua característica informativa e expositiva é uma versão ou “releitura” de um ambiente histórico. Sendo assim, sempre estarão presentes versões ou partes de uma história, que permitirão a criação de novas experiências e memórias.

O Parque Aldeia do Imigrante de Nova Petrópolis e o Museu Municipal de Morro Redondo podem ser utilizados como referências de projetos de patrimônio cultural, nos quais se gera uma continuidade de realizações conjuntas, pois ambos integram e participam de novos projetos, contribuindo assim pela continuidade da valoração do patrimônio cultural dos locais.

Podemos perceber que a criação do Museu Municipal de Morro Redondo, assim como a parceria com a Universidade Federal de Pelotas geraram uma grande quantidade de ações culturais e patrimoniais no município. O museu tornou-se parceiro, mediador e incentivador de muitas ações que caracterizam a cultura local. Após sua criação, mais movimentações na esteira do patrimônio local foram geradas, frutos não somente do poder público, mas também da sociedade civil.

No ano de 2018, a cidade recebeu o registro de polo do Patrimônio Imaterial nacional “Tradições Doceiras de Pelotas e Antiga Pelotas”. Como descrito anteriormente, Morro Redondo teve vínculo direto com os processos industriais das fábricas conserveiras, e o reconhecimento patrimonial veio através do processo da tradição doceira, vinculada, no meio rural da Antiga Pelotas, às ondas migratórias de franceses, alemães e outras etnias que aportaram técnicas e processos de produção do doce em compota e dos cultivares de frutas.

O ato de recuperação de uma herança pode ser observado na tradição do *Osterstiepen*, conhecido como “o cutucar da Páscoa”, que é um antigo legado Pomerano. Originalmente, trata-se de uma brincadeira que era realizada pelos meninos, na manhã do domingo de Páscoa, e consistia em acordar, cutucando os outros meninos e meninas para informar a chegada da Páscoa e que lhe dessem ovos. Com o aspecto de interação com a religiosidade, ela passou a ser uma representação de anúncio da ressurreição de Cristo (Diário Popular, 31 de março, 2018).

Figura 115: A tradição do Osterstiepen



Fonte: Diário popular, 31 de março de 2018.

Sofrendo algumas alterações, já na década de 1970, na madrugada de sábado para domingo, grupos formados por homens saíam para acordar os moradores e anunciar o fim da Quaresma e o início da ressurreição de Cristo¹⁸⁶ (sábado de Aleluia e domingo de Páscoa). Estes grupos tocavam músicas e cantavam canções até o amanhecer, indo de residência em residência, pois era a “serenata da Páscoa” (Diário Popular, 31 de março, 2018).

Os grupos são recebidos com comida e bebida e, também, algumas vezes, são ofertadas pequenas ajudas financeiras no ato da visita. Depois de

¹⁸⁶ Tradição muito parecida com o “Terno de Reis”, que são chamados pequenos grupos de músicos que realizam apresentações com canções bíblicas vinculada aos Três Reis Magos, tradição de origem Portuguesa.

algumas décadas de esquecimento, tal tradição foi recuperada por moradores locais, formando o Grupo de Stiepen de Morro Redondo¹⁸⁷, composto por músicos locais que, na atualidade, não atua somente por ocasião do evento pascoalino, mas se apresenta em todos os eventos locais, seja no projeto turístico local Morro de Amores, nos eventos comemorativos aos 500 anos da Reforma Luterana, em São Lourenço do Sul, e mesmo durante o período da Fenadoce – Feira Internacional do Doce de Pelotas (Jornal A Tradição Popular, 2020).

As adaptações ou alterações são visíveis, se pensarmos em uma tradição dos imigrantes pomeranos, já que rapidamente foram interagindo as músicas tradicionais com outras, por exemplo, de tradição nativista do Rio Grande do Sul, tendo em Morro Redondo a participação de membros do Centro de Tradições Gaúchas (CTG).

Tal desenvolvimento e ideia do processo pode ser observado como a aplicação de elementos do passado, no caso, da cultura, no tempo presente, estabelecendo, mesmo que com sentidos diferentes da sua originalidade, um processo de reconhecimento, partindo como uma ferramenta dos usos do passado. Esses usos do passado podem ser compreendidos também como a valorização dos bens patrimoniais culturais e sua exploração, através das práticas de turismo Patrimonial ou cultural.

Segundo o Ministério do Turismo brasileiro (2010), o turismo cultural:

[...] compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2010, p.15).

O antropólogo espanhol Llorenç Prats, no artigo “*La viabilidad turística del patrimonio*”¹⁸⁸ (2011) aborda a importância do desenvolvimento da qualidade de vida da população através da função turística nas ativações patrimoniais. O autor vê, nos recursos patrimoniais, um incentivo ao desenvolvimento local por meio do turismo. Mesmo assim, ele percebe que

¹⁸⁷ Recentemente, pela Lei Aldir Blanc, o Grupo de Stiepen de Morro Redondo produziu um documentário Stipa, Stipa Osterhase, com depoimentos de antigos moradores que fizeram parte dos antigos grupos, além de apresentações musicais.

¹⁸⁸ Pasos. Revista de turismo y patrimonio cultural, v. 9, n. 2. 2011

muitas comunidades, que têm em sua região recursos patrimoniais com visibilidade turística, não se desenvolvem por um desinteresse “passivo” e imperceptível da população local, pois, segundo o autor, ela não é dependente do patrimônio para viver ou melhorar sua subsistência ou, mesmo, não vê a necessidade de reafirmar sua identidade ou reconstruí-la através dele (PRATS, 2001, p.251).

Morro Redondo se direciona também para o segmento do Turismo Rural, principalmente através de ações do roteiro turístico Morro de Amores, que teve início no ano de 2013, com o Projeto Costa Doce, promovido pelo SEBRAE/RS. Foi um processo de desenvolvimento do turismo em conjunto com parceiros, como a Câmara de vereadores, Secretaria de Agricultura e Turismo, Embrapa e Emater/RS.

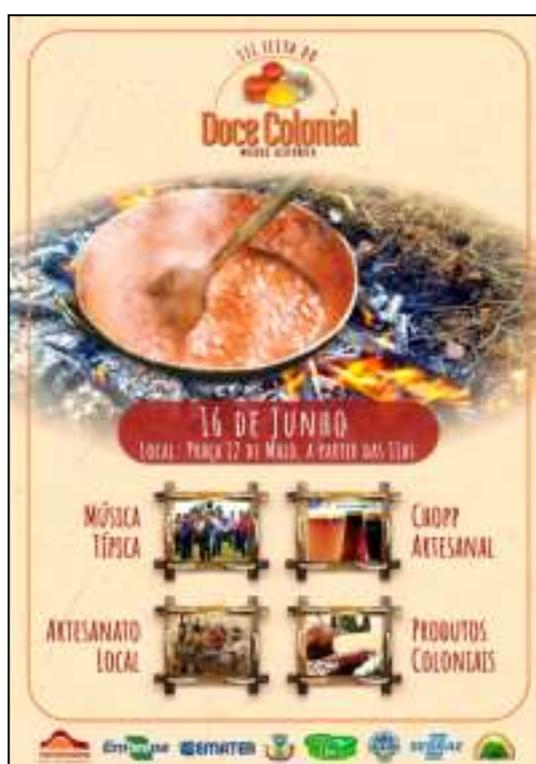
A primeira exposição da ideia do projeto Morro de Amores foi apresentada na Feira Internacional de Gramado, e teve o aceite de seis empreendimentos. O roteiro abrange locais no centro e na zona rural, no máximo de oito quilômetros de distância entre eles, sendo criado um mapa para os turistas localizarem os pontos históricos. Até o ano de 2020, já existiam 14 empreendimentos que faziam parte do roteiro. A organização do Morro de Amores tem a administração da Associação dos Empreendedores Turísticos de Morro Redondo (Aetmore) (Jornal Tradição Regional, 08 de maio de 2020).

O roteiro turístico Morro de Amores completa seis anos de existência em 2020 e trata-se de um conjunto de empreendimentos e atrações turísticas de Morro Redondo, que tem como plano de fundo a Serra dos Tapes, e que favorece as pessoas que querem descansar e passear. É um passeio barato, perto e um turismo original, com igrejas centenárias, cachoeiras e café colonial. O roteiro está restrito à área do município, pois a ideia é dar sustento aos empreendimentos locais e oferece além de hospedagem, gastronomia colonial, artesanato, doces, trilhas e o que muitos querem e precisam, o contato com a natureza e a vida rural. (Jornal Tradição Regional, 08 de maio de 2020)

Assim também é o surgimento de festas locais, que integram e interagem com os projetos existentes na cidade. Entre-os eventos locais podemos citar a Festa do Doce colonial, a Festa do Pêssego e a Festa, flores, cores e sabores.

A 1ª Festa de Doces Coloniais Morro de Amores foi organizada no ano de 2017, sendo evento paralelo à Fenadoce de Pelotas. Já no segundo ano do evento, ela foi expandindo e, além de doces, a Festa propicia a produção artística do artesanato, tendo competições de taco, vôlei, exposições musicais e artísticas. Como destaque teve o espaço saberes e sabores da colônia, representando a prática e as tradições advindas da agricultura familiar.

Figura 116: Cartaz da III Festa do Doce- Morro de Amores- Morro Redondo.



Fonte: Diário popular, 31 de março de 2018.

Toda a região sul, principalmente em torno dos antigos distritos de Pelotas ou ainda suas zonas rurais, foram um circunstâncias passadas grandes produtores de frutas. Muito mudou com o tempo, mas o cultivo do pêssigo ainda se faz presente e é muito forte. Assim como municípios vizinhos, Morro Redondo também adentrou na organização desta festa do Pêssego e do Frango, que teve sua 1º em 2004; já em 2006, na região de Colorado, em conjunto com a Comunidade Cristo Rei, era realizada a 1º festa

do Pêssego. Ainda existem a Festa do Colono, a Festa do Motorista e recentemente a Festa Flores, cores e sabores.

Na esteira do reconhecimento do patrimônio imaterial junto aos Doces coloniais, no final de 2020, a cidade de Morro Redondo tornou-se o primeiro Pólo da Cátedra da Unesco¹⁸⁹ – IPT Humanidades e Gestão Integrada do Território na região sul do Estado.

O Programa “Cátedras da UNESCO” foi lançado em 1992 tendo por finalidade apoiar a formação especializada por meio do intercâmbio de conhecimento entre instituições e pesquisadores estabelecidos em países em fase de desenvolvimento. Tais programas visam em síntese: o fortalecimento dos processos educacionais, a promoção e facilitação da cooperação internacional (norte-sul e sul-sul) no campo da educação superior através da promoção do tripé educacional: ensino, pesquisa e extensão. A maior parte dos projetos tem caráter interdisciplinar, incluindo a participação de instituições e setores da UNESCO, desde a sede em Paris até os escritórios nacionais, centros e institutos espalhados pelo mundo. Atualmente existem 638 Cátedras e 60 redes UNITWIN, envolvendo 770 instituições em 126 países diferentes. (<http://portal.metodista.br/unesco/sobre-a-catedra-unesco/historico>)

O projeto é uma ação integrada entre diversos entes ou parceiros que visam a promover o reconhecimento, a salvaguarda e a preservação dos patrimônios culturais da cidade de Morro Redondo, sejam eles materiais ou imateriais, adentrando em aspectos que fomentem e potencializem a região nos aspectos educacionais e turísticos.

A Gestão Integrada do Patrimônio Cultural de Morro Redondo conta com a parceria de vários grupos: Cátedra IPT de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território; Instituto Politécnico de Tomar (Portugal); UFPel – Universidade Federal de Pelotas; UCPel – Universidade Católica de Pelotas; Universidad de Cádiz (Espanha); e Prefeitura Municipal de Morro Redondo¹⁹⁰.

Segundo a Coordenadora do Pólo Morro Redondo da Cátedra UNESCO Humanidades e Gestão Cultural Integrada, Ingelore Scheunemann, Morro Redondo contempla diversas “pré-condições” que a qualificam para a instalação do polo da Cátedra UNESCO Humanidades e Gestão Integrada do Território.

¹⁸⁹ UNESCO –Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

¹⁹⁰UFPel –Universidade Federal de Pelotas - <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/>.

- 1- Característica do Município, tais como, o resgate das memórias culturais, a intensa participação da comunidade neste processo, a interatividade entre comunidade e poder público, o modelo de educação fundamental que valoriza as memórias e a história do município, mas também a baixa densidade populacional e o envelhecimento da população que são importantes motivos de preocupação com o futuro do município,
- 2- A história de sólida cooperação das Universidades Católica de Pelotas e Federal de Pelotas com o município de Morro redondo, que envolve tanto o poder público quanto a comunidade,
- 3- A longa e profícua história de parceria entre a Universidade Federal de Pelotas e o Instituto Politécnico de Tomar, iniciada nos anos finais da década de 1990 (SCHNEUMANN,p.72-73, 2020)

Processos como o que a cátedra busca são ações que podem trilhar caminhos de cooperação, contribuição e pertencimento aos moradores das localidades que buscam ou estão envolvidas nesta nova relação comercial que advém do turismo.

A busca de elementos característicos e diferenciais de cada cultura aparece como uma necessidade de mercado e a cultura “autêntica” passa a ser a matéria prima para a criação de um produto turístico comerciável e competitivo em nível internacional, o que traz outros problemas. Muitos estudos da relação entre visitantes e visitados mostram que a busca por autenticidade por parte dos turistas pode levar situações de desconforto às populações locais. (BARETTO, 2008, p. 7)

Observamos, em seus diferentes fatores, que ambos os municípios trabalharam e trabalham com o processo de “patrimonialização” de suas heranças culturais, de uma forma ou outra, inserindo elementos tradicionais, visando à cultura de mercado, de certa forma em um processo de “turistificação”. Sobre a patrimonialização:

É fundamental pensar sobre as formas de legitimação do patrimônio e os valores atribuídos a determinados traços do passado, observando o momento no qual se dá essa ativação e aos sentidos e funções que assumem em determinado contexto social.(FERREIRA, 2012, p.16)

A questão envolvendo a cultura e as relações com o patrimônio também é percebida conceitualmente de formas mais diversas, por vezes

duras e críticas, quando ligadas a uma visão antropológica relacionada com as “invenções”. Neste caso, citamos podemos citar Elsa Peralta (2003), que argumenta que o legado patrimonial é um legado falso, para os fins da identificação coletiva, mesmo “bebendo” nos fatos históricos e na diversidade cultural.

As representações culturais, como as tradições, quando alçadas ao espectro de importância, são repletas de um poder simbólico (BOURDIEU, 2002). Existe uma estratégia lógica na concepção e utilização dos patrimônios culturais, sendo que uma delas é lincada à atividade turística. Seja por meio das tradições inventadas de Hobsbawm, ou pelos poderes simbólicos de Bourdieu, existe uma conveniência, um mecanismo organizado, uma escolha do que quer ser lembrado, e essa escolha é realizada pela sociedade, ou membros dela. Assim, o turismo serve como uma ferramenta de uma escolha ou construção identitária de uma região.

O processo da “recriação”, conforme as “tradições inventadas”, segundo Eric Hobsbawm, é uma resposta às “novas situações” que se formam em referências às velhas. Além disso, é uma tentativa de estabelecer a continuidade com um passado histórico, apesar de essa busca ou possibilidade ser, como o autor discorre, “fictícia”.

Os processos e movimentos de criação ou recriação das tradições têm como desdobramento um processo de geração de reflexões, as quais podem formar mudanças em uma sociedade a partir da inclusão de elementos culturais antes esquecidos. Por outro lado, sendo “apropriações” de tradições étnicas, podemos pensar em um processo local de aculturação, que é o resultado de contatos ou trocas culturais divergentes, sejam elas pela imposição\superioridade ou adaptação.

Com relação à autenticidade como transmissão e divulgação das tradições, deparamo-nos com aspectos simbólicos simples, mas de difícil percepção. Um deles é que não existe autenticidade nestes aspectos, nem mesmo em museus, que são mantenedores de “artefatos” históricos. Existe, sim, uma busca pelo “original”, por muitos visitantes vinculados ao turismo, ou uma propaganda de suposta “autenticidade”. Tal ideia pode ser observada em relação ao trabalho realizado por Gaetano Garcia (2008) em Benin: trata-se de “remodelar” os verdadeiros fato se trabalhar com os aspectos ligados a

um conhecimento etnográfico que não está vinculado a fontes fidedignas, não sendo esse também o interesse de quem explora o local.

Sobre os aspectos, seja da Aldeia do Imigrante ou de outra exposição que busca expor um ambiente de “reprodução\replica”, demonstrado pelas ferramentas expográficas, a antropóloga Saskia Cousin¹⁹¹ (2011) traz uma percepção sobre o fato das visitas em locais turísticos, em que se propõe um âmbito de experiência de verdadeira alteridade (o encontro “autêntico”). Segundo ela, estes encontros somente seriam possíveis na atualidade, e tornar-se-iam mais fidedignos ou plausíveis, se esta tivesse a participação pela interação de intermediários, em particular guias “locais”. Podemos ir mais longe, dizendo o quanto seria importante, nesses locais, a participação, na concepção e principalmente na mediação da exposição do museu, de membros da comunidade, descendentes dos imigrantes, possuidores das memórias, heranças e tradições locais.

¹⁹¹ Cousin, Saskia. Destination authentique: Le tourisme, ou la quête (é)perdue de l'authenticité », Cahiers Du musée des Confluences, vol. 8, p. 59-66. 2011.

CONCLUSÃO

No decorrer desta tese, experimentei a necessidade de me distanciar da cidade que era principal fonte de pesquisa e escopo inicial do trabalho, a cidade de Morro Redondo. Em 2018 o cargo de Museólogo da cidade de Gramado, na região da Serra, e esse fato me trouxe um misto de sentimentos. Inicialmente, o que presenciava era o “entusiasmo” com essa nova e boa situação, tanto que constantemente falava nas reuniões de orientação que conseguiria “certamente” desenvolver o trabalho, mesmo à distância. Alguns meses após assumir o cargo, lentamente, comecei a perceber o quão difícil seria essa tarefa e, aos poucos, adentrei um processo de “descrédito” com a possibilidade de continuidade do trabalho e, não tardando, ainda que “abalado”, transcrevi uma mensagem de desligamento e desculpas à minha orientadora, por infelizmente não me achar com condições para continuar. Esta carta foi respondida de uma maneira muito esclarecedora, forte, acolhedora e incentivadora, mostrando também que todos nós pesquisadores temos uma responsabilidade para com nossos cursos e programas “gratuitos” de ensino, e que devemos honrá-las.

Era o incentivo necessário e fundamental do momento, iniciando assim um novo ciclo. Pela distância, inserimos a possibilidade da realização de um estudo de caso no município de Nova Petrópolis, que tinha várias relações de similaridade com Morro Redondo. Logo, surgiram novos percalços ou dificuldades, desta vez a inserção em uma localidade diferente, desconhecida para mim. Era necessário, além de um processo de adaptação à nova cultura e ampliação do trabalho, a interação como pesquisador, mas, inicialmente, como um total estranho, representado como uma identidade “estrangeira”, demora-se para obter a confiança e buscar as fontes para o trabalho.

Esse obstáculo mostrava-se difícil, porém perfeitamente acessível caso a natureza seguisse seu curso de normalidade. Mas não foi o que ocorreu, devido à chegada da COVID-19, tornando tudo extremamente

complexo, que nos atingia brutalmente. O início da pandemia, no momento em que o foco principal era a interação e a participação mais íntima entre pesquisador e suas fontes, impossibilitava grande parte do trabalho, por causa dos cuidados necessários, com fechamentos dos ambientes de guarda e arquivos documentais, e principalmente restrições aos contatos, encontros e visitas, tornando inviável a realização de entrevistas presenciais para a obtenção das informações orais.

Particularmente, diante de uma situação tão triste e devastadora, na qual vidas eram ceifadas diariamente, entre elas a perda de pessoas próximas, amigas e familiares, e também pelo fato de se tratar de algo desconhecido e sem tratamento, fazendo com que a tensão fosse o sentimento mais alimentado, surgiu para mim o questionamento daquilo que em nossa vida consideramos essencial. Estas dúvidas traziam consigo mais momentos de tristeza e desânimo. Conforme o passar do tempo e a continuidade da pandemia, percebi que eram perdidos meses de pesquisa, o que certamente interferiu no resultado final do trabalho. Ainda assim, foram utilizadas novas formas de interação que possibilitaram, mesmo que impessoalmente, a aquisição de informações e fontes para chegar próximo do objetivo.

O trabalho em questão teve como propósito analisar as características históricas de dois municípios do Estado do Rio Grande do Sul, as cidades de Morro Redondo e Nova Petrópolis, na tentativa de compreender aspectos que fazem parte de suas trajetórias memoriais e patrimoniais e que tiveram fundamentais relevâncias nos distintos processos de desenvolvimento de ambos. Buscou-se estabelecer uma perspectiva comparativa entre dois lugares, resguardando suas particularidades, no sentido de identificar os eventos compreendidos como ativações patrimoniais, responsáveis por momentos de transformações culturais e sociais de suas comunidades. Tais objetivos estabeleceram algumas diretrizes para compor a estrutura da pesquisa, sendo que alguns aspectos se tornavam mais visíveis e, por isso, necessitaram de uma atenção mais aprofundada, com uma importância ou ênfase especial, não obstante as demais características alinhadas em ambos os municípios.

Também, é indispensável argumentar que o desenvolvimento dos municípios ocorreu em épocas diferentes, proporcionando uma diversidade de informações a partir de um mesmo tema, ou seja, quando falamos em emancipação, por exemplo, percebemos que foram processos distintos, porém em ambos o fator étnico (os traços de germanidade) foram fundamentais. Dois aspectos que tiveram maior ênfase neste trabalho foram a etnicidade e a religiosidade, principalmente devido às suas particularidades e similaridades em ambas as regiões. Referente às questões étnicas, foi possível observar uma abrangência de imigrantes alemães, mesmo sabendo que existiam nos locais outros grupos étnicos, que implementavam a sociedade local em seus diferentes momentos históricos. Percebe-se que as regiões estavam mais vinculadas a grupos de imigrantes que vieram para buscar uma situação melhor de sobrevivência, achando, mesmo com os diversos percalços e dificuldades, sua identidade e pertencimento, o seu lar.

Outra questão está ligada às características religiosas, visto que, em ambos os locais, havia forte vínculo com a prática do protestantismo, principalmente o Luteranismo, independente das ações governamentais que formatavam e convencionavam o favorecimento à prática por lei do culto católico. Conforme demonstramos, em Morro Redondo foi constatada uma abrangência das ações ligadas à religiosidade luterana, advindas não somente da característica dos seus imigrantes, como também em uma fraca presença católica, quase uma forma de “abandono”, fazendo com que o segmento protestante tivesse um favorecimento no seu desenvolvimento, representado ainda pelo projeto pioneiro da missão do Sínodo de Missouri para o Brasil, criando lá a sua primeira comunidade luterana, presença de referência social e cultural nesta região até a atualidade.

Percebemos que a participação religiosa, em ambos os municípios, denotava aspectos que iam além da moral e da fé, pois ordenava a vida cotidiana, as normas comportamentais, o ensino formal em escolas vinculadas a paróquia, assim como a presença de professores, que inicialmente eram os próprios pastores. Como exemplo desta participação ativa da religiosidade em diversos temas, em Morro Redondo, tive o depoimento do Sr. Hugo Blank, que foi ex-vereador e membro da Comissão Emancipadora, cuja fala contribuiu com informações sobre a participação

ativa do padre José Flavio Weizenmann, que, na época, foi um grande incentivador do processo de separação da sede Pelotas. Em outro momento, após a emancipação da cidade, próximo à primeira eleição municipal, a igreja convocava os candidatos para uma apresentação de suas ideias e planos para o futuro município.

Nova Petrópolis diverge em pequenos detalhes sobre esse aspecto. Originalmente criada como uma Colônia Provincial, teve seu início vinculado a um abandono com os aspectos religiosos, tanto que eram inúmeros os relatos e pedidos para que seus administradores auxiliassem na fundação de igrejas e comunidades religiosas locais, o que foi mudando com o passar do tempo. Foram criadas comunidades religiosas católicas e luteranas, não esquecendo que a grande maioria dos primeiros imigrantes da cidade professavam a prática protestante, mas o investimento na colônia da fé católica se fez presente, pois era a religião oficial na época. Escolas locais também foram frutos da ação paroquial, que, além de proporcionarem o ensino através dos pastores, também inseriam práticas culturais voltadas à celebração e ao culto, em que observamos a existência e participação dos corais.

Também é importante ressaltar que a sociabilidade tinha uma forte influência da vida religiosa, tais como algumas festividades, em especial as quermesses e os *Kerb*. Em Nova Petrópolis, tais aspectos são muito marcantes, sendo uma das referências, nesse sentido, o Padre Amstad, que foi um incentivador das relações de comunidade, mutualidade e principalmente de cooperativismo, e, sendo um sacerdote católico, conseguiu unir todas as vertentes religiosas em prol de melhor sustentabilidade e, por que não dizer, sobrevivência dos imigrantes locais. Seu trabalho reverberou por várias regiões ao ponto de Nova Petrópolis ser considerada a capital nacional do Cooperativismo.

Essa participação ativa da religiosidade nas regiões demonstrava a influência e principalmente o poder que estava anexado a estas sociedades, permitindo-nos citar a obra de Pierre Bourdieu, “o Poder Simbólico”. Nesta obra, o autor expõe sobre a questão religiosa ligada aos aspectos da mítica e da mágica, porém podemos transportar seus conceitos de poder relacionando-os com domínio ou influência religiosa na sociedade, que se

caracterizam por ações e atos perceptíveis, não somente dentro dos locais sagrados ou divinos.

Na colônia Provincial, a etnicidade estava ligada ao aspecto da religiosidade. Por mais que existisse uma multiplicidade de imigrantes, vindos de diversos locais, a particularização da cultura alemã foi forte e constante, trazendo consigo as práticas, as culturas, os modos de fazer, o idioma, tudo fortemente apoiado por uma característica constante das primeiras comunidades teutas. Influência dos representantes religiosos emergiu, assim, um aspecto de “germanidade”, que formava cada vez mais um princípio de unicidade, pertencimento e identidade em relação de sociedade.

A característica étnica foi também motivo de conflitos, seja pela intolerância religiosa, em um país predominantemente católico, seja por eventos associados a práticas persecutórias, como os ocorridos durante o Estado Novo, em razão da política de nacionalismo adotada, ou mesmo pelos chamados “Quebra-quebra” dos quais as comunidades de imigrantes alemães acabaram sendo alvo em razão da vinculação com o Reich nazista.

Os relatos também dão conta de uma memória de origem que se traduz por sacrifícios, estranhamentos culturais e mesmo ambientais, dificuldades no estabelecimento de processos comunicativos em razão da língua, o desbravamento de locais inóspitos e a narrativa da saga imigrante que aparece aqui como essa memória fundadora.

Sobre estas situações de conflito, no chamado movimento do “Quebra-quebra” observamos que a região de Morro Redondo sofreu um forte impacto, relacionado a ações de repressão, ocasionando o aprisionamento de um pastor, fechamento de escolas, vandalismo, depredação e incêndio de igreja, desespero, fuga e morte, situações que, com certeza, prosperaram para uma “retração” do constante orgulho e identificação com a sua etnia. O Brasil entra na Segunda Guerra Mundial em 1942, mas, antes mesmo disso, em nosso território, já eram constantes os conflitos e preconceitos para com aqueles que eram descendentes dos inimigos, ou seja, aliados do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Até o término do conflito em 1945, existiram, nas comunidades, o sofrimento e o medo.

Em uma comparação entre os fatos observados em ambas as cidades, vemos que, em Nova Petrópolis, que também sofreu com esses episódios,

aparentemente, esses teriam ocorrido em menor intensidade. Em nenhum momento busco fazer uma afirmação de que os conflitos ocorridos em ambos os municípios durante esses períodos foram, com as suas diferenças circunstanciais, elementos que podemos inferir como relevantes para um maior ou menor desenvolvimento local. Porém, acredito que essas ações sofridas de maneira diferenciada tornaram-se fatores que poderiam ser mais aprofundados através de pesquisas, pois eles podem ter sido elementos significativos, mesmo que tênues, para, através do medo e da repressão, acabar resultando em traumas que momentaneamente inibiram as práticas culturais de uma comunidade, assim como o desenvolvimento de sua identidade social.

Existiu, nesses eventos, uma variedade de rupturas e descontinuidades que foram promovidas por níveis de repressão e violência, afetando o desenvolvimento das tradições locais, influenciando assim os processos de continuidade e internalizando os sentimentos e as memórias que são balizadores para o desenvolvimento da cultura e da identidade. Tais situações de tensionamento podem ser responsáveis pelo “congelamento” das práticas que identificam e caracterizam um grupo social, sendo libertas somente com o passar dos anos.

Permitimo-nos pensar nestas situações como exemplos importantes para serem enfatizados quando falamos do desenvolvimento e da continuidade das culturas e da valoração dos patrimônios locais. Concomitantemente, discorreremos sobre a importância do retorno das tradições, acionadas por um processo de “ressignificação” cultural através da ativação das antigas tradições, ou somente pelo que determinamos de “ativação patrimonial”. Esse processo fundamenta-se em restabelecer, tornar visível, por assim dizer “Ativar o patrimônio”, priorizando os aspectos de proteção, salvaguarda e organização, especificando suas referências e os elementos constitutivos (PRATS, 2005).

Relembramos que o município de Morro Redondo já tinha em sua história a vinculação com as tradições doceiras e conserveiras, porém a atuação de três moradores locais possibilitou o crescimento de uma pequena semente. Foram eles os executores da ativação patrimonial ao buscar em conjunto moradores, associações, escolas e instituições, como a

Universidade Federal de Pelotas, visando à “criação” de um lugar de memória, um museu que permitisse uma “valoração local”. O processo fez que a comunidade percebesse sua importância como ator no desenvolvimento e na preservação cultural e patrimonial, assim como o próprio poder público municipal.

Quando mencionamos anteriormente a criação do primeiro museu em Morro Redondo, fruto da ação de moradores locais, citávamos a participação da instituição religiosa, que cedia espaço para a formatação inicial desse projeto. Não obstante, até os dias atuais, a paróquia da Comunidade Evangélica do Advento tem em seus cuidados um segundo acervo local, instalado em uma pequena área, sinalizada por placa, descrevendo-o como o “Museu do Imigrante”.

Nova Petrópolis, por sua vez, desenvolveu um turismo que inicialmente esteve associado ao clima e às paisagens locais, o que envolveu o surgimento de paradores destinados aos veranistas e nos quais elementos da tradição culinária imigrante foram estimulados e se converteram em produtos comerciais. Para o município, vários eventos ocorridos na década de 1970, relacionados principalmente com os desfiles anuais da Semana da Pátria, proporcionaram a organização e reativação dos patrimônios, que, da mesma forma que Morro Redondo, contaram com o envolvimento de escolas e professores que buscaram inventariar as tradições locais, das chamadas “linhas” e nas comunidades, gerando novos processos que posteriormente foram assimilados como políticas públicas, não demorando para reverter em frutos para a administração municipal através de eventos e do turismo. Desta ativação patrimonial, que teve à frente principalmente professores locais, surgiu dentre outros projetos o Parque Aldeia do Imigrante, sendo através dele que podemos verificar ações posteriores que demonstram um desenvolvimento cultural local.

O exemplo desta continuidade encontra-se em um dos prédios da Aldeia Bávara, no qual está instalado o Museu Municipal de Nova Petrópolis, em cujo segundo andar estão expostos inúmeros trajes, relacionados a vários grupos tradicionais folclóricos, expostos na chamada Feira de Inverno, criada em 1973. Posteriormente, após muitas denominações, passou a ser descrita como o Festival Internacional de Folclore, contando com uma variedade de

grupos folclóricos, representados por seus membros, vindos de diversas linhas e regiões, dos quais podemos citar: o primeiro grupo fundado em Nova Petrópolis, em 1970, o Grupo de Danças Folclóricas Internacional, grupo ligado à Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo; o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Pommertal*, que surgiu por volta de 1983, de um grupo de jovens que surgiu como juventude Evangélica Paixão, na Linha Temerária; o *Böhmerlandtanzgruppe* da Linha Imperial, que é Grupo de Danças Folclóricas Alemãs (terra da Boêmia), fundado em 1987; o *VolkstanzgruppeFreundschaftskreis*, Grupo de Danças Folclóricas Círculo da Amizade, original da Linha Olinda, fundado em 1992; o *VolkstanzgruppeEdelstein*, Grupo de Dança da Fazenda Pirajá, que iniciou suas atividades em 1994, cujo traje representa a região de *Hunsrück*, região da maior leva de imigrantes que povoou esta localidade da Fazenda Pirajá.

Em Nova Petrópolis, projetos de preservação das práticas, costumes e memória local têm uma trajetória já consolidada e se relaciona, de forma mais ampla, com eventos de âmbito comercial e com foco turístico. A cidade de Morro Redondo tem em seu repertório eventos proporcionados pela importância do cultivo do pêssego, mas foi algumas décadas que, através da criação do seu museu municipal, os vínculos gerados puderam se multiplicar e criar processos de identificação e valorização das memórias, dos patrimônios e da cultura local, expressas através dos grupos musicais, que apresentam maior continuidade, da recuperação tradicional dos Stirpas, da reedição das festas do colono, do reconhecimento da tradição doceira como Patrimônio Cultural Imaterial do doce e da promoção de um turismo rural,.

O que observamos é um movimento de patrimonialização, ligado a processos de validação, valoração da comunidade e pesquisas, que certamente terão novos atores ou “ativadores”, evidenciados como porta-vozes locais.

Uma importante provocação e observação relacionada ao processo de “ressignificação” ou “ativação” de um patrimônio, que antes era estritamente intrínseco a um grupo ou uma família, estando ela relacionada ao cotidiano e o dia a dia, é de que, ao existir essa elevação ou institucionalização daquela prática cultural em um patrimônio, sua exploração ou “popularização”, pergunta-se se pode ocorrer naturalmente a perda do espírito original da

tradição? Será que as tradições que estavam entranhadas em um contexto familiar não serão modificadas ou perderão a importância para o grupo quando exploradas comercialmente?

São inúmeros os aspectos que poderiam ser melhores estudados, mas sabemos que até mesmo as tradições não são estáticas. Por esse motivo, observamos um importante aspecto que faz parte de ambas as ativações que descrevemos nos dois municípios, o aspecto da relação com a realidade. Por inúmeras vezes, de maneira despercebida, o público visitantes/turistas, sejam eles em parques ou museus, consomem em seus passeios “representações alegóricas”, frutos de um trabalho histórico, como representantes de uma autenticidade, mas servem como reflexão que os trabalhos de reativação não são inerentes às mudanças, devendo existir a conscientização de que não é possível deixar de existirem novas leituras e interpretações, até mesmo quando falamos das tradições culturais e da representação de um patrimônio.

Referências Bibliográficas

Periódicos e jornais

ALMANAK LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre. 1899.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre 8 de junho de 1895.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre. 29 de maio de 1903.

A HORA. Porto Alegre. 6 de setembro de 1958.

A PONTE. Nova Petrópolis. Fevereiro. 1985.

A PONTE. Nova Petrópolis. Novembro de 1987.

A PONTE, Nova Petrópolis. Fevereiro de 2012.

A PONTE, Nova Petrópolis. Março de 1995.

A PONTE, Nova Petrópolis., 19 fevereiro de 2005. 2ª Quinzena.

CHASQUEIRO- Página Oficial Tradicionalista da 26ª Região- RS. Disponível em: <https://m.facebook.com/chasqueiro26RT/> Acessado em 25 de março de 2019.

CORREIO RIO GRANDENSE. Caxias do Sul. 24 de julho de 1971

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 55, nº 9, p. 83, 05/05/1899. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 55, nº 14, p. 125, 11/07/1899. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 55, nº 23, p. 218, 28/11/1899. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 56, nº 16, p. 244-246, 07/08/1900. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 56, nº 1, p. 23, 09/01/1900. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 56, nº 6, p. 88, 20/03/1900. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 56, nº 16, p. 244-246, 07/08/1900. The Lutheran Church Missouri Synod;

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 56, nº 15, p. 230-231, 24/07/1900. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 56, nº 25, p. 389-390, 11/12/1900. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 57, nº 2, p. 23, 22/01/1901. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 57, nº 6, p.87, 19/03/1901. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 57, nº 5, p. 69-70, 05/03/1901. The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 57, nº 13, p. 195-197, 25/06/1901 . The Lutheran Church Missouri Synod.

DER LUTHERANER. St Louis, Concordia Publishing House, Ano 58, nº 9, p. 133-134, 29/04/1902. The Lutheran Church Missouri Synod.

DIARIO DA ENCONSTA DA SERRA. Ivoti. 29 de Fevereiro de 2016.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre. 13 de maio de 1959.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre. 3 de agosto de 1954.

DIÁRIO POPULAR .Pelotas. 6 de abril de 1973.

DIARIO POPULAR. Pelotas. 31 de março de 2018.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas. 24 demarço de 1973.

EVANGELISCH LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FUR SUD AMERIKA, Porto Alegre, 1º de novembro de 1903.

EVANGELISCH LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FUR SUD AMERIKA, Porto Alegre, Ano 1, nº 7, p. 50-52, 1-02-1904.

EVANGELISCH LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FUR SUD AMERIKA, Porto Alegre, Ano 6, nº 24, p. 188, 15-12-1909.

EVANGELISCH LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FUR SUD AMERIKA, Porto Alegre, Ano 8, nº 7, p. 52, 15-05-1911.

EVANGELISCH LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FUR SUD AMERIKA, Porto Alegre, Ano 1, nº 11, 1916.

JORNAL NH - 500 Anos da reforma Luterana – 31 de outubro de 2017.

JORNAL REPERCUÇÃO. Sapiranga. 2 de março de 2019.

O MOMENTO. Caxias do Sul, Ano III.1935.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 25 de dezembro de 1953.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 1º de março de 1980.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 6 de março de 2010.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 4 de junho de 1980.
O PIONEIRO. Caxias do Sul, 18 de dezembro de 1976.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 18 de maio de 1974.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 15 de janeiro de 1985.
O PIONEIRO. Caxias do Sul. 30 de novembro de 1985.
REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E
ETHNOGRÁFICO DO BRASIL. Tomo xxxv, Rio de Janeiro, 1872.
O TEMPO, Nova Petrópolis. 1953, Ano II, nº 9.
TRADIÇÃO REGIONAL. Morro Redondo. 15 de novembro de 2013.
TRADIÇÃO REGIONAL. Morro Redondo. 15 de maio de 2015.
TRADIÇÃO REGIONAL. Morro Redondo. 18 de novembro de 2016.
TRADIÇÃO REGIONAL. Morro Redondo, 18 de dezembro de 1998.
TRADIÇÃO REGIONAL. Morro Redondo, 08 de maio de 2020.
ZERO HORA. Porto Alegre. 5 de abril de 1973.

Documentos

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 1987.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 1988.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 1993.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 1995.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 1998.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 1999.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 2000.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 2003.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 2004.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 2010.

Arquivo Histórico Municipal Lino Grings -Nova Petrópolis. Arquivo de compilação de artigos escritos pelo historiador Renato Urbano Seibt. 2012.

BRASIL. Lei Federal Nº. 13.926/2019. Declara o padre Theodor Amstad Patrono do Cooperativismo Brasileiro, 2019.

BRASIL. Lei Federal Nº. 2116. Dispões sobre a alteração da divisão territorial do Estado,1953.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento. Albúm da Comunidade de São Domingos .“ Mit Gott” – Histórico da Comunidade Alemã Evangélica São Domingos; Cartas Pastor A. Neubert ePastor Sudhaus. 1905-1946.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento.Ata da Comunidade Evangélica São Domingos – 7 de maio de 1944.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento. Ofício do primeiro encontro dos candidatos evangélicos do IECLB -08 de novembro de 1988.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento.Pasta “Caso Morro Redondo” com reportagens (recortes de jornal) sobre os problemas nas escolas de Morro Redondo, 1967-1973.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento.Ofício – Lista de pastores que atuaram nos 100 anos da Nossa Paróquia Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Morro Redondo. 1900-2009.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento. Ofício – Histórico da IECLB no Morro Redondo 1886-1992.

Comunidade Evangélica Luterana de São Domingos – Advento.Histórico da Comunidade Evangélica Advento –Morro Redondo – Relatórioda comunidade. Pastor Klaus Meirose -1958.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Assembléia Legislativa. **LEI Nº 8.633 de 12 de maio de 1988.**

IMPÉRIO DO BRASIL.DECRETO Nº 3069 de 17 de abril de 1863.Regula o registro dos casamentos, nascimentos e óbitos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Assembleia Provincial -5 de novembro de 1858- Presidente Ângelo Moniz da Silva Ferraz. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório do Presidente Barros Pimentel do dia 10 de março de 1864, 1º sessão da 11ª Legislatura, Apresentado pelo Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel, 1864. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Apresentado ao Presidente Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello. Relatório da Administração Central das Colônias da Província. Carlos de Koseritz. 1867. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Dia 31 de agosto de 1870, Presidente Sr. João Sertório. Relatório da Colonização Província de dodia 29 de agosto de 1869-1870. Acervo Biblioteca Nacional. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Assembléia Provincial, dia 4 de maio de 1859- Conselheiro Ângelo Moniz da Silva Ferraz. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Assembléia Provincial. Presidente Carvalho Moraes. Relatório da Repartição de Colonização – Agente interprete Luiz Kramer Walter. 7 de março de 1874.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel, na 1ª sessão da 11ª legislatura da Assembleia Provincial. 1864. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório para Assembléia Provincial, na 2º sessão legislativa. Apresentado pelo conselheiro Joaquim Antão de Fernandes Leão em 1859. Acervo Biblioteca Nacional.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL Relatório apresentado ao Sr. Dr. Miguel Rodrigues Barcellos- 2º vice-presidente da Província do Rio Grande do Sul, Pelo Sr. Conselheiro José Júlio de Albuquerque Barros. 1888.

RELATÓRIO PRESIDENTE DA PROVINCIA DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Apresentado ao Presidente Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello, 1867. Acervo Biblioteca Nacional.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MORRO REDONDO. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Plano Municipal de Educação 2015/2025**. Morro Redondo/RS.

Livros e artigos científicos

ALZUGARAY, Domingos. **Lutero (1483 – 1546)**. Biblioteca de História. São Paulo: Editora Três, 1974.

ASSMANN, Alice Beatriz. **As Associações de tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul –Rio Grande do Sul: da fundação a nacionalização**. Monografia UFRGS, 2010.

AUGÊ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2001.

AVILA, Cristiane Batz de. **Entre esquecimentos e silêncios: Manoel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas. RS**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de pós-graduação de Memória social e Patrimônio cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS, 2014.

BACH, Alcir Ney. **O Patrimônio Industrial Rural: As Fábricas de compotas depêssego em Pelotas- 1950 à 1970**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) –Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009.

BACHELARD. Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BAEHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: **Tratado de Sociologia**, sob a direção de Raymond Boudon. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BARBOSA. Miriam Zuleica Reys. **O tropeirismo em Canguçu**. Dia 12 de novembro de 2008. Disponível em zuleicareyesbarbosa.blogspot.com/2008/11/o-tropeirismo-em-canguuu.html Acessado em 20 de janeiro de 2019.

BARRETO, Francisco de Campos. **Primeiro Lustro da Diocese de Pelotas 1911- 1916**. Pelotas: Meira e C. Oficinas. da Livraria Commercial, 1916.

BARRETO. Margarita. Os museus e a autenticidade no turismo. **Revista Itinerarium**, v.1, 2008. Departamento de Turismo e Patrimônio – Escola de Museologia – Centro de Ciências Humanas e Sociais Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Disponível em

<http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium> Acessado em 20 de janeiro de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. Tradição e autonomia no mundo pós-moderno. In: **Em busca dapolítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 136-146.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. **Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Volume 1. Editora Brasiliense. SP. 1987.

BEER, Otto. **25 JahreunterdemSüdlichenKreuz**. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, p.126. 1925.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO. Claudio Moreira. **Revista dos 200 anos de Canguçu**- 1º de janeiro de 2000. Comemorativa dos 200 anos de Canguçu, aos 500 anos do Descobrimento do Brasil e ao ingresso no Terceiro Milênio. Volume 1. Academia Canguçuense de História. 2000.

BERGER, Peter, Ludwig. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do sul**. Recortes do cotidiano. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Valle dos Sinos. São Leopoldo, 2010.

BONINO. José Míguez. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano**. São Leopoldo/RS: Sínodal, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIEDEL, 1989. (Coleção Memória e Sociedade)

BRANDALISE. Carla. **Camisas-verde**: o integralismo no sul do Brasil. Acervo, Rio de Janeiro, v. 10, nº 2, p.17-36, jul-dez 1997.

BRASIL **Decreto-Lei Nº 868, de 18 de Novembro de 1938** - Publicação Original <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-868-18-novembro-1938-350829-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações Básicas. Brasília. MTUR. 2010.

BRAUN, Felipe Kuhn. **História da imigração alemã no Sul do Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Costoli, 2010.

CALVANI, Carlos Eduardo. 50 anos do Vaticano II – o impacto ecumênico e a curiosa atualização do Princípio Protestante em Lefebvre., **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 14, n. 27 - Junho de 2015.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CANSTATT. Oscar. **A terra e a gente. Brasilien: Land und Leute** 1877.

CAPA- **Revelando os quilombos no Sul**. Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2010.

CARDOSO, Luis de Souza. A Formação do Protestantismo de Missão no Brasil-Evangélizar e Educar. **Anais**. 7º Simpósio Internacional – Processo Civilizador. Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. 2003.

CARVALHO, Márcio Dillmann de. **“A imagem é o livro daqueles que não sabem ler”**: Uma análise da imagem de São Francisco de Paula - Acervo de arte sacra da Arquidiocese de Pelotas. Monografia (Pós-Graduação em Artes) – Especialização em Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2014.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. Editora Fundação Perseu Abramo. **Coleção Histórica do Povo Brasileiro**, 2000, 130p. São Paulo.

CHERINI, Giovani. **A origem do nome dos municípios**. Porto Alegre, Imprensa Livre, p. 344. 2007.

CLAUDINO, Daniela da Costa. **Arqueologia na encosta catarinense**: em buscados vestígios materiais Xokleng. 2011. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2011.

CUNHA. Jorge Luiz da Cunha. -A Colônia de São Leopoldo: A primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Revista Acadêmica Licência&acturas**, Ivoti, v. 5, n. 2, p. 37-43, julho/dezembro. 2017.

COLÉGIO PADRE WERNER. Site. www.padrewerner.weebly.com.

COLUSSI. Eliane Lucia. **Plantando Ramos de acácia**: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUC. RS. 1998.

CSIZAR, Sean Anderson. **O livro de ouro sobre Martinho Lutero**. 1. ed. São Paulo: RisingStark Books, 2015.

COUSIN, Saskia. Destination Cauthentique: Le tourisme, ou laquête (é)perduedel'authenticité », **Cahiers Du musedesConfluences**, vol. 8, p. 59-66. 2011.

DAU, W. H. T. "**Ebenezer. 1847—1922.**" *Reviews of the Work of the Missouri Synod during Three Quarters of a Century*(1922). Editora St. Louis, Mo: Concordia Pub. House, 1922.

DEPPE, Gessy. **Contribuição pára a historia de Nova Petrópolis**. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

DREHER, Martin N. A autoridade secular. A visão de Lutero. In: **Estudos Teológicos**, v. 29, Nº 1. São Leopoldo: Escola Superior de teologia, 1989.

_____. América Latina 500: Evangelização entre Cativo e Libertação O Compromisso Histórico da IECLB. In: **Estudos teológicos**, v. 32, nº 1, 1992.

_____. Protestantismo na América Meridional. In: DREHER, Martin(org). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Est-Cehila, 2002.

_____ R, Martin. **A religião de Jacobina**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

_____. **Igreja e Germanidade**. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003

_____. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. 2.ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

_____. **Wilhelm Rotermond**. Seu Tempo. Suas obras. 1. ed. Editora Oikos, 2014.

_____. In: Protestantismos na América Meridional- Martin N. Dreher . ABHR – **Anais do III Simpósio da ABHR / Seminário Internacional de História das Religiões**. 2001. Associação Brasileira de História das Religiões. Disponível em <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/11/M9.doc> Acessado dia 20 de janeiro de 2019.

DURKHEIM, Emille. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Editora Nacional, 1990.

DURKAHEIN, EMILI. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FACHEL, José Plínio Guimarães. **As Violências contra os alemães e seus descendentes, durante a segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. PUC-RS, 2002

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2012.

FERNANDES, Márcio Luis. **Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de ilha de Guaratiba**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UERJ. RJ, 2010.

FERREIRA, Maria L. M. Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado. In: **Historiæ**, Rio Grande, 3 (3): 09-26, 2012.

FIGURELLI. Gabriela Ramos; RIBEIRO. Diego Lemos, MESSIAS, Andréa Cunha. Memória, senilidade e museu: O caso do Museu Histórico de Morro Redondo-RS. In: **Revista UEPG**. Ponta Grossa, 24 (2): 133-144, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/sociais> Acessado em 12 de fevereiro de 2020.

FISCHER. Joachim. Incidente em Santa Maria (Rio Grande do Sul) **Estudos teológicos**. São Leopoldo, 27(3), 1987.

FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil. In: **Revista de Ciências Humanas**. v. 16, n. 24. p. 61-73. out. de 1998.

GERTZ, Renê. A Guerra que ainda não terminou: A população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a segunda Guerra Mundial. In: **Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional**. Passo Fundo, 2013.

_____. Os luteranos no Brasil. In: **Revista Uepg**. 2007. Disponível em <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/2129/1610> Acessado em 17 abril em 2020.

_____. Contribuição para a História de Nova Petrópolis. (Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis, (ed. Caxias do Sul, EDUCS, 1988, 336 pp.) **Estudos Ibero Americanos**, 14. 101-105. 1998.

_____. **Evangélico-luteranos no Brasil e cidadania**. Palestra do dia 24 de outubro de 2007, Reunião com o GEELPA. Porto Alegre.

GEHRKE, Cristiano. **Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes-Rs**: Descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel, Museu da colônia francesa. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural)– Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, ICH, UFPel. Pelotas, 2018.

GRANZOW, Klaus. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul**. Colonos Alemães no Brasil-1859 –2009. Edição Comemorativa dos 150 anos da Imigração Pomerana no Espírito Santo. Vitória, 2009 Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

GUIDDENS, A. Admirável mundo novo: o novo contexto da política. In: **Cadernos CRH**, Salvador, n. 21. p. 9-28, jul./dez. 1994

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

_____. **Los marcos sociales de La memoria**. Anthropos Editorial. Universidad de La Concepcion Caracas: Universidad Central Del Venezuela. 2004.

HELFENSTEIN, Janaina Cristiane da Silva. **Trânsitos culturais nos trópicos: Luteranismo, família e organização social no extremo sul do Brasil (Séculos XIX e XX)**. XXVIII Simpósio nacional de história. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios.–disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428243602_ARQUIVO_TextoANPUH-JanainaHelfenstein.pdf Acessado em 20 de janeiro de 2019.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUFF, Junior, ARNALDO Érico. **Vozes da Ortodoxia**. O Sínodo de Missouri e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: processos de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial e do final do Regime Militar. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora/MG, 2006.

HUNSCHE, Carlos Henrique. **Protestantismo no sul do Brasil**. Porto Alegre/São Leopoldo: EST/Sinodal, 1983.

_____. **Pastor Heinrich W. Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Editora Rotermond, 1981.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO –IPHAN. Dossiê de registro da região doceira de Pelotas e antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu).RS. Brasília, 2010. Disponível

em:[http://portal.iphan.gov.br/uplods/ckfinder/arquivos/Dossie %20tradicoes d e pelotas antiga pelotas.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uplods/ckfinder/arquivos/Dossie_%20tradicoes_d_e_pelotas_antiga_pelotas.pdf) Acessado em 20 de fevereiro de 2020.

IBGE – 2010.**Morro Redondo**. Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/morro-redondo/panorama> Acessado em 25 de fevereiro de 2019.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL.Site: www.ielb.org.br.

ICOMOS. Declaração de Québec: Sobre a preservação do “Spititu loci”. 208c. 2008. Disponível em:http://www.icomos.org/DOCUMENTS/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdfAcessado em 20 de janeiro de 2020.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório [organizadores]. **Dicionário de história de Pelotas**. Pelotas: Editora UFPEL, 2010. Disponível em <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3466>> Acessado em 25 de março de 2018

LIENHARD, Marc. **Martim Lutero**: Tempo, vida e mensagem. São Leopoldo: Sinodal. 1998.

LUCHESE, TercianeAngela. O Processo Escolar entreimigrantesitalianos no Rio Grande do Sul. **Gt. Historia e educação**. Educ. Anped.org.br, 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução Beatriz Perrone-Moises: São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d’além mar**: conflitos e esquecimentos (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. Porto Alegre, 2011.

MORÉ. Jean Charles.**Diecolonisation in der provinz São Pedro de Rio Grande do Sul in Brasilien**.Hamburg: Impremiere de Langhoff, 1863.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión Del patrimoniolocal.In: **Cuadernos de Antropologia Social**. nº21,Buenos Aires, p.17-35, 2005.

_____. El Concepto de Patrimonio Cultural. In: **Política y Sociedad**, nº 27. 63-76, 1998.

_____. Lá viabilidade turística Del patrimônio. **Pasos. Revista de turismo y patrimônio cultural**. V.9, n.2,p.249-264,2011.

TAVARES, Jacqueline Marques. **A indústria conserveira pelotense: ascensão e declínio**. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Sociais. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. Unesco Cátedra: Disponível em:<http://portal.metodista.br/unesco/sobre-a-catedra-unesco/historico> Acessado em 16 de abril de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DEPELOTAS: Gestão integrada do patrimônio cultural de Morro Redondo-RS-Brasil. Disponível em:<https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/> Acessado em 18 junho de fevereiro de 2021.

SCHNEUMANN, Ingelore. Morro Redondo como pólo da cátedra HUM.CIL. In: **Gestão Integrada do Patrimônio Cultural: Humanidades, sociedade e ambiente**. Território na constituição do Pólo Morro Redondo. Pelotas: Ed. Ufpel, 2020.

SEYFERTH, Giralda. As Identidades dos Imigrantes e o MeltingPot nacional. In: **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, nº 14, p. 143-146, Nov. 2000.

SCHNEIDER, Lauro. **Luteranismo Brasileiro: Origens, Condicionantes e Perspectivas**. Editora Lauro Schneider/ independente,2018.

RADUNZ, Roberto. O luteranismo no Brasil meridional no século XIX:da autonomia à institucionalização. **METIS: história & cultura** – v. 4, n. 8, p. 159-184, jul./dez. 2005.

RIBEIRO, Boanerges. **Igreja evangélica e república brasileira: 1889-1930**. São Paulo: O Semeador, 1991.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Linguagem, memória e religião no pensamento de MauriceHalbwachs. Dossiê: **Teorias de linguagem e estudo de religião**. Horizonte, v. 16,n 51, p. 1177-1196, set-dez 2018. Belo Horizonte.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Religião a tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. **Revista Numem4**. v.3,nº1. 2000.

NARCIZO, MakchwellCoimbra. O Protestantismo delmigração no Brasil. In: **Anais do Congresso de História de Jataí**. Universidade Federal de Goiás.2007. Disponível em [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(35\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(35).pdf) Acessado em 13 de abril de 2020.

OSWALD, Tamara.**Comunidades luteranas livres em São Lourenço do Sul (1886 – 1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas.Pelotas, 2014.

75 ANOS de existência do Sínodo Riograndense - 1886 – 1967. São Leopoldo: Editora Sinodal,1961.

KUCHENBECKER, Valter. **O Homem e o Sagrado: A Religiosidade Através dos Tempos**. 5. ed. Canoas: Ulbra, 1998.

MICHAELSEN, Ido Inácio.**Família Michaelsen no Sul do Brasil**. 1.ed. Nova Petrópolis, 1995.

MARLOW, Sérgio Luiz. **Confessionalidade a toda prova: o Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e a questão do germanismo e do nacional-socialismo alemão durante o governo de Getúlio Vargas no Brasil**. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 2013

MARQUES, Rachel dos Santos. **Por cima da carne seca: hierarquia e estratégias sociais no Rio Grande do Sul (1750-1820)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba,2012.

MENDES. Fabio Raniere da Silva; ALVES, Marcelo Moller. **Centenário da Diocese de Pelotas: 1910-2010-** Uma História de Evangelização. Pelotas. 2010. 519p.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Oprotestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. In: **Revista USP**, São Paulo, n.67, p.48-67, setembro/novembro 2005.

_____, Próculo Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENASCHE, Renata. **Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural** [recurso eletrônico] / organizadora Renata. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 344 p.

MESQUITA, Zilá – **Emancipações no RS: Alguns elementos para reflexão**. Indicadores Econômicos FEE, - revistas.dee.spgg.rs.gov.br.1992.

MOESCH, Eduardo Pretto. **O Padroado e a Igreja no Rio Grande do Sul Português**. In: Fórum da Igreja Católica, 2007. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/24053225/65640533/name/Padroadoelgrejanor.sport.pdf>. Acesso em 15 de março de 2014.

NEUMANN, Rosane Marcia. Notícias da colônia: a divulgação do projeto decolonização da colonizadora Meyer na imprensa alemã e rio-grandense(1902-1903). **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, vc. 46,n.2, p. 1-15, maio-ago. 2020.

NORA, Pierre. Entrememória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, dez. 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP.

PAZ, Ivoni Nor. (org.). **Evolução Política e Econômica de Nova Petrópolis**: de colônia provincial a município, da pequena propriedade ao Turismo. Corag, 2006.

PICCOLO, Helga I. Landgraf. **Contribuição para a História de Nova Petrópolis**. Colonização e Evolução da Colônia. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Revista estudos históricos**, v. 2, nº 3, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> Acessado em 20 de janeiro de 2019.

_____. I. Memória e Identidade Social. In: **Revista estudos históricos**, nº 10, 1992.

RAMBO, Arthur Blásio. **Somando forças**: o projeto social dos jesuítas do sul do Brasil. São Leopoldo: UNISINOS, 2011.

REHFELDT, Mário. **Um grão de mostarda**: A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. vol. 1, Porto Alegre: Concórdia, 2003.

REILY, Duncan Alexander. **Historia documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE. 1984.

RIETH, Ricardo Willy. **Associativismo e protestantismo na imigração e colonização: o caso da Associação Gustavo Adolfo**. Estudos Teológicos, v. 47, n. 2, p. 27-43, 2007.

RIBEIRO, Bonarges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1889**. Aspectos culturais da atuação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Ed. Pioneira, 1973.

RODRIGUES, Ana B. Ucpel. Escola de Educação. Naed. **Morro Redondo**. Ana B. Rodrigues et al. - Pelotas. Ed. Educat, 1996.

ROLKE, Helmar. **Raízes da Imigração Alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo – Vitória (ES):** Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

ROSA, Mario. **Geografia de Pelotas.** Editora Universidade Federal de Pelotas, 1985.

ROSSI, Edneia Redina. A educação escolar primária na primeira república(1889-1929) **Série- Estudos**, Campo Grande, MS, v.22,nº 45, p.159-171, maio-agosto, 2017.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de ÉmileDurkheim. In: TEIXEIRA: Faustino (Org). **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 36-66.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. In: **Dimensões**, v. 25, 2010, p. 235-248. ISSN: 1517-2120. CEFET-RJ / Unidade Petrópolis.

SANTOS, Alba Cristina dos. **As marcas de Amstad no cooperativismo e no associativismo gaúcho: as lembranças da associação Theodor Amstad e da Sicred pioneira.** Dissertação (Mestrado em) –Pós graduação em História, Faculdade de filosofia e ciências humanas, PUCRS, 2013

SCHNEIDER, J. A relevante herança social do Pe. Amistad S.J. **Instituto HumanitasUnisinos**, ano 12, nº 213, vol. 12, 2014. São Leopoldo. RS.

SENA, Daniel Lucas Noronha de; ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. Enfoques teóricos sobre religião, urbanidade e memória: Experimento em Curso. **Revista Observatório da Religião**, v.3, n.1. Dossiê Religiões Afro-Indígenas:Historia e Ritual no Plural. 2016.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **Revista Métis: historia&cultura**, v. 11, n. 22, p. 13-39, julho\dezembro de2012.

_____. **Identidade Étnica, Assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro.** XV11 Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993. Disponível em <https://imigracaohistoricablog.files.wordpress.com/2017/07/seyferth-giralda-identidade-c3a9tnica-assimilac3a7c3a3o-e-cidadania-a-imigrac3a7c3a3o-alemc3a3-e-o-estado-braasileiro.pdf> Acessado dia 20 de janeiro de 2019.

_____. Imigração, colonização e identidade étnica – Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil. **Revista de Antropologia**, 29,57-71. 1986

_____. **Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo.** Repensando o Estado. Ed. Fundação Getúlio Vargas. 1999. Disponível em: cpdoc.fgv.br/produção_intelectual/arq/142.pdf.

SELLIN, Alfred. **Rathschlägefür auswanderernach Südbrasilien. Aufveranlassungdes Central-vereinsfür handelsgeographie und förderungDeutscherinteresseninmauslandezuBerlin.** Allgemeireverlags-agentur. 1897.

SILVA, Riograndino da Costa e. Notas à margem da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1968.

SILVA, Mariana Maciel da. **A chegada do Protestantismo no Brasil Imperial.** Protestantismo em Revista. São Leopoldo, RS, n 26, set-dez, Pg.113. 2011.

SOUZA, Jose Edimar. Um personagem da memória Campo-bonense? O emblemático Pastor Klingelhoefter, soldado Farroupilha. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre/EDIPUCRS, v. 3, n. 2, p. 31-44, ago. 2011b. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/25529221.pdf> Acesso em: 20 fev. 2020.

SCHUPP, Ambrósio. Os Muckers. 3 ed. Porto Alegre: Selbach& Mayer, s/d.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia:** indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e igreja:** as comunidades-livres no contexto da estrutura do Luteranismo no Rio Grande do Sul. Dissertação (Teologia e História)–Escola Superior de Teologia-Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. São Leopoldo, 1996.

ULLRICH, Carl Otto. **As Colônias Alemãs no Sul do Rio Grande do Sul.** In. História em Revista. Pelotas. Núcleo de Documentação Histórica: Ed. Universitária-UFPEL, 1999.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX:** identidade e cultura escolar. Pelotas: [s.n.], 2007. 253 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. Os Caminhos do Sínodo de Missouri no Rio Grande do Sul: Educação e Religiosidade(1900-1910) **Hist. Educ.** [Online] Porto Alegre v. 19 n. 47 Set./dez., 2015 p. 249-269.

_____. **A revista “O Pequeno Luterano” e a formação religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS-(1931-1966).** Tese de doutorado Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) 2012.

WERLE, Hugo. **O rural de Nova Petrópolis: O processo de formação e transformação.** Monografia (Graduação em Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. UFRGS.2013.

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. In: **Estudos Teológicos**, v. 38, n. 2, p. 156-172, 1998. Faculdades EST. WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: Sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. *Estudos teológicos*, v. 38, n 2, p. 156-172, 1998.

WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense.** São Leopoldo: Sinodal, 1996.

MARTINA, Giacom. **História da Igreja: de Lutero a nossos dias.** v. 4. São Paulo: Editora Loyola, 1997.

MARQUES. Luiz Alberto de Souza. Memórias de um professor: A instigante história de vido professor Frederico Michaelson. REP- **Revista espaço pedagógico**, v 16, n 1, passo fundo, p 71-84, jan-jun 2009.

MATOS, Alderi Souza de. Breve História do protestantismo no Brasil. V.3, nº1. **Vox Faifae:** Revista de Teologia da Faculdade FASSEMB- Faculdade Assembleiana do Brasil. Goiânia - 2011

NICOULIN, Martin. **A Gênese de Nova Friburgo: emigração e colonização suíça no Brasil (1817 -1827).** Rio de Janeiro: Editora Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

OLIVEIRA, Ronaldo Lopes. **Sepultamentos e cemitérios numa vila católica marcada pela colonização protestante (Nova Friburgo, século XIX).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

PERALTA, E. O Mar por Tradição: o Patrimônio e a Construção das Imagens do Turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 83-96, 2003

MCGRATH, Alister. **A revolução protestante.** Brasília. DF: Editora Palavra, 2021.

WACHHOLZ, Wilhen. As Religiões e seus mecanismos de exclusão: um ensaio. **Estudos de religião.** V.24, n.39, 107-121, jul-dez. 2010.

_____, Sacerdócio em questão: Uma análise da relação de dois agentes religiosos: pastores ordenados e pastores não-ordenados. **Estudos Teológicos**,41(3): 22-37, 2001.

WERLE. Hugo. **O rural de Nova Petrópolis: O processo de formação e transformação. Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. UFRGS.2013.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras,2004.

TEICHMANN,Eliseu.**Imigração e a igreja: as comunidades –livresno contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado – EST-IRPG – Faculdade EST, São Leopoldo, 1996.

VIRAÇÃO. Francisca Jaqueline de Souza. **Igreja Reformada Potiguar (1625 -1692): a primeira Igreja protestante do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. 98 p. São Paulo. 2012.

Entrevistas

Hugo Blanck: Entrevista concedida ao autor: Dia 21 de dezembro de 2019

Osmar Franchini: Entrevista concedida ao autor: Dia 03 de junho de 2021.

RutildeKrugerFeldens: Entrevista concedida ao autor: Dia 24 de maio de 2021.

Magdalena Beatriz Hillebrand. Entrevista concedida ao autor em 12 de junho de 2021. Nova Petrópolis. RS.

APÊNDICE

Dados importantes da História do Sínodo Riograndense

1824	(25 de julho) Chegada dos primeiros 43 imigrantes em São Leopoldo, dos quais 35 foram evangélicos. Os primeiros pastores: Ehlers (São Leopoldo) 1824 — 1842; Voges (Três Forquilhas) 1827 – 1892; Klingelhoefter (Hamburgo Velho) 1829 – 1838; Klenze (São Leopoldo) 1843 – 1861; Dr. Borchard (São Leopoldo) 1864 - 1870
1835-45	As jovens colônias muito sofreram com a Guerra dos Farrapos.
1856	Fundação da comunidade de Porto Alegre, filiada ao Sínodo em 1911.
1864	Fundação do Comitê para os Protestantes Alemães no Brasil Meridional, Barmen. Este se une, em 1881, com a Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América do Norte", constituindo a Sociedade Evangélica para os Protestantes Alemães na América. Consegue pastores para muitas comunidades no Brasil, financiando àqueles a viagens para o Brasil.
1864-70	O P. Dr. Borchard em São Leopoldo. Consegue em 1868, a primeira congregação sinodal de nove pastores e diversos representantes leigos. Em 1872 dissolveu-se este primeiro Sínodo.
1875	CP. Dr. Wilhelm Rotermund, enviado pelo Comitê para os Protestantes Alemães no Brasil, assume a paróquia de São Leopoldo.
1886	Funda-se em São Leopoldo, a 19/20 de maio o Sínodo Riograndense. O Dr. Rotermund prepara essa fundação e seu convite é atendido por doze pastores, dois professores e nove representantes leigos.
1887	Ordem paroquial e dos cultos.
1887	A comunidade de Santa Maria constrói uma torre de igreja, o que na época ainda era proibido para templos evangélicos. Apenas com o advento da República "todas as confissões religiosas receberam direitos iguais," embora já em 1824 fora declarada a liberdade religiosa.
1888	A "Folha Dominical para as comunidades evangélicas no Brasil" aparece inicialmente publicada pela Livraria Evangélica São Leopoldo; em 1891 é assumida pela Caixa de Auxílio de Pastores Evangélicos (Caixa de viúvas e órfãos), desde 1912 pelo Sínodo Riograndense.

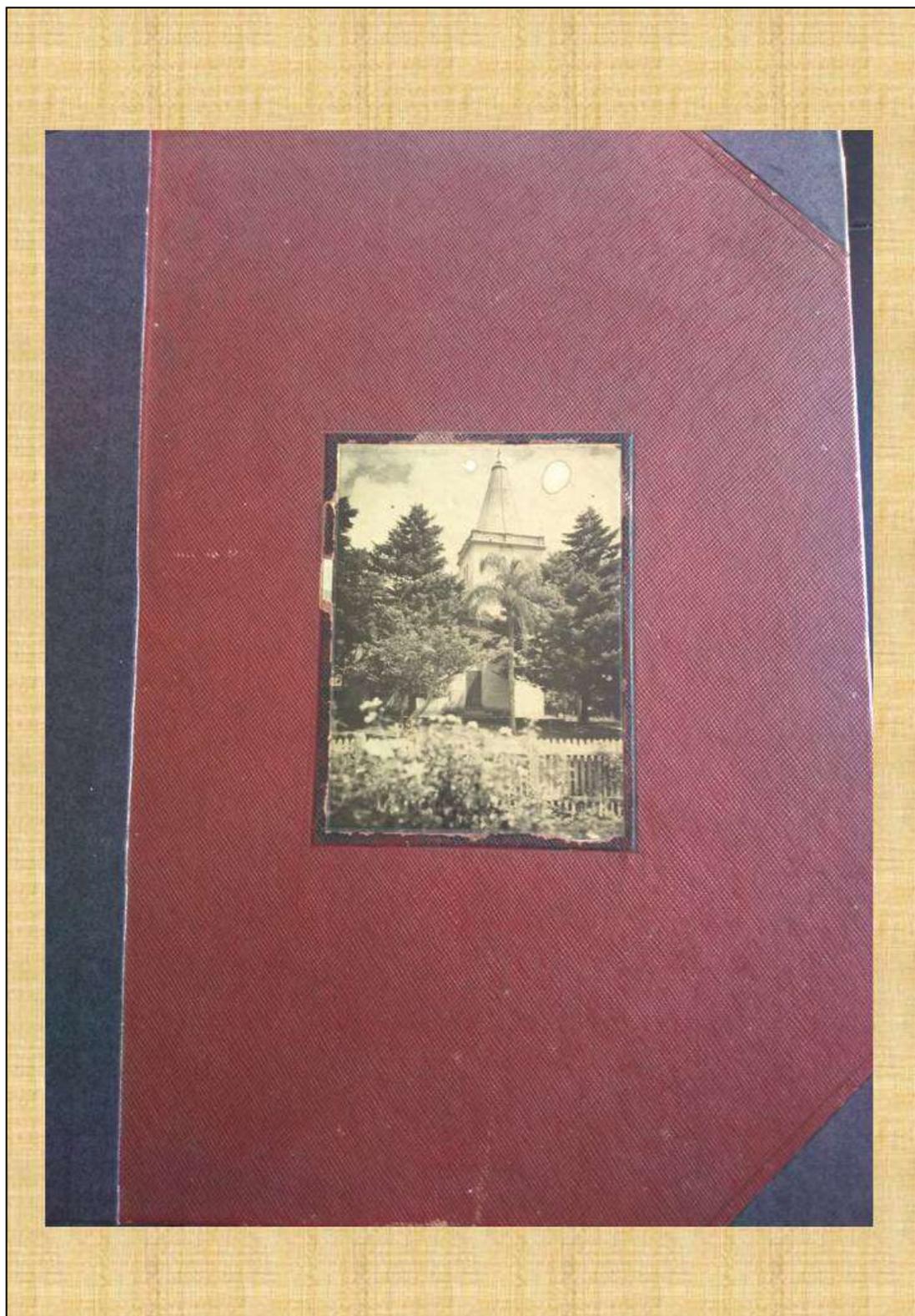
1889	Com a proclamação da República reconhece-se por lei a liberdade religiosa no Brasil.
1895	As irmãs Amalie e Lina Engel doam ao Sínodo a Fundação Evangélica, há 25 anos fundada por elas.
1897	A escola evangélica em Santa Cruz do Sul é assumida pelo Sínodo Riograndense e mantida até 1915 como Colégio Evangélico Sinodal.
1898	O concílio sinodal em Rio Pardo resolve levantar nas comunidades coletas em favor do trabalho sinodal.
1899	O Pastor Brutschin (Estância Velha) solicita ao Sínodo Missouri, na América do Norte, que envie pastores para o Rio Grande do Sul. O primeiro a chegar é o P. Broders, 1900, na Região Sul; em 1902 o P. Mahler, em Porto Alegre.
1901	Fundação da Associação de Professores Evangélicos por iniciativa do P. Pechmann.
1901	O concílio sinodal em Paraíso resolve: 1. Recomendar às comunidades a filiação ao <i>Evangelischer Oberkirchenrat</i> (Conselho Superior das Igrejas Evangélicas); 2. Modificar o nome do Sínodo Riograndense para Igreja Evangélica Alemã no Rio Grande do Sul; 3. A divisão do Sínodo em Região Leste e Oeste, com um presidente geral. Surge com isso o perigo de uma separação que só em 1910 é superado.
1903	Início da missão entre os índios; suspensa em 1905.
1905	Recomendação do uso da língua do País em caso de necessidade. O primeiro manual em português aparece em 1915 (P. Hoepffner) O primeiro hinário em português aparece em 1940 (P. Aueller).
1909	O Licenciado Thieme é encarregado de iniciar a formação de professores no Asilo Pela. Já um ano mais tarde este Seminário para Formação de Professores se transfere para Santa Cruz do Sul. Desde 1926 se encontra em São Leopoldo.
1910	O Superintendente Geral D. Wilhelm Zoellner contribui com sua visita a que se restabeleça a unidade na administração do Sínodo.
1910	O P. Pechmann funda a Sociedade Principal da Fundação Gustavo Adolfo para o Rio Grande do Sul.
1911	O Propst Martin Braunschweig é nomeado representante permanente do Conselho Superior das Igrejas Evangélicas (<i>Oberkirchenrat</i>).
1911	Instituição da Caixa de Aposentadoria do Sínodo Riograndense, tornando supérflua a Caixa para Viúvas e Órfãos, fundada em 1888,

	aqual tinha caráter particular e voluntário.
1913	Ao lado das Regiões Leste e Oeste constitui-se uma Região Norte Recomenda-se a todas as comunidades o registro de estatutos, paragarantia do patrimônio da comunidade.
1914	Resolve-se a coleta infantil Gustavo Adolfo. Para pagamento dos ordenados dos pastores propõe-se uma caixa central, que encontra sua concretização parcial apenas em 1957 na criação da Caixa de Compensação.
1916	O concílio sinodal em Santa Maria resolve a instituição de uma contribuição sinodal (Cr\$ 0,50 anuais por membro).
1919	O P. Hermann Dohms funda a revista Folhas Evangélicas Alemãs para o Brasil — mensário publicado até 1938.
1920	O P. Theophilo Dietschi é eleito Presidente, cargo que exerceu até 1935.
1922	O P. Hermann Dohnns inicia em Cachoeira do Sul o Instituto Pré-Teológico, que desde 1932 se encontra em São Leopoldo, no Morro do Espelho.
1922	Primeira edição do Almanaque para as Comunidades Evangélicas no Brasil.
1923	Aceita-se a alteração dos estatutos do Sínodo. Divisão do Sínodo em 10 regiões.
1924	Fundação do Departamento de Ensino do Sínodo Riograndense, que se subordina ao D. H. Dohms. Fundação do Centro de Impressos.
1925	Fixação de ordenado mínimo para os pastores. Falecimento do D. Dr. Wilhelm Rotermund em São Leopoldo , Falecimento do P. Friedrich Pechmann, em Hamburgo Velho , os dois primeiros presidentes do Sínodo Riograndense.
1927	O Licenciado Krieg, diretor do <i>AuslandSeminar</i> em Ilsenburg, participa, a convite, do concílio sinodal em Ijuí.
1928	Filiação do Sínodo Riograndense ao <i>DeutscherEvangelischerKirchenbund</i> . (União das Igrejas Evangélicas Alemãs).
1930	Congregação das sociedades femininas e ordens auxiliadoras de senhoras na Federação das Ordens Auxiliadoras de Senhoras.
1932	Introdução nas comunidades do Sínodo Riograndense do Hinário editado pelo Comitê das Igrejas Evangélicas.
1933	1933 — Primeira edição da Folhinha para as Comunidades Evangélicas na América do Sul. Avivamento do canto nas comunidades pela visita

	do senhor Friedrich Wilhelm Haase.
1935	Eleição do P. H. Dohms, para Presidente, cargo em que permaneceu até 1956. A Casa Sinodal no Morro do Espelho é entregue a sua finalidade como sede da administração do Sínodo Riograndense.
1937	Aceitação da Ordem da Vida Eclesiástica.
1939	Casa Matriz em São Leopoldo como lugar de formação para irmãos de caridade naturais do País.
1945	Abertura da Escola de Teologia em São Leopoldo, sob a direção do Pres. D. Dohms.
1949	O concílio sinodal em Caí resolve:1 . Eleição de ora em diante de um Presidente com tempo integralde serviço; 2. Aceitação de uma Ordem Básica da Federação Sinodal; 3. Reconhecimento da Congregação Auxiliar como instituição sinodal (fundada pelo P. Karl Gottschald).
1950	No Concílio das Igrejas funda-se, em São Leopoldo, a Federação Sinodal(Igreja Evangélica de Confissão Lutherana no Brasil) à qual alémdo Sínodo Riograndense, pertencem a Igreja Luterana no Brasil o Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná e o Sínodo Evangélico do Brasil Central.
1956	1956 — Falecimento do Presidente D. H. Dohms em São Leopoldo .
1959	Inauguração do prédio principal da Faculdade de Teologia em São Leopoldo.

Fonte: Compilado dos 75 anos do Sínodo Riograndense-1961

ANEXO 1
Álbum Fotográfico "MittGott" Comunidade de São Domingos-Morro Redondo-
1931-1939

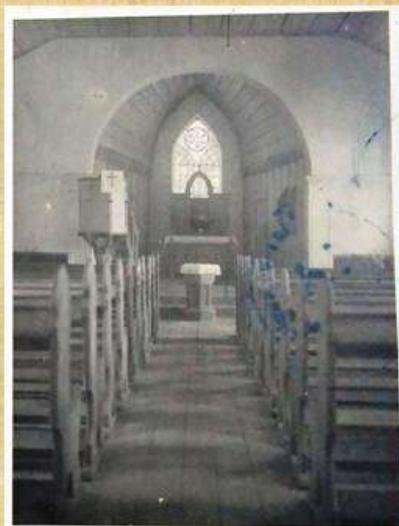


Mit

Gott!



Deutsche ev.
Kirche zu São
Domingos
Mun. Pelotas.
Grundsteinl.:
12. Febr. 1905
Einweihung:
3. Dezember 1905
=====
Aufn. Mai 1931.



Das Innere der Kirche vor
ihrer Erneuerung.
Aufgen. Februar 1931.



Kirche und Pfarrhaus der von P.A.
Neubert gegründeten Gemeinde
Santa Helena. (Synodaleigentum)



Schulgebäude und Pfarrwohnung
zu São Domingos. A. 1931.



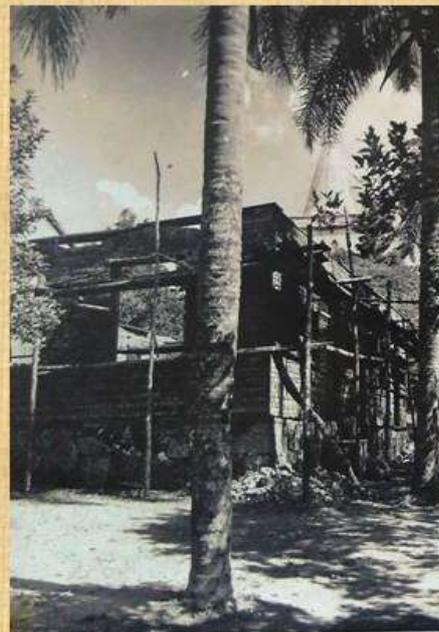
Die Kirche nach ihrer Erneuerung Sept.-Okt.1931.



Bild von der Weihnachtsfeier im Jahre 1933



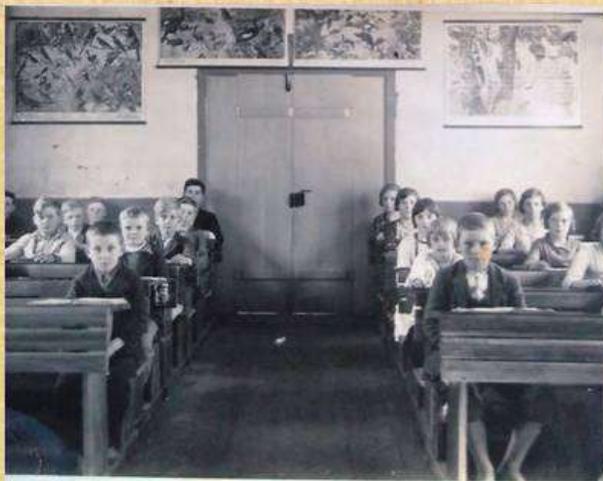
Der am 2.April 1933 eingeweihte Anbau.



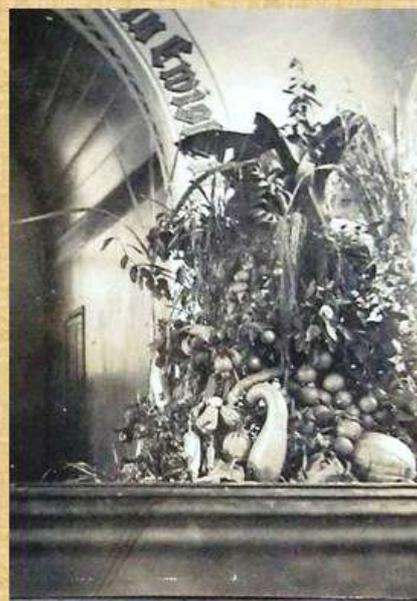
Aufnahme aus der Bauzeit
2.Januar - 1.April 1933.



Die Schulkinder beim Spiel. Aufn.1933.



Aufnahme aus der I.Klasse 1934.



Erntebaum 1933.



Die Kinder in der Schule 1933.



Pfarrer Neuberts Grab.
u. Ruth Neuberts Grab.



Aufnahme vom Kindergottesdienst 1931.



Der erste Erntebaum.
2. Juli 1933.



Das ganze Schulgebäude im April 1933.



Das Innere der zweiten Schulklasse 1933.



Aufnahme vom neuen
Schulwege. Von den Mit-
gliedern fertiggestellt
im November 1933.



Das Innere der Kirche nach der Erneuerung.



Aufnahme aus der II.Klasse 1934.



Einweihung S.Pedro.



Aufnahme der Jugendgruppe 1935.



Jugend beim Spiel



Aufnahme der Schulkinder 1934.



Nach der Einweihung am 27. Juni 1937.



Der Altarbogen im Bau.



Das Innere der neuen Kirche zu Colorado.



Gemeindeausflug 1937.



Turnriege der Schulkinder. Gemeindeausflug
Nov. 1937.



Gemeindeausflug 1937.



Konfirmanden 1938/39.



Schule S.D. Cachoeira.



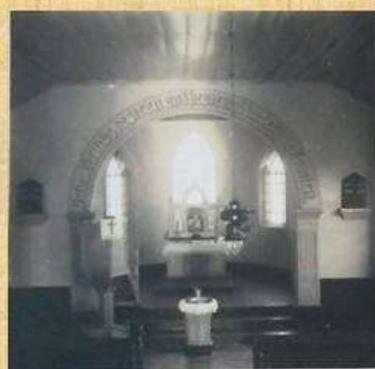
S. Domingos Mun. Pelotas 1938.



Wanderung der Jugend. 16.1.38.



Die Konfirmanden des Jahres 1937/38. 16. März 38



Altarraum-Umbau 1937
S. Domingos.



Ostereiersuchen nach dem Kindergottesdienst



Die neue Kirche zu Santa Maria.
Eingeweiht am 14. Nov. 1937.



Reise zur Kreis Konferenz 1938 mit Hindernissen.



Teil der Jugendgruppe
in Caieca am Fluss.



Gemeindeausflug nach São Pedro 1937.



Auf Fahrt 1937.

ANEXO 3

Ata de criação da Comissão Emancipadora de Nova Petrópolis – Dia 1 de outubro de 1953. Fonte: Arquivo Público Lino Grings-Nova Petrópolis.

